U.PORTO

UNIVERSIDADE DO PORTO

2.º CICLO **M** 2015

FAUP
2015

U.PORTO

HISTÓRIAS DA PRIMEIRA CASA
A INFLUÊNCIA DO MÉTODO NA CONCEÇÃO DE UM PROJETO

RAQUEL MARQUES BARREIRA

U.PORTO
FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DO PORTO

HISTÓRIAS DA PRIMEIRA CASA

A INFLUÊNCIA DO MÉTODO NA CONCEÇÃO DE UM PROJETO

RAQUEL MARQUES BARREIRA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA
À FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO EM
ARQUITETURA

HISTÓRIAS DA PRIMEIRA CASA

A Influência do Método na Conceção de um Projeto

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITETURA

REALIZADA POR RAQUEL MARQUES BARREIRA

COM ORIENTAÇÃO DO ARQUITETO DANIEL OLIVEIRA.

FACULDADE DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO.

PORTO, SETEMBRO DE 2015

A presente dissertação foi escrita ao abrigo do novo acordo ortográfico.

Todas as citações presentes no corpo de texto foram escritas em Português, com tradução livre do autor quando necessário.

Algumas imagens apresentadas foram tratadas, dimensionadas ou cortadas pelo autor, sendo feita referência no índice de imagens.

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos anos tive o enorme prazer de conhecer e aprender com muitas pessoas, algumas das quais destaco aqui. Muitas outras não menciono pelos nomes, pois tornava-se impossível referir todos aqueles com quem aprendi e que, de uma forma ou de outra, contribuíram nesta investigação. A todos reconheço o papel importante que tiveram na minha formação académica e pessoal.

Obrigada ao arquiteto Daniel Oliveira pela orientação, pelo apoio e disponibilidade, e por todos os conhecimentos que me transmitiu.

À Joana e ao Kiko, pela amizade, confiança e oportunidade de realizar este projeto.

Ao Tiago, pelo apoio, motivação, paciência, e companheirismo.

A todos os meus amigos pela vossa amizade, ajuda e apoio. Em especial à Sara, à Lili, à Raquel, e ao Afonso, pela vossa disponibilidade e dedicação incondicional.

Por fim, mas não menos importante, à minha família. Com um carinho especial aos meus pais e irmã, que sempre apostaram em mim, na minha formação, acreditando que um dia seria capaz de concretizar o meu sonho.

A todos vós dedico esta dissertação.

PALAVRAS-CHAVE:

Arquitetura; Habitar Contemporâneo; Álvaro Siza Vieira; Eduardo Souto de Moura; Primeira Casa; Projeto; Método; Processo

RESUMO

Este trabalho desenvolve-se no sentido de articular dois temas específicos da arquitetura, a casa e o habitar com o ato de projetar a primeira habitação. Neste sentido, a presente dissertação pretende refletir e validar os métodos projetuais de dois grandes mestres da Arquitetura Portuguesa, Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura, a fim de compreender os seus processos e metodologias e, com isso, construir uma 'estrutura' que possa funcionar como ferramenta de trabalho no desenvolvimento de um projeto para uma habitação unifamiliar.

Para tal, aborda-se alguns conceitos da casa contemporânea segundo as perspetivas dos dois arquitetos referidos e, consequente análise das suas primeiras habitações unifamiliares, procurando desta forma indicadores de organização do espaço que promovam e estimulem um conjunto de competências na integração de um jovem arquiteto à realidade projetual.

Neste sentido, cruzam-se temas como o Habitar Contemporâneo, a Primeira Casa, o Método e o Processo, com o intuito de se perceber de que modo o estudo e análise destes modelos de habitar e destas primeiras casas, podem contribuir para o desenvolvimento de um projeto para uma habitação. Com isto, é exposto o processo projetual de uma casa – a primeira casa – servindo ao propósito de questionar, relacionar e até mesmo incorporar no anteriormente analisado.

Esta pesquisa serve de inspiração e suporte para a apresentação de possíveis abordagens, por parte dos arquitetos, tendo em atenção referências do passado como influência direta no método projetual da habitação unifamiliar.

KEYWORDS:

Architecture; Contemporary Living; Álvaro Siza Vieira; Eduardo Souto de Moura; First Home; Project; Methodology; Process

ABSTRACT

This work is developed in order to articulate two specific subjects of architecture, the house and the living with the act of designing the first home. In this respect, the present dissertation intends to approach and validate the project's methods of two great masters of the Portuguese Architecture, Álvaro Siza Vieira and Eduardo Souto de Moura, in order to understand their processes and methodologies and thereby build a 'structure' that can function as a tool in developing a design for a single-family house.

For this purpose, some concepts of the contemporary house are covered under the perspectives of both architects, and consequently the analysis of their first single-family houses, looking for spatial organisation indicators, in order to promote and stimulate a set of skills in integrating a young architect to a projectual reality.

In this regard, there will be a crossing of subjects such as Contemporary Living, First Home, Methodology and Process, in order to understand how the study and analysis of this type of living and these first houses, can contribute to design a house. Due to this fact, the conceptual process of a house is exposed – the first house – serving the purpose of questioning, relate and even incorporate the previously analysed.

This research intends to be an inspiration and encouragement for the staging of possible approaches made by architects, taking into account references to the past as a direct influence on project's method of a single-family house.

CONTEÚDOS

AGRADECIMENTOS

RESUMO / ABSTRACT

CONTEÚDOS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

INTRODUÇÃO

1. Objetivo e Questões de Investigação 15
2. Metodologia e Estrutura do Trabalho 16

CAPÍTULO I – DUAS CASAS | DUAS PERSPETIVAS

1. A CASA EM ÁLVARO SIZA VIEIRA 21
   - 1.1. O Sítio 29
   - 1.2. A Organização Espacial 33
   - 1.3. Os Espaços de Transição 39
   - 1.4. A Linguagem Arquitetónica 47
   - 1.5. Os Sujeitos da Casa 53
   - 1.6. A Rutura do Método 57
2. A CASA EM EDUARDO SOUTO DE MOURA 61
   - 2.1. O Sítio 65
   - 2.2. A Organização Espacial 69
   - 2.3. Os Espaços de Transição 75
   - 2.4. A Linguagem Arquitetónica 79
   - 2.5. Os Sujeitos da Casa 85
   - 2.6. A Continuidade do Método 91

CAPÍTULO II – EXPERIÊNCIAS DE UM PROJETO

1. ENQUADRAMENTO DO PROJETO 97
   - 1.1. Aproximação ao local 99
     - 1.1.1. Região Norte 99
     - 1.1.2. Província do Douro Litoral 101
     - 1.1.3. Município da Póvoa de Varzim - Terreno 103
   - 1.2. Terreno 113
   - 1.3. Condicionantes do Terreno 115
   - 1.4. Hipóteses de Projeto 117

2. EVOLUÇÃO E FASES DO PROCESSO 121
2.1. Primeiros Esquissos 123
2.2. Materialização de Soluções 129
2.2.1. Fase 1 – Implantação Trapezoidal 129
2.2.2. Fase 2 – Implantação Mista 133
2.2.3. Fase 3 – Evolução do Corpo 135
2.2.4. Fase 4 – Redimensionamento do Projeto 139
2.2.5. Fase 5 – Implantação Ortogonal 143

CAPÍTULO III – CASA BARROS

1. SÍNTESE DA EVOLUÇÃO 149
2. UNIDADE PROJECTUAL 153
2.1. O Sítio 155
2.2. A Organização Espacial 157
2.3. Os Espaços de Transição 161
2.4. A Linguagem Arquitetónica 163
2.5. Os Sujeitos da Casa 169

CONSIDERAÇÕES FINAIS 173

BIBLIOGRAFIA 181

LISTA DE IMAGENS 187

ANEXOS

I. RECOLHA DE DADOS 193
II. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO 199
III. FOTOGRAFIAS DA MAQUETE 207
IV. SIMULAÇÃO TRIDIMENSIONAL 215
V. DESENHOS DO PROJETO 225

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A – Autoestrada

EN – Estrada Nacional

ER – Estrada Regional

IC – Itenerário Complementar

INE – Instituto Nacional de Estatística

MDF – *"Medium-Density Fiberboard"* (placa de fibra de madeira de média densidade)

MFA – Movimento das Forças Armadas

NUTS – Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos

PDM – Plano Diretor Municipal

PUPV – Plano de Urbanização da Póvoa de Varzim

SAAL – Serviço Ambulatório de Apoio Local

UAL – Unidade Administrativa Local

INTRODUÇÃO

1. OBJETIVO E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO
2. METODOLOGIA E ESTRUTURA DO TRABALHO

1. OBJETIVO E QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

O objetivo que se propõe abordar neste trabalho, realizado no âmbito do Mestrado Integrado em Arquitetura, assenta na influência dos processos que compõem a elaboração de um projeto.

O presente trabalho reflete sobre a habitação unifamiliar, enquanto definidora e caracterizadora de uma fase concreta na vida do arquiteto - o início da sua carreira profissional. Deste modo o estudo é desenvolvido em torno de dois arquitetos que de alguma maneira representaram o meu percurso académico: Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura. Respetivamente, as 4 Casas em Matosinhos (1954-1957) e a Casa 1 em Nevogilde (1982-1985) são as obras que aqui se documentam, refletindo um conhecimento do passado numa concretização da modernidade do seu tempo.

Este ensaio foca-se na compreensão dos princípios da habitação, através da análise dos conceitos do habitar que ao longo do tempos revolucionaram o tema central da arquitetura e que compreendem o ato elementar de ocupar o espaço. A procura destas respostas pretende, ainda, ajudar e elucidar o desenvolvimento de um projeto para uma habitação unifamiliar, bem como, a refletir sobre esses conceitos na concretização do projeto.

Pretende-se que o trabalho não seja apenas uma simples descrição, ou até mesmo um relatório de projeto, mas que possa refletir sobre o método processual do arquitetar, desde o conceito à concretização do projeto de uma habitação unifamiliar, bem como estruturar uma interpretação sobre as premissas do habitar contemporâneo: o sítio, a organização espacial do projeto, os espaços de transição entre o interior e o exterior, a linguagem arquitetónica e os sujeitos intervenientes no processo.

Contudo, a realização de um projeto de arquitetura, implica o cumprimento de um trabalho formal e programático, um processo evolutivo do projeto ao qual não se deve deixar de dar ênfase. Deste modo, o 'contexto contemporâneo' em que a casa se insere, as preferências e solicitações dos clientes, bem como as condicionantes do Plano de Urbanização do loteamento, tornam-se importantes fatores que intervêm como determinantes na formalização do projeto, e consequentemente no presente trabalho.

Na procura de satisfazer os referidos objetivos sente-se a necessidade de colocar algumas questões de investigação:

- Quais as características das primeiras casas de Siza Vieira e de Souto de Moura e de que maneira elas têm importância nas obras subsequentes dos próprios?
- Que particularidades deve apresentar o projeto da habitação unifamiliar, a fim de responder aos requisitos e/ou condicionantes do terreno?
- De que forma o estudo das primeiras casas dos dois arquitetos influenciaram na conceção/formalização do meu projeto?

O desenvolvimento do presente trabalho toma em consideração estas questões que influenciam o aprofundamento do conhecimento, permitindo idealizar um conjunto de conceitos que visam ajudar no desenvolvimento do projeto da habitação que desenhei.

2. METODOLOGIA E ESTRUTURA DO TRABALHO

No que respeita a metodologia adotada no desenvolvimento do trabalho, esta tem como ponto de partida a elaboração do projeto da habitação unifamiliar solicitada, e consequentemente o estudo do processo evolutivo do trabalho de um arquiteto na conceção deste tipo de construção.

Aposta-se aqui numa estrutura mista – teórica e prática – de modo a que estas se complementem e justifiquem o processo evolutivo do trabalho. A vertente teórica

apresenta-se no sentido de levantar questões e comparações pertinentes refletindo, posteriormente, num caso concreto. Por sua vez, a prática assume-se como a oportunidade de aplicar a teoria, transpondo-a para um caso real.

Deste modo, num primeiro momento a pesquisa debruça-se, segundo a componente mais teórica, na análise de Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura, e o trabalho dos mesmos no que respeita às suas primeiras obras de habitação unifamiliar, considerando os processos projetuais de cada um e a análise interpretativa das obras. O capítulo que se inicia com uma reflexão sobre o programa da casa nas obras dos arquitetos, estrutura-se em subcapítulos que, através da análise da respetiva obra, tentam responder ao objetivo do trabalho. Assim, analisa-se a adaptação ao sítio, seguindo-se o tema da organização espacial, os espaços de transição e a linguagem arquitetónica. Por último incide-se sobre os 'sujeitos' da casa, compreendendo o arquiteto que a projeta e os seus clientes.

Num segundo momento, numa tentativa de enquadramento do projeto, realiza-se uma investigação sobre o território em questão, numa aproximação ao local de intervenção, estudando-se aprofundadamente o terreno, bem como as condicionantes do PDM para a zona em questão, elaborando-se um conjunto de hipóteses que tentam responder ao programa a desenvolver.

A par desta pesquisa desenvolve-se a parte prática do trabalho, que consiste no desenvolvimento de um projeto de habitação unifamiliar, desde plantas de implantação, a plantas de pormenor e de execução, a alçados e cortes, entre outros. Consequentemente, a este registo alia-se um relato que tenta aproximar o leitor às razões e às escolhas que fundamentam as várias fases do processo segundo o conhecimento até então adquirido.

Neste sentido, o último capítulo surge como resultado do processo de investigação, reflexão e consequente concretização da solução para a habitação unifamiliar solicitada. Demonstra-se aqui o produto final através da análise do mesmo segundo um mecanismo crítico da investigação elaborada ao longo do trabalho.

CAPÍTULO I

DUAS CASAS | DUAS PERSPETIVAS

1. A CASA EM ÁLVARO SIZA VIEIRA
2. A CASA EM EDUARDO SOUTO DE MOURA

1. A CASA EM ÁLVARO SIZA VIEIRA

Com uma capacidade espantosa de "*meditação do fenómeno arquitetura*", Álvaro Siza detém uma importância especial no mundo da arquitetura. Siza renova-se de obra para obra, com ideias originais e distintas, sem transplantações de soluções feitas.

O projeto que aqui se documenta constitui uma experiência ímpar que junta diferentes artes e especialidades. As quatro casas em Matosinhos de 1954, são as primeiras habitações projetadas pelo arquiteto. Cada moradia apresenta momentos indissociáveis da modelação forte e expressiva dos planos e da pormenorização. Momentos que dedicam significados distintos aos espaços reais em que participam e que se prendem à natureza dos materiais, como o betão, alvenaria, ferro e madeiras, garantindo a "*fusão no todo*".

Diplomado pela Escola Superior de Belas Artes do Porto em 1955, Siza iniciou a sua atividade profissional antes do término do curso, sendo as suas primeiras casas datadas anteriormente, uma vez que o mesmo admitia a "*falta de paciência para apenas estudar*". Em simultâneo, iniciou a sua colaboração no atelier do Arquiteto Fernando Távora[1], o qual se tornou o seu mentor, guia, conselheiro e orientador, moldando a transformação de um Siza, outrora ingénuo e introvertido, num amante da matéria, num aprendiz das artes, no mestre de Arquitetura que hoje conhecemos.

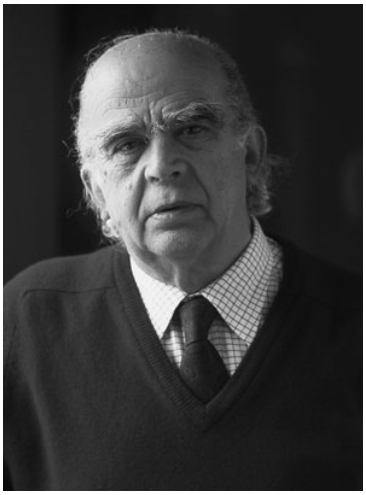
"Há em mim uma influência decisiva do arquitecto Távora em todos os planos"[2]

1 Arquiteto, professor e ensaísta português, nascido no Porto em 1923. Autor de obras simbólicas como: Mercado Municipal de Santa Maria da Feira (1953-59); Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição em Matosinhos (1956-60), Casa de Férias no Pinhal de Ofir, em Fão (1957-58).

2 VIEIRA, Álvaro Siza, "Távora influenciou-me de forma decisiva" (entrevista com Valdemar Cruz), in revista *Actual*, Semanário Expresso (1610), 2003, p.24.



[I.01]



[I.02]



[I.03]

[I.01] Retrato de Álvaro Siza Vieira. **[I.02]** Retrato de Fernando Távora. **[I.03]** Quatro Casas em Matosinhos: vista exterior geral.

Perfazia 21 anos de idade quando esboçou os primeiros traços das quatro casas da avenida D. Afonso Henriques, em Matosinhos, a cidade da sua infância. Tanto estas como outras posteriores eram denominadas por "*casas «introvertidas»*", ou seja, casas sentidas e feitas para si próprias, num ambiente pessoal e exclusivo, um "*oásis no meio da confusão*". Siza proclamava-se, ainda, muito seletivo pelo meio em que trabalhava, na medida em que desenhava deliberadamente, sem dedicar grande atenção aos ambientes que o rodeavam, especialmente quando estes se apresentavam visualmente desagradáveis ou confusos. Experienciando assim, um certo conflito na criação de relações completas com o contexto envolvente.[3]

> *"As casas «introvertidas» correspondem a uma altura em que, por imaturidade ou inexperiência, eu era muito selectivo em relação ao meio em que trabalhava. Se eu tinha casa para fazer numa rua de edifícios muito feios, desenhava-a deliberadamente não relacionada com o que estava à volta. Digamos que era uma posição muito moralista: «não gosto, portanto nada tenho a ver com isto, vou criar um ambiente próprio já que o ambiente geral é feio».* (...) *Admito que talvez também houvesse da minha parte uma procura de serenidade.*(...)*"*[4]

Entre a década de cinquenta e fins de sessenta, Álvaro Siza realizou as suas primeiras casas, que se enquadram no campo da experimentação e conduzem o arquiteto à definição de uma linguagem arquitetónica.[5]

A conceção espacial era nesta altura sobrevalorizada, uma vez que deixava de lado formas abstratas e confortos tecnológicos, dando lugar ao conforto psicológico, na procura de uma noção de 'abrigo'[6]. Também a conceção formal tentava conciliar a tradição com a modernidade, através da transposição direta de formas ou sistemas

---

3 RODRIGUES, Isabel Maria, *A casa de Siza: sine distantia*, Barcelona: Gulbenkian, Universidade Lusíada, 2006, 4º vol.

4 VIEIRA, Álvaro Siza, "Siza Vieira: a Europa não receia a experiência 'maldita'" (entrevista com Manuel Beça Múrias), in *O Jornal Ilustrado*, O Jornal (616), 1986, p.12.

5 WANG, Wilfred, "Arquitetos de Oporto: Távora, Siza, Souto-Moura", *Arquitectura* (nº261), Revista del Colegio Oficial de Arquitetos de Madrid, 1986

6 BACHELARD, Gaston, *A Poética do Espaço / Gaston Bachelard*; trad. Ántonio de Pádua Danesi, Martins Fontes, São Paulo, 1998.



[I.04]



[I.05]



[I.06]



[I.07]

[I.04] Casa Alves Santos, Póvoa de Varzim: vista exterior. **[I.05]** Casa Alves Santos: pátio interior. **[I.06]** Casa Alves Costa, Moledo: vista exterior. **[I.07]** Casa Manuel Magalhães, Porto: vista exterior.

tradicionais conjugados com novos elementos. Desta forma, eram adotados os elementos construtivos tradicionais, como a cobertura inclinada em telha, a parede de alvenaria em pedra, ou as caixilharias de madeira, conjugados a uma linguagem mais atual com referências internacionais. A isso não está alheio o "Inquérito à Arquitectura Portuguesa" e a casa de Ofir, do arquiteto Fernando Távora.

No entanto, as habitações revelavam, ainda, um outro lado mais intimista, que se prendia com a ideia de vivência do espaço interior, criando um microcosmo, uma paisagem própria, talvez numa tentativa de ignorar o mundo exterior, um mundo imperfeito, tanto na liberdade que a sociedade sofria, como na arquitetura que se fazia. Ou talvez essa criação de um espaço ajardinado no logradouro, fosse apenas a recuperação da unidade entre a casa e a natureza, que se ia perdendo constantemente nas cidades portuguesas.

> *"Da aspiração a um mundo dentro do mundo, Siza faz emergir a qualificação do espaço artificial e interiorizado em que toma absoluta a oposição entre o espaço caótico e o espaço ordenado, definido e humano."*[7]

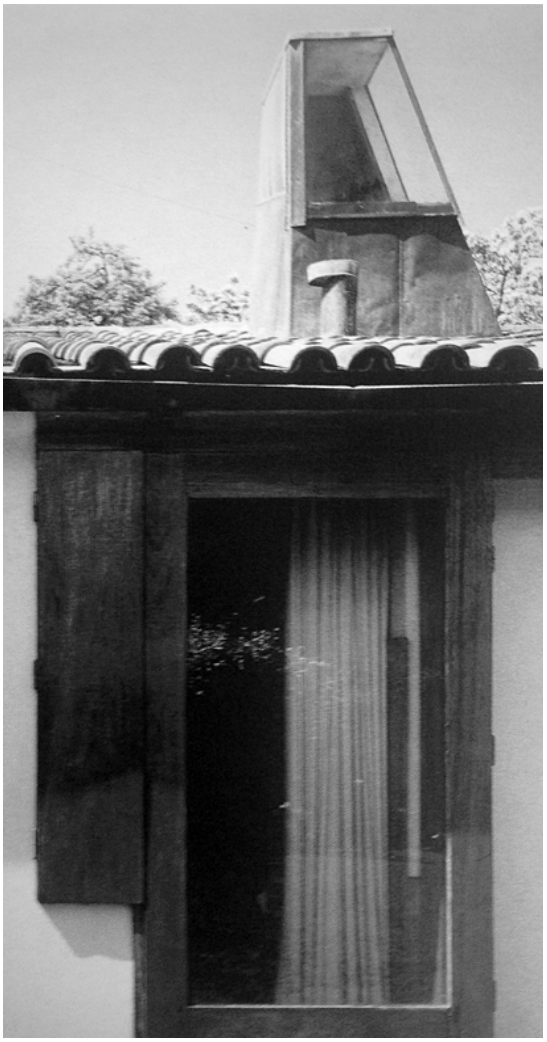
Para Siza, o programa doméstico apresentava-se como uma área para a experimentação, sem grandes condicionantes programáticas ou burocráticas, dependente apenas da relação ativa entre arquiteto e cliente, da influência da personalidade de ambos, para a criação de um objeto arquitetónico. No entanto, essa falta de condicionantes parecia dificultar, por vezes, a definição de um caminho.

> *"(...) os trabalhos mais pequenos são os que mais se vêm prejudicados porque são, em certa medida, os mais difíceis, pois ao não estar sujeitos, em geral, a tantos condicionamentos ou a condicionamentos tão fortes como os grandes, são mais difíceis de encontrar o caminho. Um trabalho pequeno, pela sua própria dimensão, não admite, normalmente, uma grande sistematização, e, cada detalhe pode ser um problema."*[8]

---

7 COSTA, Alexandre Alves, "Sem se apressar a correr para o mundo" in TRIGUEIROS, Luiz, *Álvaro Siza: 1954-1976*, Blau, Lisboa, 1997, p.18.

8 VIEIRA, Álvaro Siza, "Entrevista a Álvaro Siza Vieira" (entrevista com Marta Cervelló), in *Quaderns D'Arquitetura i Urbanisme* (nº169/170), Publicació del collegi D'Arquitetes de Catalunya, 1986, p.76.



[I.08]



[I.09]



[I.10]

[I.08] Casa Rocha Ribeiro, Maia: detalhes de janela e claraboia. **[I.09]** Casa Manuel Magalhães: pormenor de claraboia. **[I.10]** Casa Alves Costa: escala do espaço de sala.

Como tal, este programa mostrou-se fundamental para desenvolver uma arquitetura voltada para o homem que vive de sentimentos, emoções e memórias, que reage a diferentes estímulos, tais como os fenómenos arquitetónicos, nas suas vertentes materiais e espaciais, na escala e nos pormenores. Sendo ainda que o trabalho artesanal e exaustivo de qual este arquiteto não abdicava, contrastava com os novos meios de produção e mecanização modernos. Assim sendo, eram nestas vertentes de escala, medidas, pormenores, detalhes, bem como no método de trabalho, que predominava a grande diferença entre o espaço abstrato moderno e o espaço intenso de Siza.

Neste sentido, com o estudo da sua primeira casa pretende-se identificar a forma de pensar, analisar e projetar de Álvaro Siza, segundo temas específicos do habitar contemporâneo.

"(...) *tentar compreender a obra de Siza, é tentar perceber o que para Siza é uma casa, sua casa, um só projecto, e se essa casa é a mesma, sempre a mesma, ou se essa casa já foi feto, criança, adolescente, adulto...* (...)*"*[9]

9 RODRIGUES, Isabel Maria, *A casa de Siza: sine distantia*, Barcelona: Gulbenkian, Universidade Lusíada, 2006, 4º vol., p.449.



[I.11]



[I.12]

[I.11] Casa de Chá da Boa Nova, Leça da Palmeira: combinação do geométrico com o orgâncio.
[I.12] Piscinas de Marés, Leça da Palmeira: integração nas rochas.

1.1. O Sítio

Desde muito cedo, o homem aprendeu a usar o terreno, aproveitando as suas características físicas, como por exemplo, o facto de se desenvolver uma construção a dois níveis distintos, usufruindo do desnível acentuado do terreno. Desse modo, a construção fixava-se no território de uma forma incontestável e permitia, ainda, economizar os meios.

Tal como o homem, construtor espontâneo, também Siza Vieira não abdica dessa relação que a natureza pode proporcionar, afirmando mesmo que "*o que a natureza dá não precisa de ser feito*"[10]. Assim, a arquitetura de Siza procura conceder uma enorme importância ao sítio, tanto na implantação da construção, como na definição dos espaços exteriores e dos percursos envolventes. Tanto a Piscina de Leça, como a Casa de Chá da Boa Nova são dois exemplos de construções excecionais, em que o arquiteto se debateu com um território natural rochoso e de difícil penetração, onde a intenção e a sensibilidade do mesmo, em juntar um mundo orgânico e um mundo geométrico, estão bem salientes.

Ainda assim, Siza considera que as formas construídas pelo homem devem distinguir-se da natureza, porque essa é a sua condição.

Como tal, num primeiro momento, começava por pensar no lugar e em como o seu projeto se iria integrar neste. Numa tentativa de perceber e, consequentemente, distanciar a habitação do mundo exterior caótico e confuso, o arquiteto fazia um exercício de seleção daquilo que lhe interessava ou não desse exterior.

Nas suas primeiras casas, embora situadas em localizações com pouca variação topográfica, o arquiteto adapta a construção às mesmas. O desnível do terreno, mesmo que pouco acentuado, faz-se acompanhar de degraus ou rampas através dos espaços

10 VIEIRA, Álvaro Siza, "Álvaro Siza" (entrevista com Matilde Pessanha), in Cadernos ESAP (nº2-3), Cooperativa de Ensino Superior Artístico do Porto, dezembro, 1997, p.17.



[I.13]



[I.14]



[I.15]

[I.13] Vista aérea da cidade de Matosinhos e Leça da Palmeira. **[I.14]** Vista aérea do quarteirão das Quatro Casas em Matosinhos e envolvente próxima. **[I.15]** Axonometria aérea das Quatro Casas em Matosinhos.

interiores. A volumetria da habitação é então determinada através destes elementos naturais bem como pelos seus próprios limites. Deste modo, a volumetria prende-se ao sítio, formando espaços exteriores e interiores distintos, de funções próprias.

"Partiu da ideia apontada na primeira visita, porque considera que não se projecta somando bocados de informação, e que esta serve, se aplicada a uma ideia, para corrigir e para a definir. E considera que a ideia está no "sítio", mais do que na cabeça de cada um, para quem souber ver, e por isso pode e deve surgir ao primeiro olhar"[11]

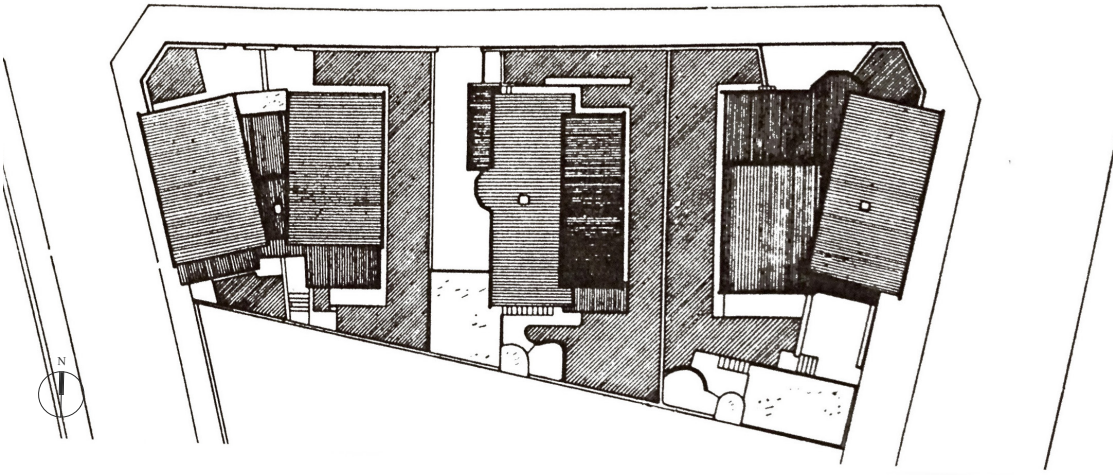
Esta capacidade de Siza, de fixar e fazer pertencer a arquitetura ao sítio e à natureza envolvente, e de abdicar da realidade exterior, surge intimamente ligada a uma primeira fase da sua vida profissional, da qual fazem parte as obras aqui retratadas, e às quais é conferido um carácter orgânico e espontâneo.

- **Quatro Casas em Matosinhos**

Considerando a referida atitude introvertida do arquiteto, no que respeita o contato com a sua envolvente, as suas primeiras casas não deixam de se integrar no local de uma forma deveras subtil e organizada.

Sendo o terreno dividido em quatro lotes, a respetiva implantação das construções ocupa, em dois dos casos, um dos lados do terreno, e nos restantes a totalidade central dos lotes. Na segunda casa, a construção afasta-se dos muros-limite, libertando toda a área envolvente. Na casa a poente, a implantação deixa apenas um pequeno espaço verde na frente e outro no tardoz. Por se tratar de um loteamento assente num gaveto, as duas casas nas extremidades cobrem duas frentes de rua. Neste sentido, o arquiteto optou por colocá-las face à estrada, libertando, na casa a nascente, o lado oposto para um jardim privado, destacando-a da casa a poente, que se encontra geminada à próxima, obtendo apenas espaços livres na frente e tardoz.

11 VIEIRA, Álvaro Siza, "notas sobre o trabalho em Évora", in *Arquitectura* (132), 1979, p. 36.



[I.16]



[I.17]



[I.18]

[I.16] Quatro Casas em Matosinhos: configuração do terreno, implantações e respetivos alçados frontais. **[I.17]** Espaço exterior do espaço de estar e de refeições e, da zona de copa. **[I.18]** Escada de acesso entre os dois espaços.

A composição volumétrica dos edifícios adota uma atitude orgânica, numa tentativa de procurar o lugar em que cada parte melhor assenta e que melhor define os espaços, tanto exteriores como interiores. Como tal, na primeira casa, a do Mestre Traineira[12], a cota exterior desnivelada dá lugar a um espaço fluído dividido em dois: por um lado o espaço de jardim na continuidade da sala de estar e de refeições; por outro, mais abaixo, ao nível da avenida, o espaço da cozinha, sendo que ambos se interligam através de uma pequena escada. O mesmo acontece nas duas casas contíguas, uma pequena escada demarca, por um lado, a cota da entrada e, por outro, a cota do jardim que faz o seguimento da sala de estar e canto de refeições. A exceção é a última casa, onde a diferença de cotas do interior para o exterior é quase impercetível, sendo apenas um degrau que as separa.

Os espaços exteriores são, deste modo, organizados segundo funções específicas e, embora as variações na topografia não sejam exorbitantes, são suficientes para se perceber esta distinção entre as funções. Os espaços exteriores com a mesma cota da rua fazem o acesso às habitações, normalmente pavimentados em granito, demarcando o carácter mais público da casa, filtrando-se assim toda a confusão da rua. Por sua vez, a cota exterior sobrelevada é a mais acolhedora, uma vez que surge na continuação dos espaços comuns da habitação e, assume-se em torno de praticamente toda a construção. Esta cota caracteriza-se, em geral, num espaço amplo e verde.

1.2. A Organização Espacial

Caracterizado pela aproximação à psicologia e poética do habitar, é evidente o distanciamento de Álvaro Siza perante o espaço moderno, quando associado diretamente ao funcionalismo automático.

Gaston Bachelard defendia que "a poética do espaço" consiste no afastamento da filosofia racionalista apoiada nas ciências, estudando a mente humana no estádio do

12 Nome utilizado por Siza quando se referia ao seu primeiro cliente. VIEIRA, Álvaro Siza, "Caro Nuno (Portas)", in *Álvaro Siza : scritti di architettura / a cura di António Angelillo*, Skira, Milano, 1997, p.147.



[I.19]



[I.20]



[I.21]

[I.19] Casa Rocha Ribeiro: espaço de sala. **[I.20]** Casa Alves Santos: sala de estar. **[I.21]** Casa Ferreira da Costa, Matosinhos: espaço de sala.

inconsciente, a partir do qual se pode compreender a aproximação e relação do homem com o espaço que habita.[13] Esta máxima é evidente nas obras de Siza. Uma máxima que defende o espaço como um objeto proporcionador de uma série de sensações, tanto ao nível sentimental, como psicológico, onde o habitante é capaz de experienciar o espaço individualmente, estabelecendo com este laços de proximidade, intimidade e admiração.

"Logo, a casa não é o refúgio que protege e defende do exterior, nem tampouco um espaço "branco" a contemplar, nem uma máquina eficiente e confortável, mas sim o lugar da recordação e das sensações"[14]

No entanto, os princípios modernos também sustentam a obra de Siza no que diz respeito à organização do espaço. Veja-se a sala de estar como núcleo do habitar em família, um espaço amplo que inclui em simultâneo espaços de intimidade. Uma divisão funcional, onde as áreas se interrelacionam, criando-se assim um programa mais rico.

Por sua vez, esta divisão funcional apresenta-se segundo composições espaciais bastante orgânicas e flexíveis (principalmente com a evolução do número de obras), onde é de notar uma constante procura de relações de interdependência e comunicação entre os espaços, criando-se assim, uma certa fluidez espacial - no que respeita a variações de pé-direito e desníveis no pavimento.

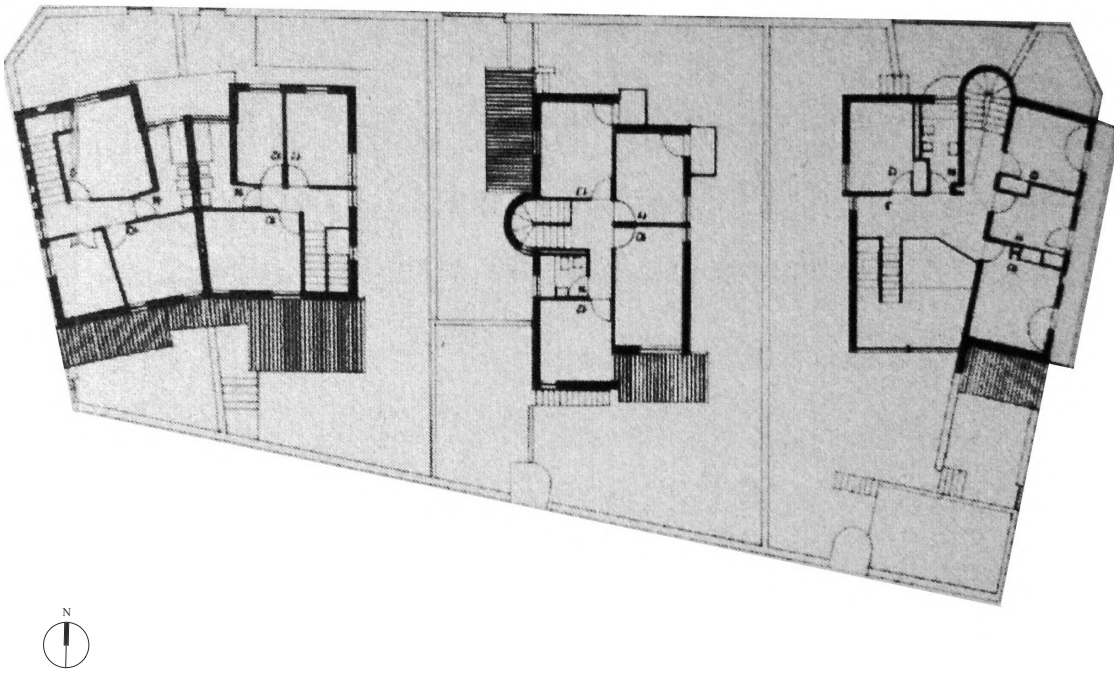
- **Quatro Casas em Matosinhos**

"Insisti em abandonar uma rígida distribuição por zonas, cedendo onde era necessário (...)"[15]

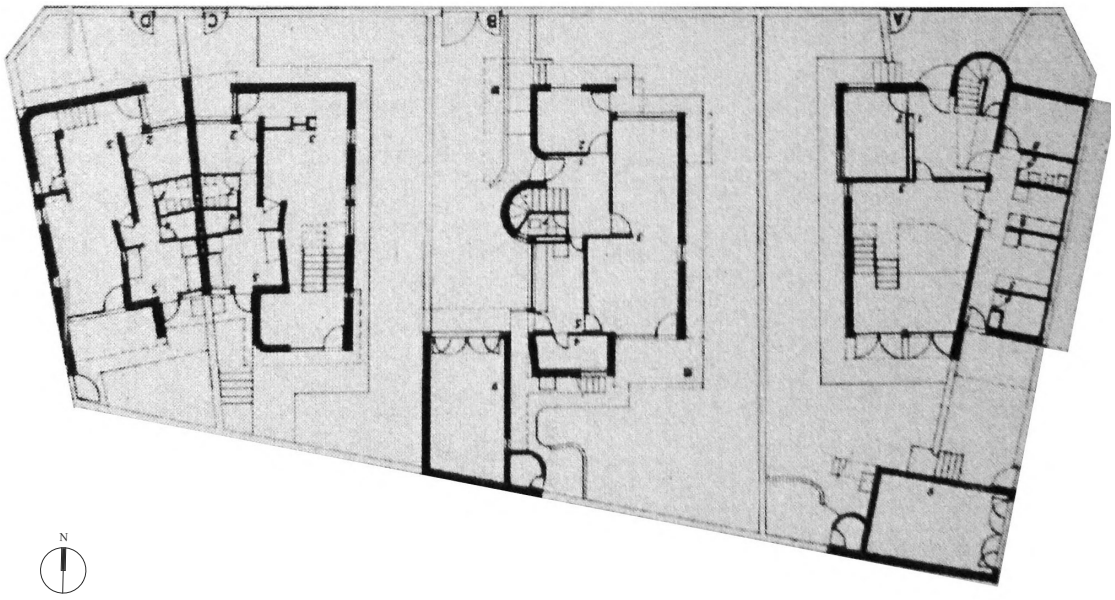
13 BACHELARD, Gaston, *A Poética do Espaço / Gaston Bachelard*; trad. Ántonio de Pádua Danesi, Martins Fontes, São Paulo, 1998.

14 CIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, "Una auténtica casa", in CIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza: casas 1954-2004*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2004, p.14.

15 VIEIRA, Álvaro Siza, "Caro Nuno (Portas)", in Álvaro Siza: scritti di architettura / a cura di António Angelillo, Skira, Milano, 1997, p.147.



[I.22]



[I.23]

[I.22] Quatro Casas em Matosinhos: planta do piso térreo. **[I.23]** Planta do primeiro piso.

As plantas das quatro casas em Matosinhos de Álvaro Siza manifestam, nitidamente, uma racionalidade na construção do espaço. Embora as semelhanças sejam evidentes, estas também apresentam fortes divergências.

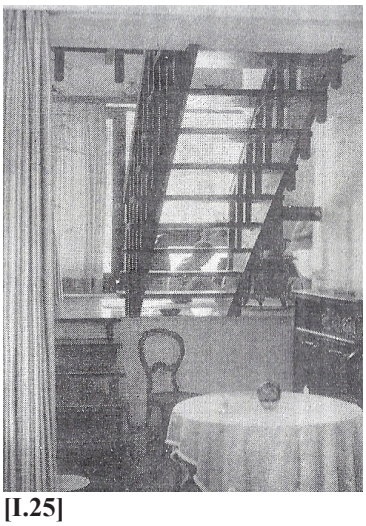
As quatro moradias partilham o mesmo modelo de compartimentação. Não de uma maneira organizativa (embora as duas casas geminadas sejam bastante semelhantes também neste aspeto), mas no tipo de divisões que as constituem (talvez pelo facto de, nessa época, a casa ser assim construída). Todas apresentam, no nível térreo, sala comum com recanto de refeições, cozinha, copa e quarto de serviço. Por sua vez, no primeiro piso dispõem-se os quartos de dormir e um quarto de banho comum. As duas casas a nascente beneficiam ainda de garagem e um quarto de dormir extra. A casa do gaveto com a avenida acrescenta, também, ao nível do rés do chão, uma zona de tratamento de roupas, junto à copa, e uma divisão suplementar a poente.

A implantação da casa do Mestre Traineira conjuga as duas direções diferentes caracterizadoras do próprio terreno. Essa torção é fisicamente laborada apenas através da escada de acesso entre os dois pisos que constituem a habitação. Esta escada determina o átrio de entrada, sendo este um importante ponto de distribuição da casa.

Embora o desejo de Álavro Siza pretendesse o contrário, observando a planta entende-se, claramente, a divisão de zonas fechadas sobre si: a sala, os quartos, a zona de serviços e cozinha, a divisão suplementar e a garagem. O grande espaço de sala, embora tratado como qualquer outro compartimento, condensa em si próprio várias funções: zona de estar, refeição, relação com o exterior e, de acesso a diferentes divisórias, adquirindo uma maior importância no conjunto, tentando "*abandonar uma rígida distribuição*" desta zona. Trata-se ainda, de um espaço onde a comunicação interior é feita através de pé-direito duplo, no qual desemboca uma galeria sobre a sala, que por sua vez é acessível através de uma escada em madeira à vista. Esta zona da casa é, ainda, dividida por dois espaços definidos pela diferença de cotas, sendo o mais alto de acesso ao pátio exterior e, o outro, mais baixo, onde se encontra o espaço de refeição, mais próximo da área de serviços e com um acesso direto à mesma.



[I.24]



[I.25]

[I.24] Vista da zona de estar, de refeição e, articulação com o primeiro piso e mesanino, da primeira casa.
[I.25] Sala de estar de uma das casas geminadas, com o desnivelamento de zonas articulado pela escada interior.

A segunda casa, por sua vez, rege-se por uma forte ortogonalidade, talvez por se encontrar no terreno intermédio e os seus limites serem, deste modo, paralelos entre si (à exceção do limite sul, que apresenta uma ligeira torção, no entanto o mesmo não interfere diretamente com as direções tomadas pela construção). Aqui os espaços sucedem-se de uma forma muito simples e sequencial, centrando-se em torno da entrada e da escada de comunicação entre os pisos. Nesta segunda casa, a sala surge como um compartimento igual a todos os outros, fechado em si próprio. Não deixando, contudo, de ser o espaço principal da habitação, não só pelas dimensões, mas também por acumular diversas funções e permitir o acesso a outras divisões e ao exterior.

As outras duas casas, a nascente, apresentam dimensões mais reduzidas, o que faz com que a proximidade entre as zonas funcionais se torne inevitável. Esta proximidade culmina no espaço de sala, que se torna o ponto âncora da habitação, bem como de expansão para o exterior. Assim, à semelhança das casas anteriores e de acordo com os princípios modernos, estas duas casas fazem da zona de sala a divisão de maior importância, não só pela quantidade de espaços que nela confluem, como também pela acumulação de funções que a mesma apresenta e possibilita. Contrariamente às outras duas casas, estas últimas fazem da sala o espaço de estar, de refeição, de distribuição, de ligação com o exterior e, ainda, o espaço de receção, destacando-se do resto dos compartimentos da casa.

1.3. Os Espaços de Transição

Por espaços de transição entenda-se aqueles usados na interseção entre momentos divergentes ou opostos. Por outras palavras, o arquiteto procura desvendar e mostrar aos poucos a arquitetura, numa busca intensiva pela satisfação e riqueza das sensações que esta pode despertar no observador, tentando minimizar o impacto sofrido pelo mesmo na passagem entre os espaços. Para Siza, estas situações intermédias são uma tentativa de fuga à interpretação direta de momentos claros como o estar dentro ou fora, o acesso à entrada ou mesmo aos diferentes espaços.



[I.26]



[I.27]



[I.28]



[I.29]



[I.30]



[I.31]

[I.26] Casa Alves Santos: percurso exterior de acesso à entrada principal. **[I.27]** Transição entre o interior e o exterior. **[I.28]** Casa Ferreira da Costa: percurso de acesso à entrada. **[I.29]** Definição do pátio exterior. **[I.30]** Casa Alves Costa: porta de entrada escondida e o acesso à mesma. **[I.31]** Pátio exterior definido pelos muros.

Na sua arquitetura o observador é ainda obrigado a constantes mudanças de direção do olhar, resultando numa interpretação completa do lugar e da espacialidade presente. Estas mudanças advêm de perspetivas particulares e variáveis ao longo de toda a casa, sendo definidas através de espaços semi abertos, da articulação ou sobreposição dos volumes, da variação do pé-direito, ou até mesmo dos muros que definem os percursos e espaços exteriores.

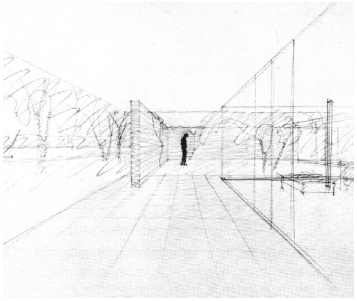
Ainda na obra de Álvaro Siza, a arquitetura caracteriza-se pela relação interior/exterior enquanto continuidade física com a sua envolvente, isto é, para além do objeto definido pelos seus limites concretos.

"(...) não pensar em objectos, na arquitectura como objecto, mas antes na continuidade do espaço de uma forma bastante mais rica que o grande envidraçado defendido por alguns arquitectos da vanguarda dos anos vinte e trinta que pensavam que a transparência total é que daria a harmonia entre a natureza e o construído."[16]

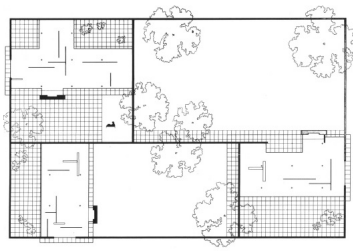
Nas primeiras casas do arquiteto, observa-se com clareza que o desenho começava a partir do portão de entrada, e através de percursos que se ligavam à porta principal, resultando numa arquitetura com uma enorme reflexão sobre a proximidade ao interior. A entrada, na maioria das vezes, não era frontal, nem tampouco visível, na tentativa de criar um certo isolamento, demonstrando-se assim a dificuldade em entrar no espaço íntimo da casa.

Por último, herdado das culturas antigas e populares, o pátio era considerado um espaço exterior, protegido no interior do edifício, com a finalidade de complementar as atividades da casa e de domínio exclusivo dos humanos que a habitam. Tinha a capacidade de competir com o exterior, confuso e perturbador, trazendo para dentro da edificação a calma e serenidade necessária, permitindo simultaneamente usufruir de elementos naturais, como por exemplo, a luz, a árvore, o ar.

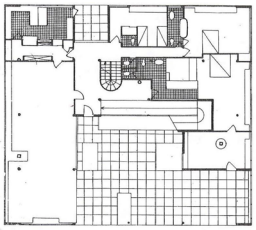
16 VIEIRA, Álvaro Siza, "Álvaro Siza" (entrevista com Matilde Pessanha), in *Cadernos ESAP* (nº2-3), Cooperativa de Ensino Superior Artístico do Porto, dezembro, 1997, p.20.



[I.32]



[I.33]



[I.34]



[I.35]



[I.36]

[I.32] e **[I.33]** Perspetiva e planta de casas-pátio de Mies Van der Rohe. **[I.34]** Planta do primeiro piso da Villa Savoye, de Le Corbusier. **[I.35]** Retrato de Mies Van der Rohe.**[I.36]** Retrato de Le Corbusier.

Com o Movimento Moderno[17], o pátio sofreu várias transformações, nomeadamente, na forma e função, diferenciando-se de cultura para cultura, sendo determinado pelas necessidades de cada uma. Esta evolução surge, por um lado, na experiência de Mies Van der Rohe[18], onde o mesmo associa os pátios aos muros-limite, e por outro, com Le Corbusier[19], com a planta em L, onde a própria implantação define um novo espaço exterior de estar, acolhido pela construção, afastando-se, nos dois casos, do sistema clássico fechado de claustro.

Nas casas de Siza domina a implantação em L e respetivas variantes. O ângulo formado permite a criação de um espaço exterior confortável e acolhedor, apoiado em muros ou vegetação para definir a total configuração do pátio.

- **Quatro Casas em Matosinhos**

"(...) uma solução "de dentro para fora"
como resultado inevitável de uma série de opções"[20]

No que respeita as obras aqui em análise, note-se que estas são delimitadas por um único muro de blocos de granito irregulares. Estende-se desde a garagem a nascente, servindo de encosto à casa do gaveto, e deixando, timidamente, a zona da copa espreitar a avenida, até ao lado oposto, onde o muro, ao invés de abraçar a última casa, se encosta à sua fachada, permitindo que a mesma se mostre à rua. Este muro apenas se interrompe em pequenos momentos para dar lugar às entradas, com um portão que convida a entrar e a conhecer.

17 Movimento que se caracterizava pela ideia de superação dos modelos e formas tradicionais da arquitetura, ligando-se à criação de novos espaços e novas imagens, e defendendo uma arquitetura mais depurada e funcional.

18 Arquiteto alemão, nascido em Chicago em 1886. Foi um dos fundadores da linguagem Moderna na Alemanha e nos Estados Unidos. Autor de obras emblemáticas como o Pavilhão de Barcelona ou a Casa Farnsworth e, de um dos lemas do Movimento Moderno: "less is more".

19 Arquiteto suíço, nascido a 1887. Assim como Mies Van der Rohe, e outros arquitetos emblemáticos, também Le Corbusier é um dos mais importantes arquitetos do Movimento Moderno. Tornou-se conhecido por obras como: *Unité d'Habitation; Villa Savoye;* Capela de *Notre-Dame-du-Haut*. Concretizou também "Os cinco pontos da Nova Arquitetura".

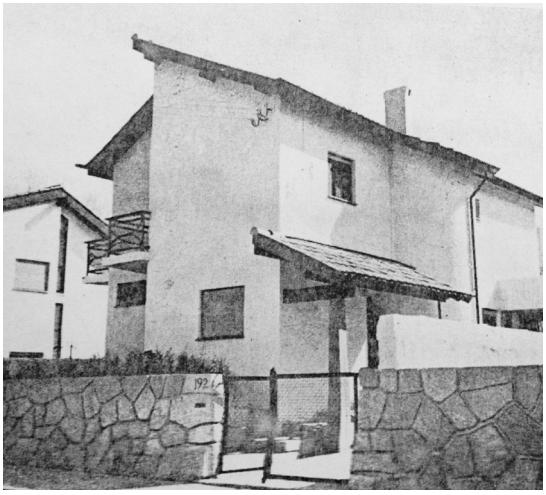
20 VIEIRA, Álvaro Siza, "Caro Nuno (Portas)", in *Álvaro Siza : scritti di architettura / a cura di António Angelillo*, Skira, Milano, 1997, p.147.



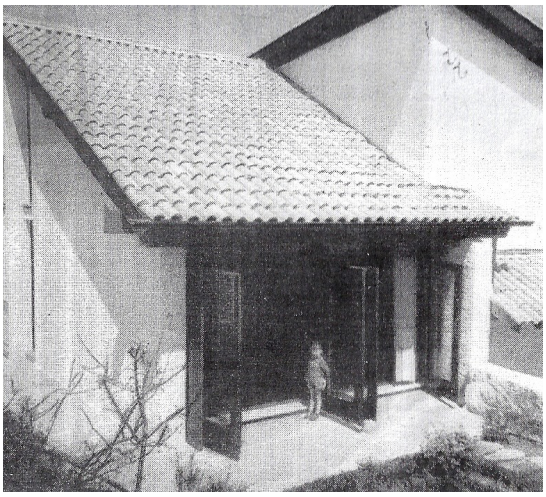
[I.37]



[I.38]



[I.39]



[I.40]

[I.37] Muro limite do terreno e zona de copa. **[I.38]** Jogo de direções das coberturas. **[I.39]** Espaço de entrada da casa central e respetiva zona de abrigo. **[I.40]** Prolongamento exterior da zona de estar.

Nas suas primeiras casas, a extensão da cobertura inclinada para lá dos limites da construção - o alpendre - é algo recorrente, tendo este desenho, no sentido descendente, o intuito de defender a fachada e de permitir uma melhor ligação entre interior e exterior. As de Matosinhos apresentam este modelo através de um desenho confuso e, talvez, até um pouco "ingénuo", como o próprio afirmou, devido ao facto das casas apresentarem diferentes cotas de cumeeira e de exporem um jogo de direções no remate das coberturas. Aqui, torna-se evidente o aproveitamento excessivo dos desníveis e dos recortes da construção, salientados pela cobertura inclinada.

No entanto, o prolongamento destas coberturas sobre a fachada, ou simplesmente, a utilização das mesmas como palas, produzem espaços alpendrados, aconchegantes e protetores, como por exemplo, espaços de abrigo da chuva junto à entrada, pequenas varandas ou alpendres cobertos, que fazem a transição entre o interior e exterior.

Estes espaços acabam por ser a forma subtil do arquiteto evidenciar o elemento de entrada, o qual, contrariamente à regra, é desenhado de frente para a rua, talvez pelo tamanho limitado do lote, ou por se tratar das suas primeiras obras. À exceção da segunda casa mais a Nascente, que parece querer respeitar este conceito de isolamento ou afastamento da confusão exterior.

O pátio surge, nestas casas, devido à necessidade, mais uma vez, de conforto e proteção em relação ao exterior. Apresenta dimensões reduzidas indicando uma postura muito discreta e pouco clara na sua definição. Resulta da continuidade do espaço da sala de estar através de amplos envidraçados, e prolonga-se através dos muros-limite, envolvendo parte do edifício. Assume-se, portanto, como momento de pausa integrado no percurso que envolve o edifício. Pelo contrário, a casa do gaveto, a poente, é a única onde o pátio não circunda a casa. Este resume-se apenas a um pequeno espaço exterior pavimentado e ajardinado, entremuros, na continuidade da sala e zona de serviço.



[I.41]



[I.42]

[I.41] Casa Ferreira da Costa: intensidade do pormenor em contraponto com a ausência, o branco.
[I.42] Casa Rocha Ribeiro: carácter expressivo da madeira escura no plano branco.

1.4. A Linguagem Arquitetónica

Caracterizada por uma forte materialidade, a linguagem na arquitetura de Siza, debruça-se sobre temas como o espaço e a luz, foca-se em pormenores e processos construtivos, e salienta-se com uma expressividade sensorial e táctil determinante. Por outras palavras, Siza tenta aproximar-se a alguns aspetos/sentidos da arquitetura popular, enfatizando o papel da matéria na obra e, mais uma vez, estimulando as sensações. Esta expressividade da matéria vive ainda de contrastes: a intensidade do pormenor, da ponderação, da temperatura, em contraponto com a imaterialidade, a ausência, o branco. Mais ainda, essa materialidade vive de percursos e perspetivas que, aos poucos, nos mostram a casa, a rampa, a escada, que mudam de direção e que condicionam o olhar.

Como anteriormente referido, Siza optava, nesta altura, por usar na construção as técnicas tradicionais conjugadas com a estrutura em betão, permitindo resolver problemas técnicos colocados pelas novas dimensões e dinâmicas espaciais. Estas técnicas e materiais eram frequentemente usados devido a critérios de economia e de hábito construtivo.

"(...) Siza explora o valor dos materiais, fazendo da madeira um uso excessivo, até ao ponto em que a ela se confia a criação de uma certa atmosfera, à qual se poderia classificar de doméstica e privada, e que, sem dúvida, Siza perseguia nesta ocasião."[21]

Os vãos, que são considerados apenas interrupções nos planos estruturais, isto é, um vazio, ou um negativo, perante a necessidade visual ou de passagem, tornam-se, na obra do arquiteto, uma particularidade muito especial. Estes vazios conseguem transpor momentos ainda mais intensos que os simples planos. O carácter mais expressivo destes vãos é alcançado através das composições abstratas de madeira, definidas com

21 MONEO, Rafael, "Álvaro Siza", in *Inquietud teórica y estratégia proyectual: en la obra de ocho arquitectos contemporâneos*, Actar, Barcelona, 2004, p.211.



[I.43]



[I.44]



[I.45]

[I.43] a **[I.45]** Casas de Matosinhos: contraste entre os volumes brancos e o negativo, as aberturas, que são revestidas a madeira. Jogo claro das direções das coberturas.

uma enorme pormenorização, relacionando diversas funções. Como tal, a madeira é o material com maior influência e presença na casa, tanto ao nível das caixilharias, como no soalho e rodapés, e também em planos que sugerissem a continuidade deste.

Utilizava, ainda, a madeira escura numa tentativa de criar um ambiente de penumbra, que inspirasse proteção e amparo, em muito auxiliado pelo desenho de momentos e jogos de luz, captando assim a atenção do utilizador para com estes ou ainda para com o exterior.

- **Quatro Casas em Matosinhos**

"Voltando atrás, penso que tentei, mais do que aplicar uma linguagem pré-concebida, encontrar uma linguagem, com base num programa de compromisso entre o que eu pensava e o que os clientes queriam."[22]

A evolução na linguagem que as primeiras habitações de Siza apresentam, partiu destas mesmas, onde o gosto revivalista e o desejo de experiência se mostravam incontroláveis. Com imensos efeitos plásticos provenientes do gosto pela escultura e influência do arquiteto Távora, estas casas mostram, então, uma linguagem ainda muito experimental e prematura.

Materialmente, as obras aqui analisadas são construídas em paredes de alvenaria de tijolo e granito, recorrendo-se ao betão apenas nas lajes de primeiro piso e cobertura - revestida por telha - bem como, na estrutura porticada que as suporta, estando esta completamente escondida (à exceção da última casa, onde a escada de acesso entre os pisos envolve um pilar à vista). Esta combinação entre a estrutura tradicional de pedra e tijolo com o moderno pontual de betão, mostrando uma clara harmonia entre a tradição e a modernidade neste período de transição, evidenciar-se-á noutras habitações posteriores.

22 VIEIRA, Álvaro Siza, "Caro Nuno (Portas)", in *Álvaro Siza : scritti di architettura / a cura di António Angelillo*, Skira, Milano, 1997, p.147.



[I.46]



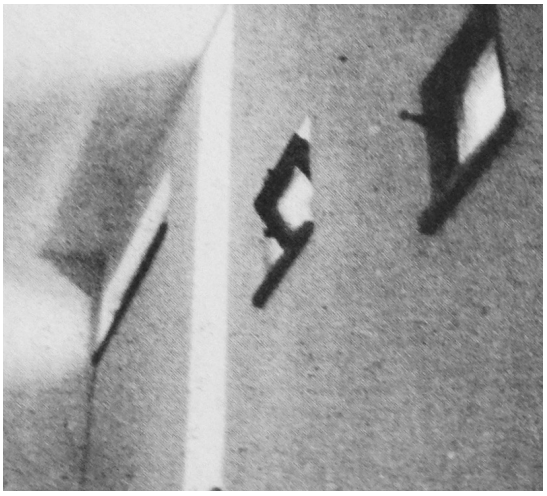
[I.47]



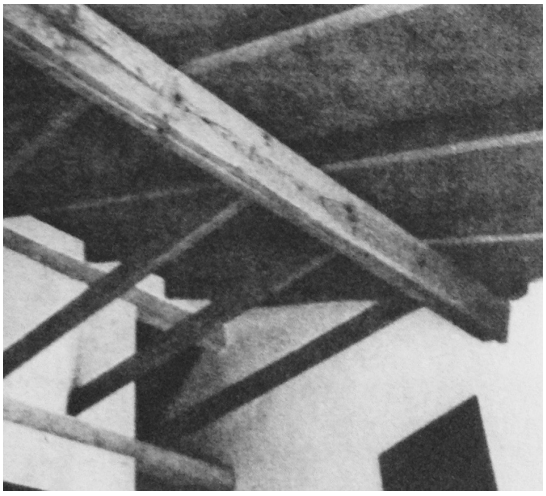
[I.48]



[I.49]



[I.50]



[I.51]

[I.46] Fachada da casa do gaveto a poente. **[I.47]** Capela de Notre-Dame du Haut em Ronchamp, de Le Corbusier. **[I.48]** a **[I.51]** Detalhes construtivos das casas de Matosinhos.

Nestas habitações, embora a massa definida pelos volumes brancos seja predominante, é de notar o seu negativo. Ou seja, as aberturas, que são, quase na totalidade, revestidas a madeira, distinguem-se com uma forte expressividade formal e material, passando a ser o foco de atenção nas habitações. Veja-se o exemplo claro da casa do gaveto a poente, onde a fachada parece mostrar um rosto, com cheios e vazios, rebocos e madeiras, janelas, escadas, óculos e cunhais, relembrando a capela Notre-Dame du Haut, em Ronchamp, do arquiteto Le Corbusier.

Ainda ao nível do exterior, a casa é rodeada por um percurso pavimentado, que define, de forma direta, o acesso às diferentes zonas. No pátio das traseiras, este pavimento é prolongado penetrando-se na relva, adquirindo um significado de expansão do espaço interior e fusão com o exterior.

Outra particularidade destas obras está, como anteriormente referido, no jogo dos telhados, cujas diversas águas opostas, e com a correspondente cota de cada piso, não se tocam numa cumeeira tradicional (com a exceção da casa central). Na casa da avenida a divergência das águas corresponde a dois volumes opostos: um voltado para o interior do terreno, ligado à área comum e ao pátio, e outro, no piso dos quartos, voltado para a rua. Por sua vez, nas duas casas geminadas, o telhado tradicional desenha-se abstrato, onde as duas águas apenas se cruzam virtualmente. A caleira de escoamento de águas é, nestas casas, evidenciada por uma grande fasquia prolongada pela própria caleira, adquirindo um carácter de remate dos telhados.

Estas obras são também exemplo do referido recurso à madeira escura, sendo os seus interiores revestidos a madeira, nomeadamente, nas molduras das portas e janelas, nos rodapés, pavimento, escadas e guardas, salientando-se assim o momento em que a massa branca, das paredes, se esconde e se desmaterializa.

O interior destas casas vive, então, de experiências espaciais, definidas por formas e funcionalidades. A luz natural que penetra de diversas maneiras, os desníveis no chão e no teto, ora plano devido à existência de um outro piso, ora inclinado devido à cobertura, ou até mesmo as escadas distintas e irreverentes, cada uma à sua maneira. A



[I.52]



[I.53]



[I.54]

[I.52] a **[I.54]** Casa Alves Santos e Casa Rocha Ribeiro: formas de habitar o espaço.

sala de estar é, então, o grande espaço onde essa diversidade se intensifica. Não só pela multiplicidade de materiais usados por si só, mas também por se conjugarem com os espaços que lá se fundem, tanto na penumbra como na luz intensa.

1.5. Os Sujeitos da Casa

> *"(...) o projecto é um personagem com muitos autores e faz-se inteligente apenas quando assim é assumido, e obsessivo e impertinente em caso contrário."*[23]

Uma casa, para ser uma casa autêntica, tem que viver de uma ocupação a tempo inteiro, logo tem que ser habitada.

Para Álvaro Siza tratava-se de uma questão decisiva e imprescindível. Embora seja um princípio extensivo a qualquer tipo de arquitetura, Siza defendia que a qualidade das habitações estava intrinsecamente ligada à presença humana. O cliente, como futuro habitante e como ser tipificado e idealizado, tem de estar absolutamente ligado à construção da casa. É portanto, uma condição essencial e específica, imprescindível na identidade da habitação.[24]

Para além disso, o projeto de uma casa deve responder e reordenar os desejos e aspirações da pessoa que a vai habitar, para que a mesma não se torne asfixiante. No entanto, é necessário manter uma certa distância e uma certa independência de tudo isto.

Para Siza, uma boa solução, não passa por obedecer, na totalidade, às exigências do cliente, nem tampouco dar uma resposta demasiado exata e limitada às suas vontades em certo momento, até porque a casa também tem vida, que por sinal, será tendencialmente

---

23 VIEIRA, Álvaro Siza, "Construir uma casa", in LLANO, Pedro de, CASTANHEIRA, Carlos, *Álvaro Siza: Obras e Projectos*, C.G.A.C., Madrid, 1995, p.61.

24 CIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, "Una auténtica casa", in CIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza: casas 1954-2004*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2004, p.13



[I.55]



[I.56]

[I.55] Varanda sobre a avenida. **[I.56]** Portão de entrada da casa do Mestre-Traineira.

longa. E, por vezes, os gostos dos clientes também se alteram com o passar do tempo. Deste modo, a casa não deve ser uma resposta fixa a um desejo momentâneo, mas antes ampliar e potenciar possibilidades várias em tempos diversos.

"Recordo uma casa na qual, depois de alguns anos, a família passou a ser mais pequena, e os proprietários disseram-me: 'fez uma casa muito incómoda, demasiado grande; gostaríamos de reduzi-la e encerrar alguns espaços" (...) Não fiz caso e, no final, não realizei nenhuma modificação. Depois de alguns anos a mesma pessoa veio ver-me: 'Arquitecto, fez uma casa onde não nos podemos mexer. Tenho que ampliá-la, como está é impossível', e o que tinha acontecido é que os filhos à sua vez haviam tido filhos, e encontravam-se na casa mais ou menos uma vez por semana."[25]

- **Quatro Casas em Matosinhos**

"(...) programa de compromisso entre o que eu pensava e o que os clientes queriam."[26]

Esta casa representa claramente duas vontades, a do cliente, o Mestre-Traineira, e a do arquiteto. Aqui o cliente assumia, exigia e ordenava. Ordenou uma varanda sobre a avenida e Siza desenhou-a. No entanto desenhou a varanda contrariado, uma vez que se tratava de um elemento que ele não gostava, e muito menos o desenharia por vontade própria, opondo-se completamente ao sentido introvertido da casa, ao se exibir de frente para a rua.

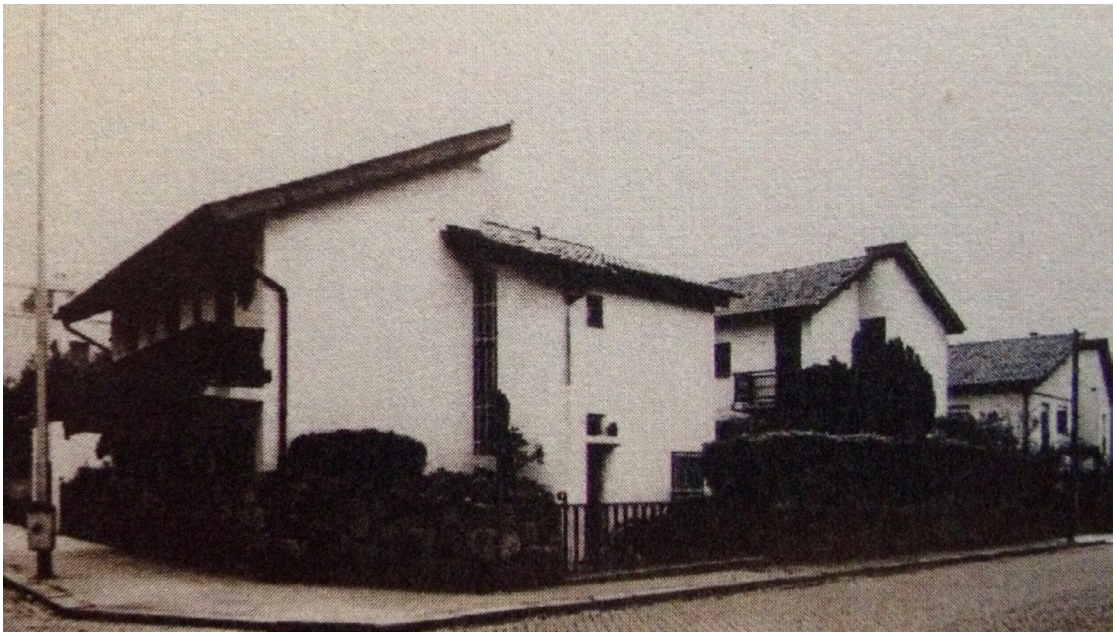
"(...) lembro-me que no dia da festa quando a família se instalou (provavelmente com umas sardinhas assadas...), passavam os grupos, que se chamavam na altura 'as mulheres de fábrica', cantando alegremente as casas mais feias de Matosinhos, e aquela varanda ficou deserta para o resto da vida."[27]

---

25 VIEIRA, Álvaro Siza, "Conversación sobre el tema de la casa", in ARTAL, Carmen, PUENTE, Moisés, *Álvaro Siza: Casas 1954-2004*, Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2004, p. 11.

26 VIEIRA, Álvaro Siza, "Caro Nuno (Portas)", in *Álvaro Siza : scritti di architettura / a cura di António Angelillo*, Skira, Milano, 1997, p.147.

27 VIEIRA, Álvaro Siza, "I – Matosinhos (6 projs.)", in CASTANHEIRA, Carlos, ALVES, Luís Ferreira, BILHETE, Vítor, *Álvaro Siza. Obras e projectos.,* produção Sinalvídeo, Porto, 2003, p.29-30.



[I.57]

[I.57] Vista geral das Quatro Casas em Matosinhos.

Outra vontade contrária à de Siza, ao seu modo de pensar e desenhar, seriam as cancelas - ou portão de entrada - que se revelam como o único elemento que suspende o muro, que por sua vez envolve as quatro casas, e que apenas é interrompido por estas cancelas que se abrem à rua.

Parafraseando Fernando Távora *"uma arquitectura tem qualquer coisa de cada um porque ela representa todos, e exactamente será grande, forte, viva na medida em que cada um possa revelar-se nela como um espelho denunciador das suas qualidades e defeitos"*[28].

1.6. A Rutura do Método

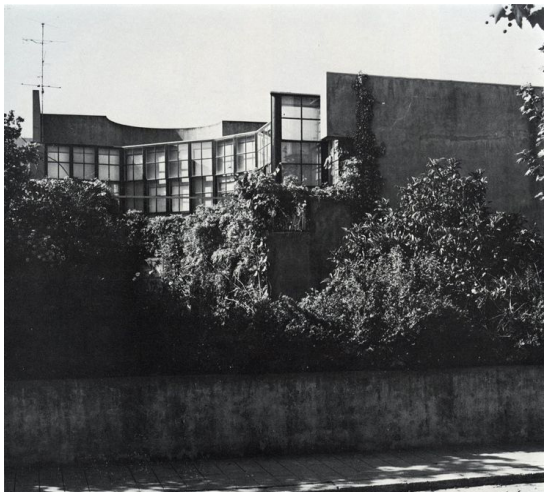
Numa época, em que a arquitetura moderna tentava ultrapassar a dualidade entre a tradição e a modernidade, ou seja, num período conturbado, onde se tentavam traçar percursos na arquitetura, que procurassem uma continuidade entre o passado, presente e futuro, um jovem Siza enfrentava a prática profissional pela primeira vez, ainda sem ter terminado o seu percurso académico.

As suas preocupações incidiam sobre problemas concretos, nomeadamente o local, a envolvente, a topografia, a história, os materiais, o programa. Esse trabalho partia de conhecimentos conquistados através das próprias experiências e das diversas referências que o arquiteto foi adquirindo, por vezes de forma inconsciente.

> *"A arquitectura tem que se transformar e isto também quer dizer que é necessário fazer uso de modelos. Se assim não fosse não seria transformação mas invenção. Eu não conheço nenhum exemplo para poder dizer que um arquitecto tenha inventado alguma coisa."*[29]

28 TÁVORA, Fernando, "O problema da arquitectura portuguesa", in *Cadernos de Arquitectura* (nº1), Lisboa, 1947, citado por TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Blau, Lisboa, 1993, p.12.

29 VIEIRA, Álvaro Siza, "A arquitectura mais interessante aparece onde as culturas se misturam intensivamente" (entrevista com Dorien Boasson), in CASTANHEIRA, Carlos, *Álvaro Siza: exposição: Arquitectura e renovação urbana em Portugal*, M.C., Lisboa, 1984, p.26.



[I.58]



[I.59]



[I.60]

[I.58] Casa Beires, Póvoa de Varzim. **[I.59]** Casa Avelino Duarte, Ovar. **[I.60]** Casa Vieira de Castro, Famalicão.

O caminho que Siza percorreu nesta primeira fase, onde desenvolveu uma linguagem compreendida nesta continuidade com a tradição e na introdução de novos conceitos, foi evoluindo, acabando por se libertar da mesma. O próprio chegou mesmo a tomar uma atitude de rutura com os primeiros exemplos, perante a má qualidade que algumas manifestações arquitetónicas iam sugerindo, interpretando a tradição de uma forma conservadora.

> *"A tentativa de controlar todo o projecto, a falta de maturidade da visão e da audição, fazem com que a intenção resulte híbrida, ingénua, fragmentada, caracterizando o risco (palavra que em português significa simultaneamente desenho e perigo).*
>
> *A este primeiro esforço remetem-se, não obstante e em certo modo, as obras posteriores, assim como o sentimento, rompendo a aparente coerência de uma linguagem fechada, de que só a larga experiência, desde outras bases, podem recuperar a espontaneidade perdida entre a fragilidade da primeiro obra."*[30]

O arquiteto afirma ainda que não tem um método próprio, nem tampouco um caminho a seguir. Cada projeto surge isolado, particular e experiencial, resultante de reflexões prolongadas, da maturação do projeto, ou até mesmo de um momento de inspiração.

> *"Dizem-me (alguns amigos) que não tenho teoria de suporte nem método. Que nada do que faço aponta caminhos. Que não é pedagógico. Uma espécie de barco ao sabor das ondas que inexplicavelmente nem sempre naufraga (ao que me dizem também). Não exponho excessivamente as tábuas dos nossos barcos, pelo menos em mar alto. Por demais têm sido partidas. Estudo correntes, redemoinhos, procuro enseadas antes de (ar)riscar. (...) Não me atrevo a pôr a mão no leme, olhando apenas a estrela polar. E não aponto um caminho claro. Os caminhos não são claros."*[31]

---

30 VIEIRA, Álvaro Siza, *Álvaro Siza : scritti di architettura / a cura di António Angelillo*, Skira, Milano, 1997.

31 VIEIRA, Álvaro Siza. "Oito Pontos", in MORAIS, Carlos Campos (Ed.) *01 Textos Álvaro Siza*, Civilização Editora, Porto, 2009.



[I.61]



[I.62]

[I.61] Retrato de Eduardo Souto de Moura. **[I.62]** O processo SAAL, 1974-1976.

2. A CASA EM EDUARDO SOUTO DE MOURA

Eduardo Souto de Moura matriculou-se na Escola de Belas Artes do Porto em 1970 e colaborou com Siza Vieira ainda enquanto estudante. Este período de colaboração aconteceu na pós-revolução, tendo Souto Moura participado nas operações SAAL[32]. Ainda durante a sua formação, o arquiteto tomou particular atenção a Aldo Rossi[33], um dos fundadores do neo-racionalismo[34] italiano.

Para este arquiteto, Souto Moura, o que parecia importar seria resolver os programas encontrando as formas, os sistemas construtivos e os mecanismos conceptuais mais adequados e, ainda, poder refletir sobre a arquitetura por si próprio. Adotava então, uma linguagem racional, composta por regras e princípios pelos quais se regia para pensar e fazer arquitetura.

No início da década de 80, revela-se muito interessado em Mies Van der Rohe numa busca pela 'arquitetura ideal'. Ao catalogar o Modernismo como uma continuidade do classicismo[35], Souto Moura procura produzir respostas exatas aos projetos, adotando uma metodologia de implantar e construir, recuperando a utilização de materiais da arquitetura popular. A linguagem por si adotada, pura e abstrata, fez com que o próprio fosse capaz de resolver os programas funcionais da sua arquitetura.[36]

---

32 SAAL – Serviço Ambulatório de Apoio Local. Tutelado pelo MFA (Movimento das Forças Armadas), o SAAL envolveu uma série de agentes, tais como arquitetos, engenheiros, sociólogos, entre outros, de modo a visar a dignificação da habitação social.

33 Arquiteto e teórico italiano, nascido em Milão em 1931. Conhecido por usar formas puras: cubo, esferas, cones. Das obras mais emblemáticas são exemplo: o Teatro Carlo Felice, o Teatro La Fenice, o Cemitério de San Cataldo, entre outras.

34 Movimento que procurava rever as premissas do movimento moderno, cruzando-as com referências culturais, numa tentativa de fuga ao universalismo determinado pelo desenvolvimento tecnológico e funcionalista, pelo sistema económico social, e pelo consumismo superficial.

35 Movimento que vai buscar à antiguidade greco-romana, os seus modelos e fontes de inspiração.

36 SILVA, Helena Sofia, SANTOS, André, *Souto de Moura*, Quidnovi, Vila do Conde, 2011, p.13.



[I.63]

[I.63] Vista frontal da Casa 1 em Nevogilde de Eduardo Souto de Moura.

"A tensão, a contraposição, o jogo de forças, serão uma constante da sua linguagem. Cheio e vazio, interior e exterior, polido e rugoso, fechado e aberto, positivo e negativo, em aproximações e recuos, numa demanda ontológica, fundamental, acerca do que é a arquitectura."[37]

Os primeiros anos autónomos de Eduardo Souto Moura definem-se pela pequena escala da arquitetura doméstica, considerando o próprio que "*desenhar uma casa é um ato esquizoide de reduzir o mundo a um objeto vital*"[38]. Estas primeiras experiências da sua carreira profissional, no âmbito da moradia unifamiliar, seriam em busca de um modelo ou sistema linguístico e construtivo: habitações marcadas pela forma retangular dos planos opacos e superfícies em vidro. Um modelo que se referenciaria e que assumiria uma estreita relação com a arquitetura de Mies Van der Rohe.

A arquitetura doméstica surge, então, como um laboratório experimental da representação do discurso entre a tradição e a inovação. Um estudo da tipologia, do esquema distributivo, da íntima relação entre os espaços interiores e exteriores, como uma pesquisa crítica sobre o património histórico da arquitetura popular.

"Os pequenos trabalhos, as encenações, o design tornam-se como laboratórios experimentais sobre o estudo das estruturas e dos espaços."[39]

Eduardo Souto de Moura construiu, em 1982, a sua primeira moradia na Rua do Padrão, em Nevogilde. Já anteriormente, tinha executado outros projetos domésticos, como por exemplo o projeto de remodelação de uma casa em Guimarães, em 1977, ou a remodelação de uma ruína no Gerês, em 1980. No entanto, esta seria a sua primeira casa construída de raiz e assumia-se como uma oportunidade para fundamentar, com um exemplo real, temas como a materialização, a organização do espaço doméstico, a dimensão espacial, a preexistência, a envolvente, o pátio, o muro.

---

37 SILVA, Helena Sofia, SANTOS, André, *Souto de Moura*, Quidnovi, Vila do Conde, 2011, p.13.

38 MOURA, Eduardo Souto de, "Casas", in *Eduardo Souto de Moura*, Electa, Milano, 2003, p.92.

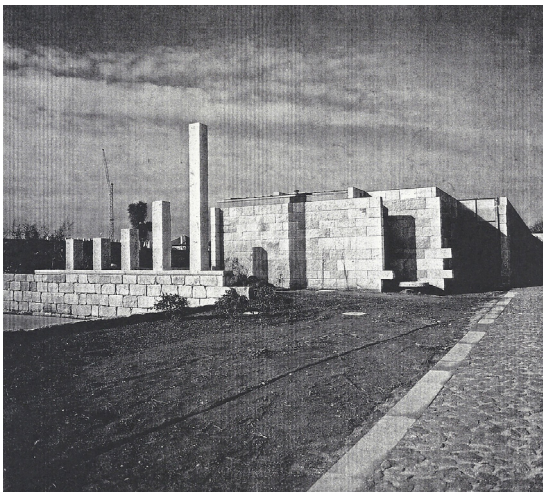
39 TRIGUEIROS, Luiz, *Eduardo Souto Moura*, Blau, Lisboa, 1994, p.20.



[I.64]



[I.65]



[I.66]

[I.64] Casa em Alcanena, Torres Novas: sítio de implantação **[I.65]** Casa em Moledo do Minho, Caminha: integração no meio rochoso e paisagem envolvente. **[I.66]** Casa 2 em Nevogilde, Porto: implantação e integração do tema da ruína.

2.1. O Sítio

"(...) o sítio é aquilo que se quer que ele seja."[40]

Marcando uma posição no espaço físico, o sítio torna-se indispensável para a concretização da arquitetura. No entanto, o sítio para Souto de Moura não passa de um instrumento. Manifestando-se, porém, como um instrumento tão importante quanto todas as outras componentes que intervêm num projeto.

Para o arquiteto a solução não está no sítio, e este não funciona como uma entidade objetiva, como muitos afirmam, mas sim na cabeça das pessoas e no próprio arquiteto, enquanto responsável pela conceção de um espaço físico.

O sítio constitui-se então, como uma das várias ferramentas utilizadas pelo arquiteto para construir um "texto", uma vez que o considera de pré-texto, ou por outras palavras, um instrumento capaz de suscitar muitas interpretações e possibilidades. Para além disso, pode ainda oferecer pequenas referências, que vão além dos limites do terreno, dos dados topográficos e geográficos. Referências tais como "*um muro, uma árvore, um penedo...*"[41]. Deste modo, trata-se de conhecer o contexto (ou pré-texto) de forma a evidenciar a essência do objeto.

Ainda nas suas primeiras obras, Souto Moura parece perseguir o tema da ruína, dando uma enorme atenção às pré-existências, uma vez que estas mostram sinais concretos de cultura e tradição.

Deste modo, procura reconhecer o que existe, interpretando o lugar, identificando os seus limites e, atando os seus aspetos pertinentes, de forma a conceder ao sítio a arquitetura que o vai transformar. Este encara, ainda, o sítio como uma realidade disponível para ser adaptada e trabalhada, aceitando a sua livre transformação como

40 MOURA, Eduardo Souto de, "Ambição à Obra anónima", in *Eduardo Souto Moura*, Blau, Lisboa, 1994, p.28.

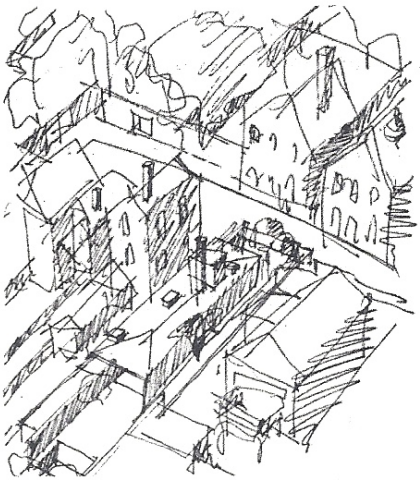
41 MOURA, Eduardo Souto de, "Ambição à Obra anónima", in *Eduardo Souto Moura*, Blau, Lisboa, 1994, p.28.



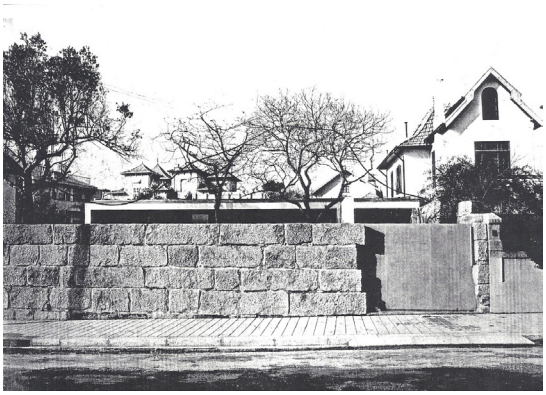
[I.67]



[I.68]



[I.69]



[I.70]



[I.71]



[I.72]

[I.67] Vista aérea da freguesia de Nevogilde. **[I.68]** Vista aérea do quarteirão da Casa 1 e envolvente próxima. **[I.69]** Esquisso de enquadramento na envolvente. **[I.70]** Diferença entre a altura do muro de granito e a cércea da construção. **[I.71]** Perfil da rua do Padrão, sentido descendente. **[I.72]** Último tramo da rua, com habitações unifamiliares de dois pisos de altura.

condição fundamental, mas considerando que a sua manipulação pode conduzir ao equilíbrio entre a arquitetura e a natureza.

- **Casa 1 em Nevogilde**

A casa insere-se numa zona residencial da freguesia de Nevogilde caracterizada por uma malha urbana ortogonal, mais particularmente num pequeno lote de, aproximadamente, 654m^2, usufruindo de uma orientação solar a sudeste, fazendo com que todas as fachadas sejam iluminadas naturalmente.

O perfil da rua do Padrão altera-se constantemente com os avanços e recuos das implantações. Estas, ora se encontram na face do passeio, encostadas entre si, ora dispõem de um alinhamento recuado, assim como a Casa 1. No entanto, esta rua caracteriza-se, na maioria, por habitações unifamiliares com dois pisos de altura, envolvidas em espaços verdes, concedendo à rua alguma uniformidade. O último tramo da rua, onde a obra se insere, apresenta uma reduzida circulação automóvel, visto ser uma rua sem saída, contribuindo assim, para uma maior privacidade e serenidade da zona.

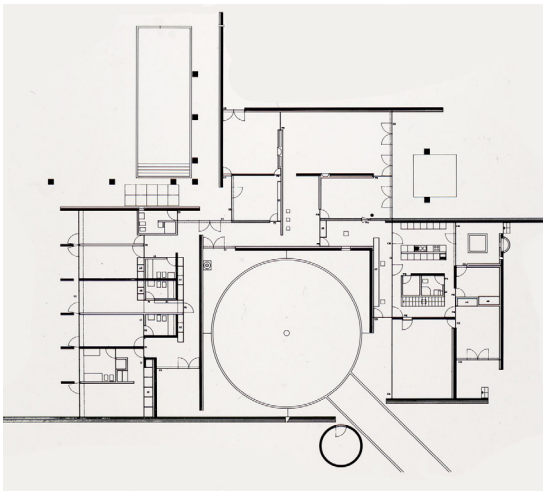
A casa encosta-se, assimetricamente, ao lado nordeste do terreno, apenas ligeiramente recuado da face da rua, o que lhe permite libertar um maior espaço nas traseiras do mesmo. Por imposição da Câmara Municipal do Porto, respeita o alinhamento das casas vizinhas face ao muro exterior, o que lhe confere uma estreita faixa verde do lado interior.

O muro de granito, que já caracterizava a delimitação do terreno, esconde a construção, uma vez que o arquiteto opta por construir *"um projecto com um só piso, em que a casa encosta ao muro de separação e cuja cércea apenas ultrapassa em 0,70m a altura do muro em pedra"*[42]. Por sua vez, afirma-se tratar de uma pré-existência devido ao tratamento inacabado da ombreira do portão de acesso à garagem, onde as pedras

42 MOURA, Eduardo Souto de, "Memória Descritiva", in *Licença nº 87 de 21 de fevereiro de 1984 do Arquivo Municipal da Câmara do Porto*, 1982, p.3.



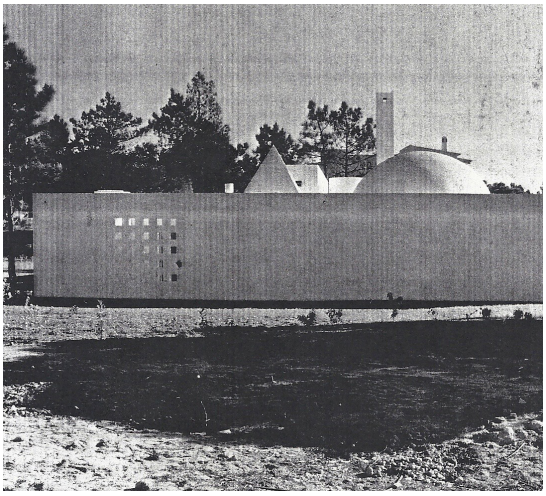
[I.73]



[I.74]



[I.75]



[I.76]

[I.73] Casa em Alcanena: volume fechado em contraponto com a baertura dos vãos. **[I.74]** Planta da casa em Alcanena: o muro como elemento organizador do espaço. **[I.75]** Casa no Bom Jesus, Braga: volumes fechados. **[I.76]** Casa na Quinta do Lago, Almansil: forte sentido neoplástico.

terminam consoante os alinhamentos da contrafiada, transpondo, deste modo, uma imagem de inacabado e, na entrada principal, onde se reutilizam as duas ombreiras de granito.

2.2. A Organização Espacial

Para Souto de Moura, a organização do espaço doméstico parte da articulação de volumes fechados e hierarquicamente organizados, dispostos perpendicularmente à fachada de vidro. Segue, portanto, uma atitude típica da arquitetura tradicional.

Contudo, ao apresentar um discurso de renovada contemporaneidade, o arquiteto constrói uma arquitetura entre a afirmação dos valores da inovação e a integração de elementos da cultura tradicional. Permitindo, deste modo, dar continuidade ao ensinamento de Fernando Távora, até então seguido por Álvaro Siza Vieira.

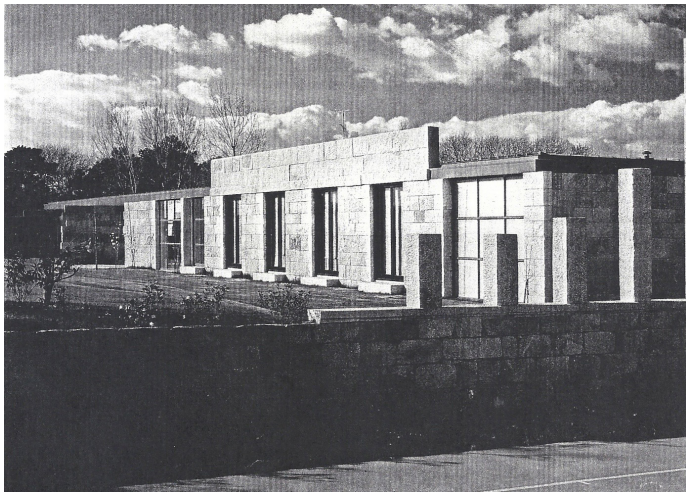
Numa primeira fase, o muro apresenta-se como elemento organizador do espaço, assumindo o papel principal. Este desenho de arquitetura mostra claras referências à obra de Mies Van der Rohe. Motivadas pelo forte sentido neoplástico, as obras de Souto de Moura constituem-se como "*composições abstractas de texturas, objectos e cores*"[43], onde os planos verticais são articulados entre si ortogonalmente, ora confinando os limites da construção quando intersetados, ora definindo as aberturas de contacto com o exterior, quando afastados. A disposição interior dos espaços mantém-se, portanto, autónoma relativamente às paredes exteriores da construção.

> *"Há 14 anos, desde o 'meu' primeiro projecto que continuo sempre a desenhar a mesma casa, como se de uma obsessão se tratasse. Embora sempre iguais, são diferentes, porque os sítios e as pessoas assim o merecem. Começo sempre por projectar a mesma casa, para a mesma pessoa (...)"*[44]

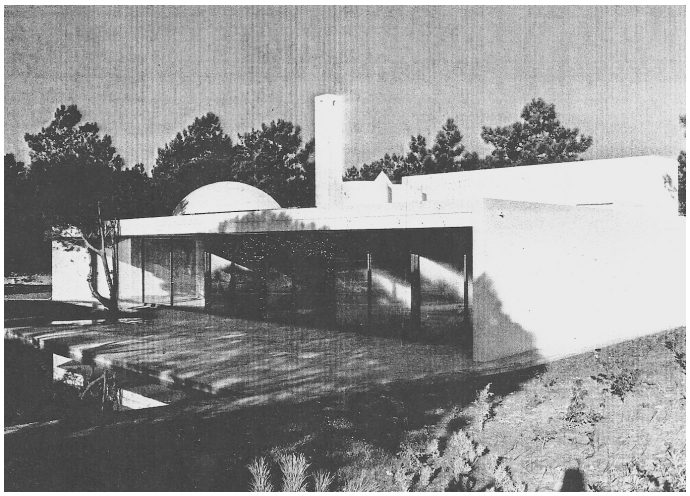
---

43 MOURA, Eduardo Souto de, "Entrevista Bibliográfica" (entrevista com Monica Daniele), in MOURA, Eduardo Souto de*, Eduardo Souto de Moura*, Electa, Milano, 2003, p.436.

44 MOURA, Eduardo Souto de, "Casas", in *Eduardo Souto de Moura*, Electa, Milano, 2003, p.92.



[I.77]



[I.78]



[I.79]

[I.77] a **[I.79]** Casa 2 em Nevogilde, Casa na Quinta do Lado e Casa-Pátio em Matosinhos: exemplos do modelo adotado pelo arquiteto, nos primeiros anos de prática profissional.

Tendo em conta as semelhanças conceptuais do conjunto de casas que o arquiteto construiu nos primeiros anos da sua prática profissional, poderá dizer-se que constituem um primeiro grupo, onde uma das características principais se detém no modelo arquitetónico por ele idealizado. Um modelo que parecia respeitar sempre o princípio de "*prisma deitado, de pedra e betão, de um só piso e uma só altura, com um plano longitudinal aberto em vidro, paralelo a um outro, posterior e fechado, e de planta aberta nas zonas sociais*"[45].

"A tipologia, quase sempre só de um piso (integra-se melhor) varia com as geografias. No norte as casas são estreitas e compridas, com um longo corredor fechado para o exterior, por um muro que continua e define o perímetro do lote (...)"[46]

No entanto, anos mais tarde, já na década de 90, Souto Moura consciente da necessidade de abandonar a autonomia da forma e o esquematismo da composição, prende-se com o objetivo de se aproximar às qualidades mais notáveis das obras de Álvaro Siza e Fernando Távora. Ou pelo menos, as que o próprio considerava assim o serem: maior naturalidade na arquitetura conjugada com um profundo sentido de conforto.

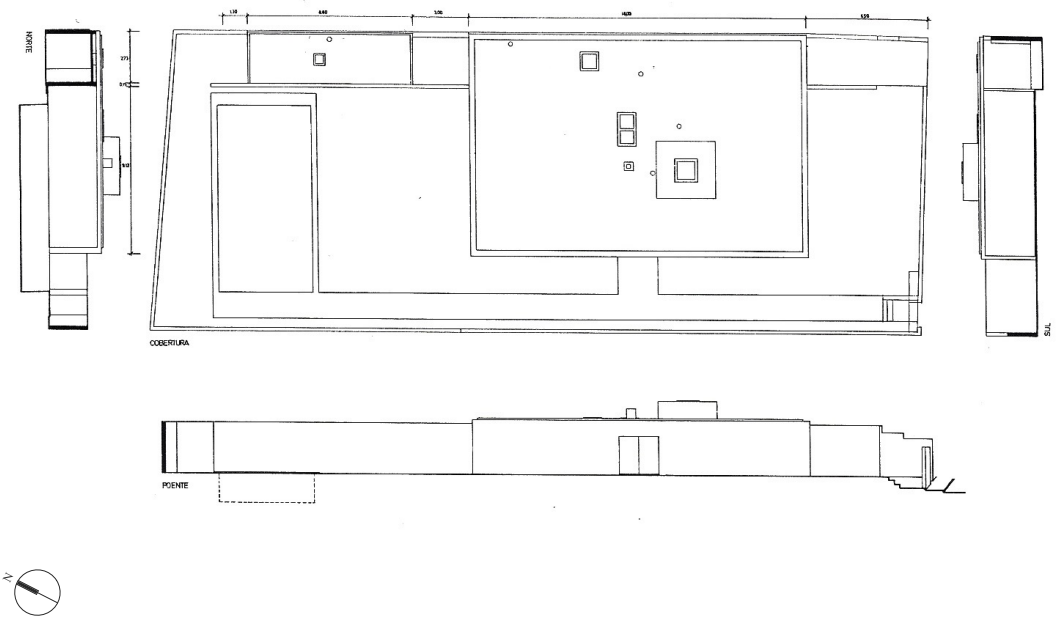
"Em muitas das minhas casas, principalmente da fase inicial, quando se abre uma porta percebe-se tudo. (...) Não existe nenhum efeito surpresa."[47]

Souto Moura procurou, portanto, soltar-se de um conjunto de regras e de uma intensa rigidez dos sistemas lógicos, configurando um novo grupo de casas, aparentemente mais extrovertidas, onde a audácia e a imponência se destacavam, colocando-se no terreno com altivez e, exibindo a volumetria fragmentada. O programa era, frequentemente, distribuído por vários pisos a diferentes cotas. E as casas eram projetadas tendo em conta perspetivas exteriores, dialogando diretamente com a envolvente.

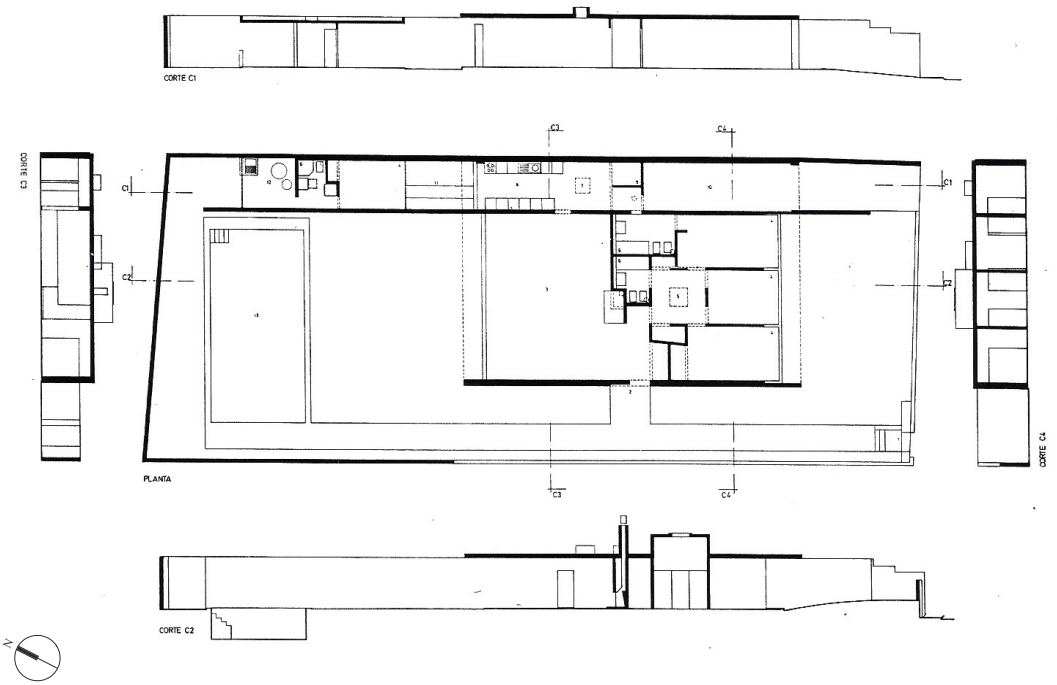
45 SILVA, Helena Sofia, SANTOS, André, *Souto de Moura*, Quidnovi, Vila do Conde, 2011.

46 MOURA, Eduardo Souto de, "Casas", in *Eduardo Souto de Moura*, Electa, Milano, 2003, p.92.

47 MOURA, Eduardo Souto de, (entrevista com José Adrião e Ricardo Carvalho) in *Eduardo Souto Moura*, JA 225, 2006, p.61.



[I.80]



[I.81]

[I.80] e **[I.81]** Planta de coberturas e planta de piso térreo da Casa 1, respativamente.

- **Casa 1 em Nevogilde**

Integrando-se no primeiro grupo de habitações de Souto Moura, a casa 1 em Nevogilde mostra-se bastante eficiente tanto na economia de espaço, bem como na simplicidade programática. A composição da construção faz-se sentir ao longo dos eixos longitudinais marcados em planta e, apresenta-se numa métrica ortogonal com três metros de lado, dividindo as principais áreas da casa.

O programa da casa é distribuído num só piso, implantando-se, estrategicamente, no interior do lote, onde apenas o muro de granito à face do passeio limita o espaço entre público e privado. Adotando portanto, à semelhança de Siza Vieira, um modelo "introvertido".

Por sua vez, o facto do programa se distribuir num único piso, permite estabelecer diferentes níveis de convivência. A entrada da casa liga-se diretamente, embora de forma controlada, com a sala de estar e com um pequeno espaço de distribuição da zona de dormir. A zona de carácter mais social, a sala, abre-se para o espaço amplo e ajardinado das traseiras através de um grande plano envidraçado, possibilitando a ligação direta com o mesmo. Por sua vez, as área mais privadas da casa, três quartos de dormir e instalações sanitárias viram-se, contraditoriamente, para o espaço público, desenvolvendo desta forma, uma zona recatada com maior intimidade e discrição de frente para a rua.

A estrutura doméstica determina-se, assim, numa organização central, onde as áreas principais se estendem para lados opostos do volume, o interior e o exterior do lote.

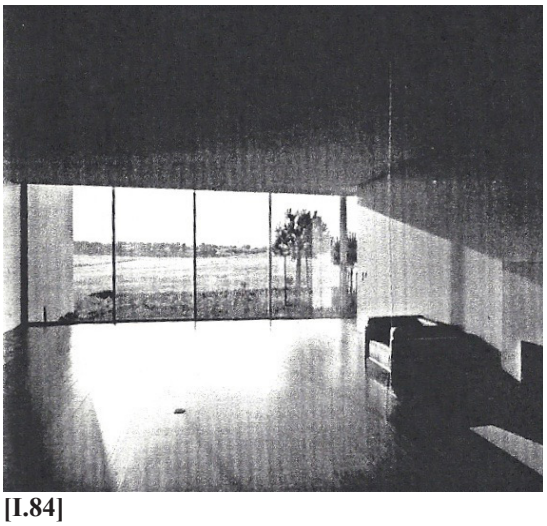
Este esquema espacial central permite, ainda, reduzir ao mínimo o espaço de circulação, uma vez que o acesso principal se faz a eixo do volume e o espaço de distribuição, centra-se nesta mesma área, possibilitando um acesso direto aos diversos compartimentos da casa.



[I.82]



[I.83]



[I.84]

[I.82] a **[I.84]** Casa em Moledo do Minho, Casa no Bom Jesus e Casa em Alcanena: continuidade espacial entre o interior e o exterior.

À exceção dos serviços, que se acedem pela garagem, através de um percurso paralelo e independente do resto da casa, estando apenas a cozinha ligada à sala, através de uma porta. Estes espaços definem uma faixa que se prolonga por quase todo o terreno, contida entre dois muros. O primeiro de limite do terreno, o muro da casa vizinha, e o segundo, um "falso" muro, que omite esta faixa, e que faz de charneira entre os serviços e o resto da casa. Estes espaços apresentam-se enriquecidos de luz zenital e são interrompidos por um pequeno pátio em vidro que se relaciona, diretamente, com a cozinha.

Por fim, a colocação da piscina encostada ao limite posterior do terreno com o desenho do percurso de entrada associado, parece reforçar a ideia que o espaço doméstico incorpora todo o terreno, mais uma vez, remetendo para os projetos conceptuais de Mies sobre as Casas-Pátio[48].

2.3. Os Espaços de Transição

Outra importante característica do espaço doméstico projetado por Souto de Moura, é o interesse pela continuidade espacial entre o interior e o exterior (típico da casa-pátio) onde o arquiteto recorre, frequentemente, ao uso de planos totais de vidro, voltando as principais zonas domésticas para o exterior privado.

Esta realização espacial contínua é assegurada pelo prolongamento dos planos de teto e das paredes para lá dos limites interiores e, ainda, pela eliminação da padieira. Opção que resulta também da expressão plástica pretendida, bem como, da comodidade e conforto doméstico.

O modo como se encontram publicamente retraídas, também ajuda a conservar esta relação interior-exterior. Estas casas recusam exibir-se ao público, preservando-se

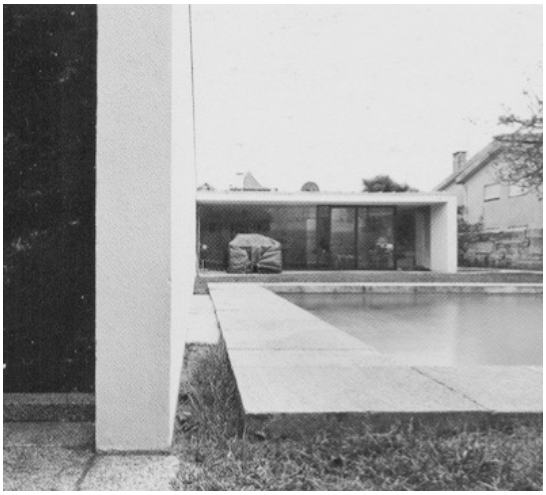
48 Conjunto de casas projetadas pelo Arquiteto Mies Van der Rohe ao longo de oito anos (desde 1931 até 1938) Todas partilhavam de características semelhantes, tais como: o uso do vidro associado à planta livre, a forte relação interior/exterior, a continuidade espacial, a individualidade de cada obra, entre outras.



[I.85]



[I.86]



[I.87]



[I.88]



[I.89]

[I.85] Entrada principal e entrada de acesso à garagem. **[I.86]** Pátio dos quartos e relação visual entre o percurso principal e o acesso à garagem. **[I.87]** Muro de charneira entre os grandes grupos organizativos da casa. **[I.88]** Percurso de entrada e ligação entre os pátios. **[I.89]** Continuidade espacial entre a sala de estar e o pátio.

apenas para os seus próprios habitantes, revertendo a favor de uma maior privacidade da mesma e, consequentemente, dos clientes. São, então, concentradas num único piso térreo e pensadas intramuros. Organizam-se programaticamente em função das suas grandes aberturas, utilizando a envolvente como uma referência preeminente.

Ainda relativamente aos espaços de transição, é de salientar a importância do muro nas obras de Souto de Moura, prolongando-se para lá dos limites do volume, e oferecendo às construções um sentido de continuidade espacial, de modo a permitir a diferenciação entre os vários espaços com diferentes usos na envolvente - desde serviços ou entrada, ao espaço social e privado.

- **Casa 1 em Nevogilde**

Na casa da Rua do Padrão existem duas entradas: a principal, junto do limite poente, uma pré-existência que dá acesso ao jardim; e do lado oposto, a entrada de serviço que se liga com a garagem. Estes dois percursos não se unem, apesar de manterem o contacto visual entre ambos, sendo separados pelo pátio dos quartos. Deste modo, fazem parte integrante da organização compositiva do conjunto arquitetónico do lote.

O muro, como anteriormente referido, aparece aqui como charneira entre os dois grandes grupos organizativos da casa. Ao atravessar o lote, separa, na frente da casa, a garagem dos quartos, e nas traseiras, os serviços do espaço exterior da sala (espaço este definido pelo próprio). Este elemento parece, então, querer excluir a zona de serviços do esquema principal de distribuição da casa. No entanto, se por um lado está situado à margem da organização do resto da casa, por outro, liga-se diretamente à sala, aludindo, hesitantemente, a uma organização moderna.

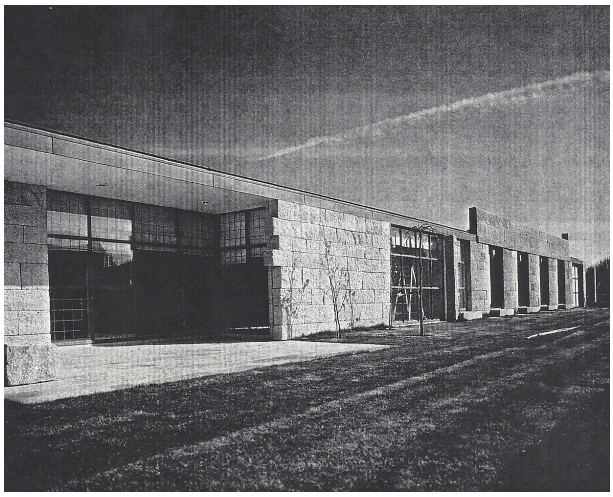
O facto da casa estar apoiada apenas num dos muros laterais que delimitam o terreno, proporciona uma libertação bastante generosa de área em seu redor. Assim sendo, a casa é envolvida e acolhida por esta área, tornando-se num amplo espaço verde no qual surgem dois generosos pátios. Um mais controlado e tímido na frente dos quartos, apenas com uma linha de árvores separando-o visualmente do espaço público, e outro



[I.90]



[I.91]



[I.92]

[I.90] a **[I.92]** Casa em Moledo do Minho, Casa em Alcanena e Casa 2 em Nevogilde: sentido expressivo dos materiais e lógica do negativo/positivo, onde tudo é aberto ou fechado.

nas traseiras, um espaço generoso de estar e convívio, realçado pela piscina encostada no fundo do terreno. O espaço estreito e contínuo a poente, para além de acolher o percurso de acesso principal à casa, estabelece, também, a passagem exterior entre estes dois pátios.

2.4. A Linguagem Arquitetónica

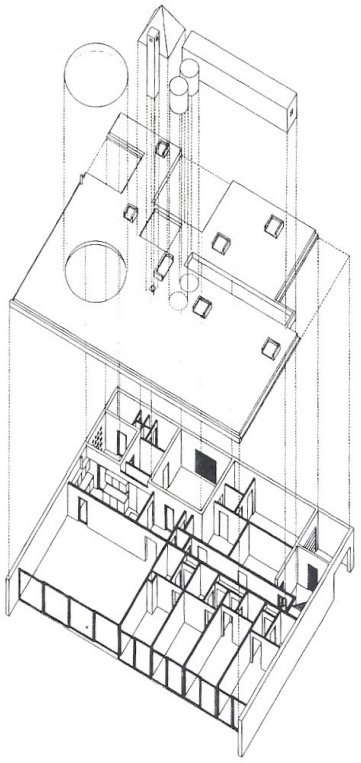
Estimulado pelas técnicas construtivas conquistadas pelo Movimento Moderno, Eduardo Souto de Moura debruçava-se, nesta altura, sobre um sistema que lhe permitisse explorar o real sentido expressivo dos materiais e que lhe assegurasse a independência entre a estrutura e o revestimento - a parede dupla. Ainda, entusiasmado pelos traços da realidade local, o arquiteto usava nas suas obras, a pedra, o tijolo ou a madeira, numa tentativa de alcançar os meios que se encontravam à disposição e que se ligavam a um modo de fazer comum.

Por sua vez, estes materiais, destituídos de uma função estrutural resistente, constituem a chamada "pele" do edifício de que Souto Moura tanto procurava. Desempenhando, assim, um papel determinante na expressão arquitetónica das suas obras, bem como na caracterização dos espaços.

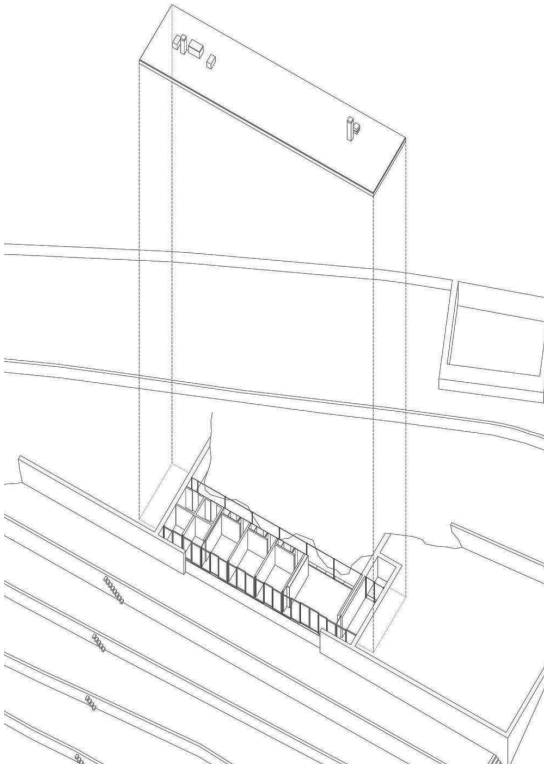
Esta "arquitetura da pele" permite então, como anteriormente referido, autonomizar o sistema estrutural e a disposição interior dos espaços relativamente à configuração das paredes exteriores do edifício.

"(...) de um rigor inigualável, não é minimalista nem silenciosa, antes de generosos usos dos meios expressivos."[49]

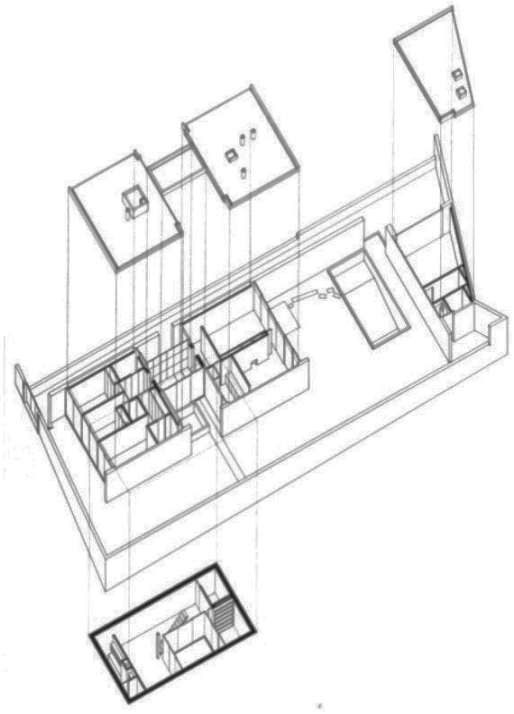
49 COSTA, Alexandre Alves, "Reconhecer e dizer", in COSTA, Alexandre Alves, *Textos Datados*, edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra, 2007, p.93.



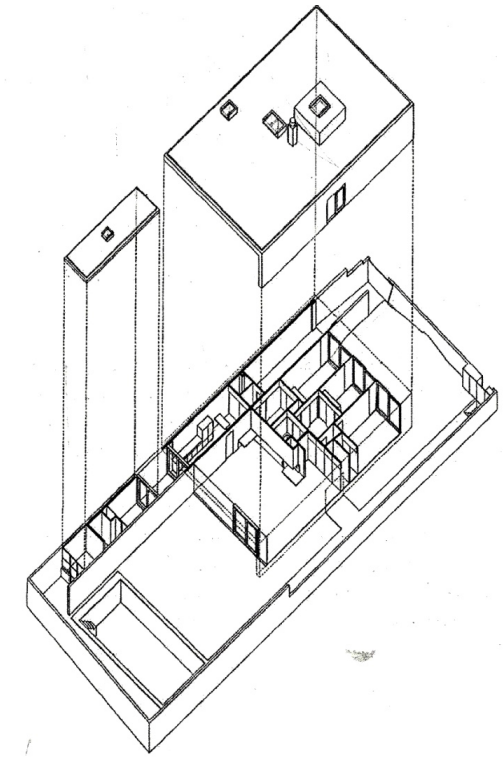
[I.93]



[I.94]



[I.95]



[I.96]

[I.93] a **[I.96]** Axonometrias da Casa da Quinta do Lago, Casa em Moledo do Minho, Casa em Nogueira da Maia e Casa 1 em Nevogilde: forma ortogonal e simplicidade volumétrica das casas, as "caixas".

Os muros de granito conquistam lugares de destaque nestes projetos, mas no interior do lote, são as paredes rebocadas ou os grandes planos de vidro que se salientam. Trata-se da lógica do negativo/positivo, onde tudo é aberto ou, pelo contrário, tudo é fechado. Quando aberto, os planos de vidro enquadram-se dentro dos limites entre a laje de cobertura e a do pavimento.

Por sua vez esta abertura prende-se com o facto de existirem duas grandes variantes quanto ao tipo e forma da casa quando relacionadas com o exterior: a casa térrea aberta nas suas frentes mais extensas quando a paisagem é ampla e vasta, no sentido de a absorver o máximo possível; e a casa térrea aberta nos seus lados menores, tipicamente urbana, onde a paisagem se confina ao espaço fechado do lote entremuros.

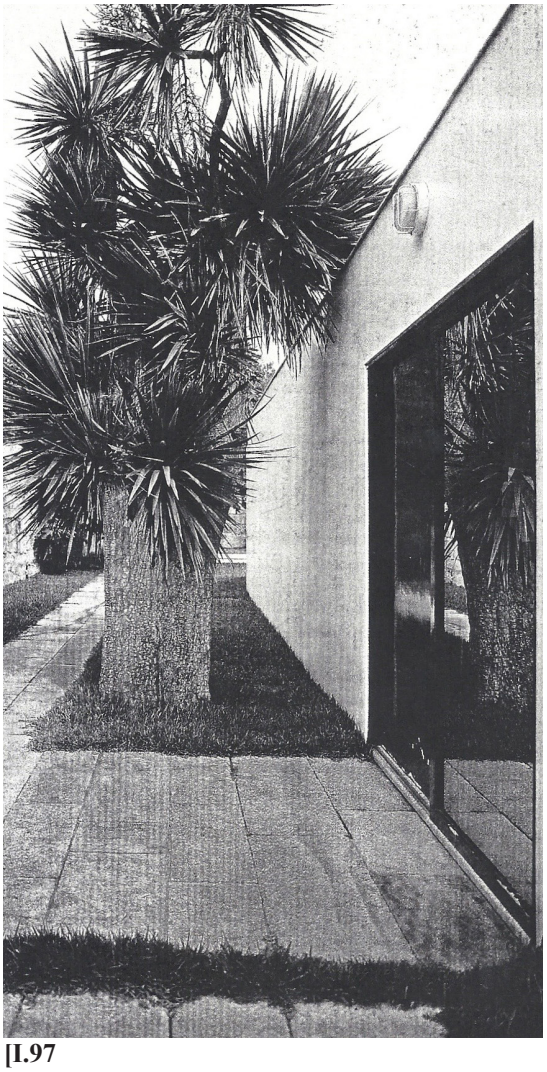
Estes últimos ainda rivalizam com outra forma muito importante na arquitetura de Souto Moura, "as caixas". Isto é, a forma ortogonal das próprias casas, caracterizadas por uma simplicidade volumétrica e pela ausência de torções.

- **Casa 1 em Nevogilde**

"O pátio tem umas portas dispostas com regularidade nas quatro esquinas e o desenho do pormenor da caixilharia prossegue no desenho do pavimento até formar um quadrado central; a clarabóia iminente é o negativo do quadrado. Isto é marca uma regra muito forte, sem variações, então coloquei um espelho e continuei o jogo até ao infinito."[50]

Caracterizada por uma expressão elegante e uma intensidade aguçada, a Casa 1 em Nevogilde é constituída por paredes rebocadas, que se opõem ao granito dos muros que contêm o lote. Na entrada, o Arquiteto desenha em negativo na fachada, o quadrado presente no percurso, ou seja, duplica o vão da porta, pintando-o da mesma cor de modo a criar a ilusão de um vão maior.

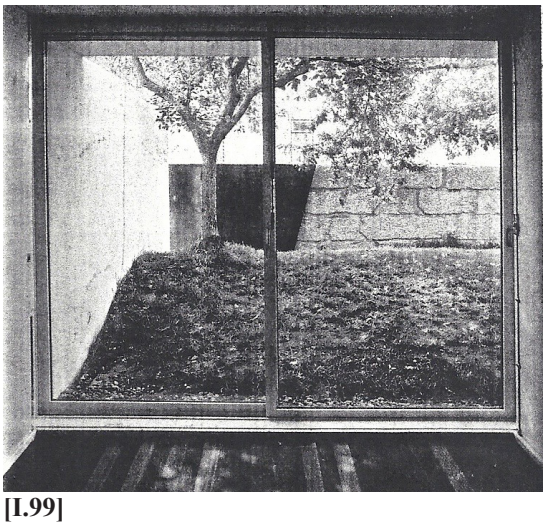
50 MOURA, Eduardo Souto de, "Casa em Nevogilde", in *Eduardo souto de Moura*, Electa, Milano, 2003, p.142.



[I.97



[I.98]



[I.99]

[I.97] Quadrado do vão da porta duplicado no percurso de entrada. **[I.98]** Hall dos quartos revestido em painéis de madeira. **[I.99]** Grande plano envidraçado numa das zonas íntimas da casa.

Ainda no hall de entrada, e embora seja este contíguo à sala de estar, Souto Moura procura distingui-lo com o desenho de uma área reentrante, alinhada pelo eixo da entrada. Este espaço, revestido a painéis de madeira, dissimula a entrada para o hall dos quartos, uma vez que o avanço criado pela lareira da sala, desenvolve um recanto no vértice do primeiro hall. Por sua vez, o facto de ser revestido a madeira, torna-o quente, acolhedor e unido, em contraste com a área restante da sala, profundamente branca e amplamente aberta.

O desenho do espaço respeita um estilo muito "miesiano", onde as janelas dão lugar a planos de vidro nos alçados principais da casa, o anterior e o posterior, contrapondo com as fachadas laterais cegas, continuas e extensas, interrompidas apenas na porta de entrada.

"Projectei-a no período que iniciava o meu interesse pelos herdeiros de Mies."[51]

Os grandes planos envidraçados e transparentes, usados de forma quase indiscriminada tanto nas zonas sociais como nas privadas, deve-se, mais uma vez, ao facto da casa estar entremuros e distribuída apenas num piso. Trata-se de uma postura introvertida do próprio arquiteto, como anteriormente referido, numa tentativa de conceder aos habitantes uma maior privacidade e uma maior liberdade de movimentos, afastando-os da visibilidade pública. Esta abertura corresponde, ainda, ao grupo de casas térreas abertas nos seus lados menores, por razões óbvias. Pois, a casa não se abre para uma paisagem longínqua, mas sim para espaços exteriores contidos, entremuros, numa zona urbana da cidade.

Por último, a casa 1 traduz uma complexa contradição no que respeita à aparência exterior, uma vez que a mesma ostenta a forma de uma "caixa", onde a laje de cobertura assenta nos grandes planos de vidro dos topos e, ao mesmo tempo, a presença do muro, forte e revigorante, torna-o num dos elementos essenciais da casa.

51 MOURA, Eduardo Souto de, "Casa em Nevogilde", in *Eduardo souto de Moura*, Electa, Milano, 2003, p.142.



[I.100]

[I.100] Arquiteto Eduardo Souto de Moura.

2.5. Os Sujeitos da Casa

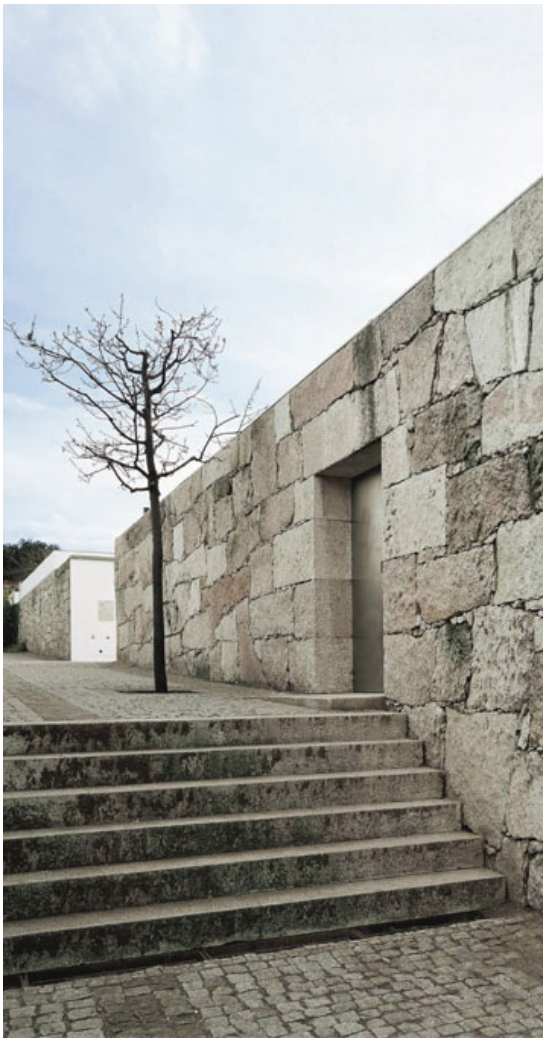
"As casas são o melhor laboratório para se ensaiar soluções e estabelecer-se uma certa intimidade com o cliente. Todas as pessoas para quem faço casas são amigos ou então não chegamos a acordo e o melhor é sair. Costumo dizer que os arquitectos são como os médicos e os padres, conhecem as regras de intimidade. Não é curiosidade, mas tenho de perceber os móveis que gostam, quem se levanta primeiro, onde comem, na garagem qual o carro que fica atrás ou à frente (...)"[52]

Uma casa, para ser uma casa, tem um propósito e, esse propósito está, indubitavelmente, ligado ao seu futuro habitante, ou seja, ao cliente que impulsiona o processo de realização da mesma.

Ainda que, pensar, refletir, considerar, calcular, projetar a casa, e outras tantas mestrias, sejam a arte do arquiteto, uma casa é construída para ser habitada. Habitada por alguém que possui vontades, desejos, gostos, tendências e rotinas. Assim como a casa não se concretiza sem esse alguém, também não se pode projetar sem ter em atenção esses mesmos sujeitos. Deste modo, é necessário compreendê-los, respeitá-los, estudá-los, abordá-los e, (re)orientá-los.

No entanto, Souto de Moura mostra uma tendência muito intrínseca em salvaguardar a identidade dos seus clientes em, praticamente, toda a sua obra. O Arquiteto reflete a casa como um objeto arquitetónico isolado dos sujeitos para quem foi concebida, assumindo, assim, a liderança de cada projeto. O próprio admite que se põe no lugar do futuro habitante ao projetar a casa.

52 MOURA, Eduardo Souto de, "Eduardo Souto Moura" (entrevista com Ricardo Nabais e Sandra Nobre), in Revista *Tabu*, Jornal Sol, 2006, p. 29.



[I.101]



[I.102]



[I.103]

[I.101] a **[I.103]** Casa em Matosinhos, Casa em Moledo do Minho e Casa na Quinta do Lago: privacidade dos clientes salvaguardada pela configuração da construção e/ou pelo ambiente envolvente.

"Eu tenho de viver completamente na casa que estou a projectar, senão não a percebo; senão o projecto torna-se apenas um exercício de quantificação e de distribuição dos espaços. Tenho que virtualmente viver naquela casa: procuro entrar por um determinado ponto, pergunto-me quais são os movimentos que quero ver facilitados, qual o ambiente que quereria ter à minha volta, se há aberturas e de que tipo, qual a paisagem, pergunto-me onde gostaria de jantar, se na cozinha, na sala, na sala de jantar, tenho de absolutamente viver ali...(...)"[53]

Deste modo, o arquiteto mostra uma aptidão para adquirir argumentos teóricos que justifiquem a ideia dos projetos, sem a influência, de um modo preeminente, dos sujeitos da casa. Ou seja, admitindo, hipoteticamente, que o cliente não influencia diretamente o projeto da casa, nem tão pouco, tem o poder absoluto sobre a mesma, reconhece-se aqui a capacidade do arquiteto em assumir tal posição, em saber justificar todas as suas escolhas e vontades como se da própria casa se tratasse, em assumir uma postura dominante para cada projeto[54] adotando várias identidades, consoante as respetivas conveniências, que se adaptam às condicionantes de cada encomenda.

Eduardo Souto de Moura não abdica, no entanto, de perceber, estudar, analisar e até ensaiar os sujeitos da casa. As opções tomadas pelo arquiteto são também assumidas, partilhadas e até discutidas por todos os intervenientes no processo de concretização da casa, independentemente da forma como o arquiteto chega à sua solução. Pois embora opte por trabalhar de um modo isolado, em que as rédeas do projeto estão nas suas próprias mãos, e em que o seu gosto pessoal está acima de qualquer outro, não ignora quem de facto concederá vida à casa. Muito pelo contrário, o arquiteto encarna estes habitantes, "roubando-lhes" a sua identidade e vivendo no seu dia a dia.

53 MOURA, Eduardo Souto de, "Entrevista Bibliográfica" (entrevista com Monica Daniele), in MOURA, Eduardo Souto de*, Eduardo Souto de Moura*, Electa, Milano, 2003, p.435.

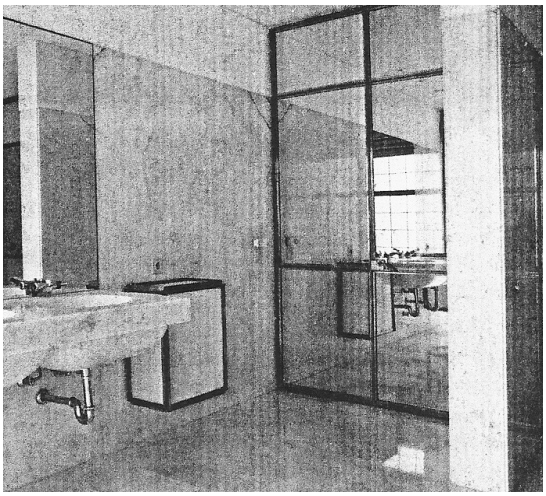
54 *"Sou um pouco como um actor, que tem que interpretar uma personagem e não perde ou altera, por isso, a sua personalidade: se chora não significa que esteja a sofrer."* MOURA, Eduardo Souto de, "Entrevista Bibliográfica" (entrevista com Monica Daniele), in MOURA, Eduardo Souto de*, Eduardo Souto de Moura*, Electa, Milano, 2003, p.435.



[I.104]



[I.105]



[I.106]

[I.104] Esquisso da Casa em Moledo do Minho de Eduardo Souto de Moura **[I.105]** e **[I.106]** Casas de banho com abertura para o exterior na Casa em Moledo do Minho e na Casa 2 em Nevogilde, respetivamente.

"Quando projecto uma casa é como se fosse para mim. Porquê? Porque quando projecto tento fazê-lo ao máximo nível, de modo que o resultado satisfaça, sobretudo, o meu gosto e prazer pessoal. Na realidade, ao desenhar um esquisso, sou eu quem estou a olhar para a montanha ao longe tentando incorporá-la no projecto; sou eu quem estabelece as proporções dos espaços ou as posições dos objectos; se abro uma janela na casa de banho, sou sempre eu quem se move e actua nesse cenário. Imagino-me a viver como o cliente; mudo de identidade e transformo-mo, por exemplo, num médico com mulher e três filhos."[55]

Está, então, implícito que o arquiteto se debruça sobre o seu cliente com o intuito de conseguir depreender possíveis desejos ou ambições que se possam traduzir em dados objetivos para o projeto de arquitetura. E, ainda que esse cliente não expresse qualquer vontade particular, o certo é que os sonhos também se inventam[56], e neste sentido o arquiteto poderá ser capaz de projetar aquela que poderá vir a ser uma "casa de sonho" para o futuro habitante. Se a casa cumpre os seus verdadeiros propósitos e se corresponde às expectativas de todos, acredita-se que uma resposta simples, a uma encomenda simples, de um cliente, também ele simples, poderá ser excecional.

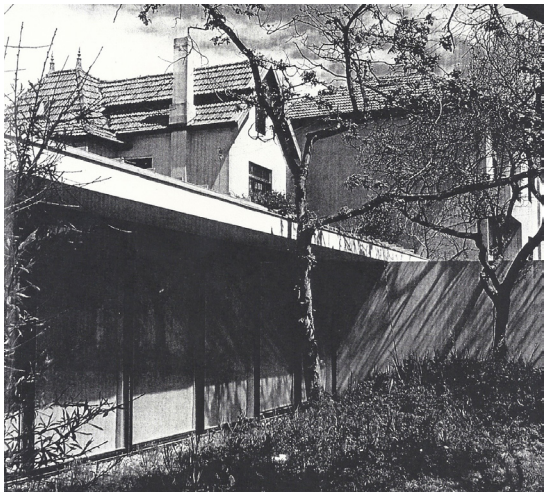
- **Casa 1 em Nevogilde**

Na Casa 1 em Nevogilde o arquiteto projetou uma simples habitação unifamiliar, quotidiana, inserida num contexto urbano de cariz residencial, respondendo, essencialmente, ao problema da privacidade.

Esta questão da privacidade, reflete-se, diretamente, nas soluções formais e conceptuais adotadas pelo arquiteto e assumidas pelos próprios clientes. Quando se organiza o programa da casa e se questiona a localização das zonas de intimidade, de cariz social e de serviços, e a forma como estas se relacionam com o exterior, a procura por esta privacidade toma, então, conta da génese do projeto.

55 MOURA, Eduardo Souto de, *Eduardo Souto de Moura. Conversas com Estudantes.*, Editorial Gustavo Gili SI, Barcelona, 2008, p.62-63.

56 MOURA, Eduardo Souto de, "Eduardo Souto Moura" (entrevista com Ricardo Nabais e Sandra Nobre), in Revista *Tabu*, Jornal Sol, 2006, p.29.



[I.107]



[I.108]

[I.107] e **[I.108]** Privacidade dos clientes resguardada com a atitude introvertida do arquiteto.

Na verdade, na casa 1 em Nevogilde, a solução do arquiteto é evidente, mesmo que contraditória. Isto é, embora se abram grandes planos de vidro, de um modo quase incontrolado, por toda a casa, até mesmo nas zonas de maior intimidade, a privacidade está salvaguardada pelo facto da mesma se distribuir apenas num piso e encontrar-se recolhida entre muros. Como anteriormente foi referido, trata-se de uma atitude introvertida, em que o arquiteto projeta a casa em função de uma maior liberdade de ação dos habitantes, protegendo-os da visibilidade exterior.

Constata-se, assim, a preocupação do mesmo com os futuros usuários destes espaços domésticos, uma vez que desenvolve o projeto em torno desta particularidade, a sua privacidade.

2.6. A Continuidade do Método

Quando Eduardo Souto de Moura afirma que desenha sempre "*a mesma casa*", remete então para o mesmo princípio formal, como resposta a problemáticas equivalentes. No entanto, o mesmo considera as casas simultaneamente diferentes, uma vez que adapta os seus argumentos teóricos às condicionantes relativas de cada sítio e aos respetivos sujeitos que com elas se relacionam. Tentando, desta forma, materializar os desejos, as vontades e as paixões, dos futuros habitantes, da forma como quer e com a qual se identifica.

À pergunta *"Tudo se resume a uma soma de cedências?"* Eduardo Souto de Moura responde:

> *"Cedências, tem de haver sempre, desde que não atinjam as questões fulcrais. Tudo tem limites. Uma coisa é violarem a nossa obra, outra é ter conflitos e isso é saudável. 'A posteriori' as melhores obras são as mais sofridas."*[57]

57 MOURA, Eduardo Souto de, "Eduardo Souto Moura" (entrevista com Ricardo Nabais e Sandra Nobre), in Revista *Tabu*, Jornal Sol, 2006, p.29.



[I.109]



[I.110]



[I.111]

[I.109] e **[I.111]** Casa em Moledo do Minho, Casa-Pátio em Matosinhos, Casa na Maia: continuação de um método, de uma linguagem.

Contrariamente a Álvaro Siza, que abandonou a sua primeira obra, rejeitando um possível método projetual, Souto de Moura levou a sua primeira casa como um modelo a seguir. Como um protótipo de excelência, que marca um tempo na história. Um início de toda uma jornada em busca de um tipo. No entanto, entenda-se esta continuidade do método como um processo que recorre, de forma natural e consciente (ou inconsciente), a referências próprias passadas, contribuindo para a construção do seu percurso.

"Desenhar deve ser um fenómeno de inteligência,
e desenhar do zero é um fenómeno de estupidez, porque é perder
um legado de informação disponível."[58]

O reconhecimento na própria obra, através do desenho como pesquisa projetual, de princípios de adaptação às realidades locais e de valorização do contexto, permite estruturar a sua identidade. Sendo verdade que por detrás da obra, encontra-se sempre a mesma pessoa, o mesmo arquiteto, que partilha dos mesmos princípios, da mesma formação e das mesmas convicções.

"Acho que toda a Arquitectura pretende uma determinada
identidade apesar das diferenças de situações e da disparidade;
há sempre essa obcecação pela regra, pelo modelo,
sempre foi assim e deve ser assim."[59]

58 MOURA, Eduardo Souto de, "Ambição à obra anónima", in TRIGUEIROS, Luiz, *Eduardo Souto Moura*, Blau, Lisboa, 1994, p. 30.

59 MOURA, Eduardo Souto de, "Ambição à obra anónima", in TRIGUEIROS, Luiz, *Eduardo Souto Moura*, Blau, Lisboa, 1994, p. 30.

CAPÍTULO II

EXPERIÊNCIAS DE UM PROJECTO

1. ENQUADRAMENTO DO PROJECTO
2. EVOLUÇÃO E FASES DO PROCESSO

1. ENQUADRAMENTO DO PROJETO

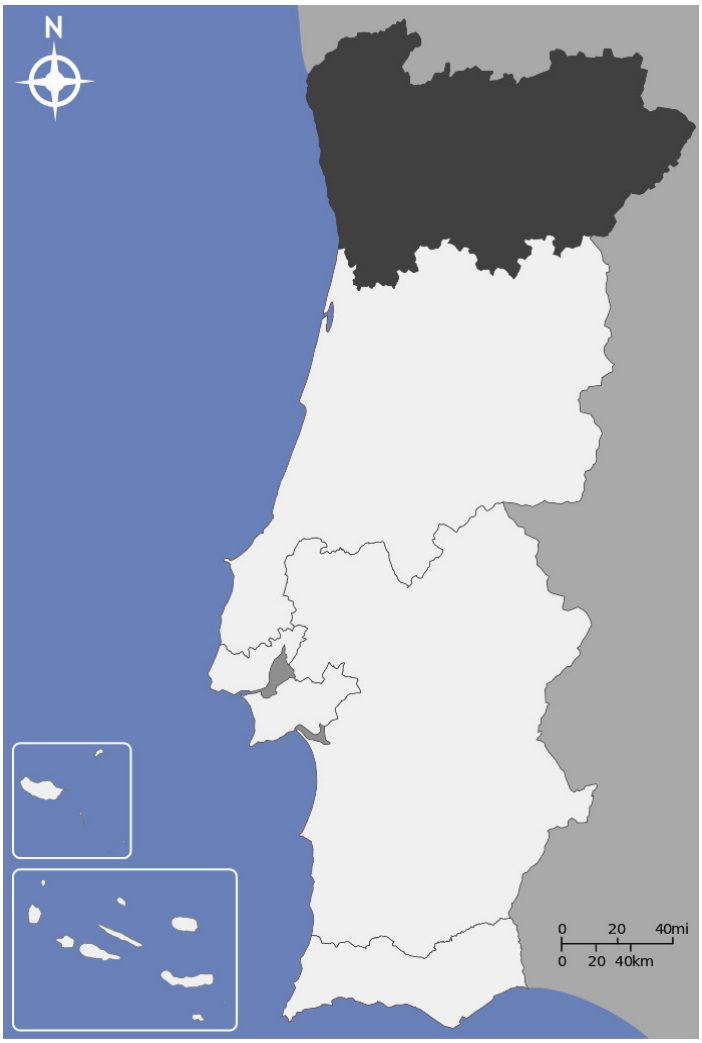
O projeto surge do convite feito por parte de um casal amigo, para a possibilidade de desenhar a sua futura casa, num terreno por eles adquirido. Convite esse que foi aceite de imediato e com grande entusiasmo. Para além de transpor a barreira académica, realizando o sonho de qualquer arquiteto ao elaborar um projeto real, para um cliente real, serviria também de base para o trabalho de investigação da Dissertação de Mestrado. Um trabalho que iria requerer muita ponderação e reflexão, auxiliando o ato de projetar pela primeira vez.

O terreno situa-se perto do limite nascente da Rua de São Brás, em Argivai, numa freguesia da Póvoa de Varzim. Trata-se de um loteamento de quatro casas unifamiliares, geminadas duas a duas. No entanto, a área destinada ao projeto corresponde apenas ao Lote 1.

O programa solicitado pelos clientes não compreendia grandes diversidades programáticas, na medida em que seria uma habitação destinada ao uso doméstico diário. Deste modo, a encomenda surge inevitavelmente comum, admitindo um programa muito simples e preciso: salas de estar e de jantar, cozinha, quartos de banho, três quartos, lavandaria e arrumos.

Contudo, a organização permitiria bastante flexibilidade e liberdade de ação, conferida pelos próprios clientes, existindo apenas um pequeno número de exigências quanto à dimensão e configuração de certos compartimentos e, materiais de acabamento específicos.

Uma das grandes preocupações demonstradas pelos clientes, prendia-se com o custo geral da obra, tendo sido pedido uma solução de baixo custo aliada à qualidade espacial e formal da habitação.



[II.01]



[II.02]

[II.01] Sinalização da Região Norte no mapa de Portugal. **[II.02]** Mapa da Região Norte.

1.1. Aproximação ao Local

1.1.1. Região Norte

O terreno em estudo neste trabalho situa-se na Região Norte, antiga província do Douro Litoral, o que corresponde hoje em dia à área Metropolitana do Porto. Foi criada, em 1969, como Unidade Administrativa Local (UAL)[60], subdividida nas sub-regiões do Litoral Norte e Interior Norte. Posteriormente, os seus limites foram sendo alterados e, em 1986, aquando da divisão do país em Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS), passou a ser considerada uma NUTS II.

Em termos geográficos, a Região Norte, corresponde, aproximadamente, às antigas províncias de Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes. É delimitada, fisicamente, por Espanha, a norte e a este de Portugal (nomeadamente, Galiza e Castela-Leão), a sul com a Região Centro e a oeste com o Oceano Atlântico.

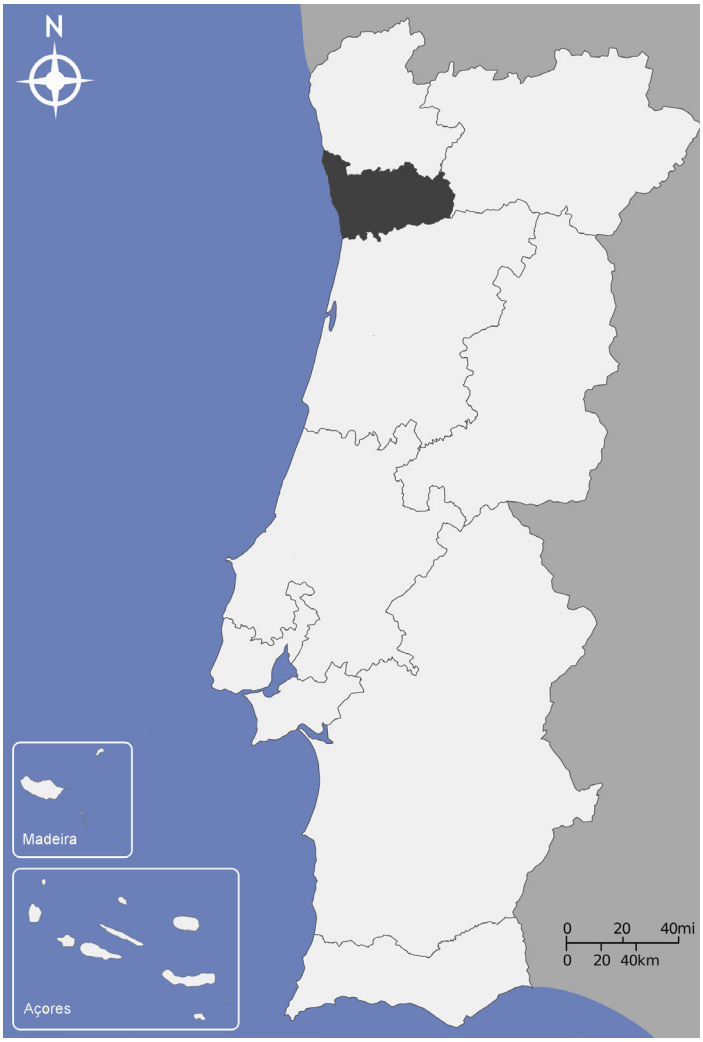
Compreende uma área de, aproximadamente, 21.278km^2 , o que corresponde a 24% de Portugal Continental. Contém cerca de 3.689.682 habitantes[61], sendo o maior centro populacional do país, no qual se concentra quase 35% da população residente em Portugal. Abrange, em termos administrativos, oito Comunidades Intermunicipais[62] com características diversificadas e, dentro destas, soma-se um total de 86 municípios e 1.426 freguesias.

O Norte de Portugal é, ainda, dotado de boas infraestruturas de comunicação e de internacionalização, bem como provido de uma rede qualificada de equipamentos de tecnologia e ciência. No entanto, tanto podemos encontrar zonas, bastante desenvolvidas e densamente povoadas, onde predominam as infraestruturas sociais e as

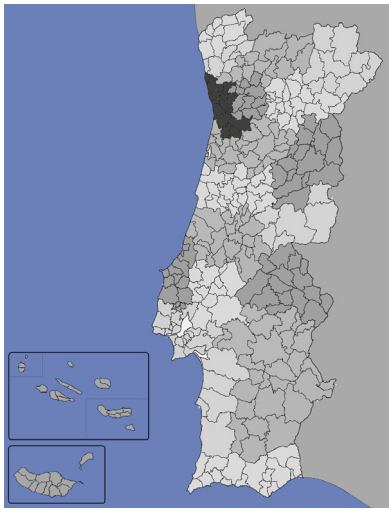
60 A designação aplica-se na atual nomenclatura NUTS.

61 Segundo Censos Populacionais de 2011

62 Ou Unidades de Nível III da Nomenclatura de Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS III)



[II.03]



[II.04]



[II.05]

[II.03] Sinalização do Porto e Douro Litoral no mapa de Portugal **[II.04]** Sinalização da Área Metropolitana do Porto no mapa de Portugal. **[II.05]** Mapa da Área Metropolitana do Porto.

acessibilidades, como também, encontramos áreas de cariz rural, com uma população escassa e envelhecida, onde as infraestruturas coletivas e a rede viária são pouco densas.

1.1.2. Província do Douro Litoral

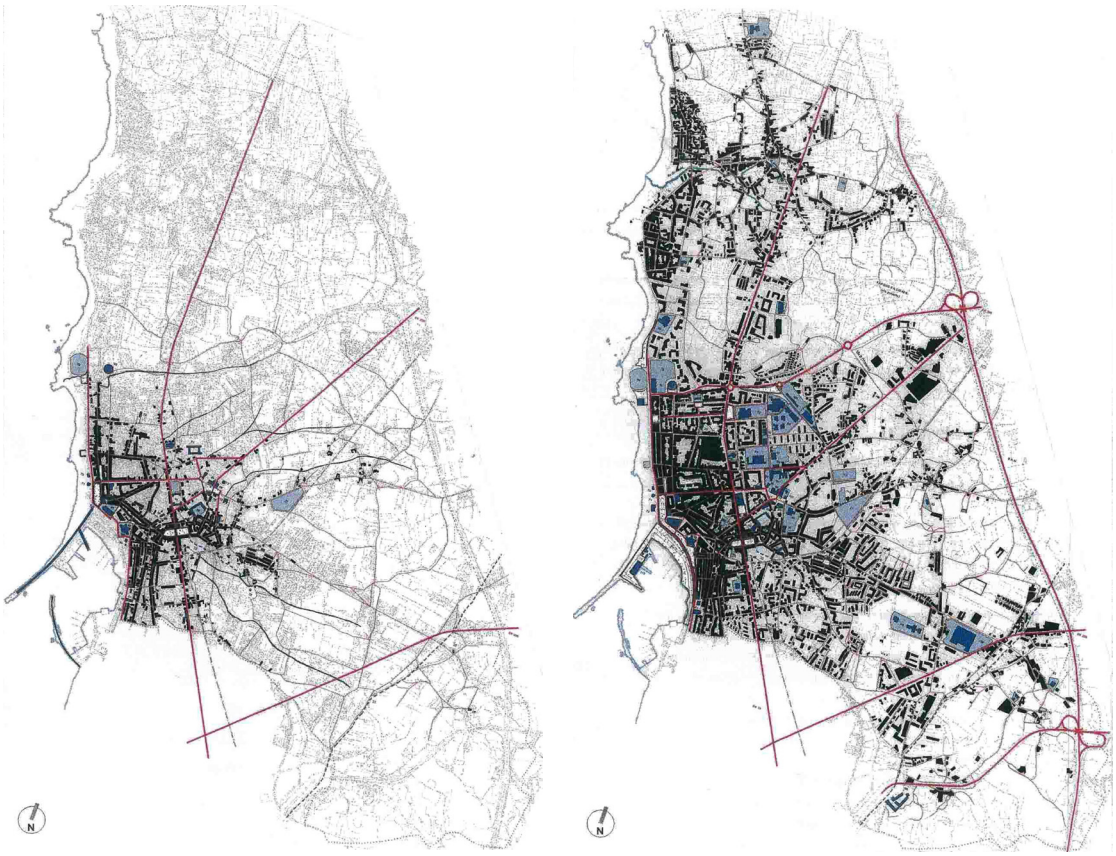
Como anteriormente referido, o Douro Litoral é uma província histórica portuguesa. Até finais do século XVI, as divisões administrativas eram designadas como "comarcas", e eram apenas seis. Entre-Douro-e-Minho seria então a designação real desta área. Com a reforma administrativa de 1936 pelo Estado Novo, as províncias passaram a órgãos superiores de administração local, e Entre-Douro-e-Minho dividiu-se em dois, Minho e Douro Litoral.

Com a entrada da Constituição de 1976[63], as províncias foram formalmente extintas, passando Portugal Continental a ser dividido em distritos, que por sua vez se dividem em municípios e estes últimos, em freguesias.

Hoje em dia esta zona designa-se também por Área Metropolitana do Porto, sendo a sua sede a cidade do Porto.

Pela sua localização e dimensão o Porto é, naturalmente, cabeça da região administrativa e sede da Zona Norte. No distrito existem 385 freguesias e 17 concelhos, entre os quais, a Póvoa de Varzim. A população ronda os 1.622.336 habitantes, cabendo ao Grande Porto 1.148.434 desses, um terço da população da Região Norte.

63 A Constituição da República Portuguesa de 1976 foi redigida pela Assembleia Constituinte e eleita na sequência das primeiras eleições gerais livres no país, a 25 de Abril de 1975.



[II.06] **[II.07]**

[II.06] Ocupação da cidade da Póvoa de Varzim, em meados do século XX. **[II.07]** Ocupação atual da cidade da Póvoa de Varzim.

1.1.3. Município da Póvoa de Varzim

O terreno situa-se numa freguesia pertencente ao concelho de Póvoa de Varzim. Esta cidade já existia no século XIV, na altura em que o cais marítimo se situava, ainda, perto da Praça do Almada, sendo que a sua povoação se encontrava a Nascente.

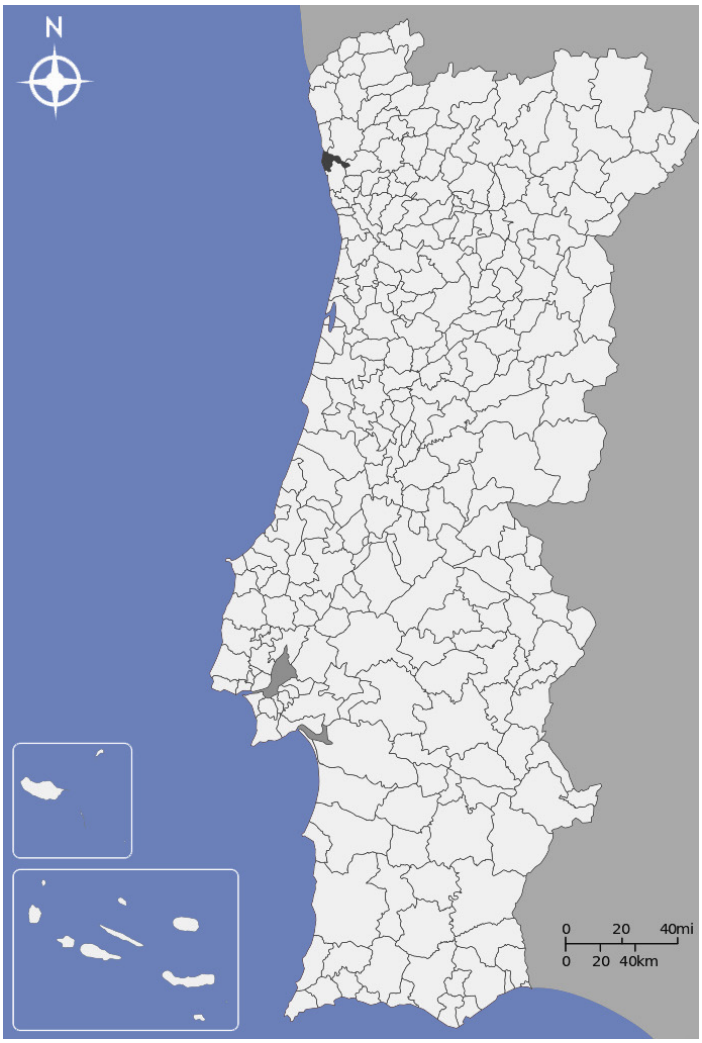
No século XVIII, o pontão marítimo, a fortaleza de Nossa Sr.ª da Conceição, as ruas do bairro Sul paralelas à linha da costa, e ainda o eixo que corresponde à atual Rua da Junqueira, já existiam. Mas foi a partir do século XX, que a cidade obteve um importante crescimento. Surgiu, nesta altura, o bairro Norte, também este com ruas paralelas à linha da costa e quarteirões regulares, o eixo da Av. Mouzinho de Albuquerque e, ainda, na viragem do século, a estrada real norte/sul (atual EN13), que viria a ser fundamental na estruturação da cidade.

Reduzida apenas à própria freguesia, a cidade tinha, em 1970, apenas 17.488 habitantes. Atualmente, e abrangendo as freguesias de Aver-o-Mar e Argivai, conta com 39.258 habitantes[64].

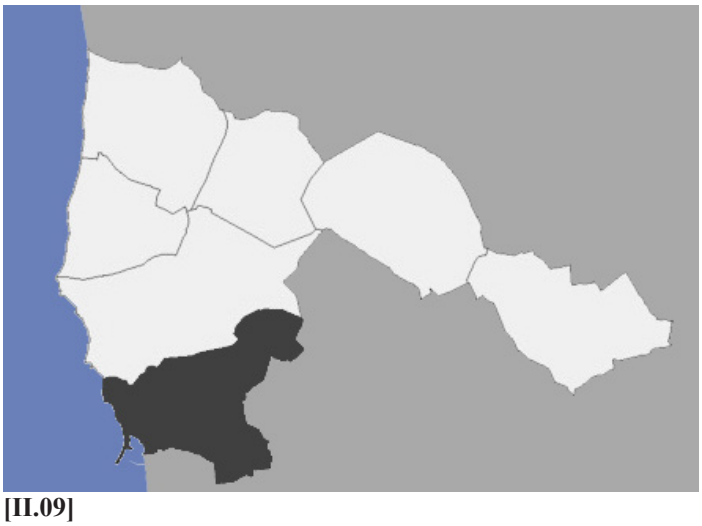
O crescimento da edificação urbana que se verificou nas últimas quatro décadas surgiu em todas as direções e de uma forma muito dispersa. Para Norte, ao longo da costa e, ao longo das estradas EN 205 e ER 206, formando loteamentos e construções privadas, com uma grande diversidade morfotipológica. O tecido urbano também sofreu alterações, nomeadamente demolições de edifícios e a substituição destes por outros de maior altura, traduzindo-se numa densidade construtiva excessiva face à escassez do espaço público.

A construção do IC1 (atual A28), nos anos 90, paralelo à linha da costa a dois ou três quilómetros, criou uma barreira física à expansão da cidade, no entanto libertou a mesma do tráfego de passagem pelo seu interior. Por sua vez, foi também construída a Av. do Mar, a qual passou a ser a principal entrada da cidade.

64 Censos Populacionais de 2011



[II.08]



[II.09]

[II.08] Sinalização do concelho da Póvoa de Varzim no mapa de Portugal. **[II.09]** Sinalização da União de Freguesias de Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai, no mapa do Município.

- **Enquadramento Regional**

Face à estrutura viária existente, a Póvoa de Varzim, constitui um importante eixo litoral entre Porto - Viana do Castelo - Galiza e os eixos nascente/poente dos Vales do Ave e Cávado.

O limite atual da cidade compreende a nascente e a poente, a A28 e o oceano Atlântico, respetivamente. A norte, Aver-o-Mar, com áreas afetas à construção e espaços com potencialidades agrícolas. E a Sul coincide com o limite do Concelho, pouco percetível face à continuidade urbana com Vila de Conde, e com a barreira física a sul da A28.

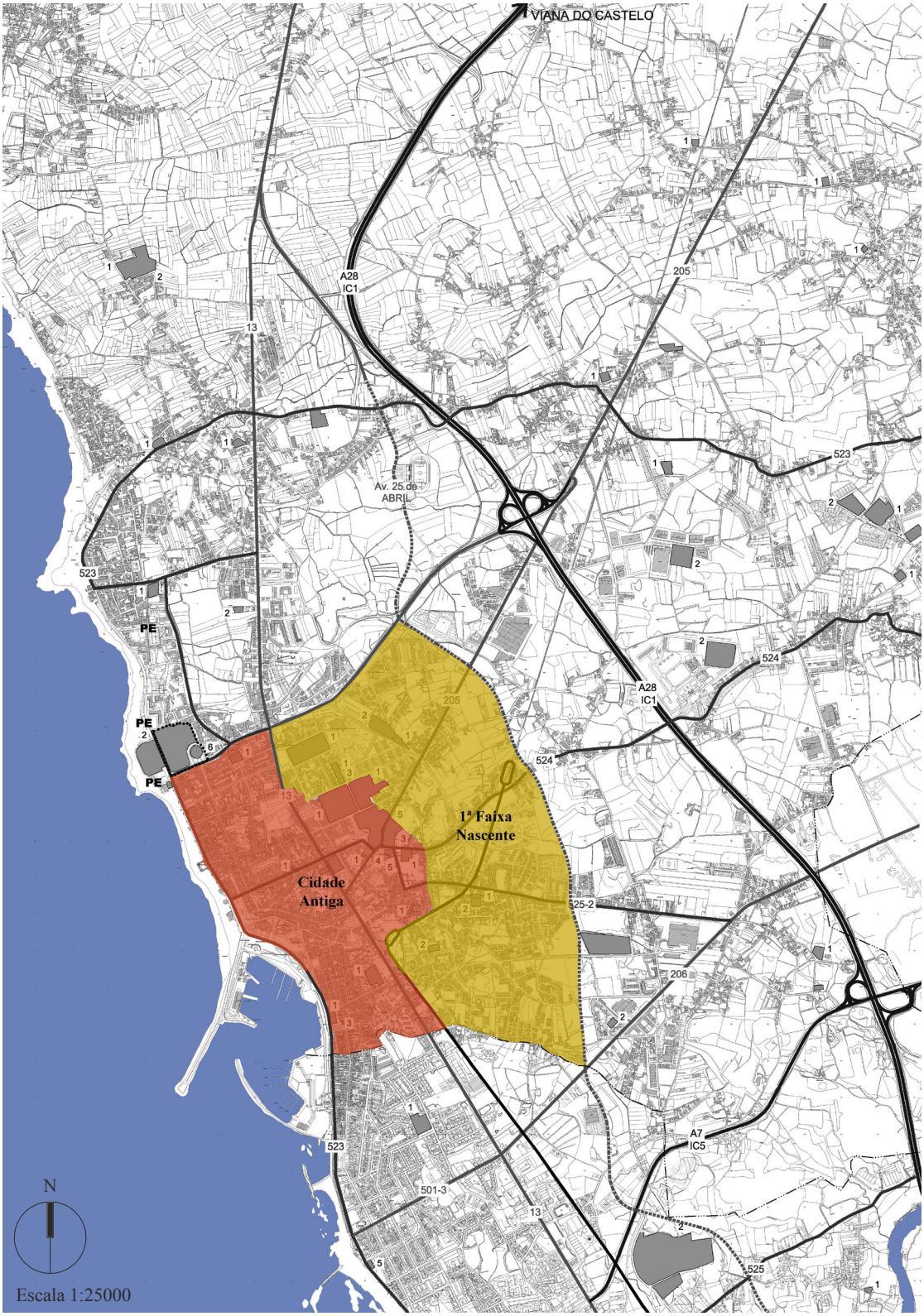
A Póvoa de Varzim constitui um dos 24 polos atrativos da Região Norte, uma vez que a população da sua área de influência é superior a 100.000 habitantes, idêntica a Viana de Castelo. Constata-se, ainda, que sustenta um forte efeito polarizador do Vale do Ave, como zona balnear e para efeitos de lazer.

Esta realidade, potencia a sua função e autonomia, em parte partilhada com Vila do Conde. Deste modo, as duas cidades, assumidas em conjunto, formam um aglomerado urbano de média dimensão.

- **Caracterização Morfotipológica**

A cidade em estudo apresenta um desenvolvimento reticulado, paralelo à linha da costa, com uma organização do tipo rádio-concêntrico, afluindo do interior até ao núcleo original da povoação.

Atualmente, pode-se distinguir: a **"cidade antiga"**; uma **primeira faixa de expansão a nascente** e **outra a norte da "cidade antiga"**; uma **segunda faixa de expansão a nascente e a sul**, Argivai, e por último, **outra a norte**, Aver-o-Mar.



[II.10]

[II.10] Cidade antiga e primeira faixa de expansão da cidade.

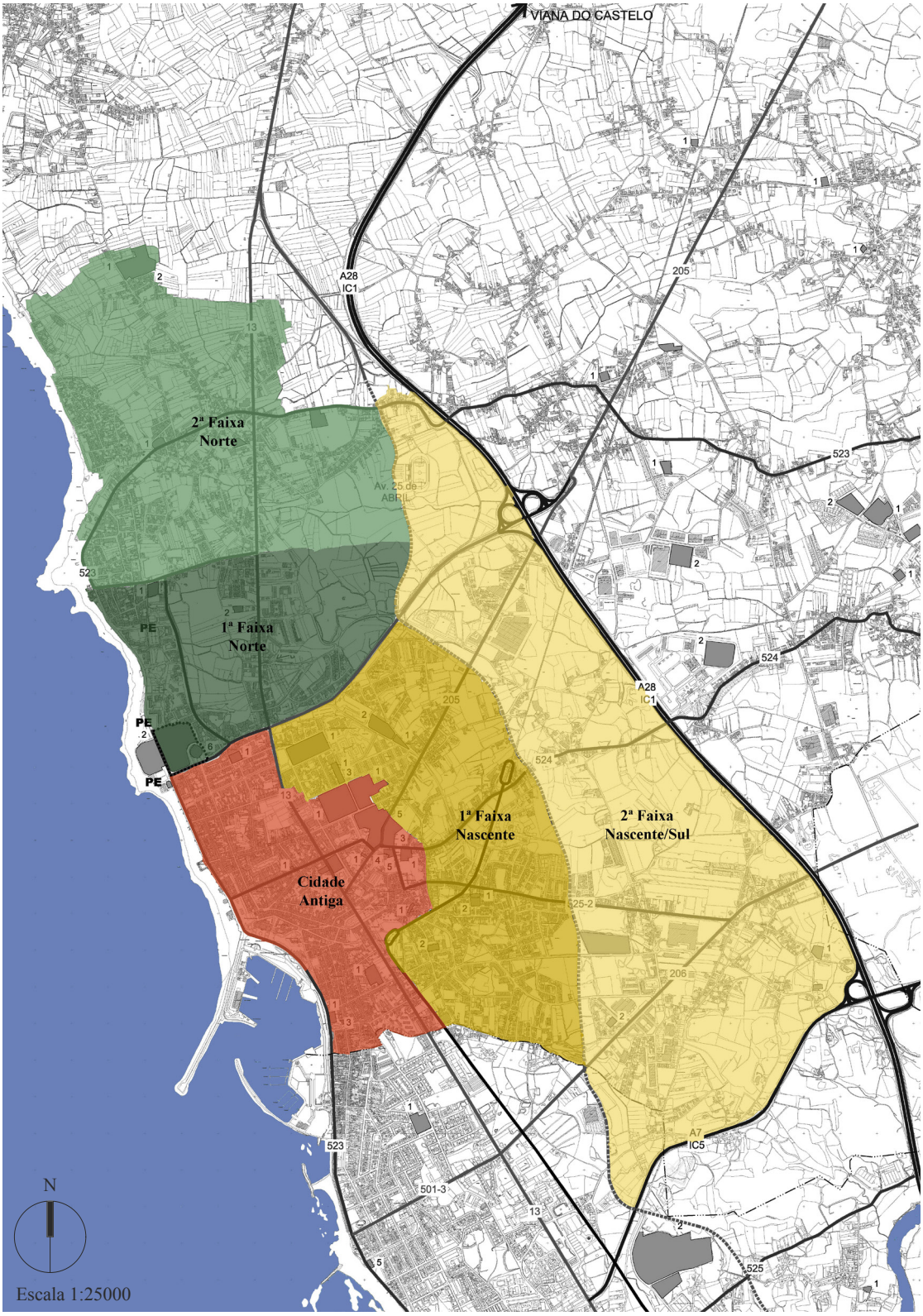
A **"cidade antiga"** concentra-se na Praça do Almada e, distribui-se pelo Bairro Sul, Bairro Norte e uma parcela a nascente deste. O centro apresenta um tecido consolidado, de edificações em banda contínua ao longo dos eixos viários, constituindo quarteirões de interior privado. A função residencial coincide, em vários casos, com a função terciária e equipamentos. No entanto, a maioria, caracteriza-se por habitações unifamiliares de 2 a 3 pisos. Apoiada na vertente histórica, esta zona da cidade apresenta uma identidade muito própria.

Por sua vez, o Bairro Sul diferencia-se pela sua estrutura ortogonal, onde os eixos viários se encontram submetidos a uma malha bastante rigorosa, formando ruas paralelas e perpendiculares à linha da costa, onde as habitações unifamiliares se organizam em banda contínua, criando quarteirões de interior privado e, constituídas, dominantemente, por edifícios de 1 e 2 pisos. A função residencial é, predominantemente, apoiada por equipamentos. A semelhança física e social deste bairro acentua-se, não só pela vivência do espaço, mas também pela estrutura urbana bem delineada e definida territorialmente.

O Bairro Norte caracteriza-se, igualmente, pela estrutura ortogonal. Originalmente era constituído por habitações unifamiliares de 2 a 3 pisos de altura, com logradouro no interior dos quarteirões. Gradualmente, estes foram sendo substituídos por edifícios plurifamiliares de maior altura e densidade, sendo o próprio interior dos quarteirões ocupado por edificações. Deste modo, originaram uma descaracterização tipológica e uma sobrecarga da densidade construtiva, levando a uma perda de espaço livre, tanto individual como coletivo.

A nascente deste último bairro, distingue-se outra zona, igualmente consolidada e, fundamentalmente, caracterizada por equipamentos escolares, moradias unifamiliares de 2 pisos isoladas e arborização no espaço público, conferindo-lhe uma uniformidade a nível físico e funcional.

A **primeira faixa de expansão nascente**, apesar de se encontrar bastante consolidada, não apresenta um padrão morfotipológico. Muito pelo contrário, nesta área, coabitam diferentes tipologias, associadas a uma densidade construtiva elevada e à carência de



[II.11]

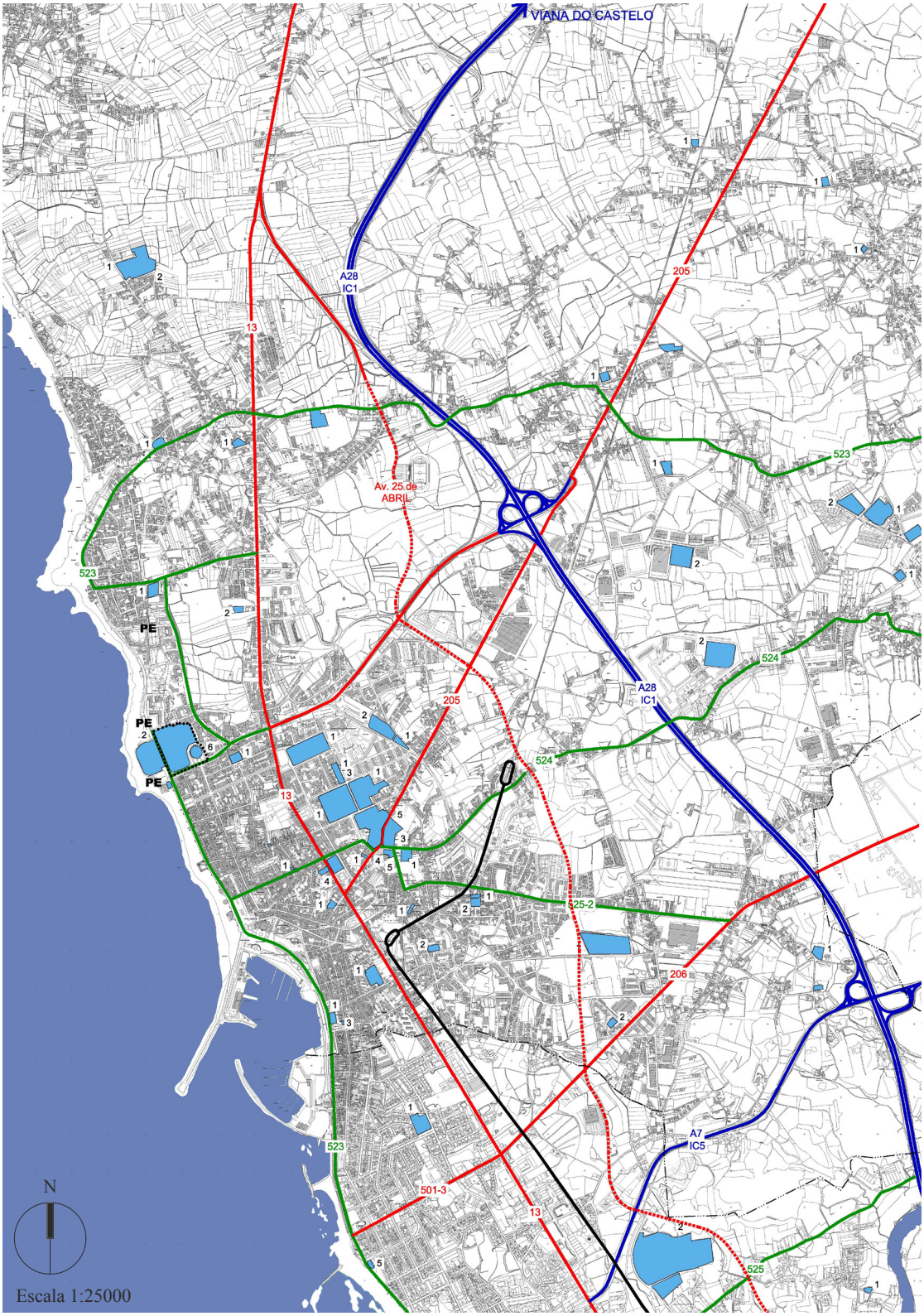
[II.11] Delimitação aproximada das faixas de expansão da cidade.

espaço público com utilidade funcional. Este último sofre, ainda, com a dificuldade de distinção entre este e o espaço privado. A função é, então, praticamente residencial, constatando-se uma carência a nível de equipamentos.

Já a **faixa de expansão a norte** encontra-se muito pouco edificada, salvo a poente, junto à costa, onde a edificação consiste, predominantemente, em habitações plurifamiliares, construídas em altura, pouco articuladas entre si e, sem uma clara diferenciação entre público e privado e, ao longo da EN 13, definida pela presença de edifícios isolados de 2 a 3 pisos.

A **segunda faixa de expansão a nascente e a sul**, apresenta as edificações mais recentes, construídas de forma mais dispersa e aleatória, consoante as necessidades. Verifica-se uma grande diversidade de tipologias associadas a esta construção faseada e, caracterizam-se, maioritariamente, por habitações unifamiliares e plurifamiliares, e equipamentos industriais. Esta zona engloba Argivai, onde se encontra o loteamento no qual se desenvolve o projeto. Apresenta-se como uma área pouco infraestruturada, caracterizada pela predominância de espaços não construídos, pequenos aglomerados habitacionais, e por uma zona industrial. Marcadamente rural, esta zona abraça uma edificação apoiada nos caminhos rurais existentes e em pequenos largos onde se localizam os poucos equipamentos existentes.

Por último, na **segunda faixa de expansão a norte**, a zona integra alguns núcleos piscatórios e rurais. As edificações existentes foram sendo substituídas por edifícios em altura, com uma alta densidade construtiva e com graves lacunas na articulação com o espaço público. Coexistem várias tipologias diferentes, desde loteamentos e edificações de densidade elevada que se apoiam na estrutura primitiva, como também, pequenas moradias de 1 piso, em banda, e ainda, moradias unifamiliares de 2 pisos, isoladas. Ainda nesta zona pode-se encontrar áreas de densidade construtiva mais baixa, dando lugar a solos agricultados.



[II.12]

[II.12] Planta de localização e enquadramento da cidade com a estrutura viária principal sinalizada.

- **Circulação**

Destacam-se, na malha viária da cidade, a EN 13, paralela à linha da costa, bem como os acessos à A28, nomeadamente a Av. do Mar (direção nascente/poente) e o acesso Sul (que serve sobretudo Vila do Conde).

Nos dias de hoje, apesar da A28 representar uma alternativa com melhores condições, a EN 13 constitui, ainda, um eixo de atravessamento norte/sul muito importante, nomeadamente entre os concelhos de Póvoa de Varzim e Vila do Conde. Para além disso, este é o principal eixo distribuidor da cidade, no qual desaguam as restantes vias urbanas essenciais, inclusivamente, os acessos à A28. Perante este facto, e face ao congestionamento criado neste eixo, que acaba por afetar, também, a função pedonal, foi construída uma nova via, sensivelmente paralela à EN 13 a, aproximadamente, 1km de distancia para nascente – Via B (ou Av. 25 de Abril). Esta via que passa a poucas dezenas de metros da Rua de São Brás, constitui a principal via de acesso ao terreno em estudo.

- **Argivai**

Argivai constitui uma paróquia da União de Freguesias de Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai. É uma das freguesias eclesiásticas da Póvoa de Varzim e distancia-se da sede do concelho cerca de dois quilómetros e meio. Até ao século XV destacou-se como paróquia-mãe da cidade, e abarcou todo o território onde esta assenta, no entanto, com o desenvolvimento urbano e a autonomia civil e religiosa da cidade, Argivai tornou-se a mais pequena freguesia do concelho. A povoação é dividida em doze lugares, no entanto, apenas metade são consideradas lugares pelo INE, nomeadamente Casal do Monte.

O povoamento de Argivai remonta a tempos anteriores à Nacionalidade, tendo a arqueologia local contribuído para que se admitisse a existência de uma vila luso-romana.



[II.13]



[II.14]



[II.15]



[II.16]



[II.17]



[II.18]

[II.13] Igreja Matriz de Argivai. **[II.14]** a **[II.15]** Aqueduto de Santa Clara. **[II.16]** Rua de São Brás: estreito acesso ao terreno. **[II.17]** Vista do alçado principal. **[II.18]** Zona referente ao lote 1.

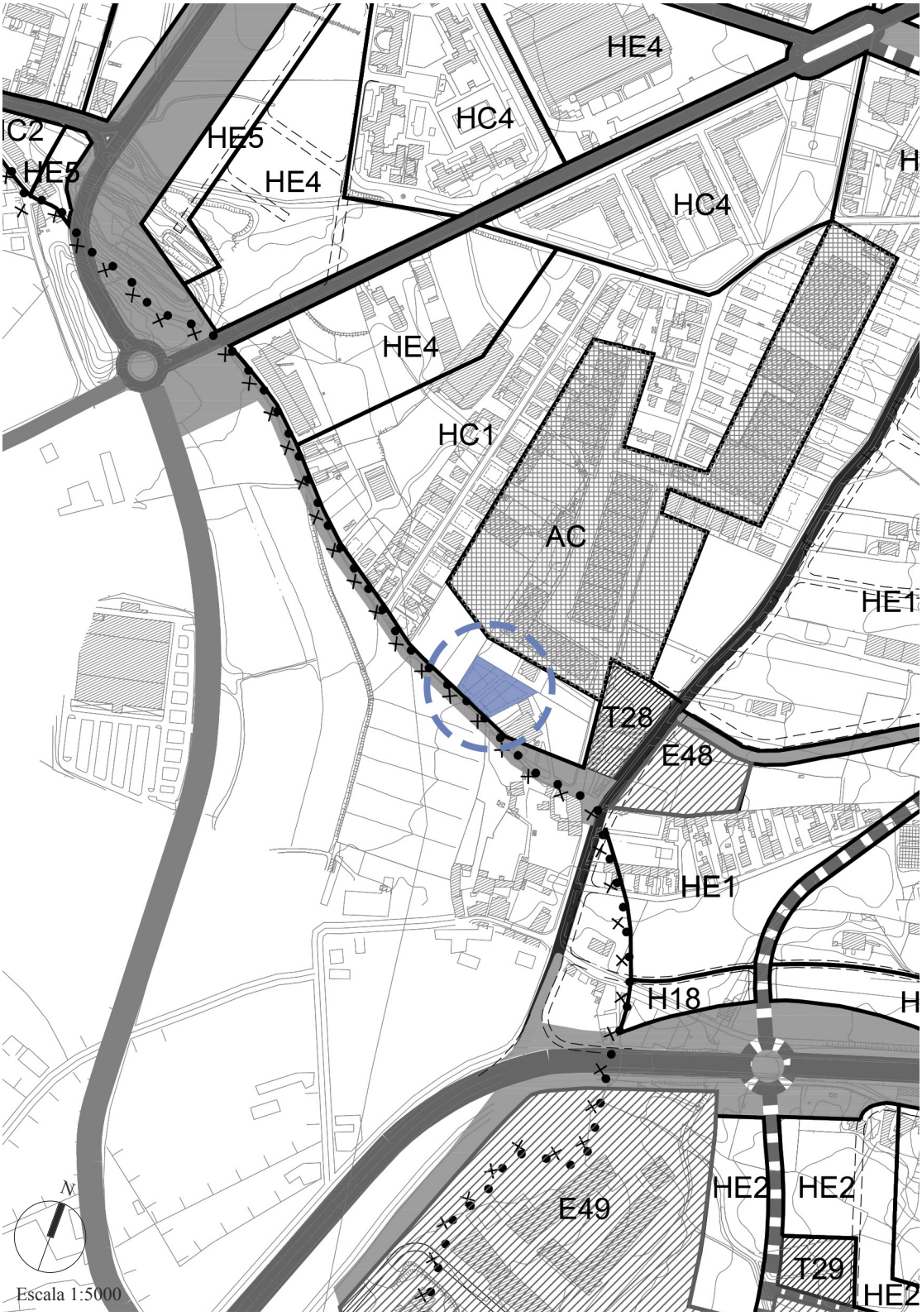
Do património cultural e edificado destacam-se a Igreja Matriz de Argivai, a capela de Nossa Senhora do Bom Sucesso e o aqueduto de Santa Clara, que atravessa a freguesia. Mandado construir em 1626, pela abadessa do Mosteiro de Santa Clara, D. Maria de Meneses, era constituído por 999 arcos, transportando a água de uma nascente na freguesia de Terroso para o Mosteiro de Vila de Conde. Considerado uma das principais marcas paisagísticas e arquitetónicas da freguesia, do aqueduto, com um total de cerca de quatro quilómetros, resta ainda grande parte da estrutura inicial, embora muito fracionada.

1.2. Terreno

O terreno localiza-se, mais concretamente, no lugar de Casal do Monte. Como referido anteriormente, é um local marcadamente rural, onde a edificação se apoia nos caminhos rurais existentes. Encontra-se, também, envolto numa zona verde e campestre.

O acesso ao terreno faz-se por um pequeno e estreito troço da rua de São Brás, com pavimento em cubo granítico, que por sua vez se liga a oeste com a EN206 e, mais à frente com a Via B e, a este com a pequena urbanização rural de Casal do Monte.

Com uma área de aproximadamente 390m^2, apresenta uma variação de cotas quase impercetível, cerca de 1m de diferença. Atualmente, o terreno encontra-se abandonado e em mau estado. A vegetação já se mostra bastante densa, o que traduz a falta da intervenção humana. Tanto os muretes anteriormente levantados, como o ferro das sapatas que se exaltam do solo e o delimite evidente de uma possível implantação da casa, aparentam o claro abandono de uma obra nos seus inícios. Este loteamento alcançou em tempos um projeto aprovado pela Câmara Municipal, mas viu-se obrigado a interromper a construção a meio devido à falta de documentação que deveria ser entregue no Departamento de Licenciamento de Obras, nomeadamente de algumas especialidades.



[II.19]

[II.19] Planta de zonamento do PUPV.

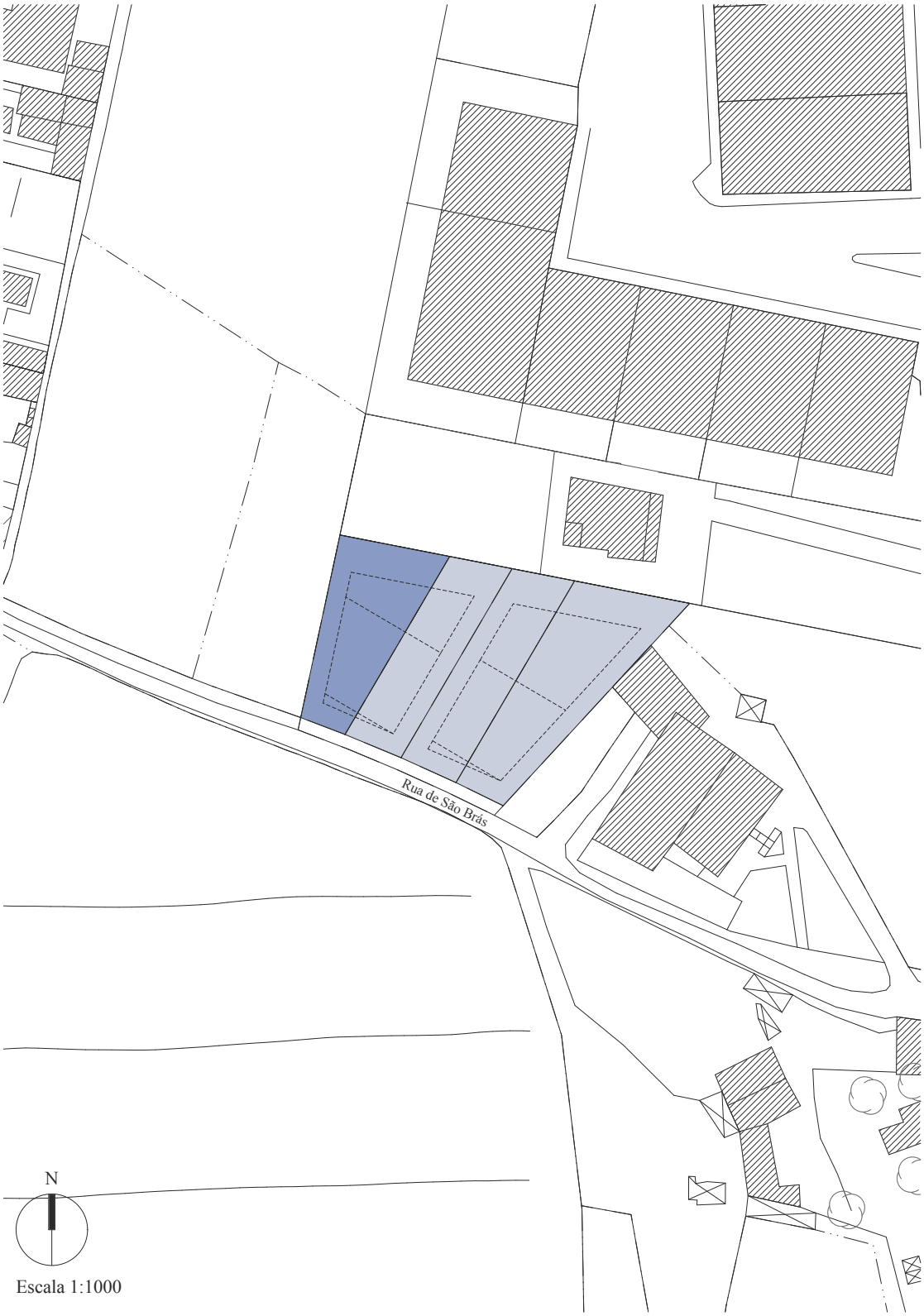
O lote 1 é limitado a nascente pelo lote vizinho, e a norte e poente por uma fábrica de gestão de resíduos. Devido aos grandes muros em chapa vermelha, com uma cércea de cerca de 8m, e aos painéis publicitários da fábrica em questão, o terreno perde bastante qualidade visual. No entanto, a sul do terreno, sobressai na paisagem um amplo campo verdejante, minimizando os inconvenientes da fábrica.

1.3. Condicionantes do Terreno

Segundo a planta de ordenamento do Plano Diretor Municipal (PDM) da Póvoa de Varzim, o terreno insere-se numa zona da categoria de Espaços Centrais, numa área de aplicação do PUPV (Plano de Urbanização da Póvoa de Varzim). Por sua vez, na planta de zonamento do PUPV (ver **[Anexo I.7]**), o terreno integra-se na categoria de zonas habitacionais do tipo HC1, ou seja, a conservar e/ou consolidar, que segundo o Art.º 58º são "*áreas dominantemente edificadas e infraestruturadas,* (...) *às quais se reconhece a existência de um padrão morfotipológico, que se pretende que seja respeitado"*. E ainda, são-lhes aplicáveis os seguintes princípios:

a) a morfologia urbana, nomeadamente no que respeita à estrutura do espaço público, à dimensão dos lotes e à linguagem das edificações, deve ser respeitada e valorizada;
b) o espaço público (vias, estacionamento e zonas livres) deve ser melhorado e, sempre que necessário redimensionado, devendo o licenciamento ou autorização de obras articular-se e subordinar-se à necessidade desse redimensionamento;
c) os espaços desaproveitados / expectantes devem ser preenchidos por lotes e construção ou espaços públicos tratados;
d) as características tipológicas das edificações, assim como volumes e cérceas maioritários, e alinhamentos dominantes, devem ser mantidos;
e) as obras de recuperação, ampliação, reconstrução ou construção nova devem visar a melhoria das condições habitacionais existentes e evitar uma densificação incompatível com as infraestruturas e os espaços públicos.[65]

65 Segundo *Regulamento*, Póvoa de Varzim - Plano de Urbanização, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, Departamento de Gestão Urbanística e Ambiente.



[II.20]

[II.20] Planta de localização e enquadramento do loteamento e, respetivos traçados propostos.

Seguindo as normas presentes no PDM e a categoria onde se integra, este loteamento tem, ainda, que respeitar uma série de critérios estipulados no Alvará de Loteamento, conforme a planta síntese (ver **[Anexo I.3]** a **[Anexo I.6]**). O lote destina-se à habitação e apresenta uma área de 390m^2, onde apenas 230m^2 se destinam à área de implantação. A área de construção máxima regista o mesmo valor da implantação, 230 m^2, e só pode ser executada acima da cota da soleira. O volume de construção máximo ronda os 1840m^3. No que diz respeito à cércea máxima, esta não pode exceder os 8m, sendo apenas permitidos dois pisos acima do nível do arruamento.

O traçado proposto descrito na planta delimita, ainda, o polígono de construção e define a construção de uma casa térrea ou de uma habitação com dois pisos.

1.4. Hipóteses de Projeto

Embora os clientes concedessem uma liberdade, quase que incontrolada, para a elaboração do projeto, a verdade é que tanto o terreno, com a sua reduzida dimensão e a sua forma trapezoidal, bem como as diversas condicionantes impostas pelo PDM e pelo PUPV, limitaram muito a composição e o desenho do projeto.

Existiram, portanto, duas hipóteses de projeto: uma casa térrea que ocupa o polígono total respetivo à área de implantação, correspondendo ao traçado proposto exterior e com uma área de 230m^2; ou uma casa de dois pisos que ocupa o polígono correspondente ao traçado proposto interior, e que apresenta igualmente 230m^2, sendo que estes dispõem-se pelos dois pisos. Em conversa com os clientes, chegou-se à conclusão que, apesar de uma casa térrea ser mais favorável em termos de acessibilidade e o facto de poder (ou não) representar uma redução nos custos finais de obra, uma construção deste tipo, neste terreno em específico, apresentaria muito mais desvantagens em relação a uma casa de dois pisos.

Neste terreno, para a casa térrea sustentar todo o programa escolhido pelos clientes, teria, sem dúvida, que ocupar todo o polígono respetivo à implantação, assumindo



[II.21]



[II.22]



[II.23]



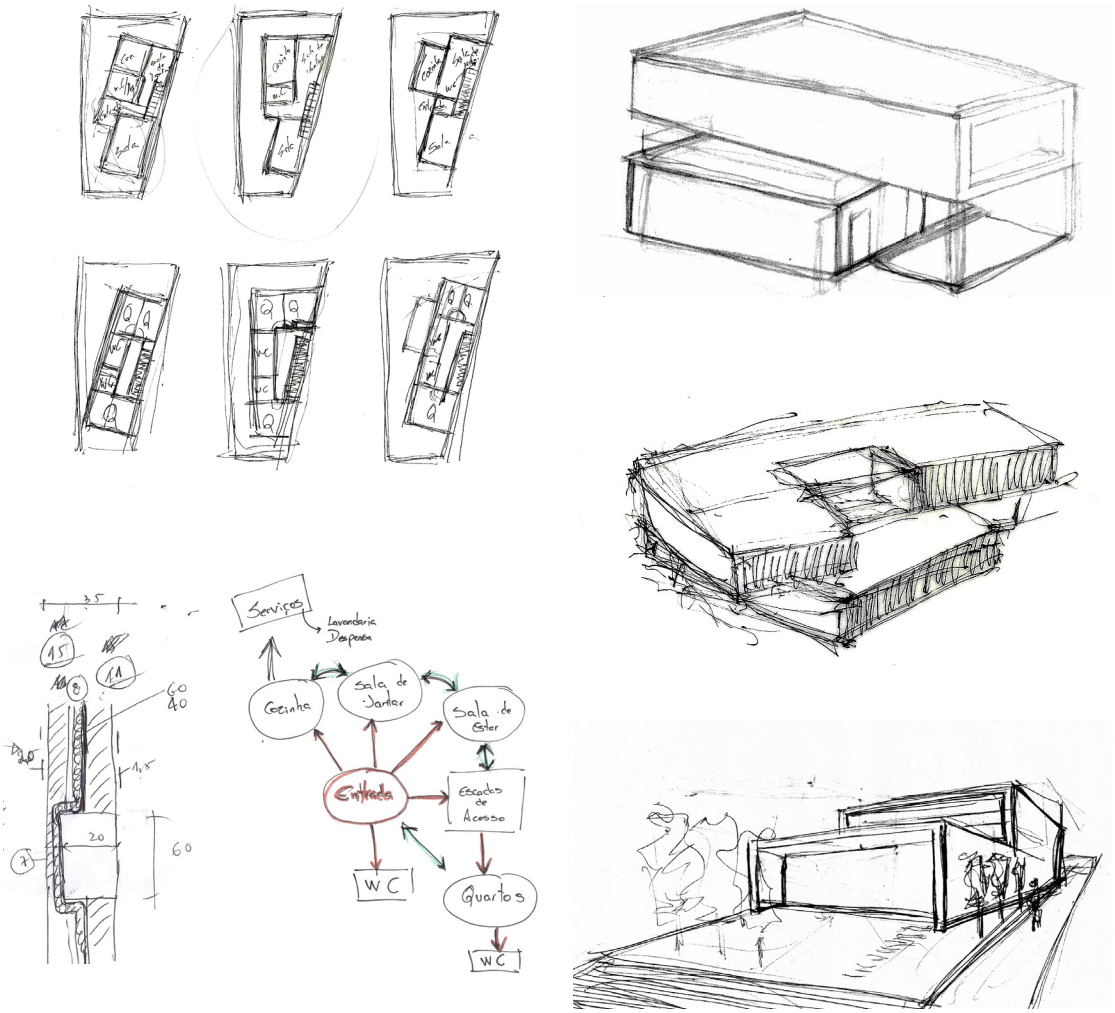
[II.24]

[II.21] Aproximação ao loteamento **[II.22]** Alinhamento da divisão entre lotes. **[II.23]** Zona de lote referente ao projeto. **[II.24]** Espaço destinado à entrada do lote.

deste modo, a sua forma trapezoidal. Esta solução, para além de representar muitas dificuldades na organização da casa, também implicaria um constrangimento do espaço exterior livre. O facto do terreno se encontrar limitado pela fábrica em dois dos seus lados, com os altos muros de chapa em evidência, sufocaria este espaço exterior, bem como toda a construção em si.

Ainda no que respeita a organização espacial numa proposta térrea, tornar-se-ia impossível a acomodação aos melhores lados da casa, o norte e o sul do terreno, visto serem os mais pequenos. Como tal, a construção deveria evitar os lados nascente e poente do lote, uma vez que estes se encontram enclausurados, respetivamente, entre o lote vizinho e o estreito corredor exterior da casa com vista para o muro da fábrica.

Em contrapartida, todas estas desvantagens são superadas numa construção da casa em altura. O facto da implantação se dividir em dois pisos ajuda, não só na organização espacial, uma vez que proporciona uma maior escolha da forma da construção e o dobro da área de fachadas a sul e a norte, mas também na desopressão do espaço exterior, permitindo que este se organize mais livremente. Neste modelo, a habitação surge em confronto de cércea com a referida fábrica, permitindo que a primeira se destaque na paisagem, menorizando a relevância da última, e não se escondendo detrás de um muro. Deste modo, pareceu evidente a escolha dos clientes na constituição da casa. Deixaram de lado a hipótese de construir uma casa térrea, para se adaptarem às melhores condições e qualidades que uma casa de dois pisos tinha para oferecer.



[II.25]

[II.25] Processo da casa Barros.

2. EVOLUÇÃO E FASES DO PROCESSO

"O projecto de uma casa surge de formas diferentes. Subitamente, por vezes, às vezes lenta e penosamente. Tudo depende da possibilidade e da capacidade de encontrar estímulos – bengala difícil e definitiva do arquitecto."[66]

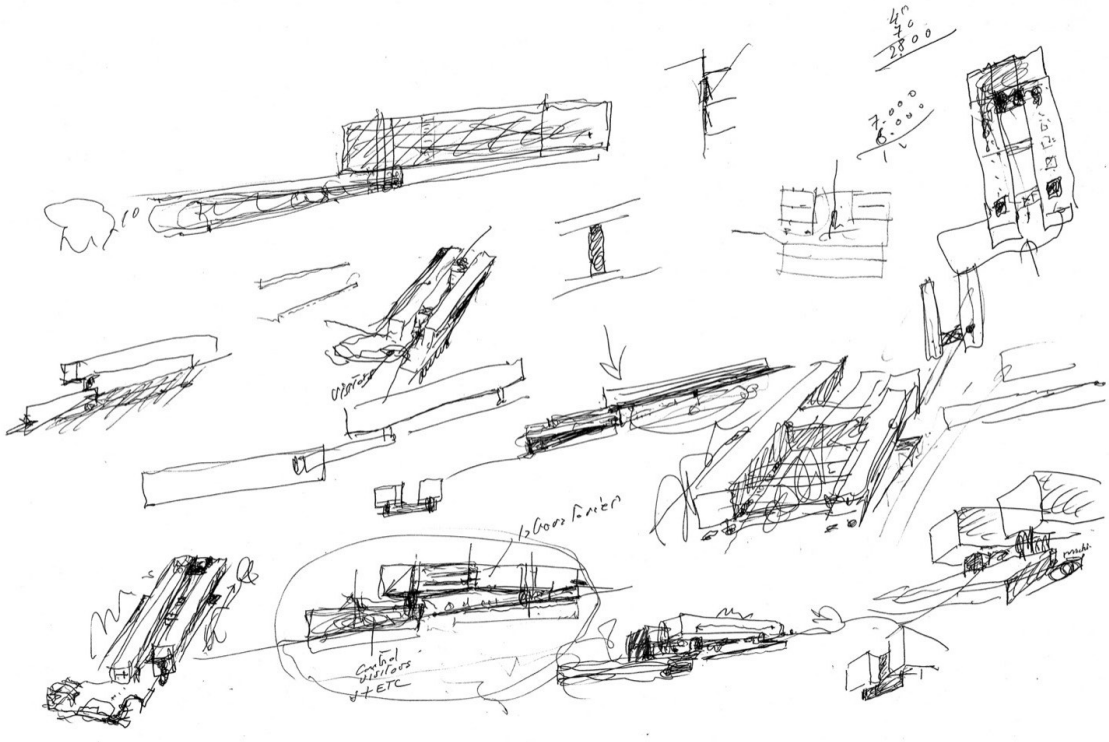
Já lá vão largos meses desde que se iniciou o processo de projetar a primeira casa - a casa Barros. E entre sucessivas evoluções, marcadas por avanços e recuos, muito ficará por dizer.

Como tal, tenta-se aqui conjugar memória e imaginação, associando os elementos gráficos a uma reflexão que se aproxime o mais possível da realidade. Um exercício de afastamento em relação ao processo, de modo a expor de forma objetiva as opções tomadas. O que não passa de um exercício de projeto, no qual se registam os sucessivos progressos e retrocessos, bem como crenças e referências, perante a evolução de um determinado exercício.

Ao transmitir por escrito os procedimentos e fases usados na criação do projeto, faz-se de forma pessoal e direta, aguardando que o leitor consiga compreender todas as razões que condicionaram as escolhas feitas.

As várias conversas com os clientes, as visitas e revisitas ao terreno, as reuniões com o orientador e, até mesmo os diálogos entre amigos, traduzem-se um por um, nos elementos e desenhos representativos deste projeto. Em cada fase do processo encontram-se referências que se agarram a estes fatores, contínuas evoluções que se prendem com as exigências do cliente, que se moldam a uma opinião do orientador, ou que apenas se articulam perante o processo de projetar.

66 VIEIRA, Álvaro Siza, "Construir", *01 textos*, Civilização Editora, Porto, 2009, p.25.



[II.26]

[II.26] Esquisso de Álvaro Siza referente ao Centro de Pesquisa e Desenvolvimento da Amore Pacific.

Posto isto, de seguida mostrar-se-à a disparidade dos primeiros esboços e das primeiras abordagens ao sítio, até ao estado atual, evidenciando os métodos utilizados e todo um conjunto de ações e posturas que se articulam entre si e se encadeiam até ao projeto final.

2.1. Primeiros Esquissos

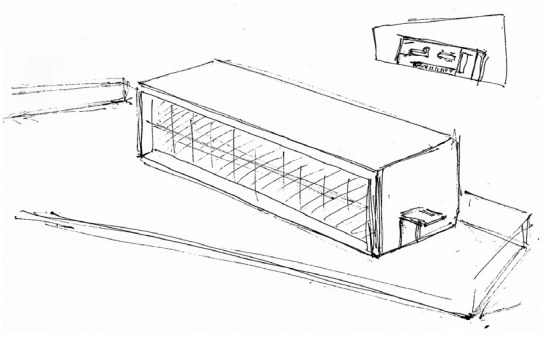
"Os rápidos esquissos expostos – um instrumento de trabalho como qualquer outro e não uma romântica proposta metodológica – mais do que reflectir, ajudam a consciencializar a multiplicidade de tensões em torno de cada hipótese de resposta a um problema concreto."[67]

Ao iniciar o projeto começou-se por passar para o papel as primeiras ideias que surgiram na cabeça, uma série de esquissos que despontaram de uma forma descomprometida com o lugar e com o programa, uma vez que a única informação que havia até então seria um levantamento topográfico do terreno, do qual se sabia apenas a orientação e os limites. Deste modo, estes esquissos refletiam um claro desconhecimento da realidade envolvente, onde se evidenciavam os aspetos negativos do terreno e se ignoravam os positivos.

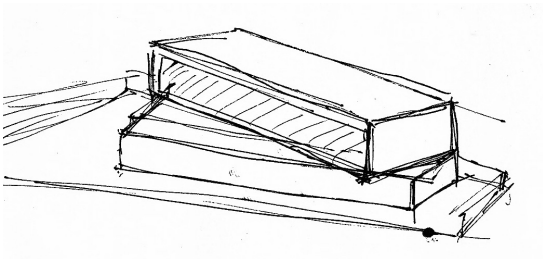
Esta representação gráfica das primeiras ideias foi, frequentemente, desprovida de uma ligação entre elas, apenas devaneios que iam surgindo e iam sendo passados para papel, ou até meras divagações de pensamento.

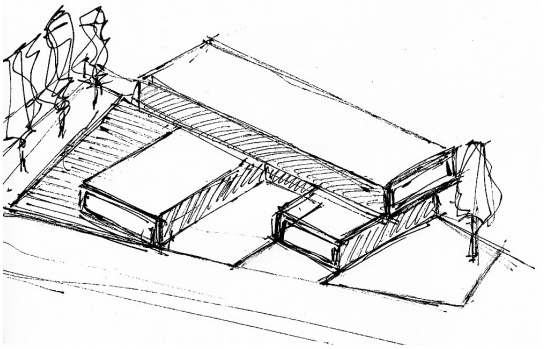
No entanto, aqueles que se materializaram, retratavam a forma do edifício como objeto de reflexão, onde o programa poderia ser, hipoteticamente, lido. Por outras palavras, a organização espacial podia ser idealizada, ou deduzida, através destas formas que se criaram, que conseguiam ser lidas através de um simples esquisso, e podiam ainda apresentar inúmeras variantes. Eram pensamentos livres e idealistas de como utilizar o espaço, transmitidos apenas por um desenho.

67 VIEIRA, Álvaro Siza, "O Procedimento Inicial", in MACHABERT, Dominique, Des mots de rien du tout / *Palavras sem importância*, Université de Saint-Étienne, Saint-Étienne, 2002, p.88.

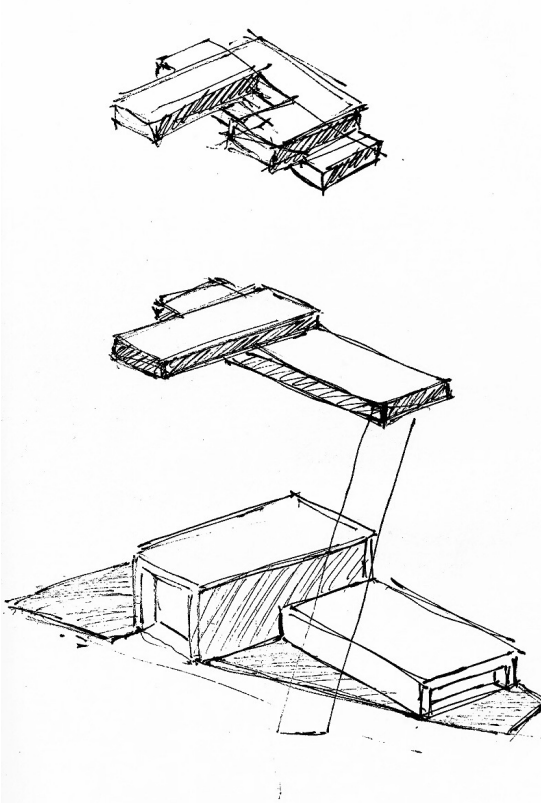


[II.27]





[II.28]



[II.29]



[II.30]



[II.31]

[II.27] Primeiro esboço. **[II.28]** e **[II.29]** Outros modelos. **[II.30]** e **[II.31]** Primeira visita ao terreno com os clientes.

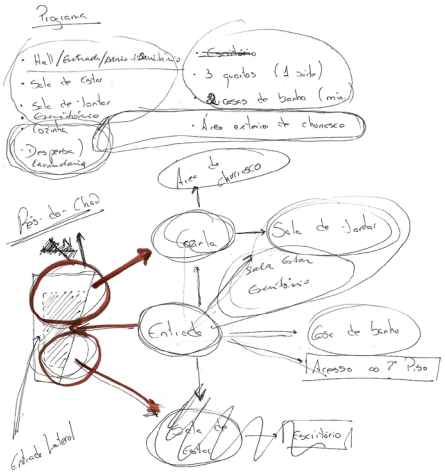
Apesar de muitos deles ficarem apenas na imaginação, outros tantos foram definidos em desenho, permitindo uma aproximação e um reconhecimento do programa pretendido, bem como a escala do terreno e do edifício a projetar. O desenho passou então a ser um apoio insubstituível no processo, uma vez que o mesmo transportava as ideias e as informações ao longo dos meses, permitindo revisões e introspeções, mesmo vindas dos clientes ou do próprio orientador, encadeando o desenvolvimento do projeto.

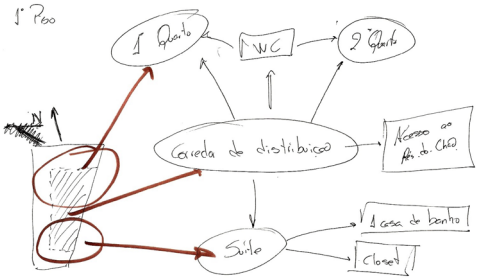
"O desenho é a linguagem e a memória (...)"[68]

Deste modo, o primeiro esboço apontou para uma construção compacta, um paralelepípedo em continuação com a entrada a sul. Organizava-se em dois pisos que dividiam a casa em duas áreas distintas - social e privado, abrindo-se completamente para a sua fachada poente. No entanto esta primeira abordagem, rígida e inflexível, parecia não mostrar sensibilidade para com o terreno. Assim, tentou-se uma atitude mais orgânica e descontraída, de modo a utilizar a maior parte da área disponível para a implantação, originando vários modelos que se enquadrariam. Em todos eles, a casa era projetada em dois pisos, sendo que a implantação surgia em forma de L ou de U.

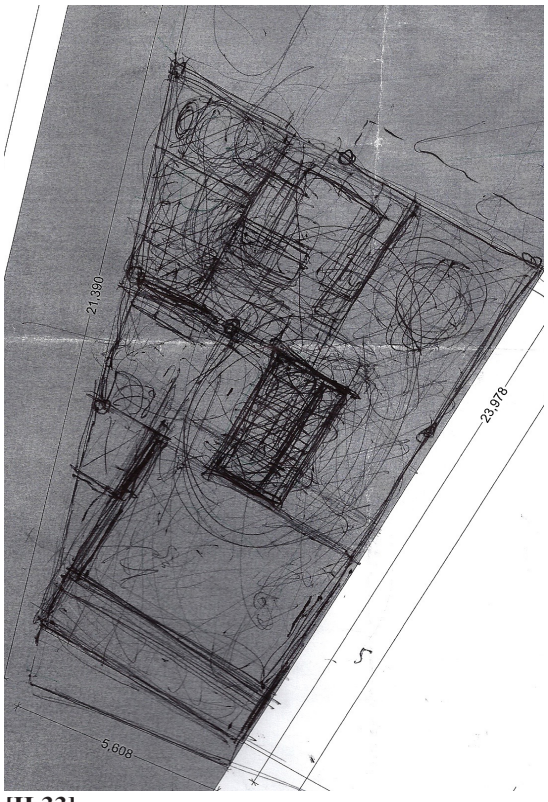
Na primeira visita ao terreno, todas estas ideias e esquissos sofreram alterações e passaram a prender-se fundamentalmente com a questão da implantação e da presença da forma no terreno, com toda uma envolvente que havia sido descurada. Muito do que até então fora idealizado, conceitos inocentes e utópicos, foram deixados de lado, uma vez que não se enquadravam ao sítio. Outros tantos voltariam agora a estar presentes. Num primeiro olhar, constatou-se que a paisagem é caracterizada, maioritariamente, por pequenas construções, muitas delas em banda, concentrando pontualmente pequenos núcleos urbanos. Esta é também uma zona com um elevado número de campos agrícolas, nomeadamente a vista principal do terreno. As construções apresentam volumes simples, quer na sua morfologia, quer na sua implantação, inserindo-se quase sempre encostadas a um dos limites do terreno, o que permite a autonomia da área restante, e de um modo muito rígido relativamente ao meio envolvente. São ainda edificações simples de um ou dois pisos, com pequenos vãos em seu redor.

68 VIEIRA, Álvaro Siza, "O desenho como memória", in MACHABERT, Dominique, Des mots de rien du tout / *Palavras sem importância*, Université de Saint-Étienne, Saint-Étienne, 2002, p.74.

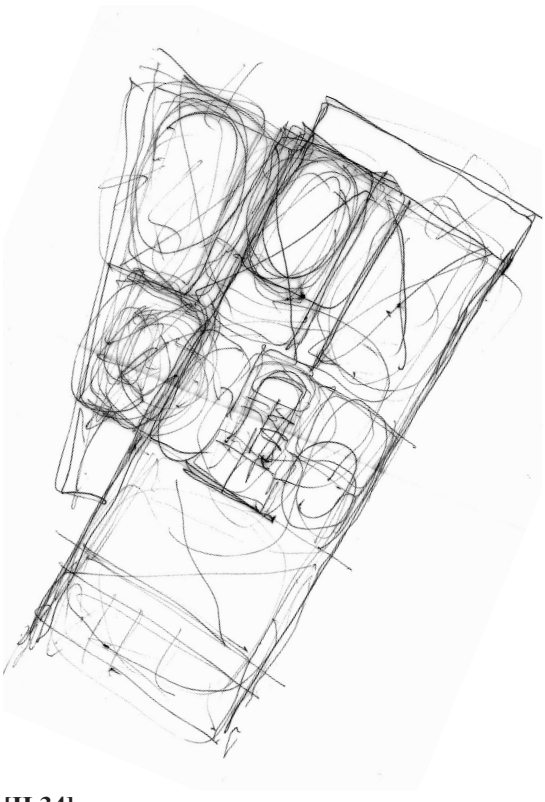




[II.32]



[II.33]



[II.34]

[II.32] Organigramas de organização interna. **[II.33]** e **[II.34]** Esboceto da organização espacial interna.

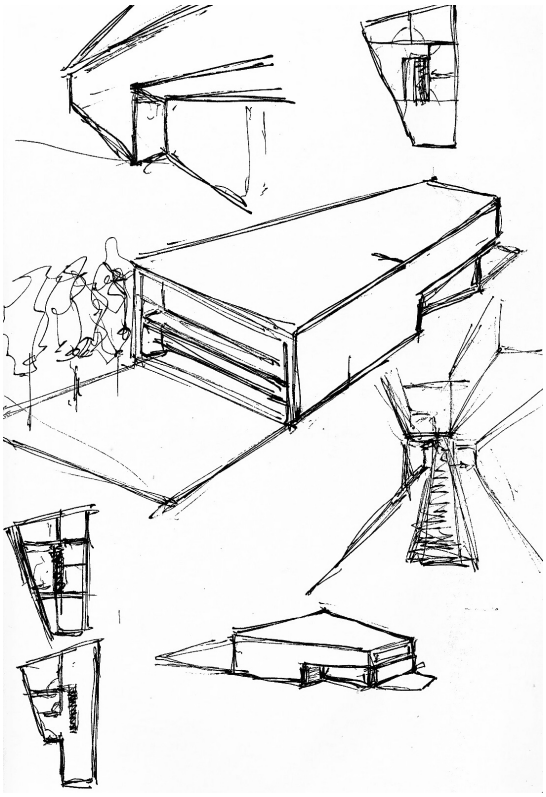
De entre algumas das ideias que foram surgindo, achou-se que a casa deveria mostrar a sua presença à rua, não só com a intenção de se evidenciar no horizonte, mas também para permitir uma agradável vista aos futuros habitantes da casa. Deste modo, e como anteriormente referido, optou-se por abrir os vãos no sentido norte/sul, desconsiderando em certa medida a fábrica ao lado e ao mesmo tempo distinguindo-se da mesma.

Esta solução consistia, à semelhança do edificado característico da zona em questão, na construção em altura, um edifício com dois pisos e, na maior utilização possível do espaço exterior privado. Apresentaria, ainda, grandes vãos envidraçados, numa tentativa de trazer a paisagem envolvente para dentro da habitação. Esta decisão seria portanto a ideia-chave a salvaguardar nesta primeira visita, uma ideia que viria a ser o tema de projeto.

"A primeira linha no papel partiu da ideia apontada na primeira visita (...)
a ideia está no «sítio»"[69]

Assim, em conversa com o orientador e num esboceto muito riscado, desenvolveu-se o que parecia ser a organização espacial mais conveniente ao sítio. E a verdade é que esta organização seguiu (quase) sempre o desenvolvimento do processo, permitindo que o projeto, com mais um ou menos um compartimento, com mais uma ou menos uma janela, adotasse esta organização espacial. Compreendia a zona comum no piso térreo e a zona privada no primeiro piso. A sala e o quarto principal virados para a rua, os serviços e outros quartos para as traseiras da casa, no centro a entrada e a escada de distribuição.

69 VIEIRA, Álvaro Siza, "notas sobre o trabalho em Évora", in *Arquitectura* (132), 1979, p. 36.



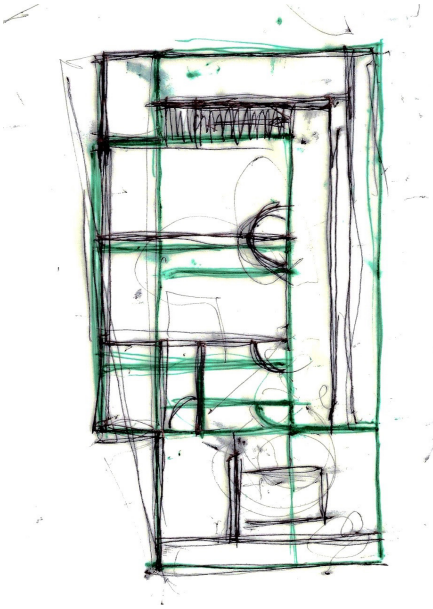
[II.35]



[II.36]



[II.37]



[II.38]



[II.39]

[II.35] Primeira esboço de implantação trapezoidal. **[II.36]** e **[II.37]** Pré-existência das fundações do terreno, com a demarcação da entrada pela lateral. **[II.38]** Estudo da habitação com a caixa de escadas no canto nordeste, de carácter ortogonal. **[II.39]** Estudo da habitação com a caixa de escadas no canto nordeste, de carácter orgânico.

2.2. Materialização de Soluções

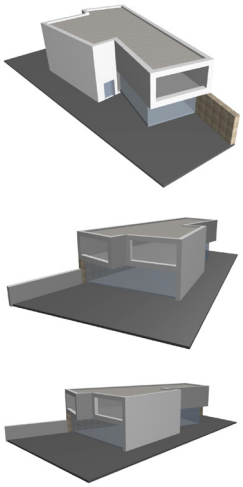
2.2.1. Fase 1 – Implantação Trapezoidal

A primeira solução desenvolvida surge então numa junção de todas as informações até então recolhidas. Uma solução que organizaria o projeto num volume compacto, remetendo para a edificação envolvente e, que utilizaria a maior área de implantação possível, revelando uma proposta simples e imediata.

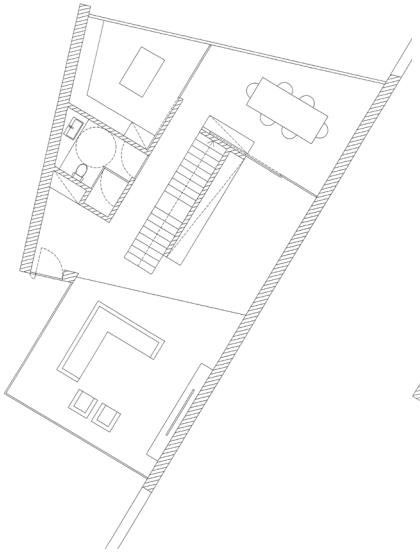
Com uma implantação longitudinal no sentido Norte-Sul, esta passaria a representar a solução a adotar em todas as fases do processo. O volume reunia o programa escolhido pelos clientes, distribuído pelos dois níveis da casa. Num primeiro piso as áreas de carácter social da habitação: sala, cozinha, sala de jantar, lavandaria, sanitário de serviço, hall de entrada e escadas. O segundo piso, mais privado, reunia o programa dos quartos e respetivos sanitários, e ainda um quarto de estudo. A disposição e orientação destes espaços varia conforme a implantação, que por sua vez toma partido das várias direções do terreno.

Com a análise pormenorizada do terreno e das fundações que lá se encontram, foi fácil deduzir a proposta feita em tempos para o sítio, e uma das características chamou particularmente à atenção: o facto da entrada ser feita pelo lado poente da casa, a meio da construção. Deste modo, adotou-se esse esquema no projeto, uma vez que permitia uma melhor distribuição dos espaços a partir da entrada, e neste caso particular, libertava a fachada principal virada para a rua para ser usufruída pelo espaço de estar.

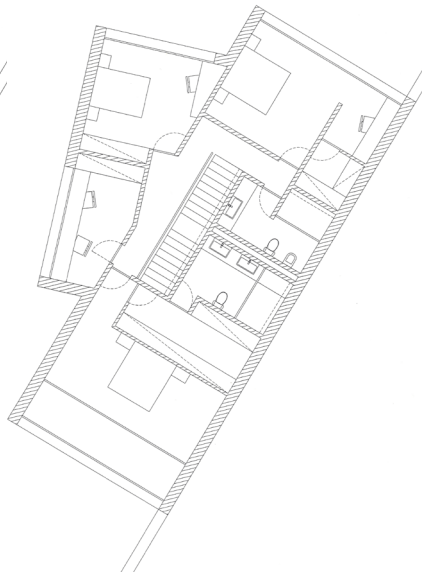
Em contrapartida, a caixa de escadas parecia não encontrar poiso, sendo estudada em diversas posições, de inúmeras formas, em variados espaços da casa. Um dos lugares escolhidos foi o canto nordeste da habitação, o que permitia ao piso superior ser organizado através de um corredor de distribuição longitudinal, no entanto o que poderia ser uma organização simples e ortogonal no que respeita aos quartos, mostrou-



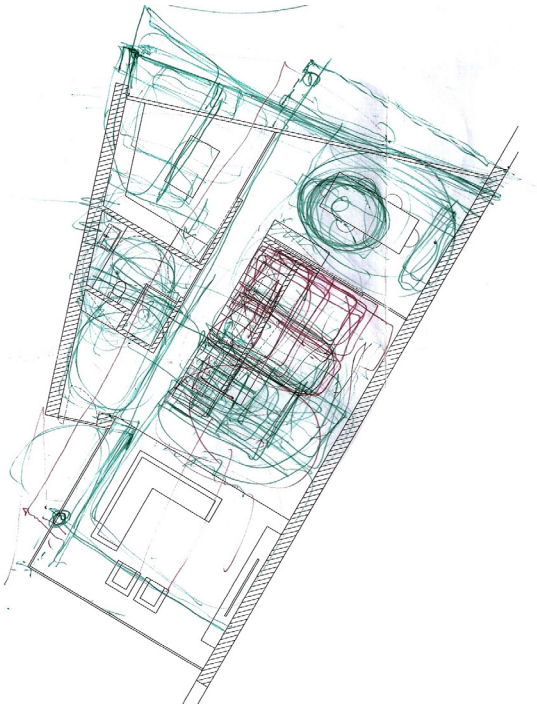
[II.40]



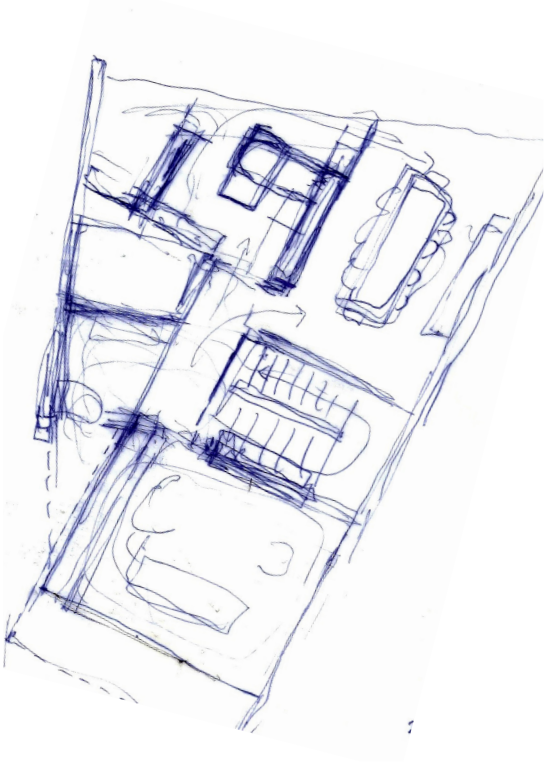
[II.41]



[II.42]



[II.43]



[II.44]

[II.40] a **[II.42]** Implantação da habitação com escada central. **[II.43]** e **[II.44]** Outros estudos da localização e disposição da escada.

se inconsistente e disparatada, pois os quartos passavam a apresentar dimensões muito reduzidas. Sendo que a solução passaria pela mudança de direção, deixando a ortogonalidade de lado, o que também acabou por não se apresentar numa boa estratégia.

Outro opção de localização deste elemento seria o centro da habitação. Uma escada de tiro que parecia responder a todos os requisitos do programa. Para além de se encontrar perto da entrada, facilitando a distribuição, concedia uma grande liberdade de espaço no piso térreo e, permitia uma agradável disposição dos compartimentos no piso superior. No entanto, também esta se tornou incompatível, no sentido em que não respeitava as medidas necessárias para uma escada de tiro, quando conjugada com a largura dos compartimentos.

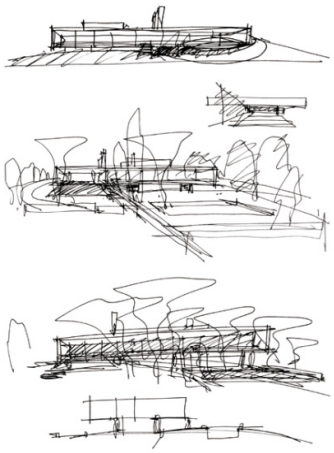
Foi também estudada a disposição da escada junto à parede de meação, com uma implantação em U, mas embora esta respeitasse a legislação, parecia dividir a casa em mundos completamente distintos, em zonas bastante fechadas em si, o que não era de todo o propósito imaginado para a casa. Esta solução foi ainda projetada segundo a linguagem exterior, tentando de alguma forma encontrar respostas para a organização interior. E o que parecia resultar no piso térreo, surgia sempre muito descontrolado no piso superior, com áreas sobredimensionadas, muito díspares entre si e, ainda, com direções e alinhamentos quase aleatórios. Para além disso, a linguagem não respondia de todo às espectativas que se foram criando.

Outro problema encontrado no projeto foi também o facto da solução apresentar um índice de construção maior do que o permitido pelo PUPV, sendo que, para além disso, marginalizava grande parte da área do terreno, não sobrando espaço para um local exterior privado de qualidade.

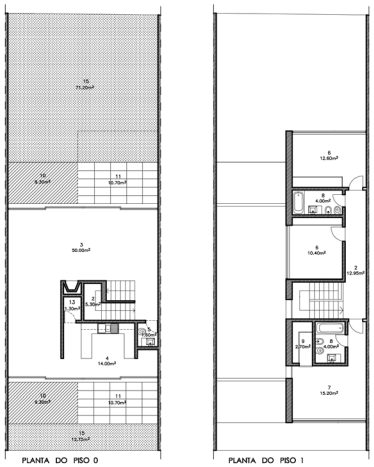
Como tal, estas debilidades levaram ao abandono da primeira solução, mantendo no entanto muitos pontos de interesse para as projeções futuras. Nomeadamente o facto de responder a um dos princípios estipulados logo nos primeiros esboços, a construção em altura, com a distribuição em dois pisos, cujo carácter social se apresenta no piso térreo e o privado no piso superior.



[II.45]



[II.46]



[II.47]



[II.48]

[II.45] e **[II.46]** Casa em Cascais de Eduardo Souto de Moura e respetivos esquissos. **[II.47]** e **[II.48]** Plantas e imagem simulada por computador das moradias em banda no Bom Sucesso, Óbidos, de Alcino Soutinho.

2.2.2. Fase 2 – Implantação Mista

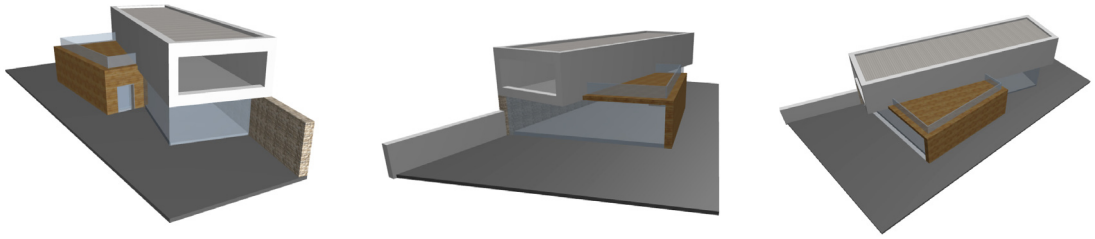
Tendo em conta as fragilidades da solução anterior, surgiria nesta fase um redimensionamento da área de implantação, bem como a transformação da forma da habitação.

Analisando atentamente esses problemas, observou-se o claro estrangulamento da passagem a poente. O facto da casa apresentar dois pisos alinhados pelo limite da área destinada à implantação, e dos mesmos espelharem a altura e direção do muro de chapa da fábrica vizinha, faria com que esta passagem se cingisse a uns estreitos 2,8m de largura em contraponto com os altos 6,4m de altura das paredes, tornando-se num lugar desconfortável e sombrio. Neste sentido, a solução para este constrangimento passou a ser um dos problemas principais a ultrapassar. Sendo que se optou por manter o piso térreo com este alinhamento, recuando o piso superior e transformando-o num paralelepípedo, ou numa 'caixa' em jeitos de Souto Moura. Para além disso, a área que se ganharia por cima do piso térreo, resultaria numa área exterior de varanda ligada à zona dos quartos.

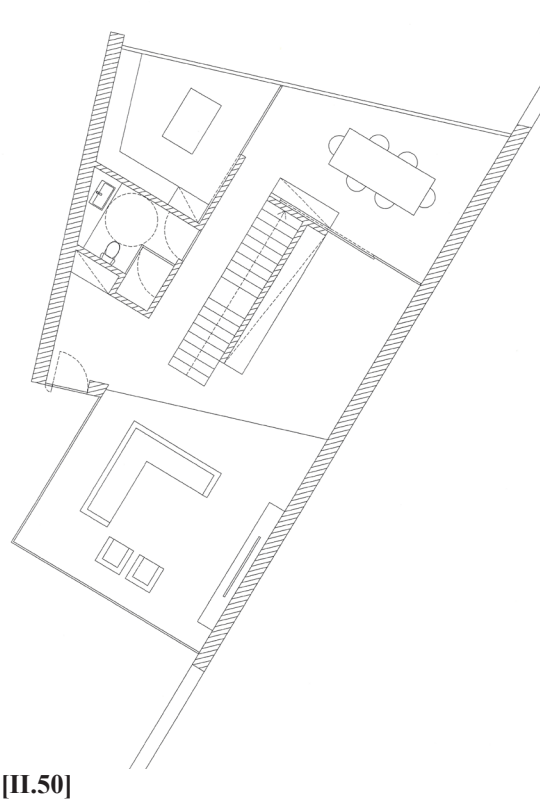
A linguagem elegida, bem como a disposição volumétrica, afirmaram-se pela referência de duas casas em particular: a Casa em Cascais de Eduardo Souto de Moura; e as Moradias em Banda no Bom Sucesso, Óbidos, de Alcino Soutinho[70].

A primeira como ideia de 'caixa', ou paralelepípedo, que se solta do chão, daí o piso térreo ser, na zona frontal do terreno, todo em vidro, numa tentativa de evidenciar apenas a parte superior da casa - a 'caixa' - desvanecendo ou até, de certo modo omitindo, onde esta assenta. A segunda já como referência a vários níveis, não só na linguagem exterior com a qual se identifica bastante em termos de configuração, de aberturas de vãos, e de simplicidade arquitetónica, mas também ao nível da organização espacial interna da casa, verdadeiramente semelhante. O piso térreo com o dobro da largura do primeiro

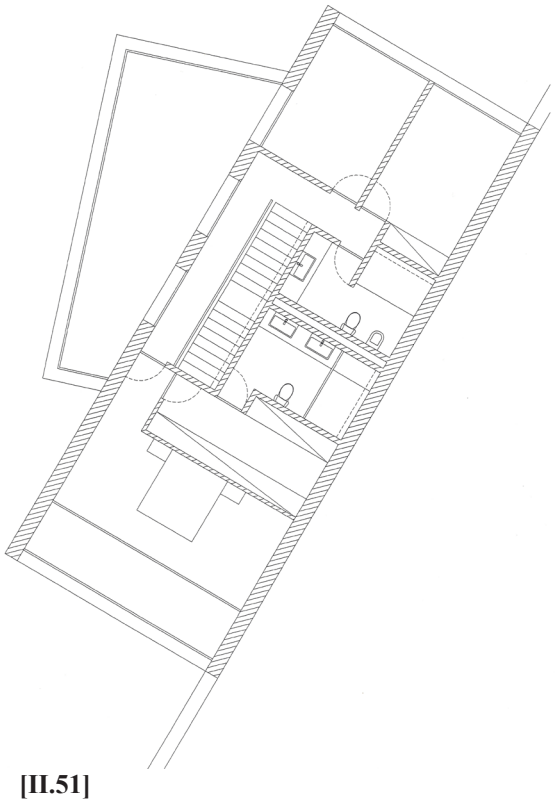
70 Arquiteto e professor português, nascido em Vila Nova de Gaia em 1930. De entre muitas obras destacam-se: o Museu Amadeo de Souza-Cardoso, a recuperação do Castelo de Vila Nova de Cerveira; e os novos Paços do Concelho de Matosinhos.



[II.49]



[II.50]



[II.51]

[II.49] Simulações tridimensionais da habitação. **[II.50]** e **[II.51]** Plantas do piso térreo e primeiro piso, respetivamente, com implantação mista.

piso, e com as áreas comuns distribuídas muito livremente num espaço bastante amplo. Os quartos e sanitários privados no segundo nível, dispostos ortogonalmente pelo piso.

"A imagem arquitectónica é configurada, para além da articulação volumétrica, por fachadas onde predomina o vidro como material mais significativo (...)"[71]

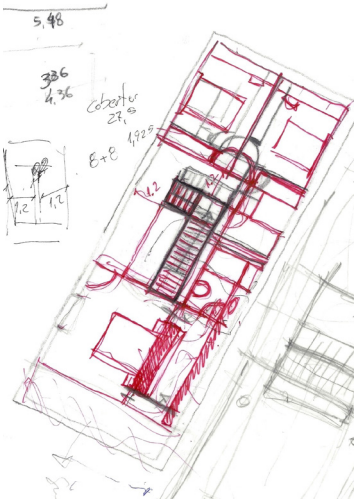
Relativamente à linguagem, a ideia passaria por distinguir os dois níveis da casa com diferentes materiais: a caixa branca de cima, em contraponto com a madeira no piso inferior. Praticamente todas as fachadas norte/sul apresentariam grandes envidraçados, tornando este material bastante significativo nos dois pisos, à semelhança das moradias no Bom Sucesso.

Quanto à distribuição interior da casa, as principais alterações fizeram-se, também, ao nível do primeiro piso, nomeadamente no que respeita à dimensão dos compartimentos, que reduziram consideravelmente (em contraponto com as da fase 1). Por sua vez, a caixa de escadas surgiria novamente como o objeto de divergência neste projeto, movendo-se de lugar para lugar e mudando diversas vezes de configuração. Fora novamente aplicada a solução de tiro a meio da habitação, a qual permitia uma área social completamente livre de norte a sul da casa, e uma distribuição muito direta no piso dos quartos. Ou, por sua vez, junto à parede de meação, onde as únicas diferenças seriam na localização dos sanitários na parede poente, o que parecia um desperdício de vãos livres, e na ligação entrada/acesso entre pisos não ser tão direta. No entanto, este tipo de escada resultava num constrangimento das outras áreas do piso superior, em termos de dimensão legislativa, incentivando a procura de uma solução a esta limitação.

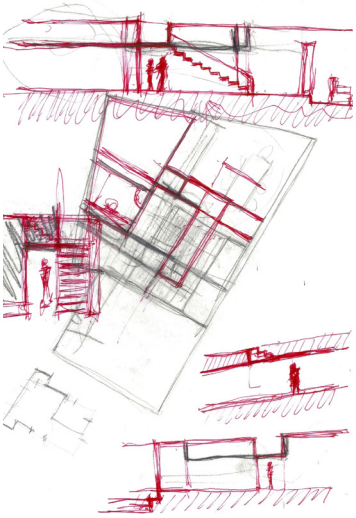
2.2.3. Fase 3 – Evolução do Corpo

Esta fase apresenta bastantes semelhanças com a anterior, uma vez que se torna uma evolução da mesma, admitindo os seus erros e superando-os. Deste modo, a proporção

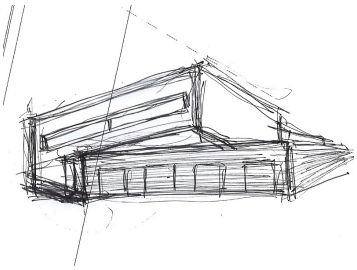
71 SOUTINHO, Alcino in BOM SUCESSO RESORT – *Moradias para venda* [Online]. Disponível em: www.bomsucesso.com.pt/portugal-villa288A [Consult. 10 Mai. 2014]

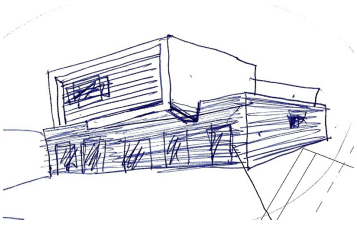


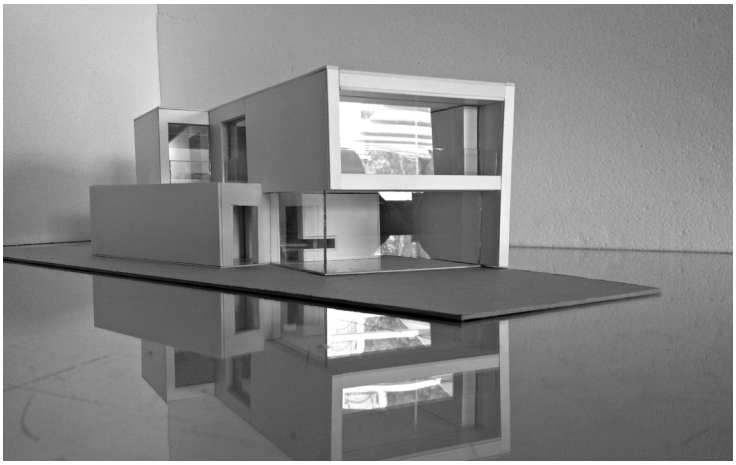
[II.52]



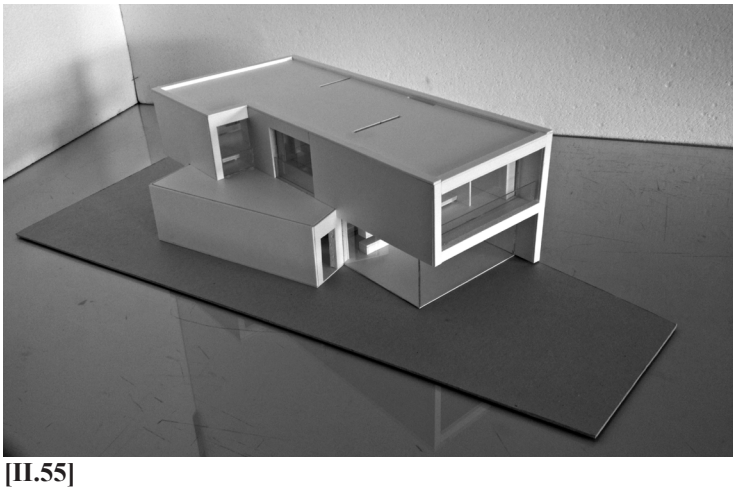
[II.53]



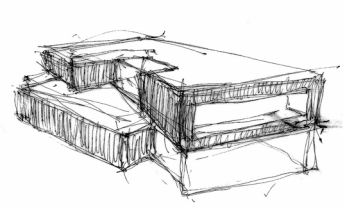




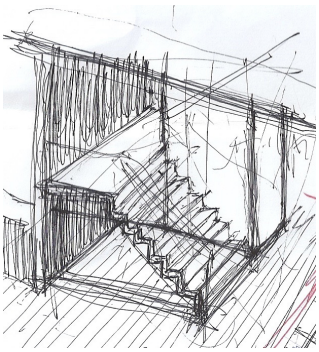
[II.54]

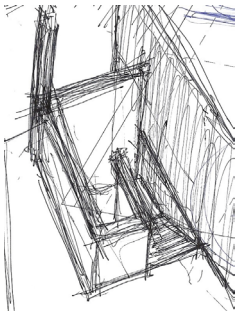


[II.55]



[II.56]





[II.57]

[II.52] e **[II.53]** Estudo da implantação da escada em L. **[II.54]** e **[II.55]** Fotos da maquete de estudo da solução. **[II.56]** Estudos de alçados. **[II.57]** Estudos da configuração das escadas.

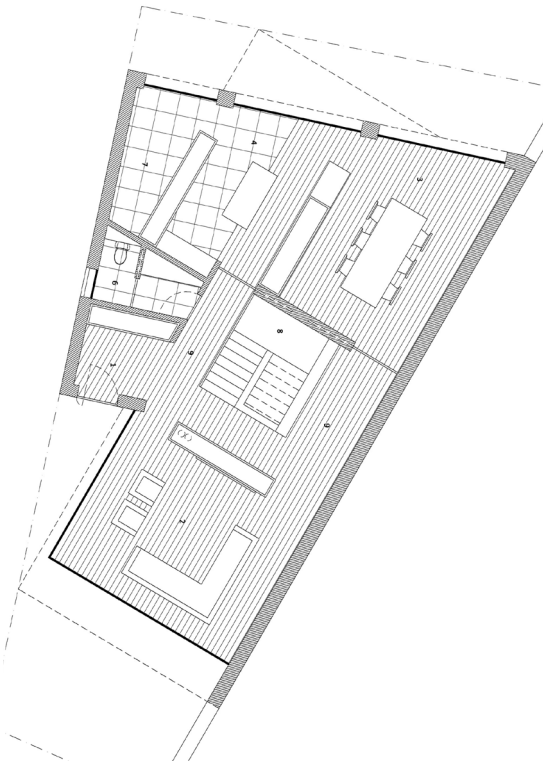
dos espaços e a morfologia do conjunto permanece intacta, sofrendo apenas variações no que respeita ao redimensionamento dos quartos e consequente piso superior, e ainda quanto à organização do espaço social, uma vez que alberga uma nova e mais volumosa caixa de escadas.

Na proposta anterior, os dois quartos no tardoz da casa, apresentavam então dimensões muito reduzidas, provenientes da intenção paralelepipédica do piso superior. No entanto, uma das exigências dos clientes recaía sobre isso mesmo, que todas as áreas da casa fossem generosas, ou no mínimo que incluíssem todos os objetos por eles desejados, neste caso uma cama, roupeiro e uma pequena zona de estudos. Transformando, deste modo, a proposta anterior para aqueles quartos inviável, uma vez que tornava tudo muito justo e limitado.

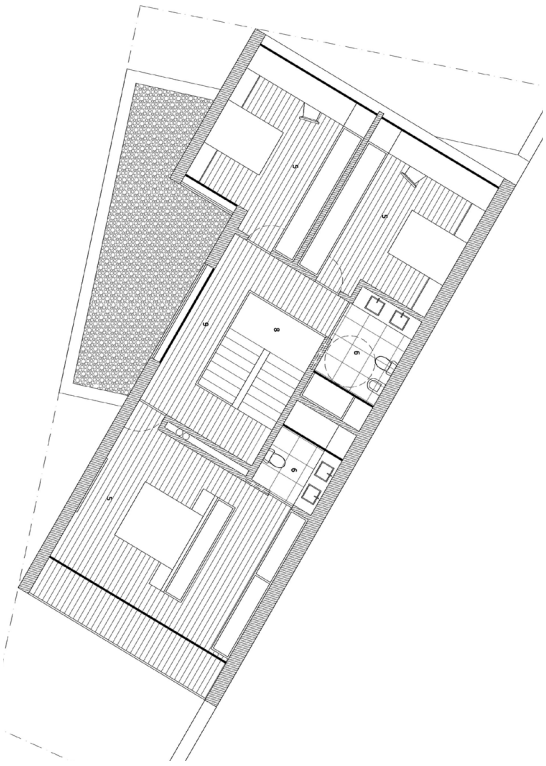
Assim foi necessário abdicar do paralelepípedo, aplicando ao piso superior uma solução em L, na qual se ajustaria os quartos com áreas mais compassivas. Também os sanitários, anteriormente sobredimensionados, foram reajustados.

Como anteriormente referido, as escadas de tiro ainda não se enquadravam na habitação da melhor maneira, sendo portanto substituídas por um modelo em L. Esta solução acabava com o espaço social livre e amplo, dividindo-o em zonas claras e distintas. Na frente a sala de estar, no tardoz cozinha e sala de jantar, e a meio, juntamente com a caixa de escadas, um sanitário de serviço, o hall de entrada e os corredores de distribuição. Estes últimos contornavam a caixa de escadas transformando-a numa 'ilha de distribuição'.

Esta solução ainda não satisfazia ao nível do piso térreo, tornando-o incoerente, desordenado, e com bastante área desperdiçada. Como tal, optou-se por um desenho de escada em U, que permitiu reajustar as dimensões das áreas sociais, bem como das áreas de distribuição. O corredor junto à parede de meação proporcionou ainda uma pequena zona de trabalho.



[II.58]



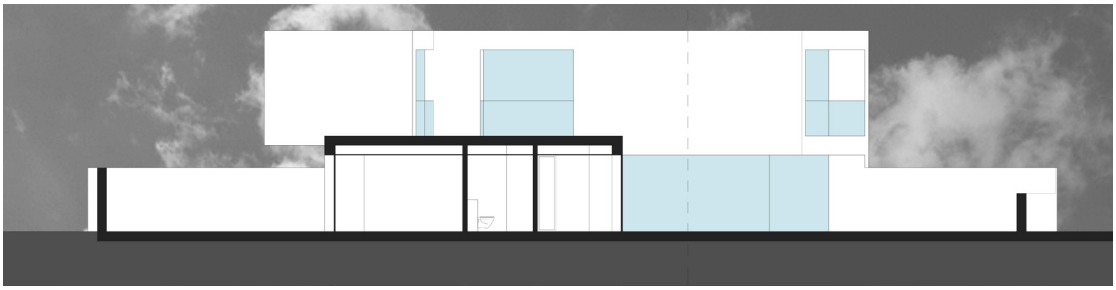
[II.59]



[II.60]



[II.61]



[II.62]

[II.58] e **[II.59]** Plantas do piso térreo e primeiro piso, respetivamente, da evolução do projeto. **[II.60]** e **[II.62]** Cortes esquemáticos da solução.

Nesta fase foram, também, estudadas as plantas de estruturas, tanto o posicionamento dos pilares e vigas, como a direção das lajes. As medidas foram analisadas ao pormenor, garantido a aprovação legislativa das mesmas. Alguns dos materiais ficaram já decididos e registados. O escoamento das águas foi também pensado e sondado. E os clientes aprovaram o projeto.

Deste modo, solicitou-se um pedido de Informação Prévia de Obras de Loteamento.

2.2.4. Fase 4 – Redimensionamento do Projeto

"Ao iniciar um estudo, encontramo-nos perante objectivos que determinam tensões contraditórias numa realidade concreta, de raízes muito profundas, feita de sobreposições, transformações, recuperações, perante um conjunto de experiências e de informações prévias, próprias ou alheias, perante modelos, interesses e contactos.

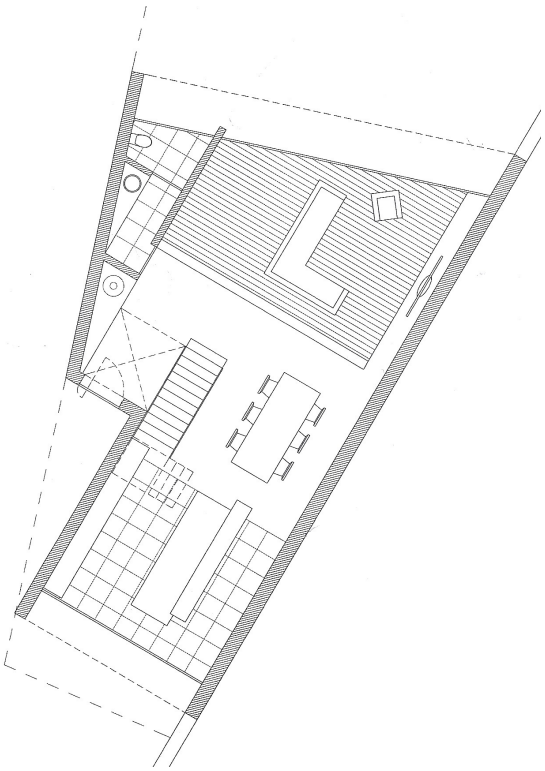
Creio que nesta rede tão complexa de factos e de 'desígnios' se encontra, como uma matriz, quase tudo o que determina o desenho"[72]

Apesar da solução anterior satisfazer o projeto de arquitetura a muitos níveis, apresentava duas grandes contrariedades legislativas: a proposta excedia a área de construção máxima; e ultrapassava os limites de implantação relativos ao primeiro piso. Apenas se tomou conhecimento destas condições aquando da resposta negativa ao pedido de Informação Prévia (ver **[Anexo I.9]** e **[Anexo I.10]**).

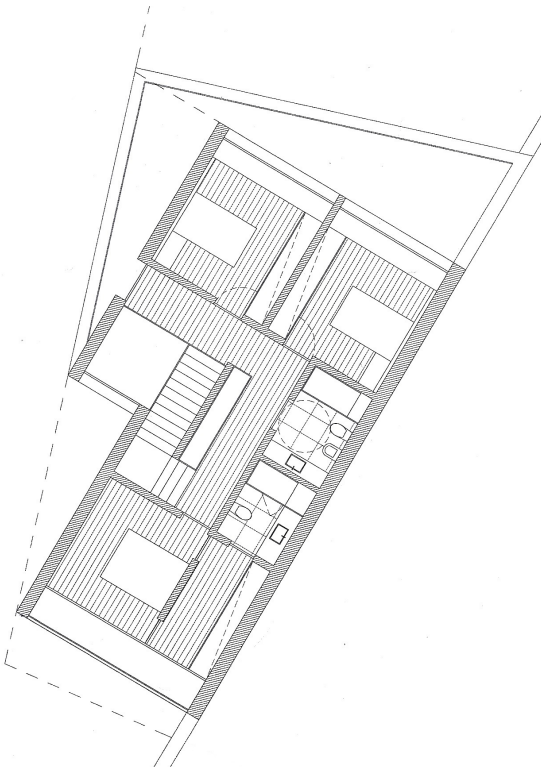
Já anteriormente, no início de conceção do projeto, quando ainda se estudava pormenorizadamente o Alvará de Loteamento, haviam surgido estas dúvidas, nomeadamente o facto do volume de construção máximo apresentar um valor muito superior quanto à área de construção máxima, bem como a função do tracejado proposto interno descrito na planta de síntese.

---

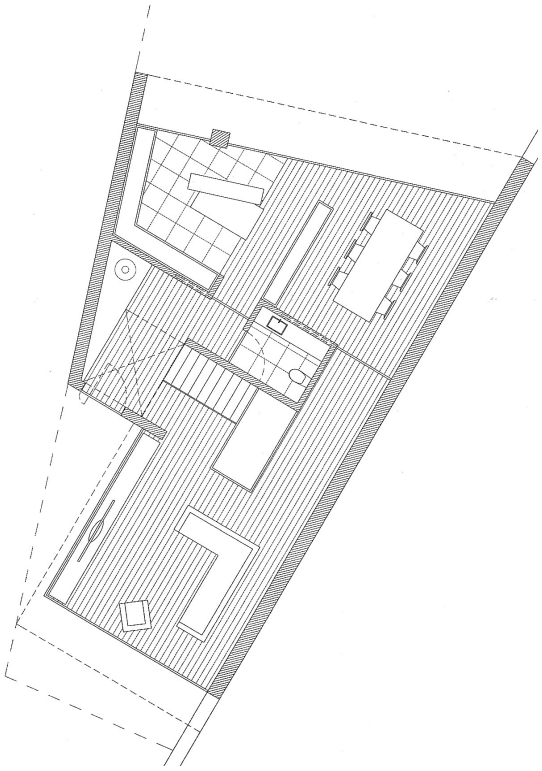
72 VIEIRA, Álvaro Siza, "O procedimento inicial", in MACHABERT, Dominique, Des mots de rien du tout / *Palavras sem importância*, Université de Saint-Étienne, Saint-Étienne, 2002, p.90



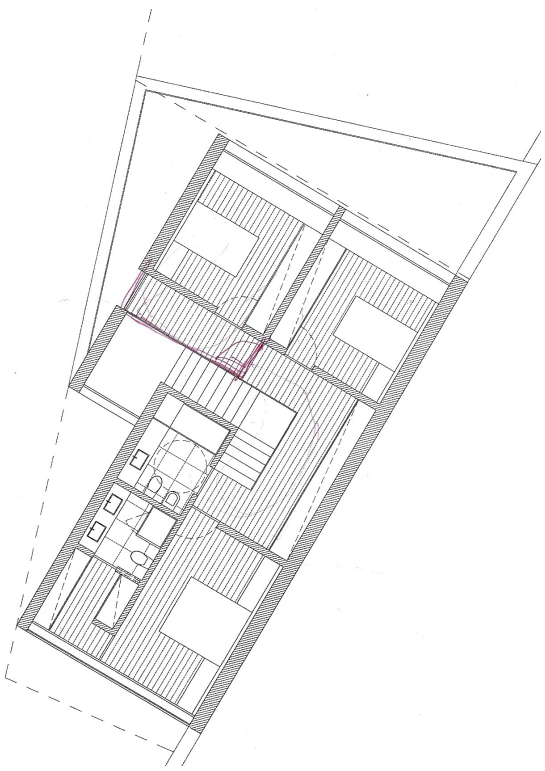
[II.63]



[II.64]



[II.65]



[II.66]

[II.63] e **[II.66]** Plantas do piso térreo e primeiro piso das propostas de redimensionamento do projeto.

Estas dúvidas foram expostas ao Departamento de Obras Públicas, da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, por mais de uma vez e às quais se obteve a seguinte resposta:

> • A Área de Construção Máxima é apenas relativa a um piso, sendo que, se o número de pisos possíveis é de 2, este valor tem que ser duplicado. Advindo daí o valor do volume de Construção Máxima.
> • O tracejado interno tem que ver, unicamente, com alinhamentos da envolvente, não sendo obrigatório a utilização deste no projeto.

Deste modo, apenas quando a resposta ao pedido de Informação Prévia foi negativa, se obteve as verdadeiras explicações às desconfianças acima descritas. Sendo que a área de construção máxima é de 230m^2 no total, tendo esta de ser dividida quando projetada em dois pisos. Por sua vez, o tracejado interno é relativo à área de implantação do primeiro piso, ou seja, este tem que obedecer aos limites impostos pelo traçado proposto.

Assim, tornou-se necessário redimensionar toda a proposta, bem como fazer várias alterações no que respeita à implantação e à forma da mesma. Surgiu aqui a necessidade de experimentar e ensaiar outro tipo de soluções e, até mesmo repensar a organização espacial da casa.

A primeira modificação surgiu ao nível do primeiro piso tentando reajustar a solução anterior dentro dos novos limites. Não só o redimensionamento dos quartos foi considerável, mas também a caixa de escadas sofreu profundas alterações.

Numa primeira fase, a escada assumiu uma forma em L, no sentido longitudinal da casa, o que permitia que a organização espacial desta se mantivesse quase intacta, pelo menos no primeiro piso. No piso térreo experimentou-se alternar a disposição dos compartimentos, a sala passaria agora para o tardoz da casa, e a cozinha tomava a posição frontal. Deste modo tentou-se conjugar uma relação direta entre a entrada e a sala de estar, bem como a criação do piso térreo como "*open space"*. Contudo as dimensões e configurações deste piso pareciam descontroladas.



[II.67]



[II.70]



[II.68]



[II.71]



[II.69]



[II.72]

[II.67] e **[II.69]** Casa na Foz de Sérgio Koch. **[II.70]** e **[II.72]** Casa na Quinta do Patino, de Frederico Valsassina.

Em busca de outra alternativa, optou-se mais uma vez por modificar as escadas, na mesma em forma de L, mas agora no sentido transversal da casa. Esta configuração permitia voltar à organização anterior, sala na frente, cozinha e sala de jantar nas traseiras da casa, mas delimitava bastante os espaços. Em certa parte, à semelhança com o que anteriormente já havia ocorrido quando se estudou a hipótese de uma escada em U, encostada à parede de meação. Além disso, no piso superior, os sanitários já não se adaptavam ao espaço anterior, sendo que o novo não resultava de todo na melhor opção.

2.2.5. Fase 5 – Implantação Ortogonal

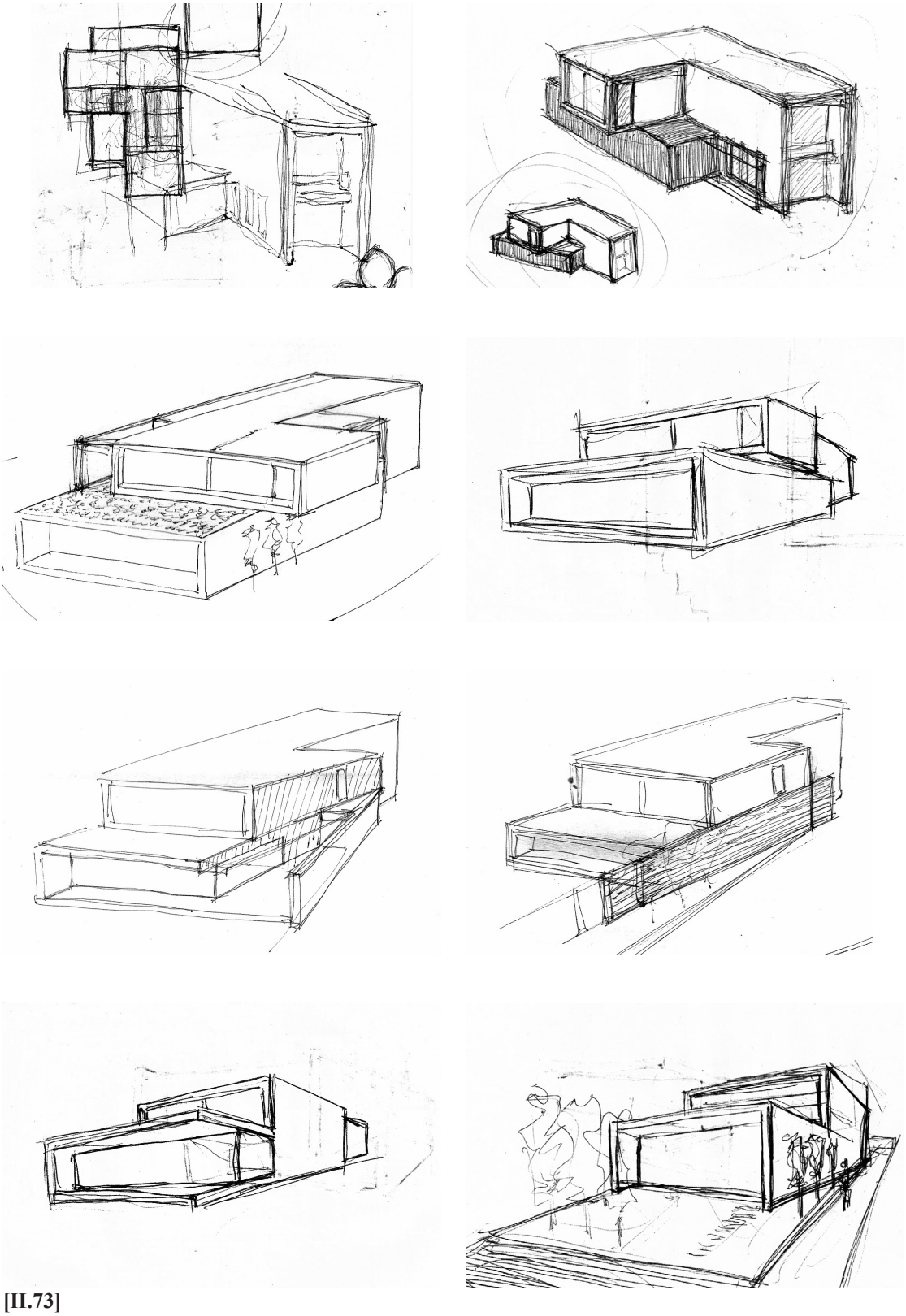
Ao longo das sucessivas evoluções do projeto, chegou-se à conclusão que a proposta começava a desequilibrar-se talvez pela excessiva vontade de preservar a direção não ortogonal do piso térreo. A esta ilação aliou-se o facto da torção trazer várias complicações a nível estrutural, apresentando um desenho de difícil integração na arquitetura da habitação. Face a esta situação, procurou-se um processo de simplificação e síntese do projeto, que consistiu na conceção de uma nova forma, mais pura e elementar, que servisse de suporte ao desenvolvimento resultante do processo.

Para tal, foram tidos como referência dois exemplos bastante significativos nesta abordagem: a Casa na Foz de Sérgio Koch[73]; e a Casa na Quinta Patino de Frederico Valsassina[74].

A primeira pela forma da habitação, simples, pura e autêntica. Pelo destaque e imponência que apresenta no terreno, forte e determinado. E pelo conjunto em si, que tanto se mostra básico e descomplicado, como também se expõe arrojado, ousado e complexo.

73 Arquiteto português, formado no Porto em 1996. Entre 1997 e 2012, colaborou no escritório do arquiteto Eduardo Souto Moura, participando em vário projetos nacionais e internacionais.

74 Frederico Valsassina nasceu em Lisboa em 1955. Licenciado em 1979, forma o seu atelier em 1986. Entre outras obras é autor dos Estúdios R.T.P./R.D.P., Edifício do Campus da Logoplaste e o Museu de Arte Contemporânea - Comp. de Seguros Lusitânia.



[II.73]

[II.73] Estudos de possíveis propostas e alçados para a Casa Barros.

A segunda pela linguagem e materiais usados. A imagem clara e nítida das fachadas que contrastam com as aberturas milimetricamente idealizadas, expondo interiores cheios de vida. A madeira e o vidro que se destacam na parede de reboco cinza. A caixa, o paralelepípedo, a ortogonalidade. A simplicidade e a transparência.

Posto isto, idealizou-se um novo projeto caracterizado pela combinação das características funcionais das propostas anteriores com uma nova carapaça, ou seja, uma nova forma. Como tal, as alterações foram mais significativas ao nível do piso térreo, uma vez que o primeiro piso seria adaptado da solução anterior, já revista e retificada.

Como referido anteriormente, esta forma partiu então da desagregação da direção enviesada do piso térreo, para uma forte ortogonalidade da proposta. A imagem do edifício passa a ser, consequentemente, mais forte e imponente, tanto na organização espacial como na interação com a envolvente. Esta solução adotou os limites já conseguidos na última proposta, mudando apenas a parede a poente, paralela ao muro da fábrica, passando a ser ortogonal ao resto da casa. Esta mudança trouxe, sobretudo, a desopressão do percurso exterior da casa que liga a entrada ao jardim tardoz.

A nível espacial, os compartimentos sofreram uma redução das dimensões, e apesar de, num primeiro esboço, o piso térreo apresentar, compartimentos mais fechados e delimitados, este contratempo nas proporções dos espaços foi ultrapassado com a proposta seguinte, em que o piso térreo adota uma solução "*open space*", já anteriormente estudada.

Com estas opções e modificações, o conjunto ganhou coerência no seu todo, e tanto a expressão formal da casa, como a sua organização espacial, começaram agora a aproximar-se de uma solução mais natural e, consequentemente, mais satisfatória.

CAPÍTULO III

CASA BARROS

1. SÍNTESE DA EVOLUÇÃO
2. UNIDADE PROJETUAL

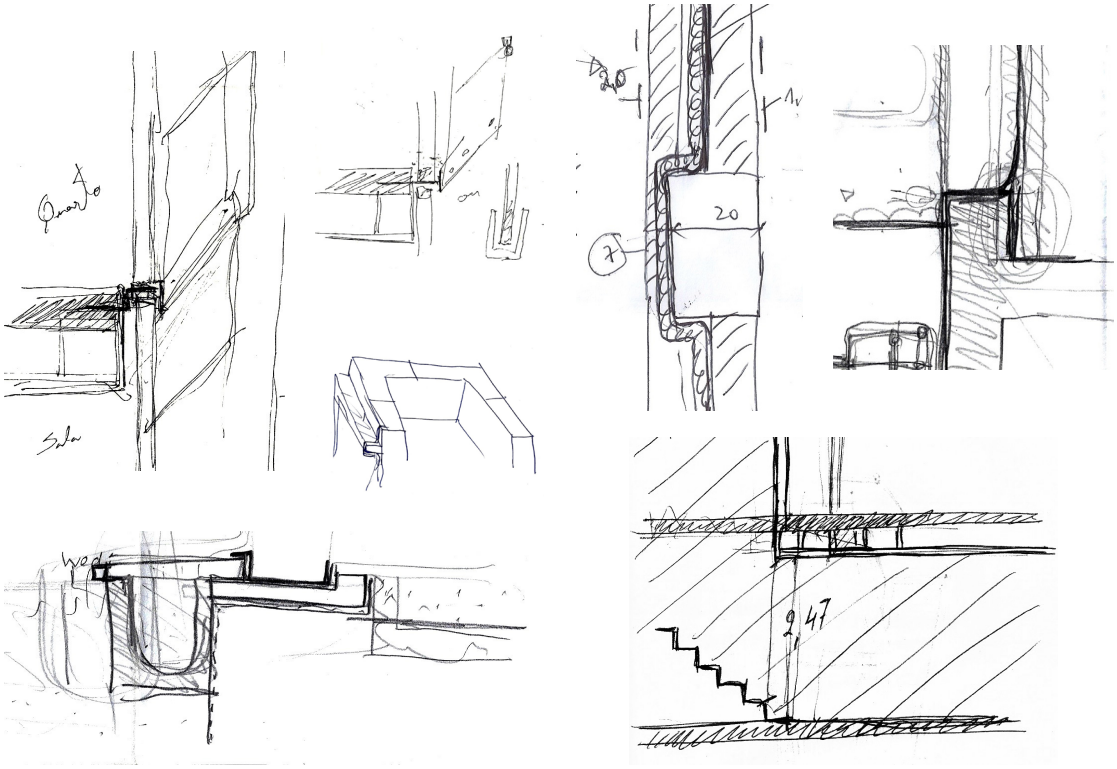
1. SÍNTESE DA EVOLUÇÃO

Ainda que se considere que o projeto é um processo em contínua evolução, há uma determinada altura em que se tem que fazer escolhas, e essas escolhas requerem firmeza, confiança e determinação.

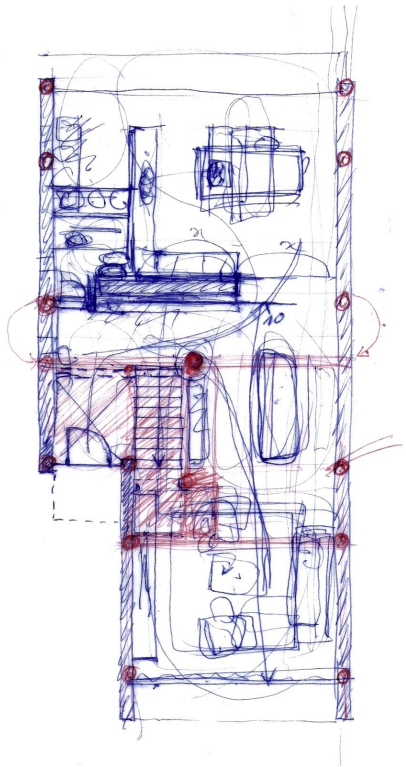
Deste modo, a última solução, ainda que apresente as suas fraquezas e debilidades, procurou responder da melhor forma às exigências várias, de clientes, instituições, orçamentos e, fundamentalmente, do processo de criação da forma. Ao mesmo tempo que sintetiza conceitos e ideias exploradas nas soluções anteriores, procura conferir unidade ao conjunto. O aperfeiçoamento do desenho, das linhas, da geometria e da proporção da casa, tanto no exterior como nos espaços internos, surgiu como chave para atingir esse propósito.

Esta fase representa, assim, a conclusão de intenções e princípios de composição, conjugando o desenho arquitetónico com as demais artes e especialidades, de modo a caracterizar o espaço e a forma.

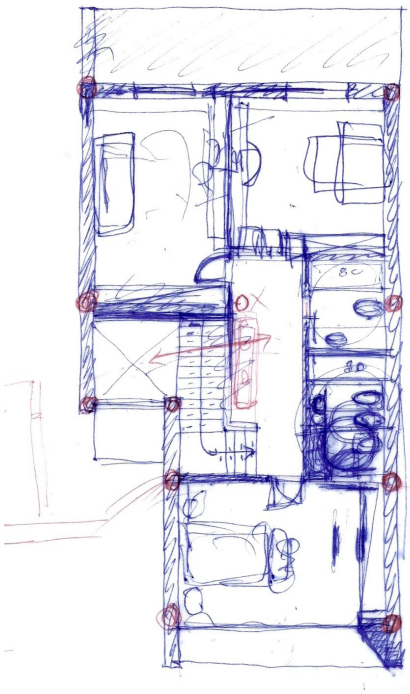
Depois da revolução das fases anteriores, a implantação, o programa e a organização estabilizaram-se e, a viabilidade de construção da habitação foi aprovada pela Câmara Municipal, segundo o último pedido de Informação Prévia solicitado (ver **[Anexo I.8]**, **[Anexo I.11]** e **[Anexo I.12]**). As alterações posteriores surgiram no sentido de aperfeiçoar a solução existente, nomeadamente a escolha de materiais, a definição concreta dos espaços, os ajustes necessários aos compartimentos, a idealização do mobiliário, entre outras transformações, de forma a garantir uma unidade projetual mais objetiva e concreta.



[III.01]



[III.02]



[III.03]

[III.01] Estudo de pormenores construtivos. **[III.02]** e **[III.03]** Plantas do piso térreo e primeiro piso, respetivamente, do estudo para a última proposta.

Como tal, o princípio formal do projeto assume-se como uma unidade volumétrica, organizada num só corpo, que se relaciona com a envolvente formando, consequentemente, uma relação compositiva entre o natural e o construído.

O projeto procura adaptar-se ao terreno abrindo-se à paisagem, selecionando-a e tirando partido da mesma. A implantação proposta tem ainda como objetivo a procura da melhor integração do edifício no próprio terreno, na tentativa de se inserir harmoniosamente na escala do lugar, adequando a sua presença às construções típicas locais. E ainda, de forma a aproveitar o sol, as vistas e a própria envolvente.

Deste modo, a proposta aponta essencialmente para uma relação, clara e expressiva, entre o interior e o exterior, onde cada um dos compartimentos apropria-se de forma distinta ao exterior e à paisagem, sem pôr em causa a privacidade dos espaços habitáveis. Esta ideia de espaços abertos e contínuos para o exterior, contrasta ainda com os planos cegos das restantes fachadas, instruindo a direção do olhar.

"Construir uma casa tornou-se uma aventura.
É preciso paciência, coragem e entusiasmo. (...)

O projecto de cada casa é quase igual ao de qualquer outra:
paredes, janelas, portas, telhado. E contudo é único. Cada elemento se vai transformando, ao relacionar-se."[75]

75 VIEIRA, Álvaro Siza, "Construir", *01 textos*, Civilização Editora, Porto, 2009, p.25.



[III.04]



[III.05]

[III.04] e **[III.05]** Maquete de estudo: solução final da Casa Barros.

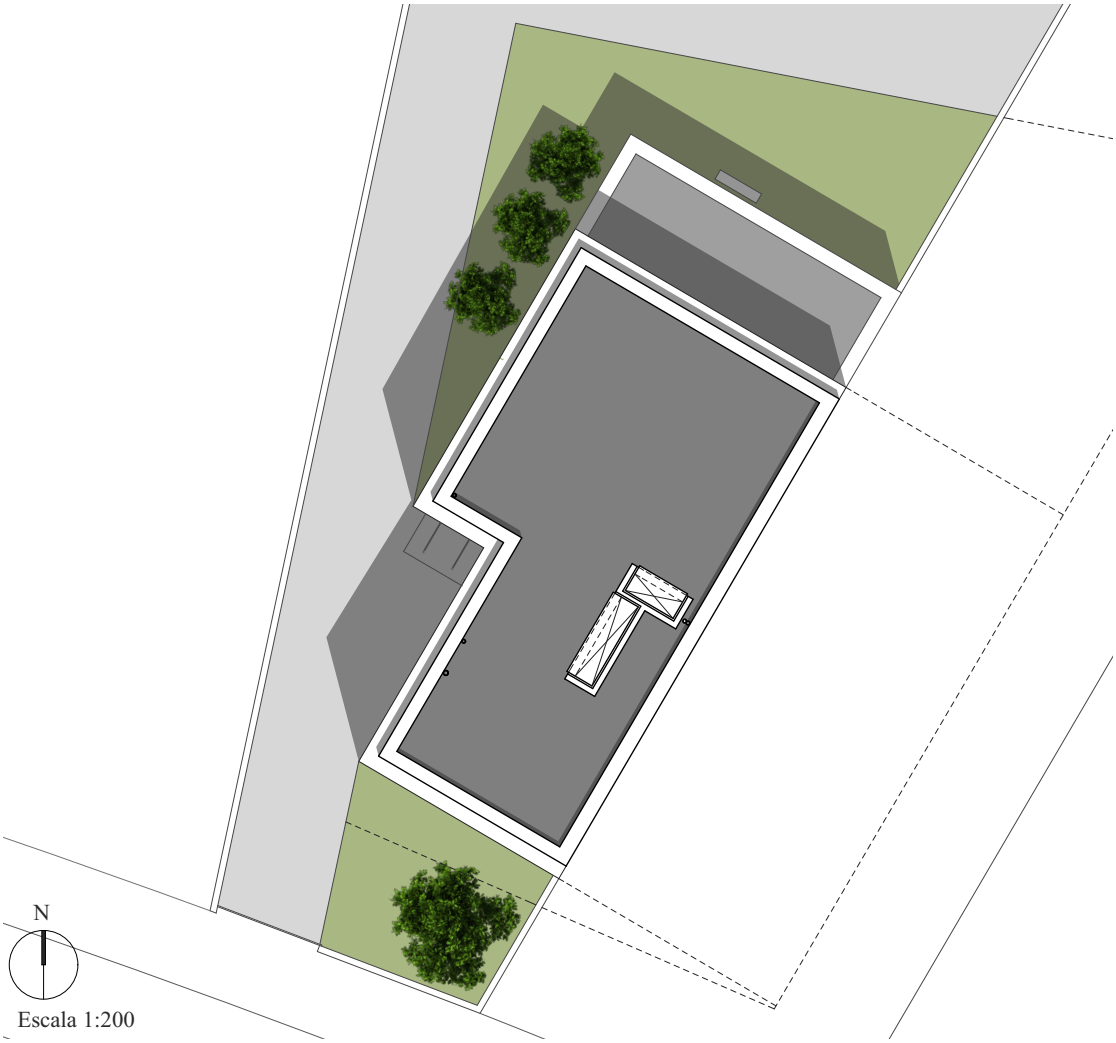
2. UNIDADE PROJETUAL

"Projectar significa, em grande parte, compreender e ordenar. Mas a verdadeira substância essencial da arquitectura é originada, no meu entender, pela emoção e inspiração. Os momentos valiosos da inspiração aparecem com o trabalho paciente. Através de uma imagem interior que surge de repente, de um novo traço num desenho, toda a construção do projecto parece alterar-se e reconstituir-se numa fracção de segundo. É como se, de repente, sentisse o efeito de uma droga estranha. Tudo o que ainda agora sabia sobre o objecto a criar aparece sob uma clara e nova luz. Sinto então alegria e paixão e algo em mim parece dizer: Quero construir esta casa."[76]

Assim como a casa de Peter Zumthor, também esta surgiu com o trabalho paciente, com a compreensão dos problemas, com a organização das ideias, com momentos repentinos e com outros menos intuitivos. Em suma, uma junção de todo um processo que desencadeou a uniformidade do projeto. Por sua vez, a vontade de executar este projeto de arquitetura deve ser, meticulosamente, estudada e aprofundada. Não deve ser tomada de absurda, nem tampouco inexequível ou inconsequente sem que seja devidamente analisada. Para tal, remete-se para um estudo coerente das ideias, da forma e da função, de modo a encontrar um resultado que se adeque à realidade que pretende transformar.

Esta unidade projetual – a Casa Barros – é agora descrita segundo os temas discutidos na presente dissertação: o sítio, a organização espacial, os espaços de transição, a linguagem e os sujeitos. Um ensaio que pretende identificar/expor a casa e a sua articulação doméstica. O conceito, as referências e as decisões, são agora assumidos de forma a permitir a materialização desta arquitetura.

76 ZUMTHOR, Peter, *Pensar a Arquitectura / Peter Zumthor*, Gustavo Gili, Barcelona, 2005, p. XX



[III.06]



[III.07]



[III.08]

[III.06] Planta de Coberturas da Casa Barros. **[III.07]** Perfil da rua de São Brás: avanços e recuos das construções. **[III.08]** Muro pré-existente do loteamento.

2.1. O Sítio

Como visto anteriormente, a casa insere-se num pequeno lote com, aproximadamente 390m^2, numa zona rural de Argivai, Casal do Monte. O perfil da rua altera-se constantemente, ora com construções à face, ora com recuos das mesmas, bem como da própria rua, que apresenta zonas de alargamento e outras mais estreitas, que é o caso do tramo pertencente ao lote em questão. Esta rua caracteriza-se ainda, por habitações de dois pisos, uma fábrica no lado norte, e um amplo terreno natural do lado sul, o que permite a desopressão da rua nas zonas mais comprimidas.

À semelhança da Casa 1 em Nevogilde, também esta se encosta a um dos lados do terreno, o lado nascente, e recua ligeiramente da face da rua, permitindo um pequeno espaço verde na frente da casa e outro mais alargado no tardoz. Também por imposição do PDM e do PUPV respeita os limites impostos, bem como os alinhamentos com futuras casas vizinhas, nomeadamente no muro exterior e na implantação do segundo piso.

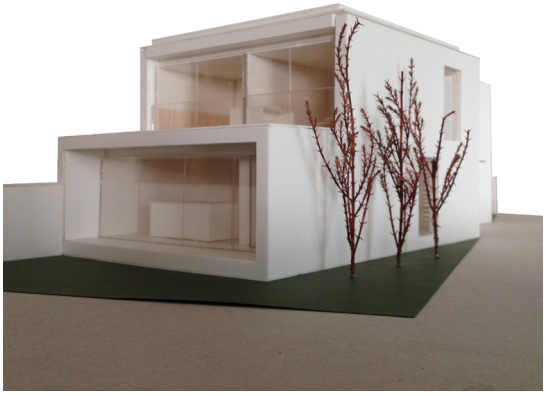
Tratando-se de uma implantação longitudinal no sentido nordeste/sudoeste, a casa desfruta de uma orientação solar restrita. Apesar de apenas uma das fachadas em vidro ser iluminada o dia inteiro, todas as outras usufruem de iluminação solar em diferentes partes do dia.

O muro de separação que delimita o espaço privado do público já se encontrava construído, e uma vez que respeitava o estipulado pelo regulamento, definia desta forma a área de abertura para o portão de entrada, bem como a altura máxima em relação à cota exterior, 1,4m. Apenas atinge os 2m de altura o muro de divisão entre os lotes, permitindo uma maior privacidade dos habitantes em relação ao lote vizinho.

No entanto, e tendo sempre em atenção a questão da privacidade, esta casa tem como princípio evidenciar-se no terreno e na envolvente. Ao contrário das casas introvertidas de Álvaro Siza e de Souto de Moura, que se viram para o seu interior ou se desenvolvem











[III.09]

[III.09] Maquete de estudo: espaços exteriores e relação dos mesmos com o interior.

num único piso, com o intuito de se refugiarem da confusão do exterior, esta habitação, para além de apresentar dois pisos, ainda se assume perante o exterior, exibindo um enorme envidraçado à rua. Esta atitude prende-se com o facto da mesma se encontrar provida de uma vasta paisagem verde à sua frente e também, como já anteriormente referido, com o propósito de se destacar perante os altos muros de chapa da fábrica vizinha.

A composição volumétrica apresenta-se de forma rígida mas unitária, procurando assentar-se no terreno de modo a definir e articular os espaços exteriores e interiores da casa. Deste modo, o projeto divide o terreno em dois espaços exteriores ajardinados, que se unem através de um percurso em torno da casa e apresentam uma ligeira diferença de cotas.

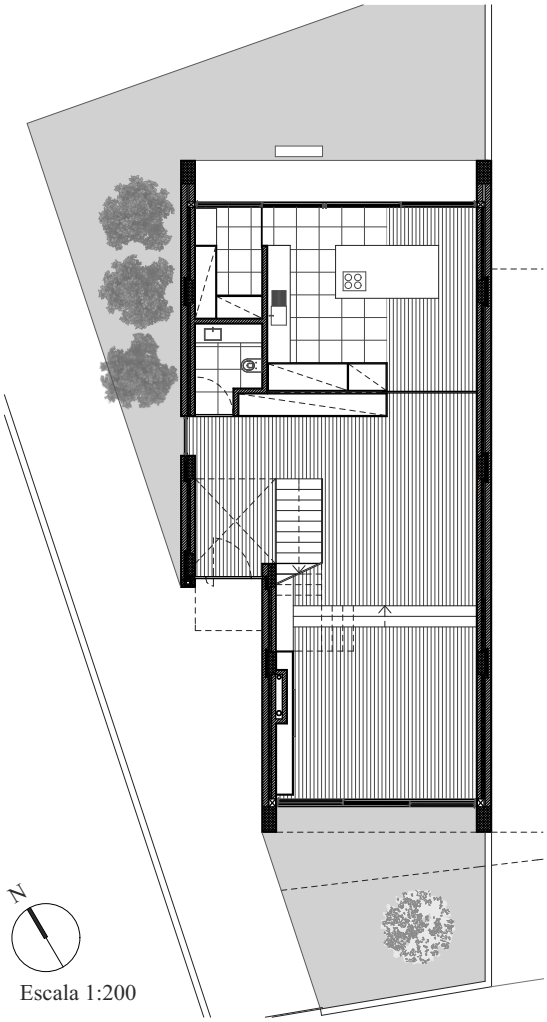
A primeira zona verde, na frente da habitação, dialoga diretamente com a sala de estar, como uma continuação deste espaço. Estas duas áreas apenas se separam por um envidraçado e por uma pequena soleira, realçando o sentido de prolongamento do espaço de estar para o exterior.

Por sua vez, a zona verde no tardoz age contrariamente à primeira, admitindo claramente a distinção entre o interior e exterior. O espaço da cozinha e lavandaria, eleva-se do nível do terreno com o intuito de se destacar do exterior mais baixo.

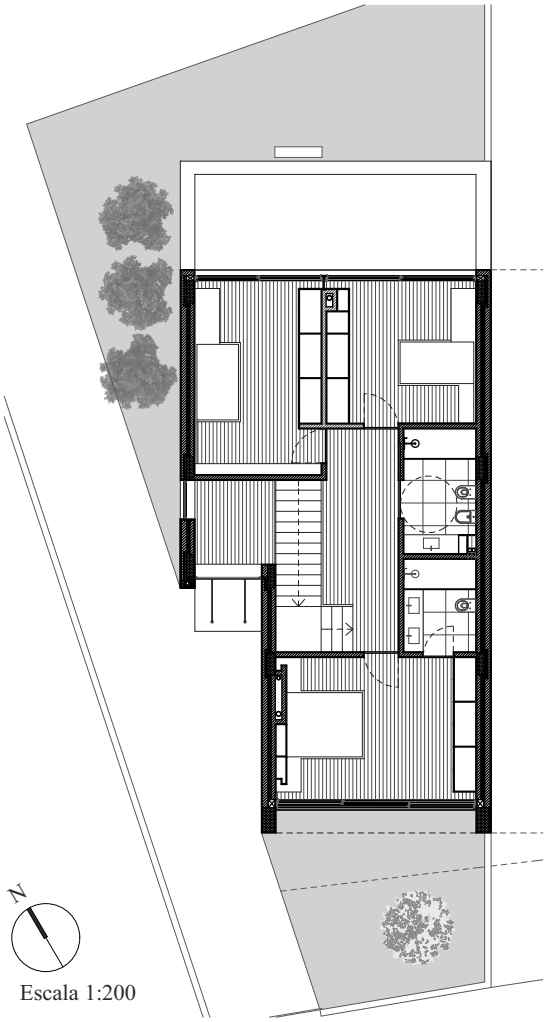
Esta atitude díspar entre as zonas prende-se com a intenção de assinalá-las com diferentes propósitos, a primeira mais intimista e acolhedora, quase que de forma a unir os dois espaços num só, e a segunda mais resguardada perante o terreno, assumindo o exterior como paisagem.

2.2. A Organização Espacial

A casa Barros prolonga-se no espaço segundo um eixo longitudinal marcado em planta. Divide o programa doméstico em dois pisos, nomeadamente a sala de estar e jantar,



[III.10]



[III.11]



[III.12]



[III.13]

[III.10] e **[III.11]** Plantas do piso térreo e primeiro piso da solução final da Casa Barros. **[III.12]** Simulação Tridimensional: espaço de entrada. **[III.13]** "Open space" das áreas sociais da casa.

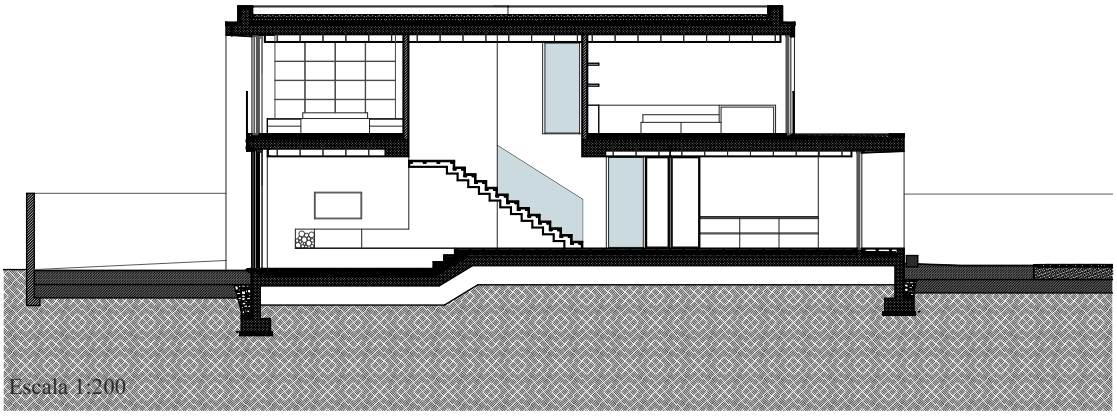
a cozinha e lavandaria e um sanitário de serviço, no piso térreo, três quartos e dois sanitários, no primeiro andar, sendo que um deles faz suite com um dos quartos de dormir.

A distribuição em dois pisos permite diferenciar os níveis de privacidade e convivência. A entrada liga-se diretamente à zona social da casa, que por sua vez se caracteriza como um espaço amplo, aberto e desimpedido, onde todas as funções sociais dialogam entre si de maneiras específicas. O "*open space*" criado pretende unir as diversas áreas de forma própria e controlada, cada uma à sua maneira. Neste sentido, a entrada desenha um átrio de pé-direito duplo que funciona como ponto de chegada e de distribuição entre os dois pisos, dividindo os espaços sociais dos privados, bem como o exterior do interior. A caixa de escadas encontra-se a meio da habitação, numa tentativa de separar e de distinguir esta zona de entrada da restante área social da casa que, por sua vez, funciona como um eixo longitudinal que liga as extremidades da casa e que proporciona diferentes sensações ao longo do mesmo.

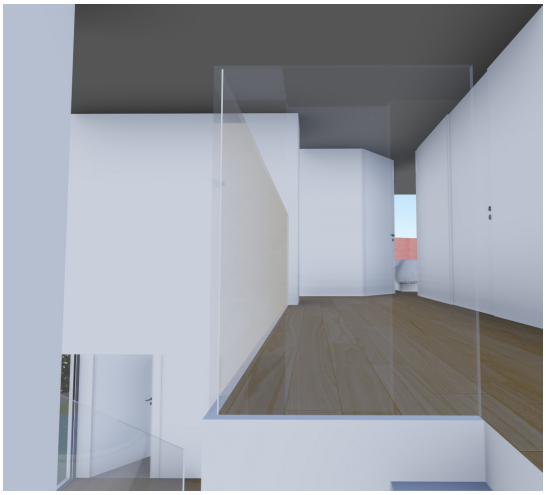
Num espaço com pé-direito mais baixo e acolhedor, de convívio e familiaridade, situa-se a sala de jantar. Esta faz de charneira entre o espaço de estar, disposto numa cota mais baixa, num sentido mais privado, íntimo e recatado, e os serviços, cozinha e despensa/lavandaria, no outro extremo, que ocupam a largura toda da casa e se abrem para o exterior privado do tardoz, tornando-se numa zona ampla e espaçosa.

Embora todas estas funcionalidades tenham um lugar específico e reservado, a verdade é que os atos de cozinhar, de jantar, de conviver e de conversar podem integrar-se em conjunto na vivência espacial da casa. Assim, para estes espaços alternarem entre a vivência conjunta ou a organização convencional (cozinha e sala independentes) basta deslizar o painel de vidro opaco situado no limite entre a cozinha e a sala de jantar.

Esta área da casa, aberta, ampla e livre, contrapõe-se ao piso de cima, onde cada espaço funciona no seu compartimento fechado, evidenciado a privacidade deste piso. O corredor de distribuição, que se descreve como um mezanino sobre a entrada, também no sentido longitudinal da casa, permite o acesso entre os quartos e um dos sanitários.



[III.14]



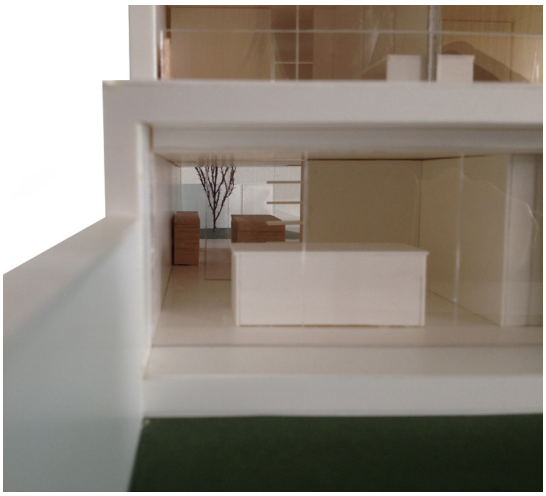
[III.15]



[III.16]



[III.17]



[III.18]

[III.14] Corte longitudinal da Casa Barros. **[III.15]** Simulação tridimensional: corredor de distribuição do piso superior. **[III.16]** Espaço destinado à circulação compreendido nos restantes programas. **[III.17]** Maquete de estudo: mezanino sobre a entrada. **[III.18]** Transparência visual do "open space".

O primeiro quarto, o principal da habitação, situa-se por cima da sala de estar e adquire, praticamente, as mesmas dimensões. Apresenta, ainda, um sanitário privado e um longo espaço de roupeiro.

No fundo do corredor encontram-se os outros dois quartos de dormir, que partilham das mesmas características, cama, roupeiro e secretária, mas dispõem-se de maneiras distintas. E por fim o sanitário comum, que cumpre a legislação em vigor referente à acessibilidade.

Voltando ao esquema de "*open space*", este permite ainda reduzir ao mínimo o espaço destinado à circulação, passando a estar subentendido nos outros programas da habitação, à semelhança da Casa 1 em Nevogilde. Esta situação advém da preocupação em desfazer a linearidade dos espaços, combatendo o estereótipo de corredor como espaço apenas de circulação e, ainda, da possível permuta do programa, bem como outras organizações e concretizações, consoante as necessidades e emergências familiares.

2.3. Os Espaços de Transição

A habitação é delimitada por um muro contínuo de cimento, que faz a transposição entre esta e o lote vizinho, separando-a ainda da fábrica. O muro é apenas interrompido no lado sul, para dar lugar ao portão de entrada. Este por sua vez é utilizado por pessoas e veículos, devido não só à reduzida dimensão que o muro apresenta no alçado de rua, mas também pela entrada ser feita lateralmente, o que torna a ligação mais direta e liberta o espaço restante de muro para rematar o pequeno jardim de sala.

Por outro lado, o facto da entrada ser feita na lateral, para além de permitir a ocupação total do alçado frontal pela sala de estar, possibilita também uma maior privacidade desta zona de entrada, demonstrando uma certa dificuldade em penetrar o espaço íntimo da habitação. E mais uma vez, à semelhança da Casa 1 de Souto de Moura, abriga



[III.19]



[III.20]



[III.21]

[III.19] Maquete de estudo: entrada lateral. **[III.20]** Ligação entre os pátios exteriores. **[III.21]** Espaço vegetal no tardoz.

a poente, um percurso mais estreito e contínuo de acesso à mesma, estabelecendo, consequentemente, a ligação entre os dois pátios exteriores.

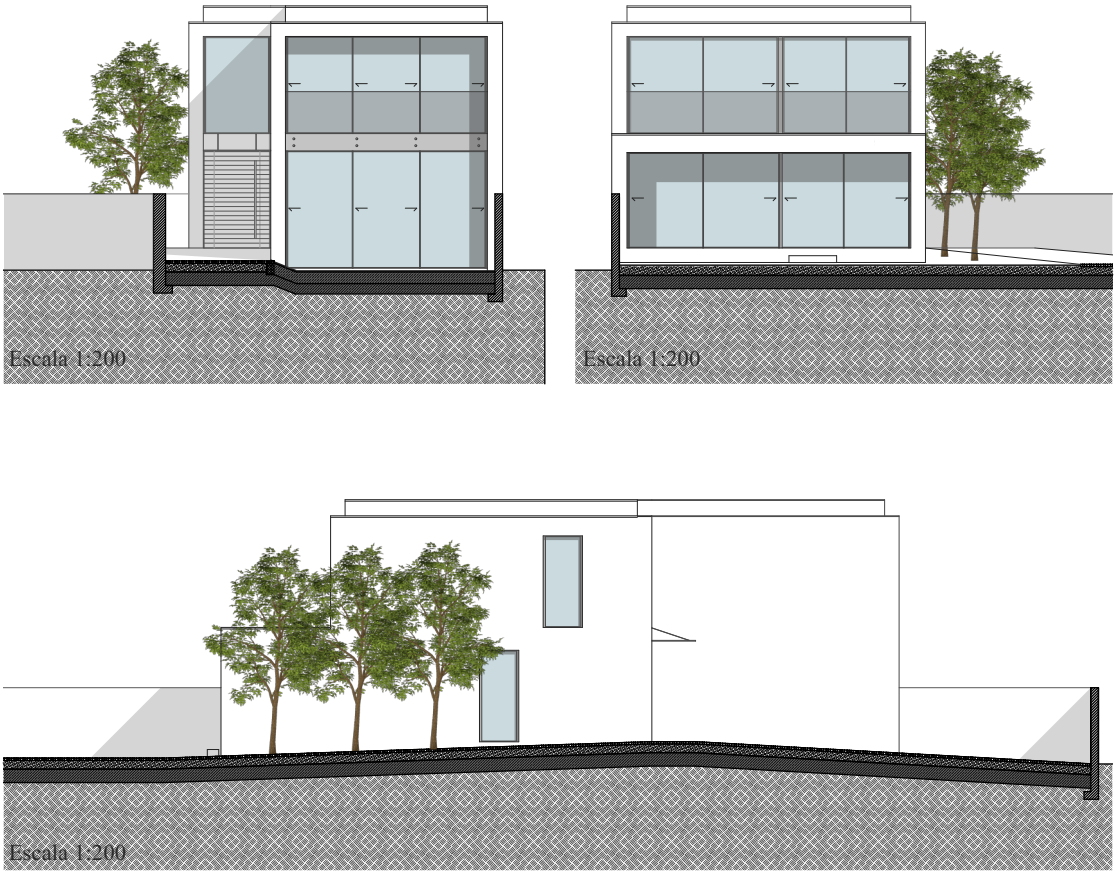
Assim como nas 4 Casas em Matosinhos de Siza, estes pátios surgem da necessidade de conforto e proteção em relação ao exterior. O primeiro surge como um espaço ajardinado, mais controlado, tímido e recatado na frente da sala, apenas com uma árvore pontual a evidenciar-se no canto, e separando-se fisicamente do espaço público por 1,4m de muro. O outro nas traseiras, um espaço bastante generoso, destaca duas zonas distintas: a primeira ajardinada junto à casa, desenhando o limite máximo proposto para a implantação e com uma zona de árvores do lado poente; a segunda, uma zona pavimentada encostada ao muro, que surge da continuação do percurso de entrada, e que permite a colocação de acessórios de jardim, como uma zona de estar, de refeição exterior, ou até mesmo uma piscina. No entanto estes acessórios serão pensados posteriormente, não estando incluídos agora no orçamento geral da obra.

A casa é ainda caracterizada pelo recuo das fachadas envidraçadas salientando uma zona coberta na frente das mesmas através do prolongamento das lajes, a de cobertura no alçado frontal, e a de primeiro piso no tardoz - esta última formando um pequeno alpendre. Estes espaços reinventam o prolongamento das coberturas sobre a fachada de Siza nas casas de Matosinhos, na medida em que se transformam em espaços protetores e acolhedores, que fazem a transição entre o exterior e o interior.

A exceção surge na entrada, onde este prolongamento da laje é substituído por uma pequena pala de vidro transparente, tentando salientar e demarcar este espaço de chegada pela diferença identitária.

2.4. A Linguagem Arquitetónica

No que respeita a linguagem, a habitação expressa-se de forma simples, clara e uniforme. Constituída por paredes rebocadas brancas, estas opõem-se à transparência dos envidraçados, que ‘exteriorizam’ os interiores cheios de vida e de cor.



[III.22]



[III.23]



[III.24]

[III.22] Alçados frente, tardoz e lateral, respetivamente, da Casa Barros. **[III.23]** e **[III.24]** Simulação Tridimensional: diferentes tipos de revestimento.

Por sua vez, os alçados transversais abertos contrapõem-se com os planos longitudinais, praticamente cegos, os quais se distinguem por uma forte expressividade perante a 'ausência' de material, evidenciando-se como o negativo daqueles outros.

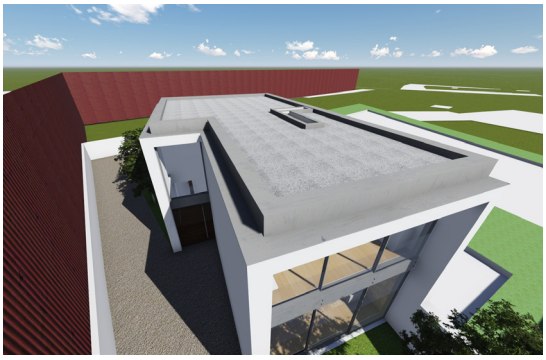
A construção a desenvolver utiliza um sistema de estrutura porticada em betão, toda ela escondida nas paredes duplas de tijolo. Estas são constituídas por reboco na face externa, seguido de uma parede de tijolo vazado de 15cm e outra de 11cm, sendo que a meio destas se encontram a caixa de ar, o poliestireno extrudido de 6cm e, a tela asfáltica. O acabamento interior varia consoante o espaço em questão, nomeadamente cerâmica nos sanitários, granito na parede de meação do piso térreo, MDF lacado à cor branca no corredor de distribuição do piso superior, na parede junto ao sanitário do piso térreo, e em certas paredes dos quartos, todas as restantes em reboco branco.

Os pavimentos alternam entre revestimento cerâmico nos sanitários e zonas de águas, nomeadamente junto ao balcão de cozinha e lavandaria, e pavimento laminado (flutuante) em madeira clara na restante habitação, possivelmente em carvalho. No exterior, é aplicado um pavimento em micro cubo granítico ao percurso e espaço de estar.

As coberturas são planas e apresentam a camada superior em godo branco e ainda, no caso da cobertura superior, a platibanda é recuada.

Todos os envidraçados usam caixilharia Panoramah![77], um dos requisitos do cliente. Esta caixilharia será em alumínio, com vidro duplo, de acordo com a especificação do projeto de térmica. A mesma permite ainda a marcação contínua dos planos, distendidos do interior para o exterior. Todos os envidraçados da casa possuem estores de rolo pelo interior, uns opacos outros com transparência, de modo a controlar a entrada de luz e garantir a privacidade da habitação.

77 Panoramah! é um dos produtos da Jofebar, empresa portuguesa estabelecida em 1985. "O sistema de janelas deslizantes PanoramAH! foi inspirado num dos 5 pontos da nova arquitetura definidos pela obra e filosofia de Le Corbusier: a janela panorâmica. Consiste num sistema de alta tecnologia de caixilharia de alumínio de correr que explora a característica autoportante dos vidros, permitindo a execução de grandes áreas envidraçadas com uma utilização de perfis verticais de alumínio de dimensões extremamente reduzidas (20mm) e poliamidas estruturais de ligação. Ao contrário dos sistemas tradicionais, o vidro suporta-se a si mesmo e a função do alumínio prende-se unicamente com a estanqueidade da janela."



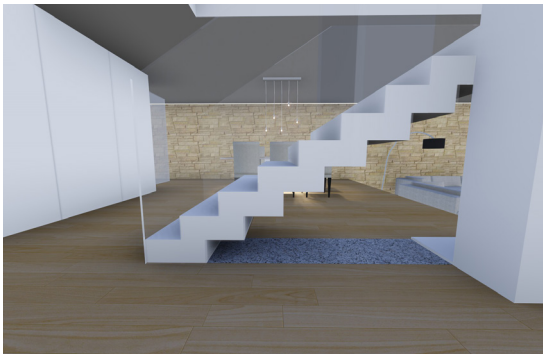
[III.25]



[III.26]



[III.27]



[III.28]



[III.29]



[III.30]



[III.31]



[III.32]

[III.25] Simulação Tridimensional: cobertura plana e platibanda recuada. **[III.26]** e **[III.27]** Simulação da caixilharia Panoramah! nos alçados frente e tardoz. **[III.28]** Escada plissada. **[III.29]** Amplitude do espaço de entrada. **[III.30]** Zona de estar em contraponto ao espaço de refeição. **[III.31]** Prolongamento do móvel de parede à cota de entrada. **[III.32]** Relação visual entre a cozinha e o exterior.

Por último, optou-se por uma escada plissada, com uma linguagem idêntica à escada da Quinta do Patino de Frederico Valsassina. É formada a partir de uma cofragem em betão com um acabamento em pó de mármore branco ou em microcimento, também branco. Apesar da configuração em L, aparenta ser uma escada de tiro, visto que os três degraus transversais escondem-se através do teto falso. Este primeiro lance assenta unicamente na laje do piso térreo e apoia-se na viga da parede de entrada.

À semelhança das casas de Álvaro Siza, também esta vive de experiências espaciais definidas pelas formas e funcionalidades, desníveis no chão, mudanças de pé-direito ou de pavimento, pela luz que penetra de diversos modos a casa, ou até mesmo pela escolha dos móveis. Assim, ao habitante é conferido uma série de relações e perplexidades visuais nos diferentes espaços da habitação.

O hall de entrada, para além de se apresentar como um espaço inundado de luz, é também uma área de diversos contactos visuais com diferentes partes da casa. Em cima com o amplo mezanino do corredor de distribuição dos quartos, bem iluminado pelo átrio de entrada. Em baixo, e em contraponto com este espaço de entrada em pé-direito duplo (5,4m), com a sala de jantar, bem mais baixa (2,4m) e mais escura, numa penumbra acolhedora. Mais adiante, com o espaço desnivelado da sala, a 0,5m abaixo da cota de entrada, uma vez mais inundado pela luz. Este último espaço é ainda caracterizado pelo móvel de parede, que surge da continuação da cota de entrada, tornando a separação desta com o espaço social por baixo da escada convenientemente delimitada, possibilitando ainda a criação de um espaço resguardado de lareira.

Também a cozinha reflete esta experiência vivencial do espaço, na medida em que incorpora uma abertura de vão em toda a sua extensão, permitindo o acesso da luz natural a toda a cozinha, comunicando a mudança de zona e de função a partir da mudança do pavimento. Consequentemente, a ilha torna-se a charneira desta alteração de revestimento de piso, que se alinha com o móvel de parede.

Outro exemplo são ainda os sanitários no piso superior, onde a luz zenital sobre os lavatórios é refletida nos espelhos e absorvida por toda a área de casa de banho.



[III.33]



[III.34]



[III.35]

[III.33] a **[III.35]** Maquete de estudo: pormenores da solução final da Casa Barros.

A luz artificial é pormenorizadamente escolhida e disposta ao longo da habitação, como é o caso da parede de meação, onde o teto falso recua formando um rasgo de luz a todo o comprimento da parede.

Todo este jogo plástico entre o cheio e o vazio, a adição e a subtração, o claro e o escuro, resulta na riqueza espacial dos compartimentos internos, gerando uma multiplicidade de relações entre o meio e o habitante do espaço.

2.5. Os Sujeitos da Casa

Os futuros habitantes são um casal de jovens no princípio da carreira profissional, que pretendem construir a própria casa, iniciando assim a vida em conjunto. No decorrer das fases do processo, os mesmos foram acarinhados pela chegada de um filho, tornando maior o anseio pela construção da habitação.

Contrariamente a Álvaro Siza, que foi alvo de uma rígida imposição por parte do cliente na conceção da sua primeira moradia, este projeto resultou de uma grande liberdade de expressão e de ação consentida pelos futuros habitantes da casa. E apesar de toda essa liberdade de ação quanto ao desenvolvimento do projeto, o mesmo nunca deixou de ter como principal objetivo o de adequar os espaços de modo a responder, da melhor maneira possível, aos seus sonhos, desenhos e necessidades. Já dizia Álvaro Siza que "*o projecto é um personagem com muitos autores*"[78].

Ainda que os clientes não expressassem desejos precisos, nem tampouco exigências que levassem a um rumo concreto no desenvolvimento do projeto, a verdade é que as conversas com os mesmos foram elucidando e encaminhando o processo.

78 SIZA, Álvaro, "Construir uma casa", in LLANO, Pedro de, CASTANHEIRA, Carlos, *Álvaro Siza: Obras e Projectos*, C.G.A.C., Madrid, 1995, p.61



[III.36]

[III.36] Maquete de estudo: vista lateral da solução final da Casa Barros.

À semelhança de Souto de Moura, também aqui se tentou criar um heterónimo, ou por outras palavras, encarnar de alguma forma a identidade dos sujeitos, percebendo através destas simples conversas, o seu dia a dia, as suas rotinas e os seus gostos. Um heterónimo que, não só respondesse aos seus desejos, mas também aos de quem projeta, de forma a agradar e satisfazer o meu gosto pessoal. Para tal, projetou-se a habitação ao máximo nível, estabelecendo as posições dos objetos, as proporções dos espaços, ou até mesmo a organização espacial, consoante a forma que melhor se adapta às contingências desta família.

Deste modo, elaborou-se um projeto íntimo e familiar, cumprindo todos os propósitos a que estava destinado, em que o resultado satisfaz as expectativas de todos os sujeitos.

> *"(...) projectar, planear, desenhar, devem significar apenas encontrar a forma justa, a forma correta, a forma que realiza com eficiência e beleza a síntese entre o necessário e o possível, tendo em atenção que essa forma vai ter uma vida (...)."*[79]

79 TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, FAUP Publicações, Porto, 2006, p.74.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

em jeito de conclusão:

em jeito de conclusão:

Com plena consciência que muito mais haveria para investigar e analisar sobre o tema em estudo nesta dissertação, faz-se agora uma breve reflexão, numa espécie de ponto de situação, sobre alguns dos aspetos que se mostram mais pertinentes sobre a influência do processo projetual e as respetivas consequências na realização e construção do espaço doméstico desenhado.

Sendo assim, os temas que se cruzam nos vários projetos e que se assumem como princípios da organização do espaço doméstico, intimamente relacionado e determinado pelo desenvolvimento funcional da habitação, pretendem constatar relações e ilações de forma a responder ao processo projetual de desenho que cada arquiteto apresenta.

A análise das casas de Siza Vieira e de Souto de Moura permitem, deste modo, compreender os princípios base percorridos pelos mesmos no início da carreira, bem como perceber certas características que os acompanharam ao longo do seu percurso profissional.

Neste sentido, a obra de Siza, transporta uma complexa construção espacial, bem como uma organização diversificada e fluída dos espaços, possibilitando ao habitante construir a própria maneira de habitar. Ao mesmo tempo apresenta-se delimitada espacialmente, com a definição precisa de cada espaço. Esta linguagem é ainda conseguida pelo arquiteto, a partir de elementos transparentes, de estruturas móveis como portas e paredes, de diferenças de cotas, e até mesmo pelo desenho do plano de teto, conformando diferentes alturas no mesmo espaço.

A importância do espaço de circulação assume-se como um elemento fulcral na organização do esquema doméstico tanto para Siza Vieira, como para Souto de Moura.

Nas obras dos dois arquitetos, o corredor monofuncional tende a desaparecer, para dar lugar à articulação dos espaços a partir de amplas áreas que permitem, também, a permanência social. Também nas duas obras, se percebe a estrutura polinucleada do espaço doméstico, uma vez que a separação funcional mostra-se bastante rígida no que respeita as áreas de serviço. Tanto nas 4 Casas em Matosinhos, como na Casa 1 em Nevogilde, esta zona é completamente separada do resto da casa, transportando para uma estrutura doméstica burguesa, o espaço da criada.

Ainda na obra de Souto de Moura, a estrutura doméstica é definida pelo rigor métrico e plástico, conferindo-lhe vida e dinamismo. A organização da casa faz-se na continuação com o espaço exterior privado, com alusão ao pátio 'miesiano', onde o limite entre interior e exterior é quase impercetível, tornando-se imprescindível à composição. Nesta casa, a atitude do habitar moderno está latente na área social da mesma e na sua relação contínua com o espaço de entrada, assumindo-se este último como um espaço de permanência social.

Como tal, o caminho percorrido pelos dois arquitetos, compreendido na época entre a tradição e a introdução de novas ideias, tornou possível o desenvolvimento de uma arquitetura própria, feita de conceitos particulares. A relação com o sítio e com as circunstâncias envolventes, a adoção de espaços de transição, bem como dos pátios, temas essenciais do habitar, mantiveram-se presentes no percurso profissional de ambos, em pesquisa e mutações constantes, transformando a realidade numa intensa vivência espacial.

Deste modo, a rutura levada a cabo por Siza Vieira com as suas primeiras obras, da qual se falou no início deste trabalho, refletindo a passagem das casas introvertidas para o oposto, casas abertas e expostas à envolvente, não quer de todo denotar o sentido literal da palavra, mas sim uma evolução da linguagem formal e material inicial, apoiada em nova informação. Por outro lado, a continuação do método por Souto de Moura compreende o ato de projetar determinado por uma identidade própria, constituído por regras, padrões e referências, sendo esta primeira casa um modelo de referenciação para as obras subsequentes.

Reconhecer a complexidade destes projetos, estudá-los e analisá-los ao pormenor, permitiu uma abordagem completamente distinta na conceção e, consequente caracterização, da Casa Barros. Com efeito, foi nesse sentido que se desenvolveu um trabalho baseado em ideias, práticas e conceitos, que contribuíssem para um melhor esclarecimento do ato de projetar.

A fim de se encontrar a melhor resposta ao projeto daquela habitação unifamiliar, procurou-se perceber a essência do lugar, através da análise da cidade e freguesia, e das condicionantes do P.D.M., originando premissas essenciais para o desenrolar da proposta. Deste modo, a solução mais conveniente ao sítio consistia numa habitação de dois pisos, com vãos abertos no sentido norte/sul, com uma extensa área exterior privada e, com uma organização espacial que respeitasse a lógica do espaço social, amplo e comunicativo, no piso térreo e, o espaço privado, íntimo e preservado, no primeiro piso.

Consequentemente, foram realizados vários ensaios que, entre avanços e recuos, determinaram um produto final, assente numa resposta do tipo caso a caso, não generalista nem genérica.

Assim, a esta última solução aliou-se ainda atributos e particularidades das primeiras obras dos dois arquitetos. A necessidade de conforto e proteção de Álvaro Siza, com a técnica e intenção de Eduardo Souto de Moura. Através de um sentido mais abstrato e utópico, a procura pelo exterior privado protegido da confusão envolvente, o sentido de conforto que os espaços devem conceder ao habitante, bem como a diversidade das características em cada compartimento, inerentes à obra de Siza, também se expressam na Casa Barros. Por outro lado, numa resposta mais precisa e direta, onde a disposição da implantação da habitação face ao terreno e envolvente, assim como a distribuição dos percursos exteriores, nomeadamente entre os pátios e consequente acesso à entrada, ou mesmo o facto dos espaços de circulação interiores estarem subentendidos nos restantes programas da habitação, salientam-se neste projeto semelhantes à primeira casa de Souto de Moura.

Entre estas e outras características, entre conceitos e ideias, entre regras e procedimentos, iniciou-se um modo de arquitetar, influenciando, diretamente, na concepção deste projeto. Uma procura intensiva entre convicções pessoais e influências, aliada ao conhecimento adquirido ao longo da formação, onde a elaboração do trabalho prático resultou na criação e construção de uma ideia, passando para o papel uma forma de ver a arquitetura, e acima de tudo um ponto de vista pessoal e crítico, que dê uma resposta necessária e ordenada.

Tem-se agora a sensação de que os objetivos propostos foram cumpridos e, que as respostas às questões levantadas foram dadas, no entanto, e como forma de rematar, parece pertinente formular esta última pergunta, ou pelo menos refletir sobre ela, mesmo que de modo retórico, porque assim o é: será esta casa - a primeira casa - a continuidade ou a rutura de um modo de arquitetar?

"Que seja assim o arquitecto (...) organizador do espaço – criador de felicidade."

Fernando Távora

BIBLIOGRAFIA

ARTAL, Carmen, PUENTE, Moisés, *Álvaro Siza: Casas 1954-2004*, Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2004

BACHELARD, Gaston, *A Poética do Espaço / Gaston Bachelard*; trad. Ántonio de Pádua Danesi, Martins Fontes, São Paulo, 1998

CASTANHEIRA, Carlos, *Álvaro Siza: exposição: Arquitectura e renovação urbana em Portugal*, M.C., Lisboa, 1984

CASTANHEIRA, Carlos, ALVES, Luís Ferreira, BILHETE, Vítor, *Álvaro Siza. Obras e projectos.,* produção Sinalvídeo, Porto, 2003

CIANCHETTA, Alessandra, MOLTENI, Enrico, *Álvaro Siza: casas 1954-2004*, Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 2004

COSTA, Alexandre Alves, *Textos Datados*, edições do Departamento de Arquitectura da FCTUC, Coimbra, 2007

ESPOSITO, Antonio, LEONI, Giovanni, *Eduardo Souto de Moura*, Gustavo Gili, Barcelona, 2003.

FERNANDES, Fátima, CANNATÁ, Michele, *Habitação Contemporânea, formas de habitar,* Edições ASA, Porto, 2003

LLANO, Pedro de, CASTANHEIRA, Carlos, *Álvaro Siza: Obras e Projectos*, C.G.A.C., Madrid, 1995

MACHABERT, Dominique, Des mots de rien du tout / *Palavras sem importância*, Université de Saint-Étienne, Saint-Étienne, 2002

MONEO, Rafael, *Inquietud teórica y estratégia proyectual: en la obra de ocho arquitectos contemporâneos*, Actar, Barcelona, 2004

MOURA, Eduardo Souto de, *Eduardo Souto de Moura. Conversas com Estudantes.*, Editorial Gustavo Gili SI, Barcelona, 2008

MOURA, Eduardo Souto de, *Eduardo Souto de Moura*, Electa, Milano, 2003

MOURA, Eduardo Souto de, *Eduardo Souto Moura*, JA 225, 2006

MOURA, Eduardo Souto de, *Souto de Moura – Introducciones Wilfried Wang / Alvaro Siza*, Gustavo Gili, Barcelona, 1990.

RAMOS, Rui Jorge Garcia, *A Casa: Arquitectura e projecto doméstico na primeira metade do século XX português*, FAUP publicações, Porto, 2010.

SILVA, Helena Sofia, SANTOS, André, *Souto de Moura*, Quidnovi, Vila do Conde, 2011

TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, FAUP Publicações, Porto, 2006

TRIGUEIROS, Luiz, *Álvaro Siza: 1954-1976*, Blau, Lisboa, 1997

TRIGUEIROS, Luiz, *Fernando Távora*, Blau, Lisboa, 1993

TRIGUEIROS, Luiz, *Eduardo Souto Moura*, Blau, Lisboa, 1994

VIEIRA, Álvaro Siza, *01 textos Álvaro Siza*, Civilização Editora, Porto, 2009

VIEIRA, Álvaro Siza, *Álvaro Siza : scritti di architettura / a cura di António Angelillo*, Skira, Milano, 1997

VIEIRA, Álvaro Siza, *El Croquis*, nº 68/69+95

VIEIRA, Álvaro Siza, *Cadernos ESAP* (nº2-3), Cooperativa de Ensino Superior Artístico do Porto, 1997

VIEIRA, Álvaro Siza, *Quaderns D'Arquitetura i Urbanisme* (nº169/170), Publicació del collegi D'Arquitetes de Catalunya, 1986

ZUMTHOR, Peter, *Pensar a Arquitectura / Peter Zumthor*, Gustavo Gili, Barcelona, 2005

Artigos Online

TORRES, Sónia, PEREIRA, António Eduardo, *Padrões Habitacionais na Área Metropolitana do Porto*. Disponível em: https://goo.gl/LQgG4c

Regulamento, Póvoa de Varzim - Plano de Urbanização, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, Departamento de Gestão Urbanística e Ambiente. Disponível em: http://www.cm-pvarzim.pt/areas-de-atividade/urbanismo/pupv/PU_Regulamento.pdf

Relatório, Póvoa de Varzim - Plano de Urbanização, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, Departamento de Gestão Urbanística e Ambiente. Disponível em: http://www.cm-pvarzim.pt/areas-de-atividade/urbanismo/pupv/PU_Relatorio.pdf

Periódicos

"3 Obras de Álvaro Siza Vieira: I - Grupo de moradias em Matosinhos", Revista *Arquitectura*, 1960.

MOURA, Eduardo Souto de, "Eduardo Souto Moura", Revista *Tabu*, Jornal Sol, 2006.

MOURA, Eduardo Souto de, "Memória Descritiva", *Licença nº 87 de 21 de fevereiro de 1984 do Arquivo Municipal da Câmara do Porto*, 1982.

SIZA, Álvaro, "Siza Vieira: a Europa não receia a experiência 'maldita'", *O Jornal Ilustrado*, O Jornal (616), 1986.

SIZA, Álvaro, "Távora influenciou-me de forma decisiva", revista *Actual*, Semanário Expresso (1610), 2003.

WANG, Wilfred, "Arquitetos de Oporto: Távora, Siza, Souto-Moura", *Arquitectura* (nº261), Revista del Colegio Oficial de Arquitetos de Madrid, 1986

Provas de Dissertação / Doutoramento

COELHO, Luísa Rodrigues, *A quinta d'avó: o presente, na ponte entre o passado académico e o futuro profissional*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2012.

LEITE, Joana Matias, *Tradição e Modernidade – as primeiras casas de Álvaro Siza*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2009.

MACEDO, Alfredo Joaquim Martins Macedo, *Da Tradição à Contemporaneidade: Távora, Siza, Souto Moura – um ensaio sobre a moradia unifamiliar*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2011.

MOREIRA, Bruno Carvalho, *Forma e Estrutura na obra de Eduardo Souto de Moura. Oito tópicos de Arquitectura: a contradição como parte do projecto*, Prova Final para Licenciatura, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2007.

OLIVEIRA, José Álvaro Miranda, *Habitar Contemporâneo: Experiências de Projecto.* Prova Final para Licenciatura, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2008.

RAMOS, Mário Rui Giesta, *Uma Casa Contemporânea num meio rural*, Prova Final para Licenciatura, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2007.

RODRIGUES, Isabel Maria, *A casa de Siza: sine distantia*, Prova de Doutoramento, Universidade Técnica da Catalunha, Barcelona: Gulbenkian, Universidade Lusíada, 2006.

TEIXEIRA, Andreia, *Retorno à obra: dois arquitetos, dois casos de estudo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2013.

Websites

BOM SUCESSO RESORT – *Moradias para venda* [Online]. Disponível em: www.bomsucesso.com.pt/portugal-villa288A [Consult. 10 Mai. 2014]

CENSOS POPULACIONAIS [Online]. Disponível em: http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos2011_apresentacao

FREGUESIA DE ARGIVAI [Online]. Disponível em: http://jfargivai.com.sapo.pt/historia.htm [Consult. 23 Jan 2015]

HOUSE IN FOZ / Sérgio Koch [Online]. Disponível em: http://www.archdaily.com/39339/house-in-foz-sergio-koch [Consult. 20 Abr 2015]

HOUSE IN QUINTA DO PATINO / Frederico Valsassina Arquitectos [Online]. Disponível em: http://www.archdaily.com/278004/house-in-quinta-patino-frederico-valsassina-arquitectos [Consult. 20 Abr 2015]

PLANO DE URBANIZAÇÃO DA PÓVOA DE VARZIM [Online]. Disponível em: http://www.cm-pvarzim.pt/areas-de-atividade/urbanismo/pupv [Consult. 15 Mar 2014]

PLANO DIRETOR MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM [Online]. Disponível em: http://www.cm-pvarzim.pt/areas-de-atividade/urbanismo/plano-diretor-municipal-da-povoa-de-varzim-pdmpv [Consult. 15 Mar 2014]

SIZA VIEIRA / Casa Alves Santos [Online]. Disponível em: http://hicarquitectura.com/2011/03/siza-vieira-casa-alves-santos/ [Consult. 4 Jun 2015]

LISTA DE IMAGENS

CAPÍTULO I

[I.01]_Fotografia por NFACTOS. http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/governo-reconhece-interesse-publico-a-igreja-com-projeto-de-alvaro-siza-1594755

[I.02]_http://365arq.tumblr.com/post/85920108565/fernando-távora

[I.03]_http://paradisebackyard.blogspot.pt/2014/02/alvaro-siza.html

[I.04] e **[I.05]**_Fotografia por ARQ F. http://hicarquitectura.com/2011/03/siza-vieira-casa-alves-santos/

[I.06]_https://www.pinterest.com/pin/479563060294297554/

[I.07]_http://ofhouses.tumblr.com/post/120679931600/álvaro-siza-house-manuel-magalhães-porto

[I.08]_Fotografia por R. Sanabria, J Henrich X Roig. http://ofhouses.tumblr.com/post/120088312445/álvaro-siza-house-luis-rocha-tomé-ribeiro

[I.09]_http://ofhouses.tumblr.com/post/120679931600/álvaro-siza-house-manuel-magalhães-porto

[I.10]_https://www.pinterest.com/pin/479563060294297554/

[I.11]_Fotografia por João Morgado. http://portugalconfidential.com/2014/07/casa-de-cha-da-boa-nova-alvaro-siza-rui-paula-leca-da-palmeira-matosinhos/

[I.12]_Fotografia por Raquel Ferraz Nunes. http://daydreamtrip.blogspot.pt/2014/05/piscinas-das-mares.html

[I.13] e **[I.14]**_ https://goo.gl/bWa3WC

[I.15]_ https://goo.gl/uainsB

[I.16]_"3 Obras de Álvaro Siza Vieira: I - Grupo de moradias em Matosinhos", Revista *Arquitectura*, 1960

[I.17] e **[I.18]**_Autoria própria.

[I.19]_Fotografia por R. Sanabria, J Henrich X Roig. http://ofhouses.tumblr.com/post/120088312445/álvaro-siza-house-luis-rocha-tomé-ribeiro

[I.20]_Fotografia por ARQ F. http://hicarquitectura.com/2011/03/siza-vieira-casa-alves-santos/

[I.21]_https://www.pinterest.com/pin/478648266617854648/

[I.22] a **[I.24]**_RODRIGUES, Isabel Maria, *A casa de Siza: sine distantia*, Barcelona: Gulbenkian, Universidade Lusíada, 2006, 4º vol.

[I.25]_"3 Obras de Álvaro Siza Vieira: I - Grupo de moradias em Matosinhos", Revista *Arquitectura*, 1960, p.21.

[I.26]_Fotografia por ARQ F. http://hicarquitectura.com/2011/03/siza-vieira-casa-alves-santos/

[I.27]_http://paradisebackyard.blogspot.pt/2014/02/alvaro-siza.html

[I.28]_https://www.pinterest.com/pin/478648266617854796/

[I.29]_https://www.pinterest.com/pin/478648266617854832/

[I.30]_Fotografia por NFACTOS. http://visao.sapo.pt/flanerie-por-moledo=f605708

[I.31]_https://www.pinterest.com/pin/479563060294297552/

[I.32] e **[I.33]**_https://at1patios.wordpress.com/tag/ludwig-mies-van-der-rohe/

[I.34]_http://www.timerime.com/es/periodos/2183993/SIGLO+XX+Primera+parte

[I.35]_http://theredlist.com/wiki-2-18-392-1335-1341-1343-view-german-bauhaus-1-profile-mies-van-der-rohe-ludwig-2.html

[I.36]_http://www.newmanchesterwalks.com/walks-tours/art-architecture/le-corbusiers-manchester/

[I.37] e **[I.38]**_Autoria própria.

[I.39] e **[I.40]**_"3 Obras de Álvaro Siza Vieira: I - Grupo de moradias em Matosinhos", Revista *Arquitectura*, 1960, p.17 e 21.

[I.41]_https://www.pinterest.com/pin/478648266617854559/

[I.42]_Fotografia por R. Sanabria, J Henrich X Roig. http://ofhouses.tumblr.com/post/120088312445/álvaro-siza-house-luis-rocha-tomé-ribeiro

[I.43]_Autoria própria.

[I.44]_https://ksamedia.osu.edu/work/61294

[I.45] e **[I.46]**_Autoria própria.

[I.47]_http://photo.net/photodb/photo?photo_id=7274843

[I.48] e **[I.49]**_Autoria própria.

[I.50] e **[I.51]**_FONSECA, José Manuel Salgado, Álvaro Siza em Matosinhos, C.M. Matosinhos, 1985.

[I.52] e **[I.53]**_Fotografia por ARQ F. http://hicarquitectura.com/2011/03/siza-vieira-casa-alves-santos/

[I.54]_Fotografia por R. Sanabria, J Henrich X Roig. http://ofhouses.tumblr.com/post/120088312445/álvaro-siza-house-luis-rocha-tomé-ribeiro

[I.55]_Autoria própria.

[I.56]_https://ksamedia.osu.edu/work/61294

[I.57]_RODRIGUES, Isabel Maria, *A casa de Siza: sine distantia*, Barcelona: Gulbenkian, Universidade Lusíada, 2006, 4º vol.

[I.58]_https://www.pinterest.com/pin/231161393348068636/

[I.59]_https://www.pinterest.com/pin/344173596493545242/

[I.60]_Fotografia por Duccio Malagamba. http://www.ducciomalagamba.com/imagenes.php?IdProyecto=181&Nom_Imagen=011-181.jpg&Idioma=Cs&IdImagen=10496

[I.61]_https://revistamdc.files.wordpress.com/2011/03/eduardo-souto-de-moura-foto-augusto-brc3a1zio.jpg

[I.62]_http://lazer.publico.pt/exposicoes/340537_o-processo-saal-arquitectura-e-participacao-1974-1976

[I.63]_https://goo.gl/OQwW7O

[I.64] e **[I.65]**_Fotografia por Luís Ferreira Alves. http://divisare.com/authors/2144617216

[I.66]_MOURA, Eduardo Souto de, *Souto de Moura – Introducciones Wilfried Wang / Alvaro Siza*, Gustavo Gili, Barcelona, 1990.

[I.67] e **[I.68]**_https://www.google.com/maps/@41.1836139,-

[I.69] e **[I.70]**_MOURA, Eduardo Souto de, *Souto de Moura – Introducciones Wilfried Wang / Alvaro Siza*, Gustavo Gili, Barcelona, 1990.

[I.71] e **[I.72]**_Autoria própria.

[I.73]_Fotografia por Luís Ferreira Alves. http://divisare.com/authors/2144617216

[I.74]_http://divisare.com/authors/2144617216

[I.75]_Fotografia por Luís Ferreira Alves. http://divisare.com/authors/2144617216

[I.76] a **[I.78]**_MOURA, Eduardo Souto de, *Souto de Moura – Introducciones Wilfried Wang / Alvaro Siza*, Gustavo Gili, Barcelona, 1990.

[I.79]_Fotografia por Luís Ferreira Alves. http://divisare.com/authors/2144617216

[I.80] e **[I.81]**_MOURA, Eduardo Souto de, *Souto de Moura – Introducciones Wilfried Wang / Alvaro Siza*, Gustavo Gili, Barcelona, 1990.

[I.82] e **[I.83]**_Fotografia por Luís Ferreira Alves. http://divisare.com/authors/2144617216

[I.84]_SILVA, Helena Sofia, SANTOS, André, *Souto de Moura*, Quidnovi, Vila do Conde, 2011

[I.85]_ https://goo.gl/5rZrct

[I.86] e **I.87]**_ESPOSITO, Antonio, LEONI, Giovanni, Eduardo Souto de Moura, Gustavo Gili, Barcelona, 2003.

[I.88]_MACEDO, Alfredo Joaquim Martins Macedo, *Da Tradição à Contemporaneidade: Távora, Siza, Souto Moura – um ensaio sobre a moradia unifamiliar*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2011.

[I.89]_MOURA, Eduardo Souto de, *Souto de Moura – Introducciones Wilfried Wang / Alvaro Siza*, Gustavo Gili, Barcelona, 1990.

[I.90] e **[I.91]**_Fotografia por Luís Ferreira Alves. http://divisare.com/authors/2144617216

[I.92] e **[I.93]**_MOURA, Eduardo Souto de, *Souto de Moura – Introducciones Wilfried Wang / Alvaro Siza*, Gustavo Gili, Barcelona, 1990.

[I.94]_http://divisare.com/authors/2144617216

[I.95]_MOURA, Eduardo Souto de, *Eduardo Souto Moura*, Blau, Lisboa, 1994

[I.96] a **[I.99]**_MOURA, Eduardo Souto de, *Souto de Moura – Introducciones Wilfried Wang / Alvaro Siza*, Gustavo Gili, Barcelona, 1990.

[I.100]_http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/os-concursos-de-souto-de-moura-1498170

[I.101]_Fotografia por Luís Ferreira Alves. http://divisare.com/authors/2144617216

[I.102]_CORRÊA, Joana de Mira, *The 2011 Pritzker Architecture Prize – Eduardo Souto de Moura*, Profession Design Press Co., Ltd, Califórnia, 2011

[I.103]_http://sub--real.blogspot.pt/2013/08/the-bling-ring-quinta-do-lago.html

[I.104] e **[I.105]**_CORRÊA, Joana de Mira, *The 2011 Pritzker Architecture Prize – Eduardo Souto de Moura*, Profession Design Press Co., Ltd, Califórnia, 2011

[I.106]_MOURA, Eduardo Souto de, *Souto de Moura – Introducciones Wilfried Wang / Alvaro Siza*, Gustavo Gili, Barcelona, 1990.

[I.107]_MACEDO, Alfredo Joaquim Martins Macedo, *Da Tradição à Contemporaneidade: Távora, Siza, Souto Moura – um ensaio sobre a moradia unifamiliar*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2011.

[I.108]_Autoria própria.

[I.109] a **[I.111]**_CORRÊA, Joana de Mira, *The 2011 Pritzker Architecture Prize – Eduardo Souto de Moura*, Profession Design Press Co., Ltd, Califórnia, 2011

CAPÍTULO II

[II.1]_https://pt.wikipedia.org/wiki/Região_do_Norte

[II.2]_http://club.quomodo.com/a_comunidade_laica_equitativa/contactos/regiao_norte_de_portugal_1.html

[II.3]_https://pt.wikipedia.org/wiki/Douro_Litoral

[II.4]_https://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Área_Metropolitana_do_Porto

[II.5]_http://www.amtp.pt

[II.6] e **[II.7]**_ *Relatório*, Póvoa de Varzim - Plano de Urbanização, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, Departamento de Gestão Urbanística e Ambiente.

[II.8] e **[II.9]**_https://pt.wikipedia.org/wiki/Póvoa_de_Varzim

[II.10] a **[II.12]**_http://www.cm-pvarzim.pt/areas-de-atividade/urbanismo/plano-de-pormenor-da-zona-e54/PPE54_G208-003-LocalEnq-R02.pdf/view

[II.13] a **[II.18]**_Autoria própria.

[II.19]_http://www.cm-pvarzim.pt/areas-de-atividade/urbanismo/pupv/PLANTA_ZONAMENTO.pdf/view

[II.20] a **[II.25]**_Autoria própria.

[II.26]_http://www.archdaily.com.br/br/603535/centro-de-pesquisa-e-desenvolvimento-da-amore-pacific-alvaro-siza-carlos-castanheira-e-kim-jong-kyu

[II.27] a **[II.44]**_Autoria própria.

[II.45] e **[II.46]**_CORRÊA, Joana de Mira, *The 2011 Pritzker Architecture Prize – Eduardo Souto de Moura*, Profession Design Press Co., Ltd, Califórnia, 2011

[II.47] e **[II.48]**_http://www.bomsucesso.com.pt/portugal-villa-288B

[II.49] a **[II.66]**_Autoria própria.

[II.67] a **[II.69]**_Fotografia por FG+SG – Fernando Guerra. http://www.archdaily.com/39339/house-in-foz-sergio-koch

[II.70] a **[II.71]**_Fotografia por FG+SG – Fernando Guerra. http://www.archdaily.com/278004/house-in-quinta-patino-frederico-valsassina-arquitectos

[II.72]_Fotografia por FG+SG – Fernando Guerra. https://www.facebook.com/panoramah.ch

[II.73]_ Autoria própria.

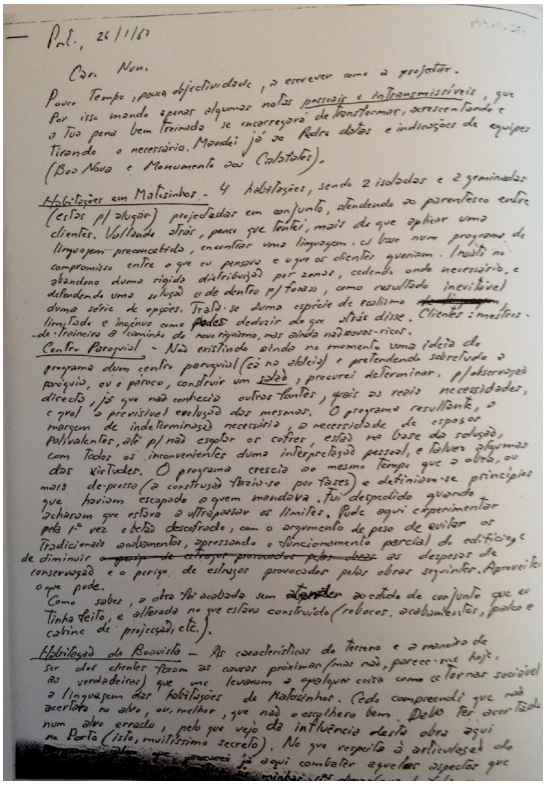
CAPÍTULO III

Neste capítulo todas as imagens são de autoria própria.

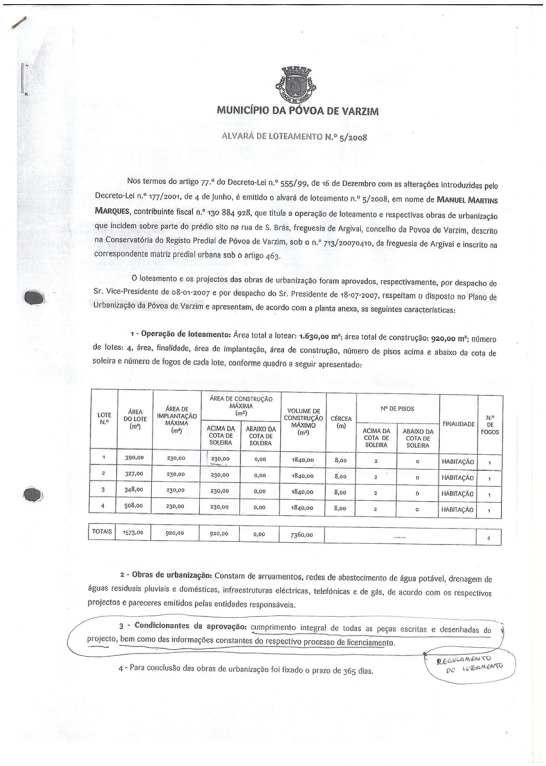
ANEXOS

I. RECOLHA DE DADOS
II. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO
III. FOTOGRAFIAS DA MAQUETE
IV. SIMULAÇÃO TRIDIMENSIONAL
V. DESENHOS DO PROJETO

I. RECOLHA DE DADOS



[Anexo I.1]



MUNICÍPIO DA PÓVOA DE VARZIM

ALVARÁ DE LOTEAMENTO N.º 5/2008

Nos termos do artigo 77.º do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de Dezembro com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 177/2001, de 4 de Junho, é emitido o alvará de loteamento n.º 5/2008, em nome de **MANUEL MARTINS MARQUES**, contribuinte fiscal n.º 130 884 928, que titula a operação de loteamento e respectivas obras de urbanização que incidem sobre parte do prédio sito na rua de S. Brás, freguesia de Argivai, concelho da Póvoa de Varzim, descrito na Conservatória do Registo Predial de Póvoa de Varzim, sob o n.º 713/20070410, da freguesia de Argivai e inscrito na correspondente matriz predial urbana sob o artigo 463.

O loteamento e os projectos das obras de urbanização foram aprovados, respectivamente, por despacho de Sr. Vice-Presidente de 08-01-2007 e por despacho do Sr. Presidente de 18-07-2007, respeitam o disposto no Plano de Urbanização da Póvoa de Varzim e apresentam, de acordo com a planta anexa, as seguintes características:

1 - **Operação de loteamento:** Área total a lotear: **1.630,00 m²**; área total de construção: **920,00 m²**; número de lotes: **4**, área, finalidade, área de implantação, área de construção, número de pisos acima e abaixo da cota de soleira e número de fogos de cada lote, conforme quadro a seguir apresentado:

LOTE Nº	ÁREA DO LOTE (m²)	ÁREA DE IMPLANTAÇÃO MÁXIMA (m²)	ÁREA DE CONSTRUÇÃO MÁXIMA (m²)		VOLUME DE CONSTRUÇÃO MÁXIMO (m³)	CÉRCEA (m)	Nº DE PISOS		FINALIDADE	Nº DE FOGOS
			ACIMA DA COTA DE SOLEIRA	ABAIXO DA COTA DE SOLEIRA			ACIMA DA COTA DE SOLEIRA	ABAIXO DA COTA DE SOLEIRA		
1	390,00	230,00	230,00	0,00	1840,00	8,00	2	0	HABITAÇÃO	1
2	327,00	230,00	230,00	0,00	1840,00	8,00	2	0	HABITAÇÃO	1
3	368,00	230,00	230,00	0,00	1840,00	8,00	2	0	HABITAÇÃO	1
4	508,00	230,00	230,00	0,00	1840,00	8,00	2	0	HABITAÇÃO	1
TOTAIS	1573,00	920,00	920,00	0,00	7360,00		-----			4

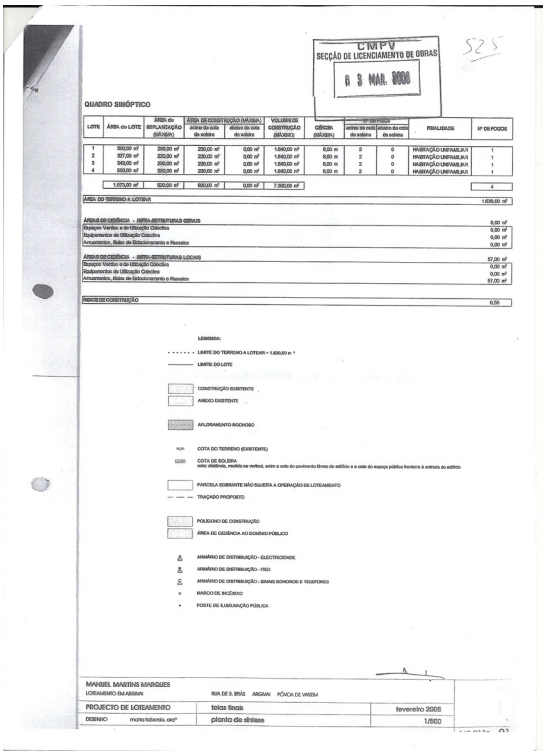
2 - **Obras de urbanização:** Constam de arruamentos, redes de abastecimento de água potável, drenagem de águas residuais pluviais e domésticas, infraestruturas eléctricas, telefónicas e de gás, de acordo com os respectivos projectos e pareceres emitidos pelas entidades responsáveis.

3 - **Condicionantes da aprovação:** cumprimento integral de todas as peças escritas e desenhadas do projecto, bem como das informações constantes do respectivo processo de licenciamento.

4 - Para conclusão das obras de urbanização foi fixado o prazo de 365 dias.

REGULAMENTO DO LOTEAMENTO

[Anexo I.2]



CMPV
SECÇÃO DE LICENCIAMENTO DE OBRAS
R 3 MAR. 2008

QUADRO SINÓPTICO

LOTE	ÁREA do LOTE	ÁREA de IMPLANTAÇÃO (SIR/SUM)	ÁREA DE CONSTRUÇÃO (NA/SUM)		VOLUMETRIA CONSTRUÍDA (MÁX/SIM)	CÉRCEA (MÁX/SIM)	Nº DE PISOS		FINALIDADE	Nº DE FOGOS
			acima da cota de soleira	abaixo da cota de soleira			acima da cota de soleira	abaixo da cota de soleira		
1	390,00 m²	230,00 m²	230,00 m²	0,00 m²	1.840,00 m³	8,00 m	2	0	HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	1
2	327,00 m²	230,00 m²	230,00 m²	0,00 m²	1.840,00 m³	8,00 m	2	0	HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	1
3	368,00 m²	230,00 m²	230,00 m²	0,00 m²	1.840,00 m³	8,00 m	2	0	HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	1
4	508,00 m²	230,00 m²	230,00 m²	0,00 m²	1.840,00 m³	8,00 m	2	0	HABITAÇÃO UNIFAMILIAR	1
	1.573,00 m²	920,00 m²	920,00 m²	0,00 m²	7.360,00 m³					4

ÁREA DO TERRENO A LOTEAR — 1.630,00 m²

ÁREA DE CEDÊNCIA — OBRA-ESTRUTURAS GERAIS
Espaços Verdes e de Utilização Colectiva — 0,00 m²
Equipamentos de Utilização Colectiva — 0,00 m²
Arruamentos, Bolsa de Estacionamento e Passeios — 0,00 m²

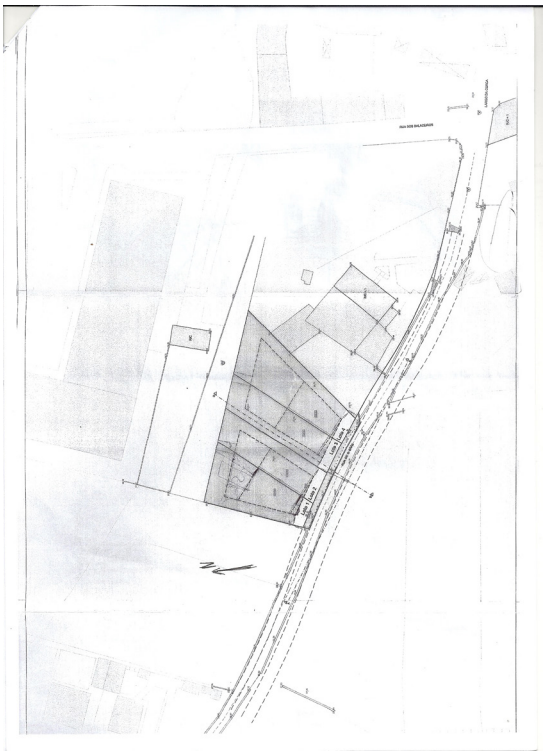
ÁREA DE CEDÊNCIA — OBRA-ESTRUTURAS LOCAIS
Espaços Verdes e de Utilização Colectiva — 87,00 m²
Equipamentos de Utilização Colectiva — 0,00 m²
Arruamentos, Bolsa de Estacionamento e Passeios — 0,00 m²
— 87,00 m²

INDICE DE OCUPAÇÃO — 0,56

LEGENDA:
- LIMITE DO TERRENO A LOTEAR = 1.630,00 m ²
- LIMITE DO LOTE
- CONSTRUÇÃO EXISTENTE
- ANEXO EXISTENTE
- AFLORAMENTO ROCHOSO
- COTA DO TERRENO (EXISTENTE)
- COTA DE SOLEIRA (valor obtido/a medida na vertical, entre a cota do pavimento térreo do edifício e a cota do espaço público fronteiro à entrada do edifício)
- PARCELA SOBRANTE NÃO SUJEITA A OPERAÇÃO DE LOTEAMENTO
- TRAÇADO PROPOSTO
- POLÍGONO DE CONSTRUÇÃO
- ÁREA DE CEDÊNCIA AO DOMÍNIO PÚBLICO
- ARMÁRIO DE DISTRIBUIÇÃO - ELECTRICIDADE
- ARMÁRIO DE DISTRIBUIÇÃO - PT&D
- ARMÁRIO DE DISTRIBUIÇÃO - SINAIS SONOROS E TELEFONES
- MARCO DE INCÊNDIO
- POSTE DE ILUMINAÇÃO PÚBLICA

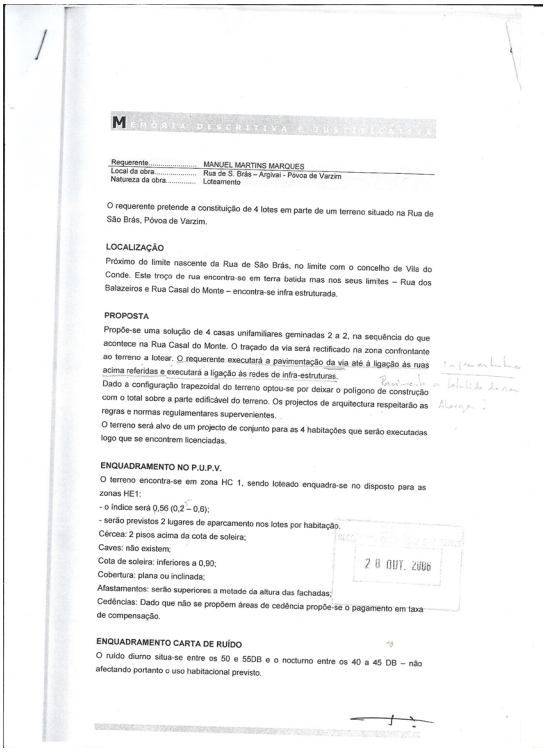
MANUEL MARTINS MARQUES
LOTEAMENTO EM ARGIVAI — RUA DE S. BRÁS ARGIVAI PÓVOA DE VARZIM
PROJECTO DE LOTEAMENTO — telas finais — fevereiro 2008
DESENHO: maria taborda, dArq — planta de síntese — 1/500

[Anexo I.3]



[Anexo I.4]

[Anexo I.1] **‘**Carta a Nuno Portas’, in *A casa de Siza: sine distantia,* de Isabel Maria Rodrigues. **[Anexo I.2]** a **[Anexo I.4]** Alvará de Loteamento e Planta de Síntese.



MEMÓRIA DESCRITIVA E JUSTIFICATIVA

Requerente..... MANUEL MARTINS MARQUES
Local da obra..... Rua de S. Brás – Argivai - Póvoa de Varzim
Natureza da obra..... Loteamento

O requerente pretende a constituição de 4 lotes em parte de um terreno situado na Rua de São Brás, Póvoa de Varzim.

LOCALIZAÇÃO

Próximo do limite nascente da Rua de São Brás, no limite com o concelho de Vila do Conde. Este troço de rua encontra-se em terra batida mas nos seus limites – Rua dos Balazeiros e Rua Casal do Monte – encontra-se infra estruturada.

PROPOSTA

Propõe-se uma solução de 4 casas unifamiliares geminadas 2 a 2, na seculência do que acontece na Rua Casal do Monte. O traçado da via será rectificado na zona confrontante ao terreno a lotear. O requerente executará a pavimentação da via até à ligação às ruas acima referidas e executará a ligação às redes de infra-estruturas.
Dado a configuração trapezoidal do terreno optou-se por deixar o polígono de construção com o total sobre a parte edificável do terreno. Os projectos de arquitectura respeitarão as regras e normas regulamentares supervenientes.
O terreno será alvo de um projecto de conjunto para as 4 habitações que serão executadas logo que se encontrem licenciadas.

ENQUADRAMENTO NO P.U.P.V.

O terreno encontra-se em zona HC 1, sendo loteado enquadra-se no disposto para as zonas HE1:
- o índice será 0,56 (0,2 – 0,6);
- serão previstos 2 lugares de aparcamento nos lotes por habitação.

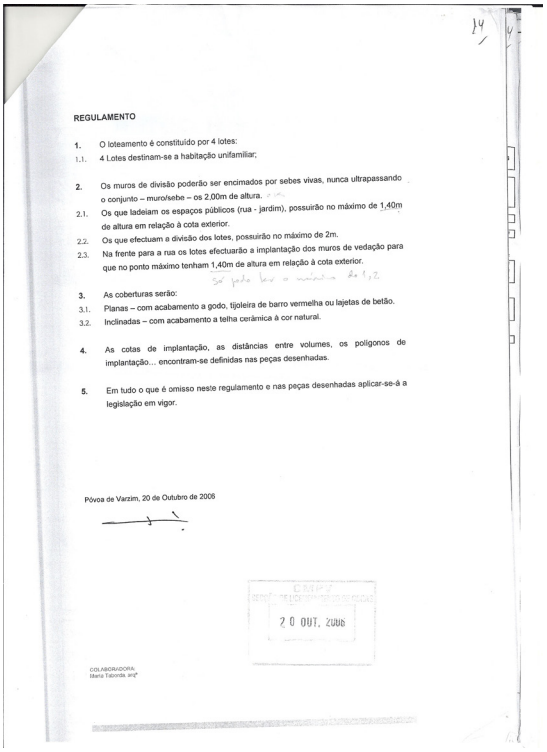
Cércea: 2 pisos acima da cota de soleira;
Caves: não existem;
Cota de soleira: inferiores a 0,90;
Cobertura: plana ou inclinada;
Afastamentos: serão superiores a metade da altura das fachadas;
Cedências: Dado que não se propõem áreas de cedência propõe-se o pagamento em taxa de compensação.

20 OUT. 2006

ENQUADRAMENTO CARTA DE RUÍDO

O ruído diurno situa-se entre os 50 e 55DB e o nocturno entre os 40 a 45 DB – não afectando portanto o uso habitacional previsto.

[Anexo I.5]



REGULAMENTO

1. O loteamento é constituído por 4 lotes:
1.1. 4 Lotes destinam-se a habitação unifamiliar;

2. Os muros de divisão poderão ser encimados por sebes vivas, nunca ultrapassando o conjunto – muro/sebe – os 2,00m de altura.
2.1. Os que ladeiam os espaços públicos (rua - jardim), possuirão no máximo de 1,40m de altura em relação à cota exterior.
2.2. Os que efectuam a divisão dos lotes, possuirão no máximo de 2m.
2.3. Na frente para a rua os lotes efectuarão a implantação dos muros de vedação para que no ponto máximo tenham 1,40m de altura em relação à cota exterior.

3. As coberturas serão:
3.1. Planas – com acabamento a godo, tijoleira de barro vermelha ou lajetas de betão.
3.2. Inclinadas – com acabamento a telha cerâmica à cor natural.

4. As cotas de implantação, as distâncias entre volumes, os polígonos de implantação... encontram-se definidas nas peças desenhadas.

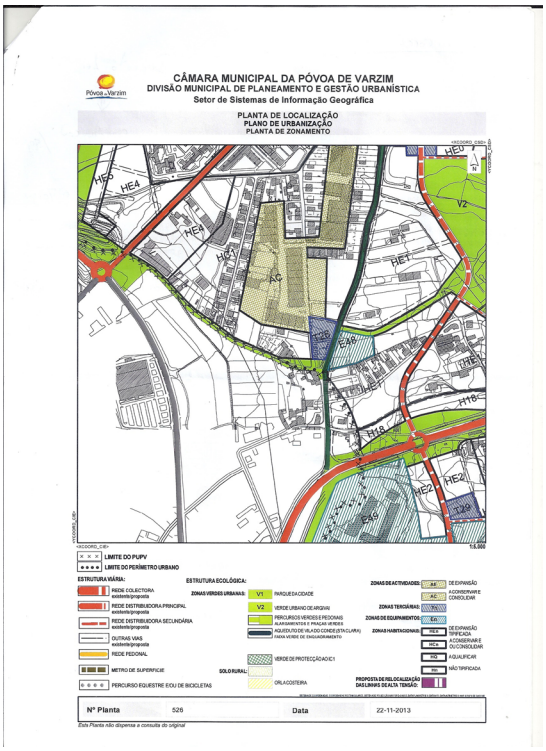
5. Em tudo o que é omisso neste regulamento e nas peças desenhadas aplicar-se-á a legislação em vigor.

Póvoa de Varzim, 20 de Outubro de 2006

20 OUT. 2006

COLABORADORA:
Maria Taborda, arq.ª

[Anexo I.6]



[Anexo I.7]

Memória Descritiva

A presente Memória Descritiva pretende instruir o Pedido de Informação Prévia de Obras de Loteamento do terreno sito na rua de São Brás, freguesia de Argivai, concelho da Póvoa de Varzim, com o intuito de prosseguir, posteriormente, com os demais Projectos de Especialidades.

A área de intervenção localiza-se próximo do limite nascente da Rua de São Brás, no limite com o concelho de Vila do Conde, e compreende a área destinada ao Lote 1.

Propõe-se um edifício para habitação unifamiliar com uma área de construção de 226m^2 e, um volume de construção de, aproximadamente, 804m^3. A estrutura corresponde a uma habitação T3, de três frentes, com logradouro individual e desenvolve-se em dois pisos acima da cota da soleira, com uma cércea de, aproximadamente, 6,9m. O piso térreo compreende as áreas comuns: hall de entrada, sala de estar e jantar, cozinha com despensa e, quarto de banho de serviço. O piso superior inclui três quartos de dormir (um deles suite) e um quarto de banho de uso comum. O acesso entre os dois pisos faz-se através da caixa de escadas e, a distribuição para os compartimentos acontece, no piso térreo, de forma ampla e desimpedida, num conceito de "open space", e no primeiro piso, através de um corredor. Dar-se-á cumprimento à legislação aplicável, nomeadamente Segurança Contra Incêndios, Acessibilidades, entre outras.

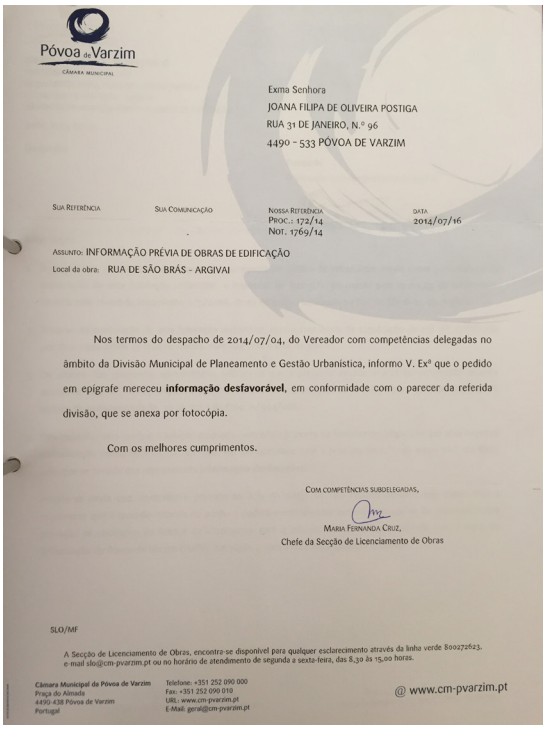
O Requerente pretende construir a casa com a distribuição, áreas e volumetria, a que correspondem os desenhos às escalas 1:100 e 1:200 do presente Pedido de Informação Prévia.

Pede Deferimento
O Requerente

Fevereiro 2015

[Anexo I.8]

[Anexo I.5] e **[Anexo I.6]** Memória descritiva e justificativa do loteamento. **[Anexo I.7]** PUPV: planta de localização e zonamento. **[Anexo I.8]** Memória descritiva instrutiva do Pedido de Informação Prévia de Obras de Loteamento da solução final.



Póvoa de Varzim
CÂMARA MUNICIPAL

Exma Senhora
JOANA FILIPA DE OLIVEIRA POSTIGA
RUA 31 DE JANEIRO, N.º 96
4490 - 533 PÓVOA DE VARZIM

Sua Referência	Sua Comunicação	Nossa Referência	Data
		Proc.: 172/14 Not. 1769/14	2014/07/16

Assunto: INFORMAÇÃO PRÉVIA DE OBRAS DE EDIFICAÇÃO
Local da obra: RUA DE SÃO BRÁS - ARGIVAI

Nos termos do despacho de 2014/07/04, do Vereador com competências delegadas no âmbito da Divisão Municipal de Planeamento e Gestão Urbanística, informo V. Exª que o pedido em epígrafe mereceu **informação desfavorável**, em conformidade com o parecer da referida divisão, que se anexa por fotocópia.

Com os melhores cumprimentos.

Com competências subdelegadas,

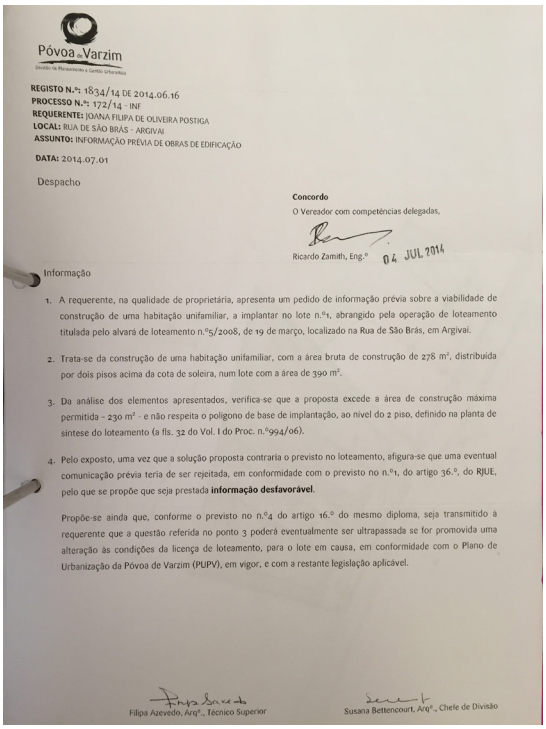
Maria Fernanda Cruz,
Chefe da Secção de Licenciamento de Obras

SLO/MF

A Secção de Licenciamento de Obras, encontra-se disponível para qualquer esclarecimento através da linha verde 800272623, e-mail slo@cm-pvarzim.pt ou no horário de atendimento de segunda a sexta-feira, das 8,30 às 15,00 horas.

Câmara Municipal da Póvoa de Varzim
Praça do Almada
4490-438 Póvoa de Varzim
Portugal
Telefone: +351 252 090 000
Fax. +351 252 090 010
URL: www.cm-pvarzim.pt
E-Mail: geral@cm-pvarzim.pt
@ www.cm-pvarzim.pt

[Anexo I.9]



Póvoa de Varzim
Divisão de Planeamento e Gestão Urbanística

REGISTO N.º: 1634/14 DE 2014.06.16
PROCESSO N.º: 172/14 - INF
REQUERENTE: JOANA FILIPA DE OLIVEIRA POSTIGA
LOCAL: RUA DE SÃO BRÁS - ARGIVAI
ASSUNTO: INFORMAÇÃO PRÉVIA DE OBRAS DE EDIFICAÇÃO
DATA: 2014.07.01

Despacho

Concordo
O Vereador com competências delegadas,
Ricardo Zamith, Eng.º
04 JUL 2014

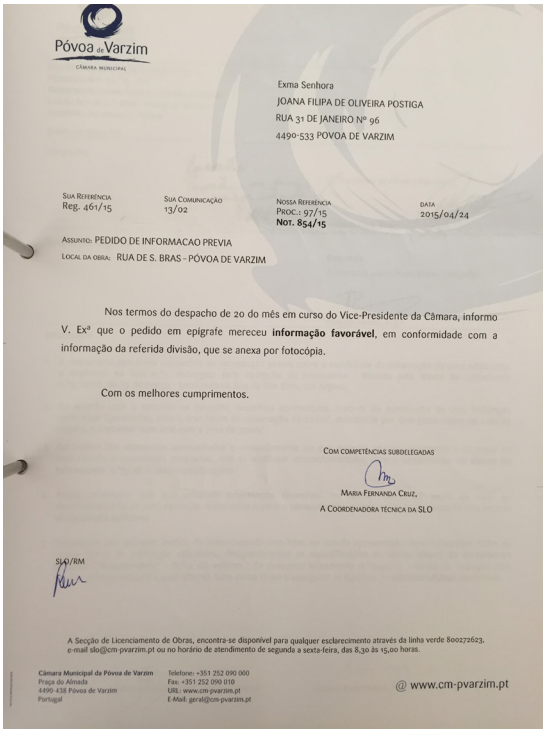
Informação

1. A requerente, na qualidade de proprietária, apresenta um pedido de informação prévia sobre a viabilidade de construção de uma habitação unifamiliar, a implantar no lote n.º1, abrangido pela operação de loteamento titulada pelo alvará de loteamento n.º5/2008, de 19 de março, localizado na Rua de São Brás, em Argivai.
2. Trata-se da construção de uma habitação unifamiliar, com a área bruta de construção de 278 m², distribuída por dois pisos acima da cota de soleira, num lote com a área de 390 m².
3. Da análise dos elementos apresentados, verifica-se que a proposta excede a área de construção máxima permitida - 230 m² - e não respeita o polígono de base de implantação, ao nível do 2 piso, definido na planta de síntese do loteamento (a fls. 32 do Vol. I do Proc. n.º994/06).
4. Pelo exposto, uma vez que a solução proposta contraria o previsto no loteamento, afigura-se que uma eventual comunicação prévia teria de ser rejeitada, em conformidade com o previsto no n.º1, do artigo 36.º, do RJUE, pelo que se propõe que seja prestada **informação desfavorável**.

Propõe-se ainda que, conforme o previsto no n.º4 do artigo 16.º do mesmo diploma, seja transmitido à requerente que a questão referida no ponto 3 poderá eventualmente ser ultrapassada se for promovida uma alteração às condições da licença de loteamento, para o lote em causa, em conformidade com o Plano de Urbanização da Póvoa de Varzim (PUPV), em vigor, e com a restante legislação aplicável.

Filipa Azevedo, Arq.ª - Técnico Superior
Susana Bettencourt, Arq.ª - Chefe de Divisão

[Anexo I.10]



Póvoa de Varzim
CÂMARA MUNICIPAL

Exma Senhora
JOANA FILIPA DE OLIVEIRA POSTIGA
RUA 31 DE JANEIRO Nº 96
4490-533 POVOA DE VARZIM

Sua Referência	Sua Comunicação	Nossa Referência	Data
Reg. 461/15	13/02	Proc.: 97/15 Not. 854/15	2015/04/24

Assunto: PEDIDO DE INFORMACAO PREVIA
Local da obra: RUA DE S. BRAS - PÓVOA DE VARZIM

Nos termos do despacho de 20 do mês em curso do Vice-Presidente da Câmara, informo V. Exª que o pedido em epígrafe mereceu **informação favorável**, em conformidade com a informação da referida divisão, que se anexa por fotocópia.

Com os melhores cumprimentos.

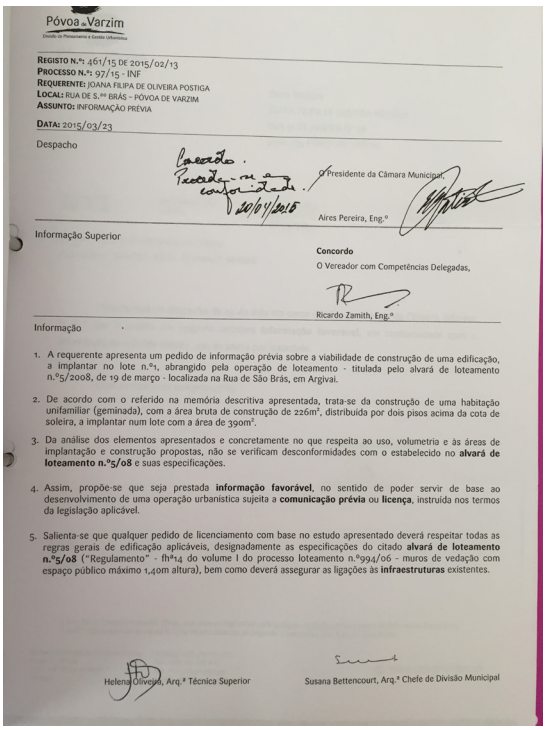
Com competências subdelegadas
Maria Fernanda Cruz,
A Coordenadora Técnica da SLO

SLO/RM

A Secção de Licenciamento de Obras, encontra-se disponível para qualquer esclarecimento através da linha verde 800272623, e-mail slo@cm-pvarzim.pt ou no horário de atendimento de segunda a sexta-feira, das 8,30 às 15,00 horas.

Câmara Municipal da Póvoa de Varzim
Praça do Almada
4490-438 Póvoa de Varzim
Portugal
Telefone: +351 252 090 000
Fax. +351 252 090 010
URL: www.cm-pvarzim.pt
E-Mail: geral@cm-pvarzim.pt
@ www.cm-pvarzim.pt

[Anexo I.11]



Póvoa de Varzim
Divisão de Planeamento e Gestão Urbanística

REGISTO N.º: 461/15 DE 2015/02/13
PROCESSO N.º: 97/15 - INF
REQUERENTE: JOANA FILIPA DE OLIVEIRA POSTIGA
LOCAL: RUA DE S.ᴮᴿᴬˢ BRÁS - PÓVOA DE VARZIM
ASSUNTO: INFORMAÇÃO PRÉVIA
DATA: 2015/03/23

Despacho

Concordo.
Proceda-se em conformidade.
20/04/2015
O Presidente da Câmara Municipal,
Aires Pereira, Eng.º

Informação Superior

Concordo
O Vereador com Competências Delegadas,
Ricardo Zamith, Eng.º

Informação

1. A requerente apresenta um pedido de informação prévia sobre a viabilidade de construção de uma edificação, a implantar no lote n.º1, abrangido pela operação de loteamento - titulada pelo alvará de loteamento n.º5/2008, de 19 de março - localizada na Rua de São Brás, em Argivai.
2. De acordo com o referido na memória descritiva apresentada, trata-se da construção de uma habitação unifamiliar (geminada), com a área bruta de construção de 226m², distribuída por dois pisos acima da cota de soleira, a implantar num lote com a área de 390m².
3. Da análise dos elementos apresentados e concretamente no que respeita ao uso, volumetria e às áreas de implantação e construção propostas, não se verificam desconformidades com o estabelecido no **alvará de loteamento n.º5/08** e suas especificações.
4. Assim, propõe-se que seja prestada **informação favorável**, no sentido de poder servir de base ao desenvolvimento de uma operação urbanística sujeita a **comunicação prévia** ou **licença**, instruída nos termos da legislação aplicável.
5. Salienta-se que qualquer pedido de licenciamento com base no estudo apresentado deverá respeitar todas as regras gerais de edificação aplicáveis, designadamente as especificações do citado **alvará de loteamento n.º5/08** ("Regulamento" - fh¹¹14 do volume I do processo loteamento n.º994/06 - muros de vedação com espaço público máximo 1,40m altura), bem como deverá assegurar as ligações às **infraestruturas** existentes.

Helena Oliveira, Arq.ª Técnica Superior
Susana Bettencourt, Arq.ª Chefe de Divisão Municipal

[Anexo I.12]

[Anexo I.9] e **[Anexo I.10]** Resposta da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim ao Pedido de Informação Prévia da solução mista: informação desfavorável. **[Anexo I.11]** e **[Anexo I.12]** Resposta da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim ao Pedido de Informação Prévia da solução final: informação favorável.

II. LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO








[Anexo II.1] Vista geral da freguesia de Argivai.



[Anexo II.2] Aqueduto de Santa Clara inserido na freguesia de Argivai.



[Anexo II.3] Pequeno troço da rua de São Brás.











[Anexo II.4] Rua de São Brás e vista sul do terreno.



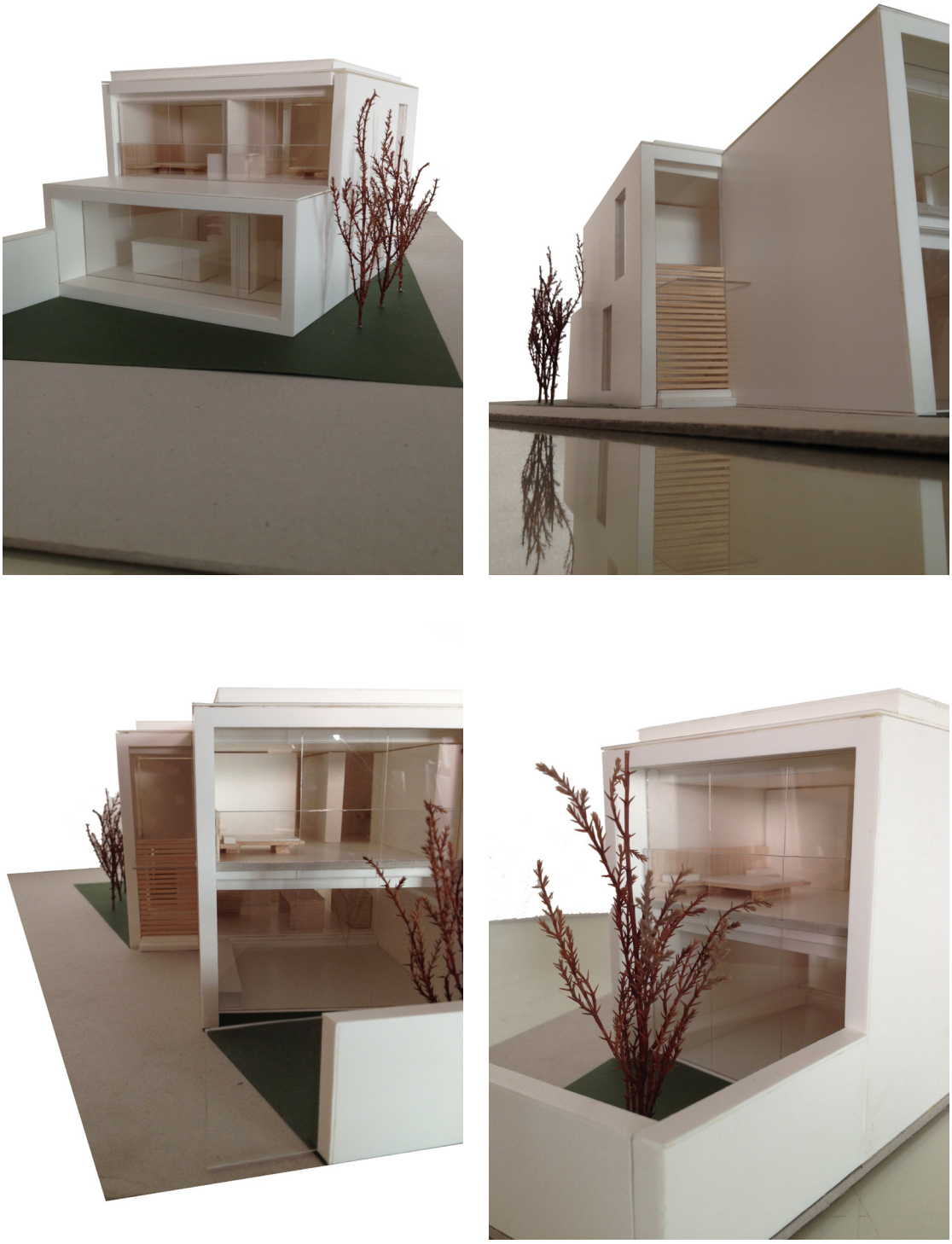




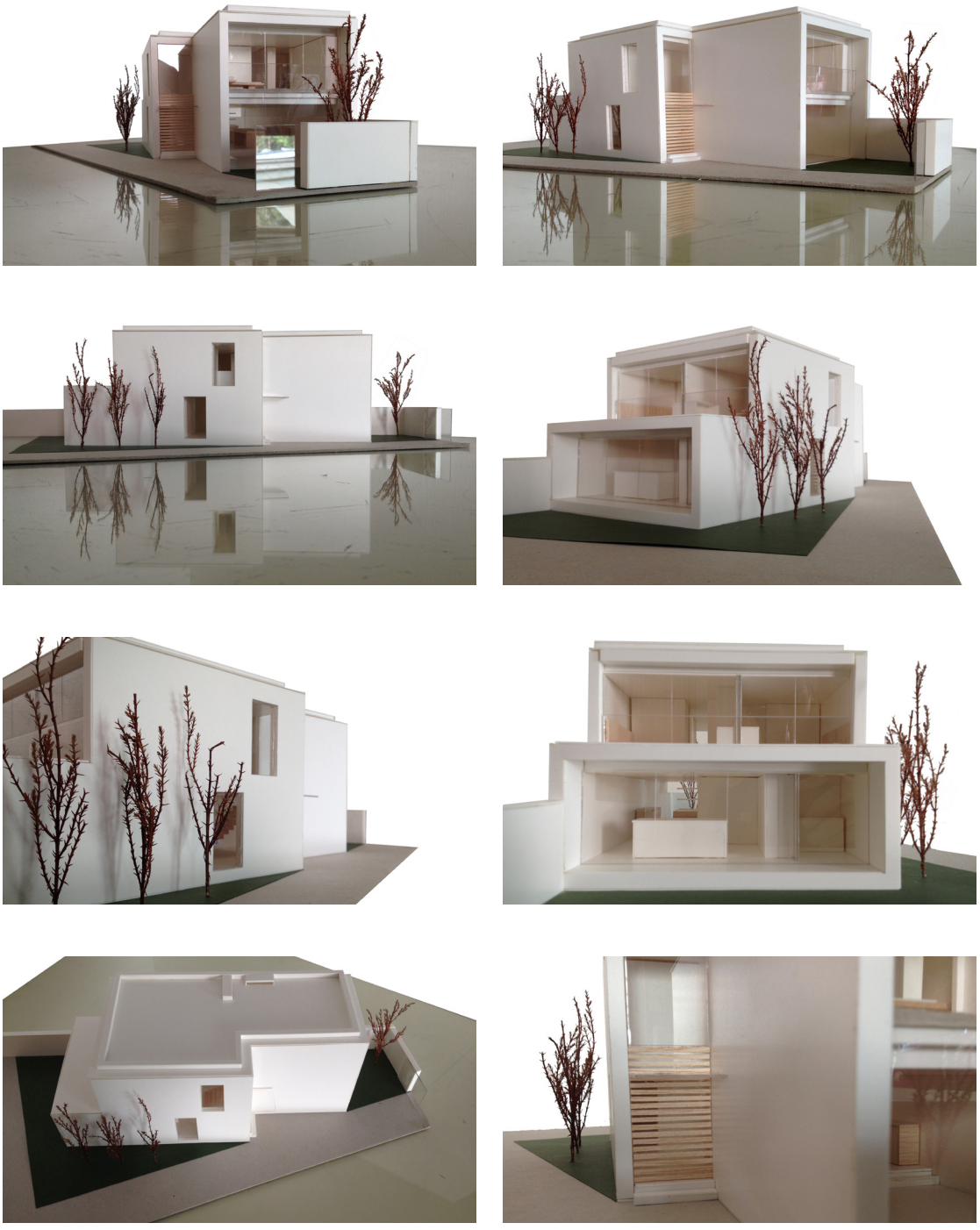


[Anexo II.5] Levantamento fotográfico da área de lote referente ao projeto.

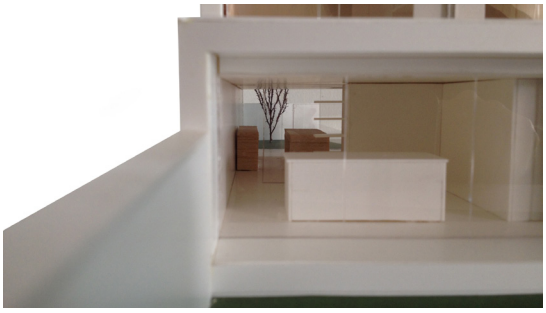
III. FOTOGRAFIAS DA MAQUETE



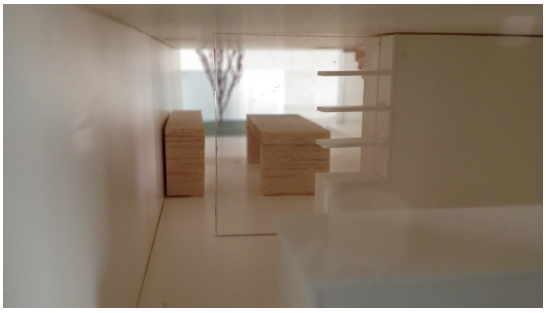
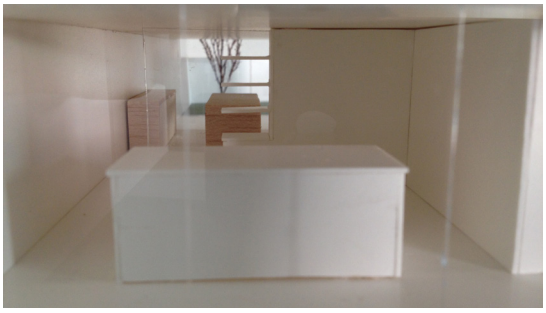
[Anexo III.1] Solução geral.



[Anexo III.2] Solução geral.

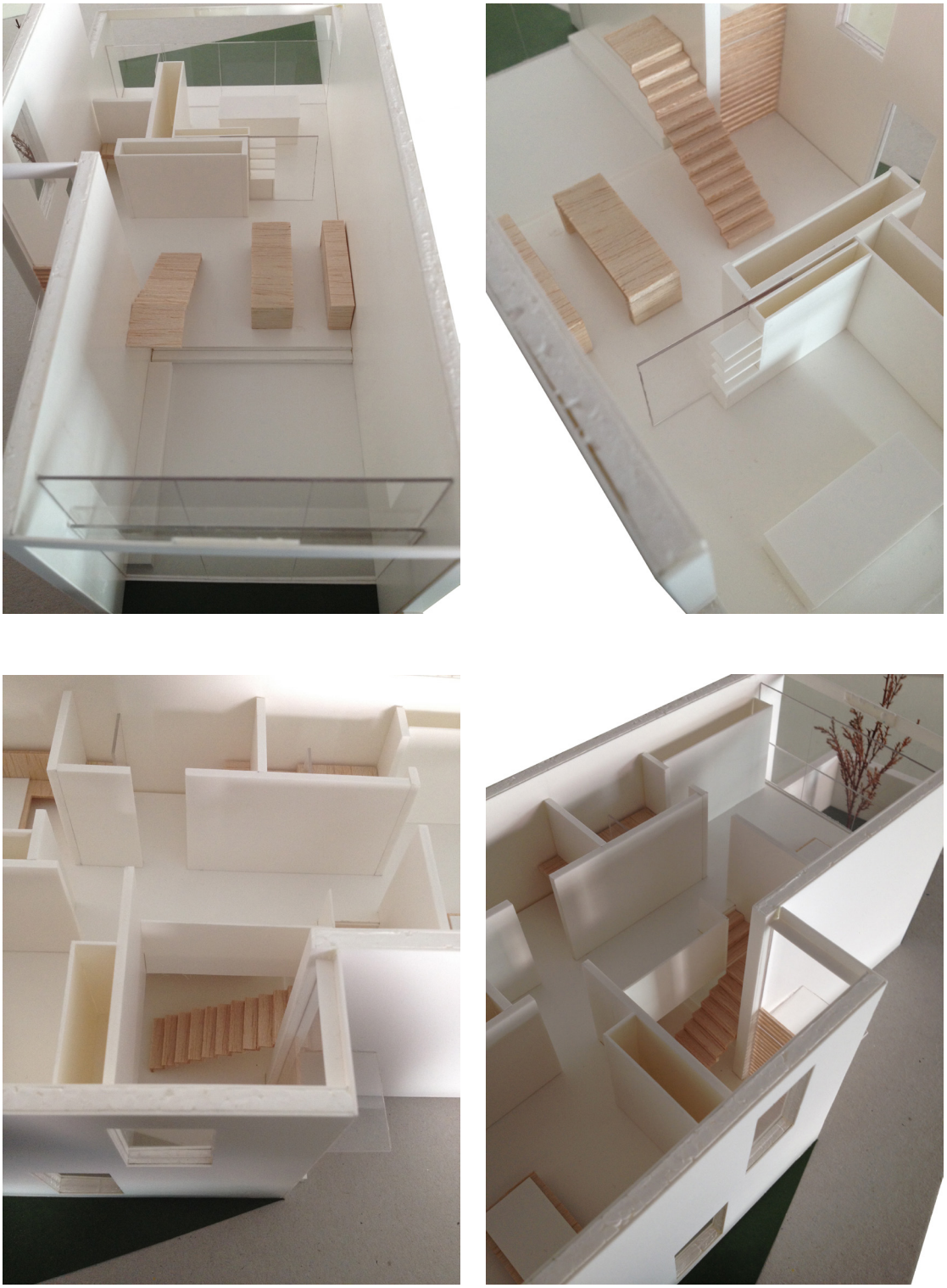


[Anexo III.3] Pormenores interiores.



[Anexo III.4] Vista de cima e do primeiro piso da solução.

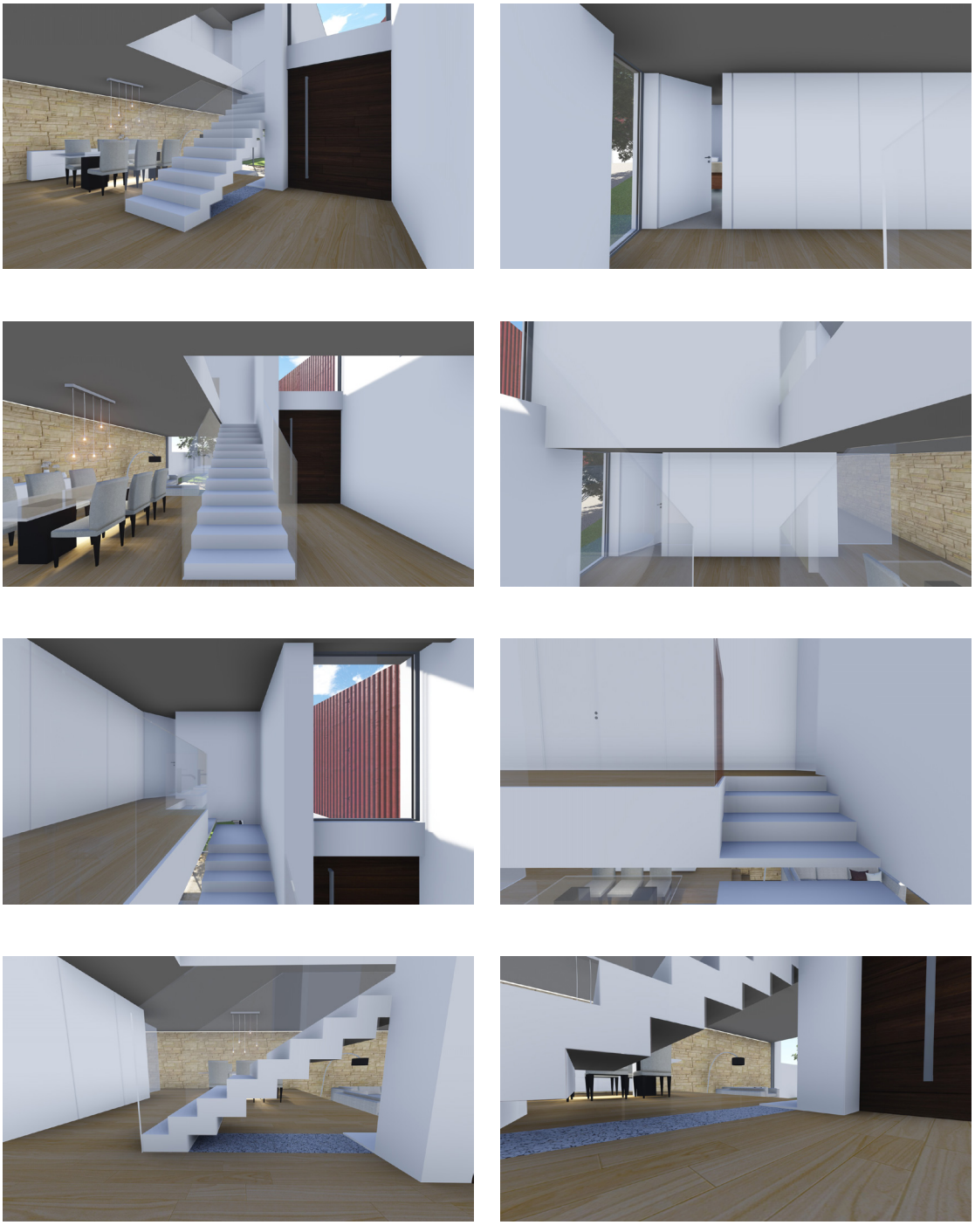


[Anexo III.5] Vista do piso térreo e pormenor da entrada com pé direito duplo.

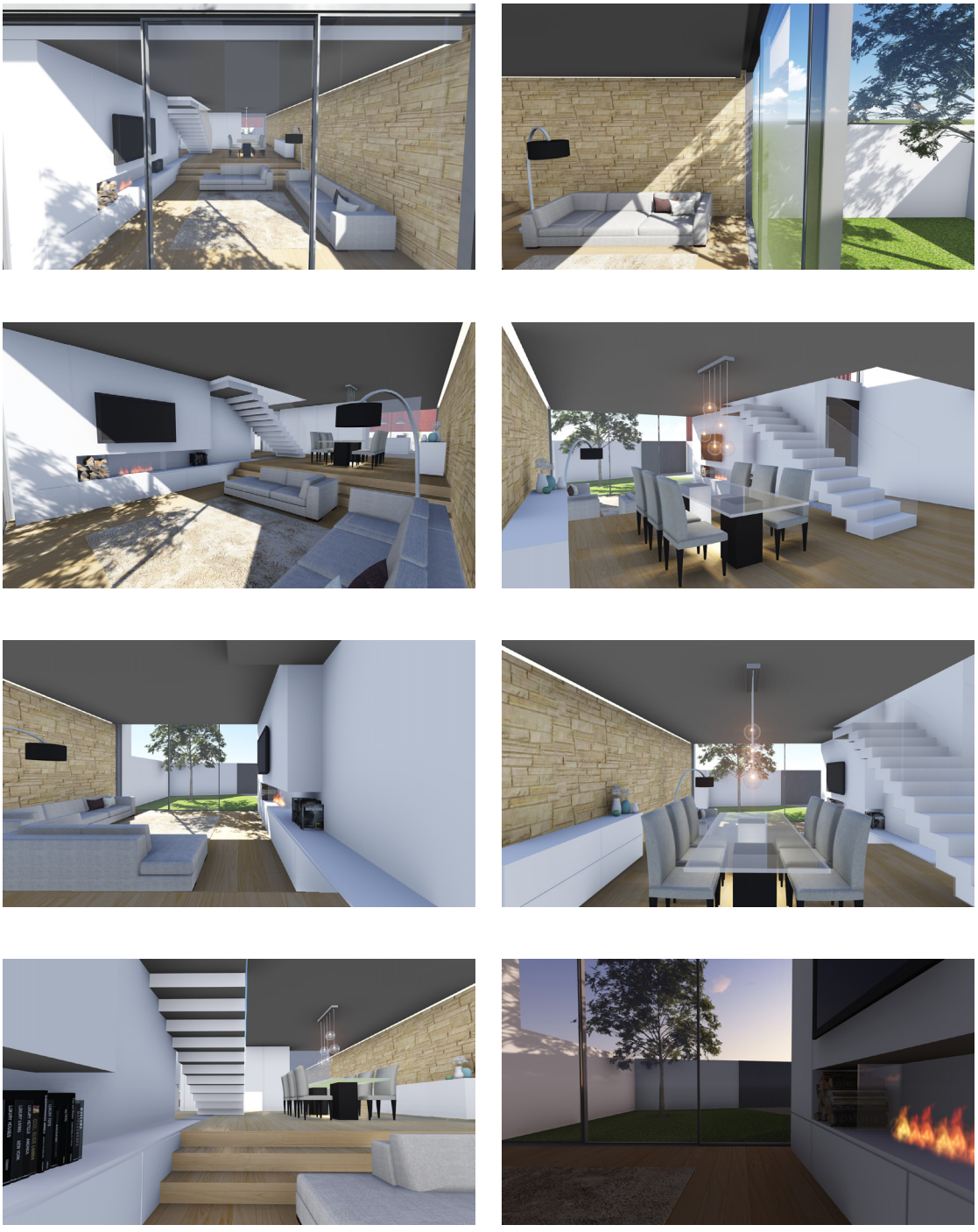
IV. SIMULAÇÃO TRIDIMENSIONAL



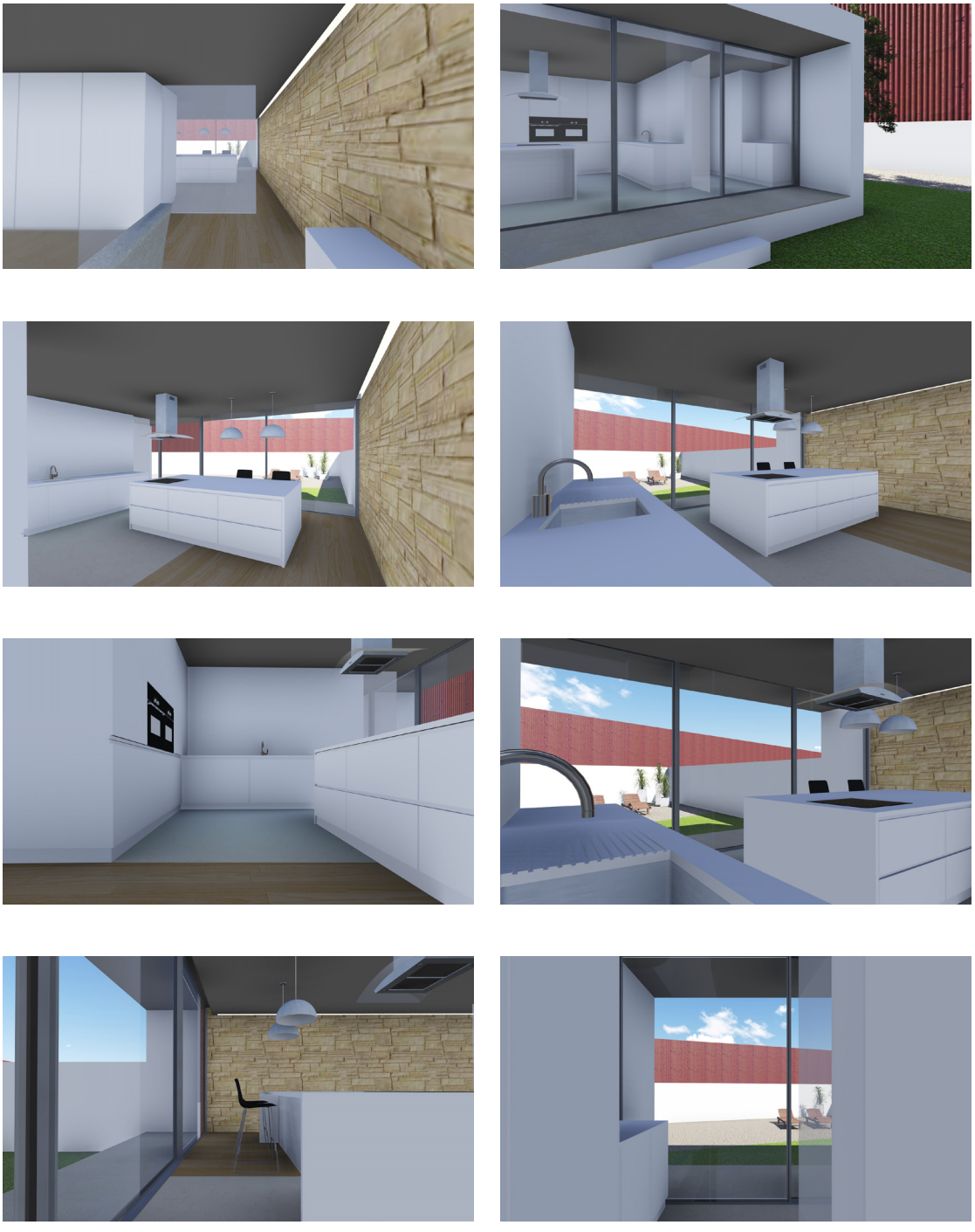
[Anexo IV.1] Solução tridimensional geral.



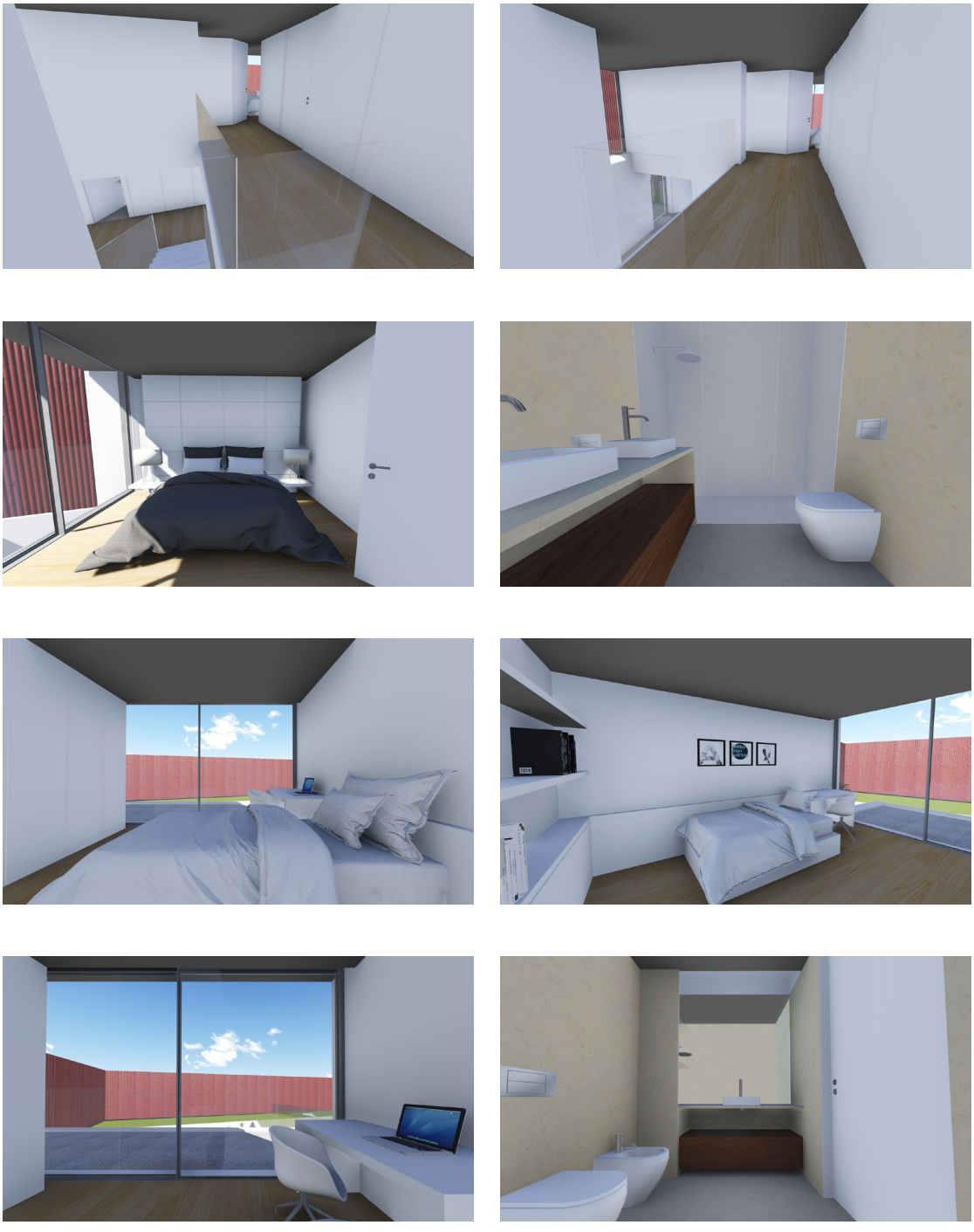
[Anexo IV.2] Zona de entrada e pormenores da escada.



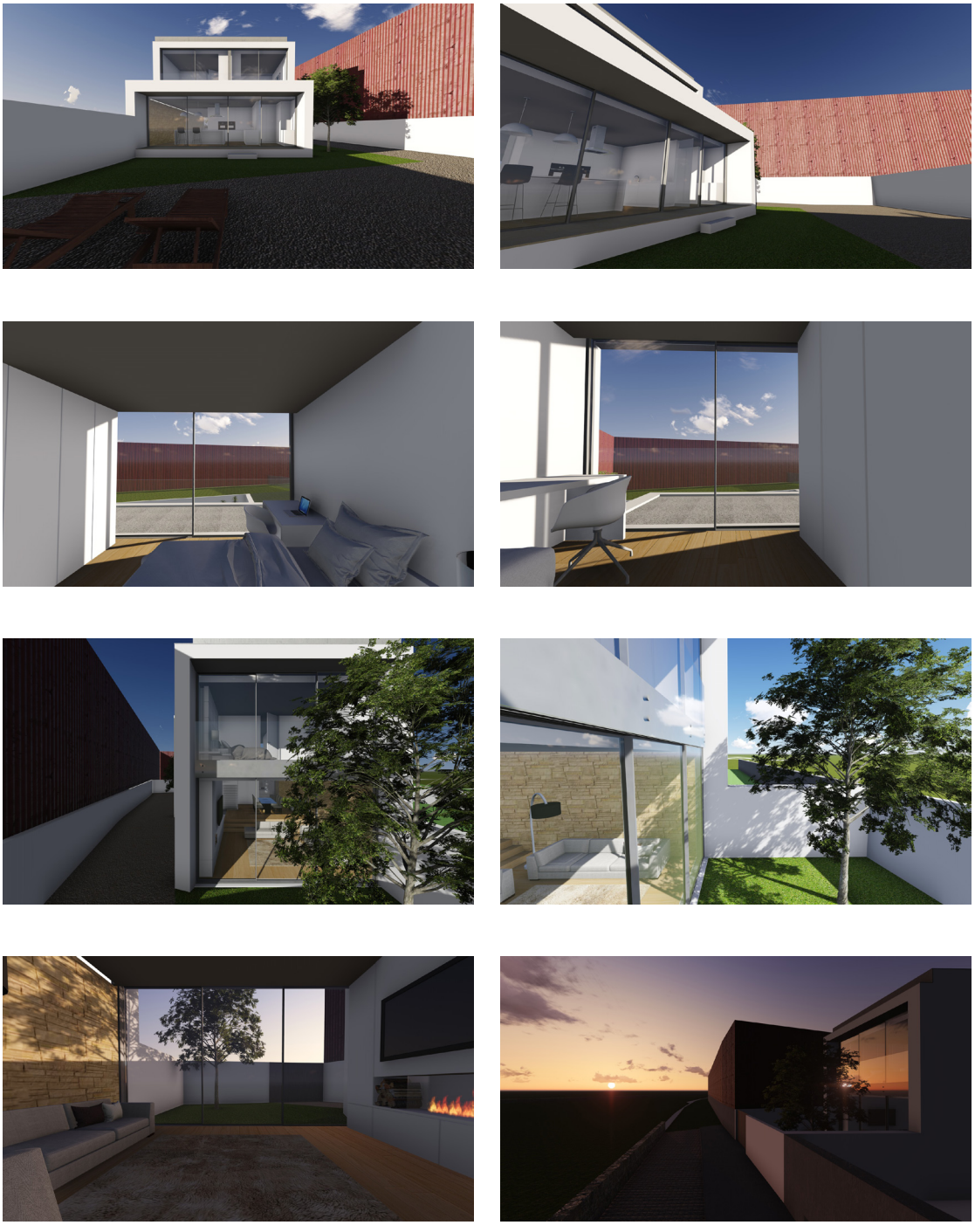
[Anexo IV.3] Espaço de sala de estar e jantar.



[Anexo IV.4] Espaço de cozinha e lavandaria/despensa.



[Anexo IV.5] Zona privada de quartos e sanitários.



[Anexo IV.6] Estudos da luz nas diferentes partes do dia.





[Anexo IV.7] Vista frontal da Casa Barros e fotomontagem com a envolvente real do terreno.

V. DESENHOS DE PROJETO









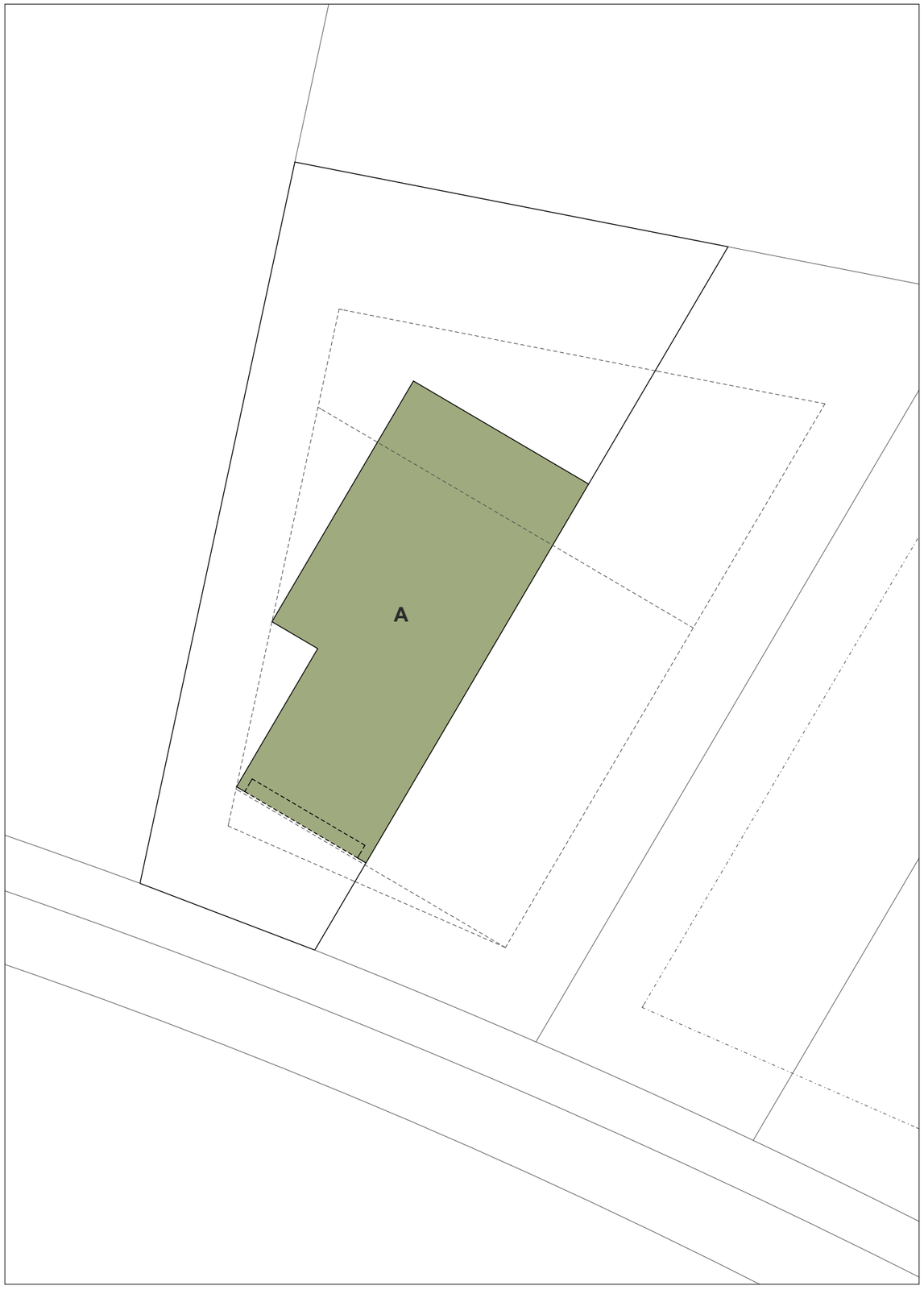
Legenda:

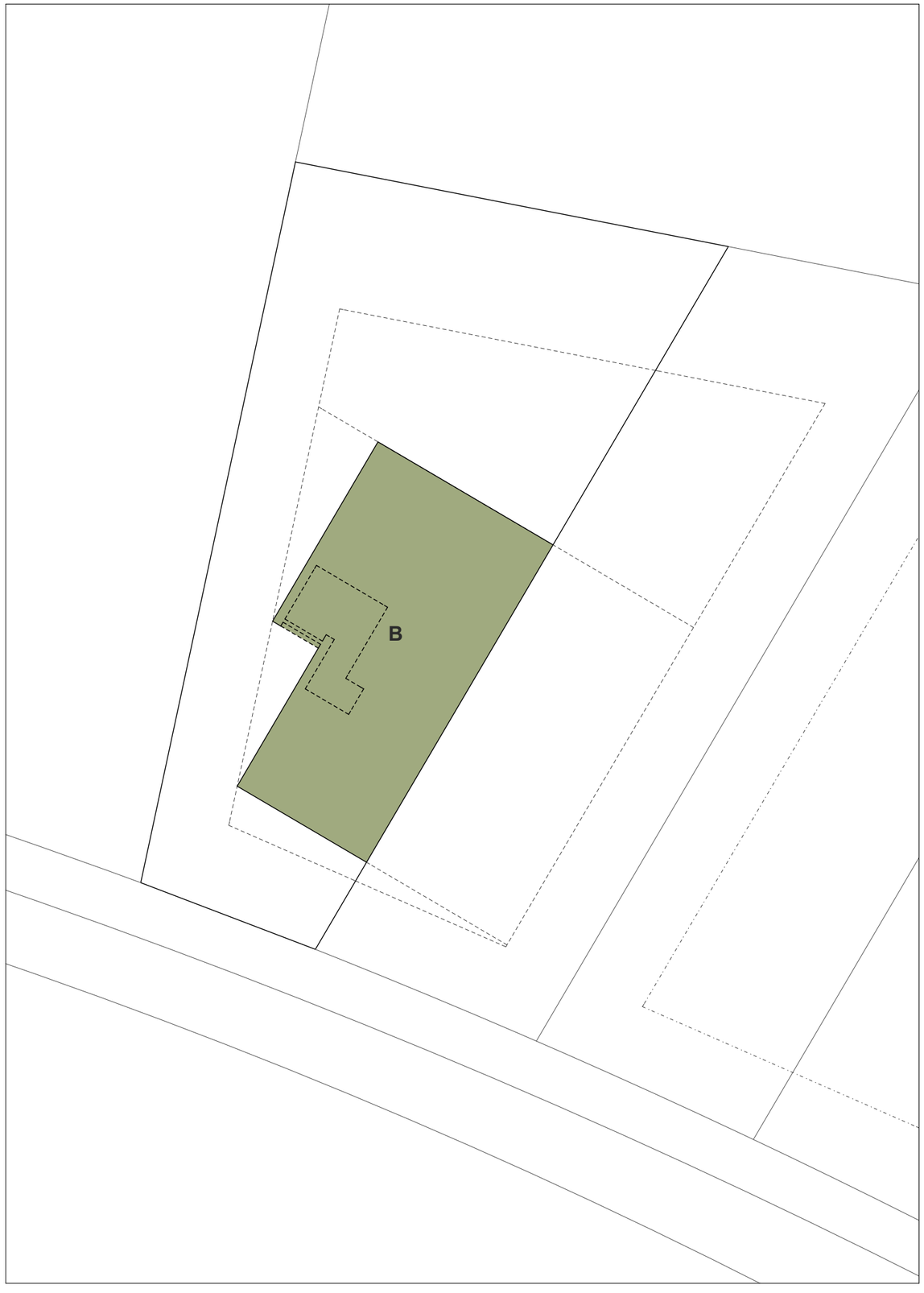
- Área destinada ao Lote 1
- Sinalização do terreno para implantação da Casa Barros

Designação: Planta de Localização e Enquadramento	Orientação:	Nome da Obra / Localização: Casa Barros, Argivai - Póvoa de Varzim
Escala: 1:1000		Raquel Barreira
Projeto de Arquitetura		Data: Setembro 2015

Desenho Nº: 1/17

Designação:	Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Planta de Localização e Enquadramento	Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	1/17
Escala: 1:1000	**Projeto de Arquitetura**	Data: Setembro 2015	





Legenda:

Sinalização do terreno para implantação da Casa Barros

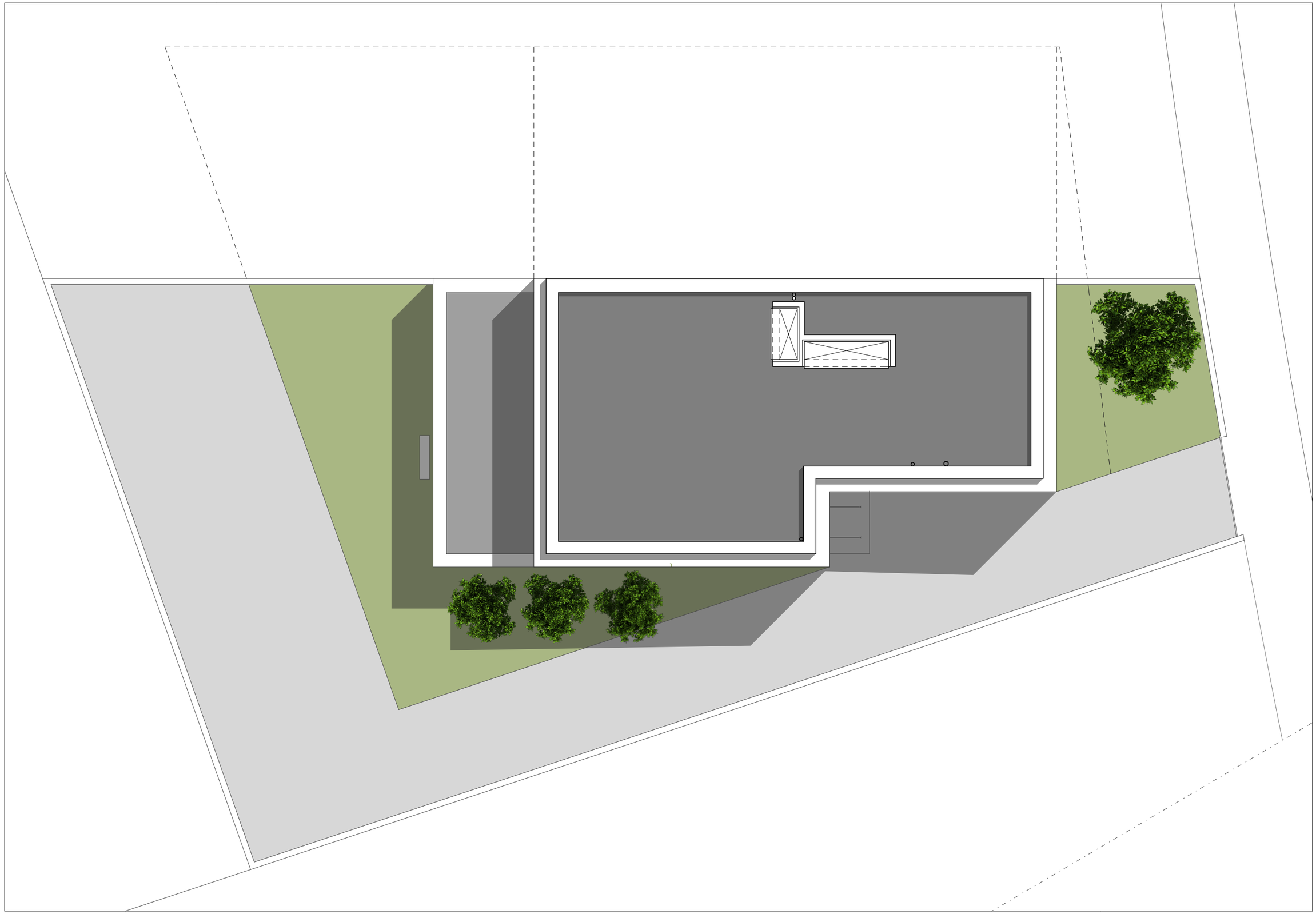
---- Zona de pé direito duplo e caixa de escadas

A Área objeto da operação - Piso Térreo **129.24m²**

B Área objeto da operação - Primeiro Piso **96.68m²**

Designação: Plantas de Síntese	Orientação:	Nome da Obra / Localização: Casa Barros, Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	Desenho Nº: 2/17
Escala: 1:200		**Projeto de Arquitetura**	Data: Setembro 2015	

Designação:	Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Plantas de Síntese	Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	2/17
Escala: 1:200	**Projeto de Arquitetura**	Data: Setembro 2015	



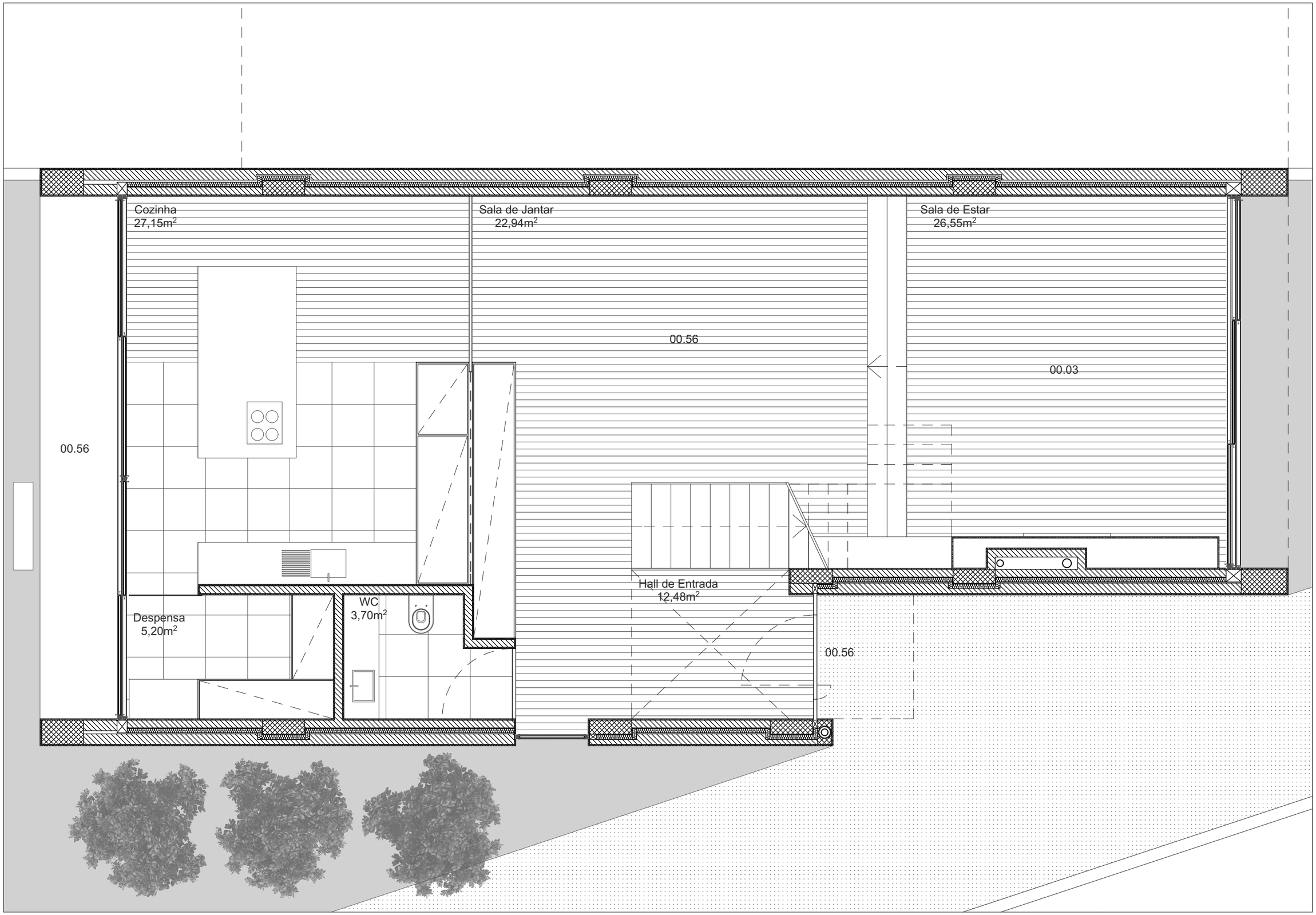
Legenda:

- Gravilha
- Espaço Ajardinado
- Gôdo
- Claraboia

Designação: Planta de Implantação	Orientação:	
Escala: 1:100		

Nome da Obra / Localização: Casa Barros, Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	Desenho Nº: 3/17
Projeto de Arquitetura	Data: Setembro 2015	

Designação:	Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Planta de Implantação	Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	3/17
Escala: 1:100	**Projeto de Arquitetura**	Data: Setembro 2015	



Legenda:

- Betão
- Tijolo
- Isolamento
- Caixa de Ar
- Pré Aro de Madeira
- Tela Asfáltica + Pintura Impermeabilizante
- Acabamento exterior/interior
- Pavimento Laminado (flutuante)
- Pavimento Cerâmico
- Gravilha
- Espaço Ajardinado

Designação: Planta do Piso Térreo	Orientação:	
Escala: 1:50		
Nome da Obra / Localização: Casa Barros, Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	Desenho Nº: 4/17
Projeto de Arquitetura	Data: Setembro 2015	

Designação:	Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Planta do Piso Térreo	Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	4/17
Escala: 1:50	**Projeto de Arquitetura**	Data: Setembro 2015	

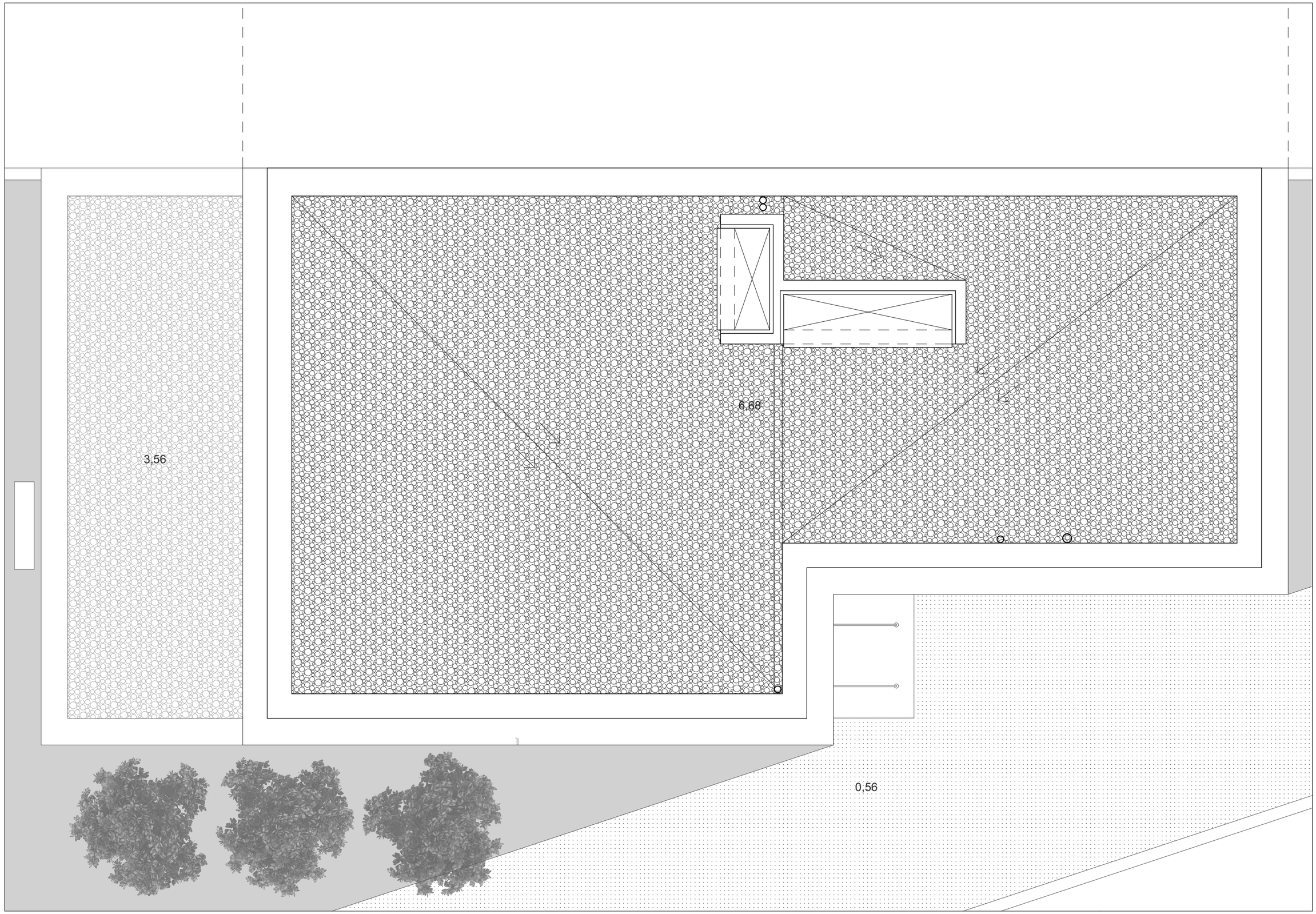


Legenda:

- Betão
- Tijolo
- Isolamento
- Caixa de Ar
- Pré Aro de Madeira
- Tela Asfáltica + Pintura Impermeabilizante
- Acabamento exterior/interior
- Pavimento Laminado (flutuante)
- Pavimento Cerâmico
- Gravilha
- Espaço Ajardinado
- Gôdo

Designação: Planta do Primeiro Piso	Orientação:	
Escala: 1:50		
Nome da Obra / Localização: Casa Barros, Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	Desenho Nº: 5/17
Projeto de Arquitetura	Data: Setembro 2015	

Designação: Planta do Primeiro Piso	Nome da Obra / Localização: Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	Desenho Nº: 5/17
Escala: 1:50	**Projeto de Arquitetura**	Data: Setembro 2015	



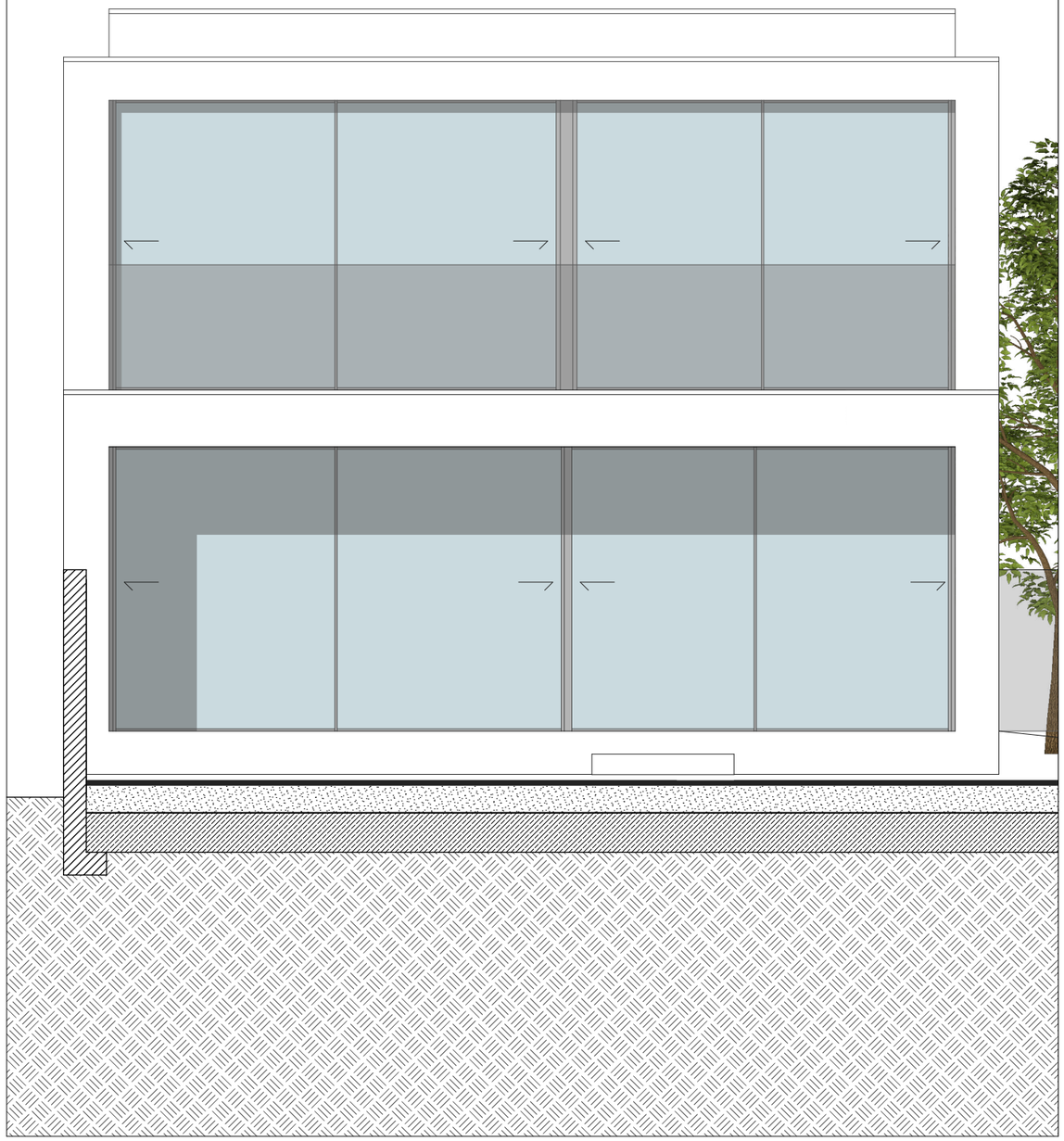
Legenda:

- Gravilha
- Espaço Ajardinado
- Gôdo
- Claraboia

Designação: Planta de Coberturas	Orientação:	
Escala: 1:50		
Nome da Obra / Localização: Casa Barros, Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	Desenho Nº: 6/17
Projeto de Arquitetura	Data: Setembro 2015	

Designação:	Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Planta de Coberturas	Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	6/17
Escala: 1:50	**Projeto de Arquitetura**	Data: Setembro 2015	





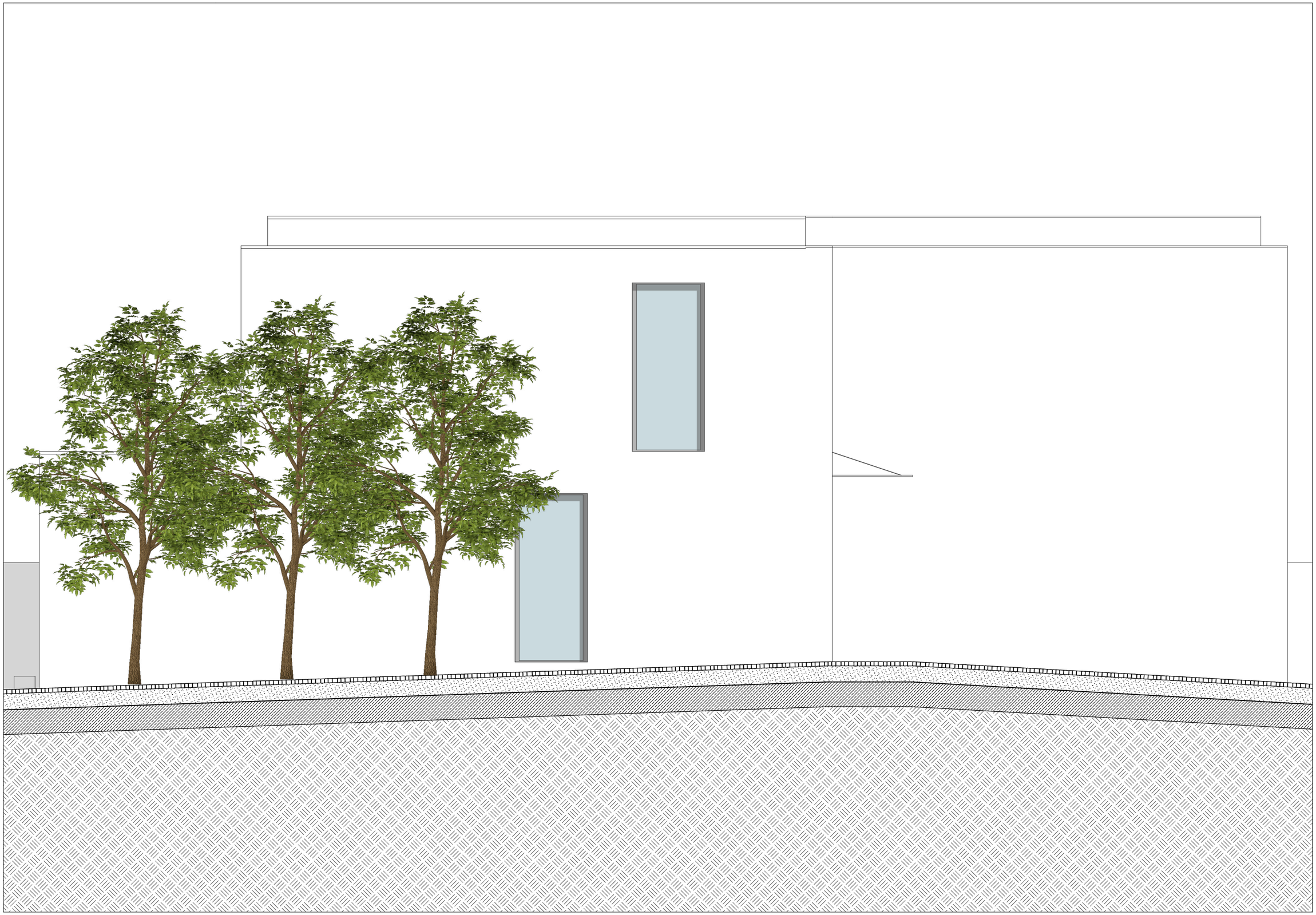
Legenda:

- Terreno
- Caixa de Areia
- Microcubo
- Relva
- Enrocamento de Tout-nenant
- Terreno Vegetal
- Betão
- Tijolo
- Cantoneira Metálica
- Vidro

Designação: Alçados Frente e Tardoz	Orientação:
Escala: 1:50	

Nome da Obra / Localização: Casa Barros, Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	Desenho Nº: 7/17
Projeto de Arquitetura	Data: Setembro 2015	

Designação:	Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Alçados Frente e Tardoz	Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	7/17
Escala: 1:50	**Projeto de Arquitetura**	Data: Setembro 2015	



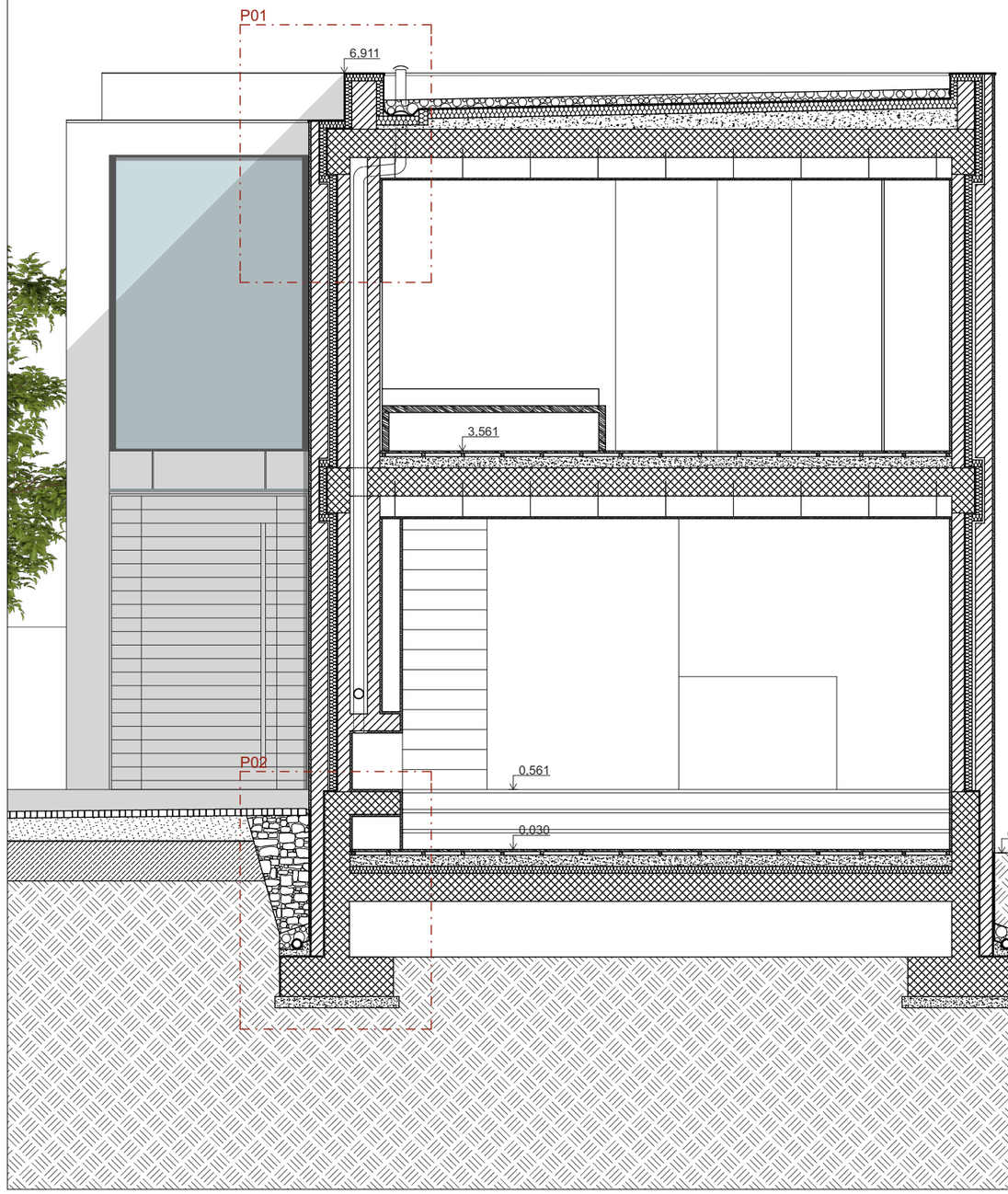
Legenda:

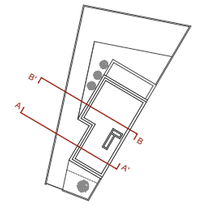
- Terreno
- Caixa de Areia
- Microcubo
- Enrocamento de Tout-nenant
- Vidro

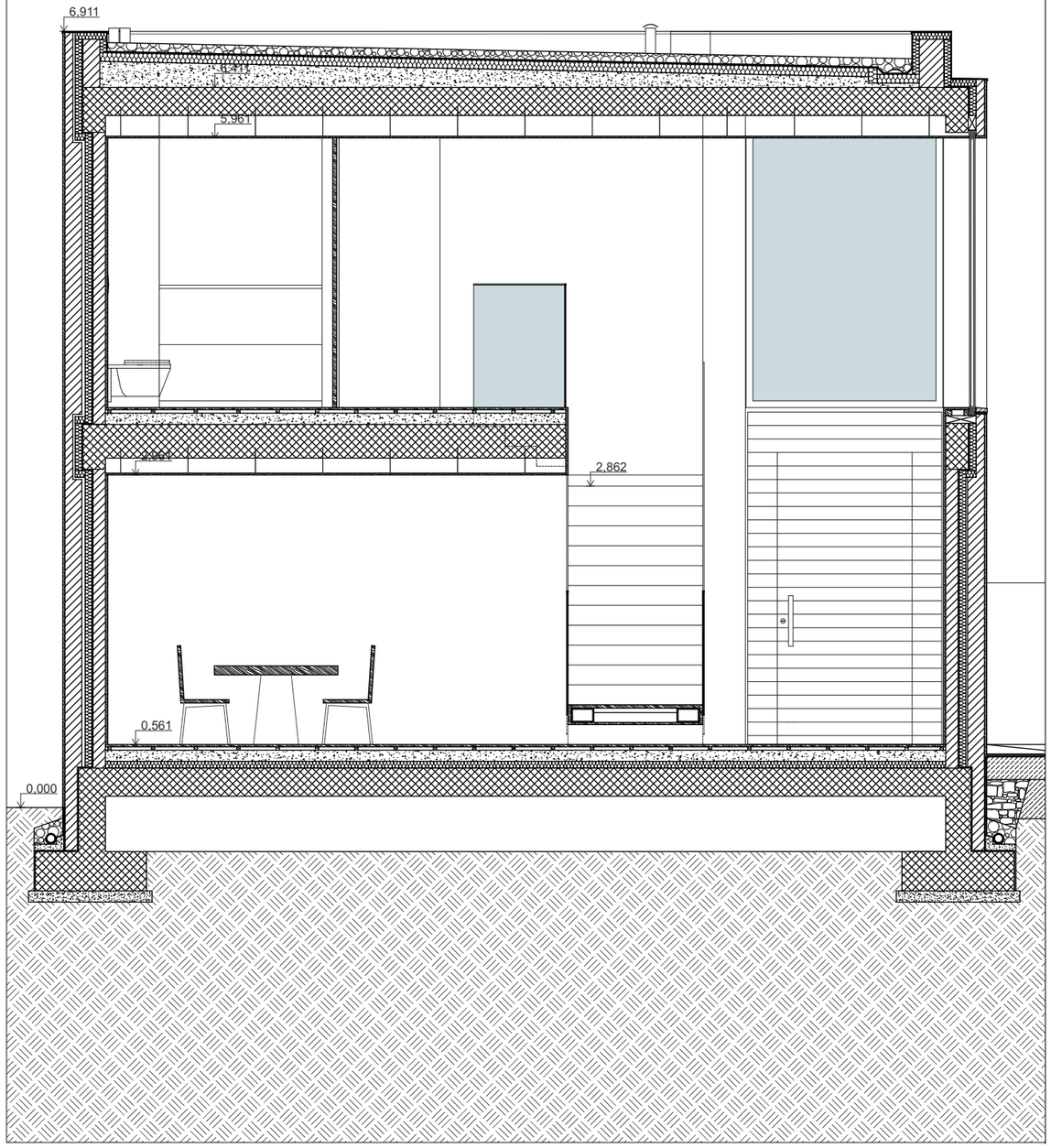
Designação:	Orientação:
Alçado Lateral	
Escala: 1:50	

Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	8/17
Projeto de Arquitetura	Data: Setembro 2015	

Designação:	Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Alçado Lateral	Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	8/17
Escala: 1:50	**Projeto de Arquitetura**	Data: Setembro 2015	







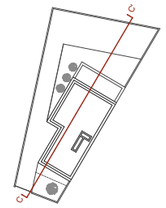
Legenda:

Betão	Caixa de Ar	Enchimento em betão leve	Caixa de Areia	Terreno Vegetal	Vidro
Tijolo	Madeira	Acabamento exterior/interior	Rachão	Relva	Gôdo
Isolamento	Tela Asfáltica + Pintura Impermeabilizante	Terreno	Enrocamento de Tout-nenant	Microcubo	

Designação: Cortes AA' e BB'	Orientação:	Nome da Obra / Localização: Casa Barros, Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira
Escala: 1:50		**Projeto de Arquitetura**	Data: Setembro 2015

Desenho Nº: 9/17

Designação:	Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Cortes AA' e BB'	Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	9/17
Escala: 1:50	**Projeto de Arquitetura**	Data: Setembro 2015	



P03

6.911

P04

3.561

2.862

P06

3.561

P07

0.561

P05

Legenda:

Betão	Caixa de Ar	Enchimento em betão leve	Caixa de Areia	Terreno Vegetal	Vidro
Tijolo	Madeira	Acabamento exterior/interior	Rachão	Relva	Gôdo
Isolamento	Tela Asfáltica + Pintura Impermeabilizante	Terreno	Enrocamento de Tout-nenant	Microcubo	Granito

Designação: Corte CC'

Escala: 1:50

Orientação:

Nome da Obra / Localização:

Casa Barros

Argivai - Póvoa de Varzim

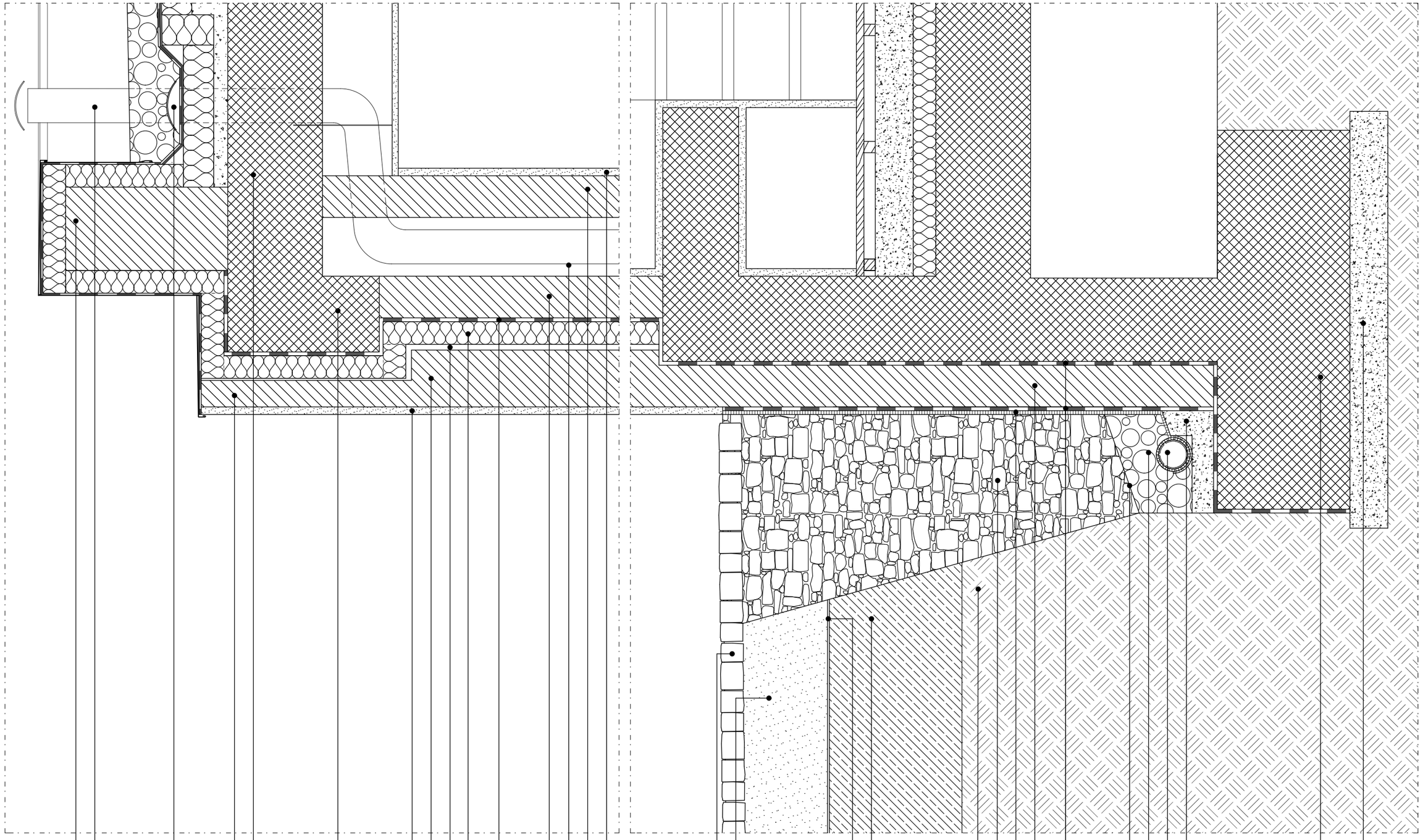
Raquel Barreira

Desenho Nº: 10/17

Projeto de Arquitetura

Data: Setembro 2015

Designação:	Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Cortes CC'	Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	10/17
Escala: 1:50	**Projeto de Arquitetura**	Data: Setembro 2015	



Legenda:

Designação:
Pormenores Construtivos
P01 e **P02**

Orientação:

Escala:
1:10

Nome da Obra / Localização:
Casa Barros
Argivai - Póvoa de Varzim

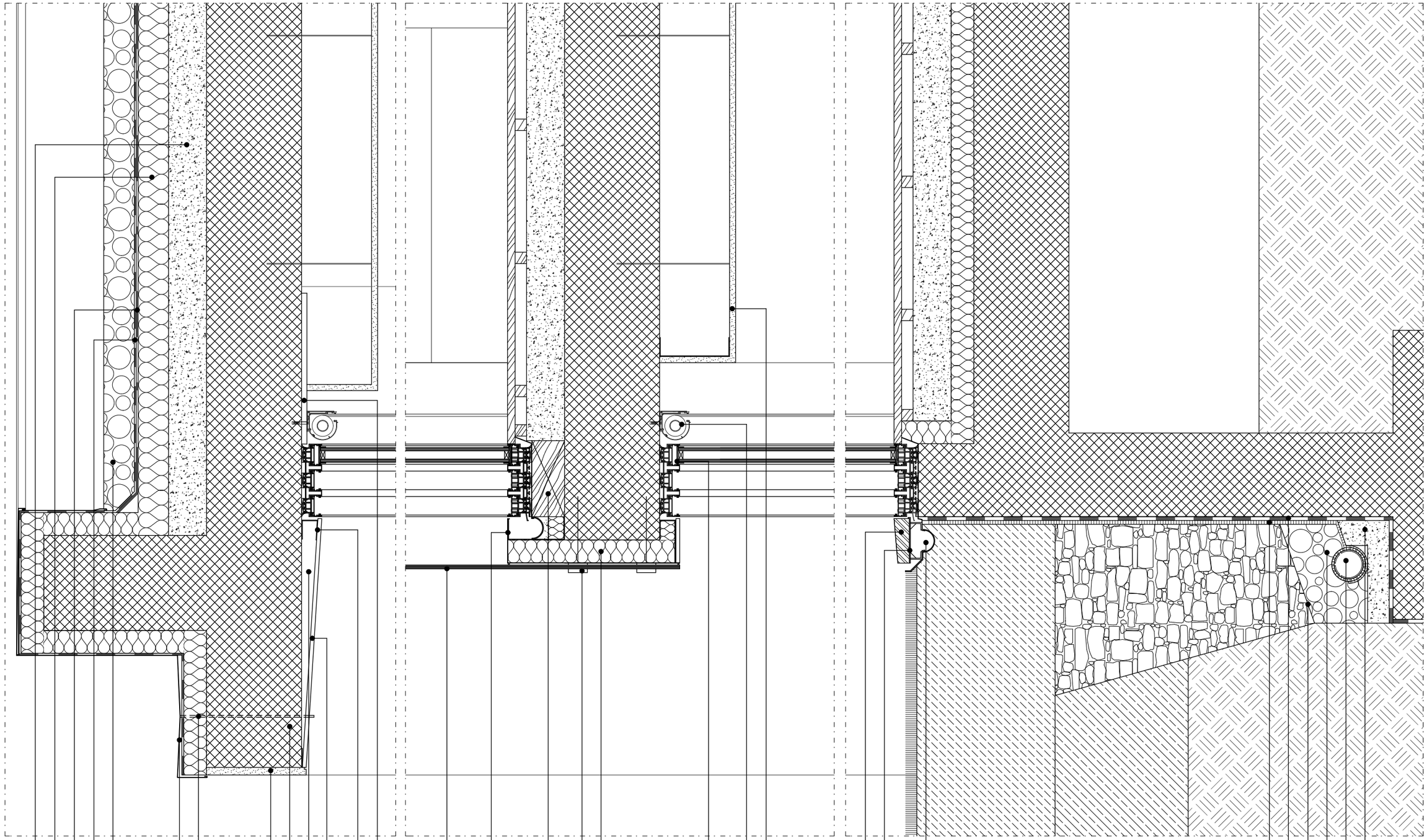
Raquel Barreira

Desenho Nº:
11/17

Projeto de Arquitetura

Data:
Setembro 2015

Designação:	Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Pormenores Construtivos **P01** e **P02**	Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	11/17
Escala: 1:10	**Projeto de Arquitetura**	Data: Setembro 2015	



Legenda:

Designação:
Pormenores Construtivos
P03, **P04** e **P05**

Orientação:

Escala:
1:10

Nome da Obra / Localização:
Casa Barros
Argivai - Póvoa de Varzim

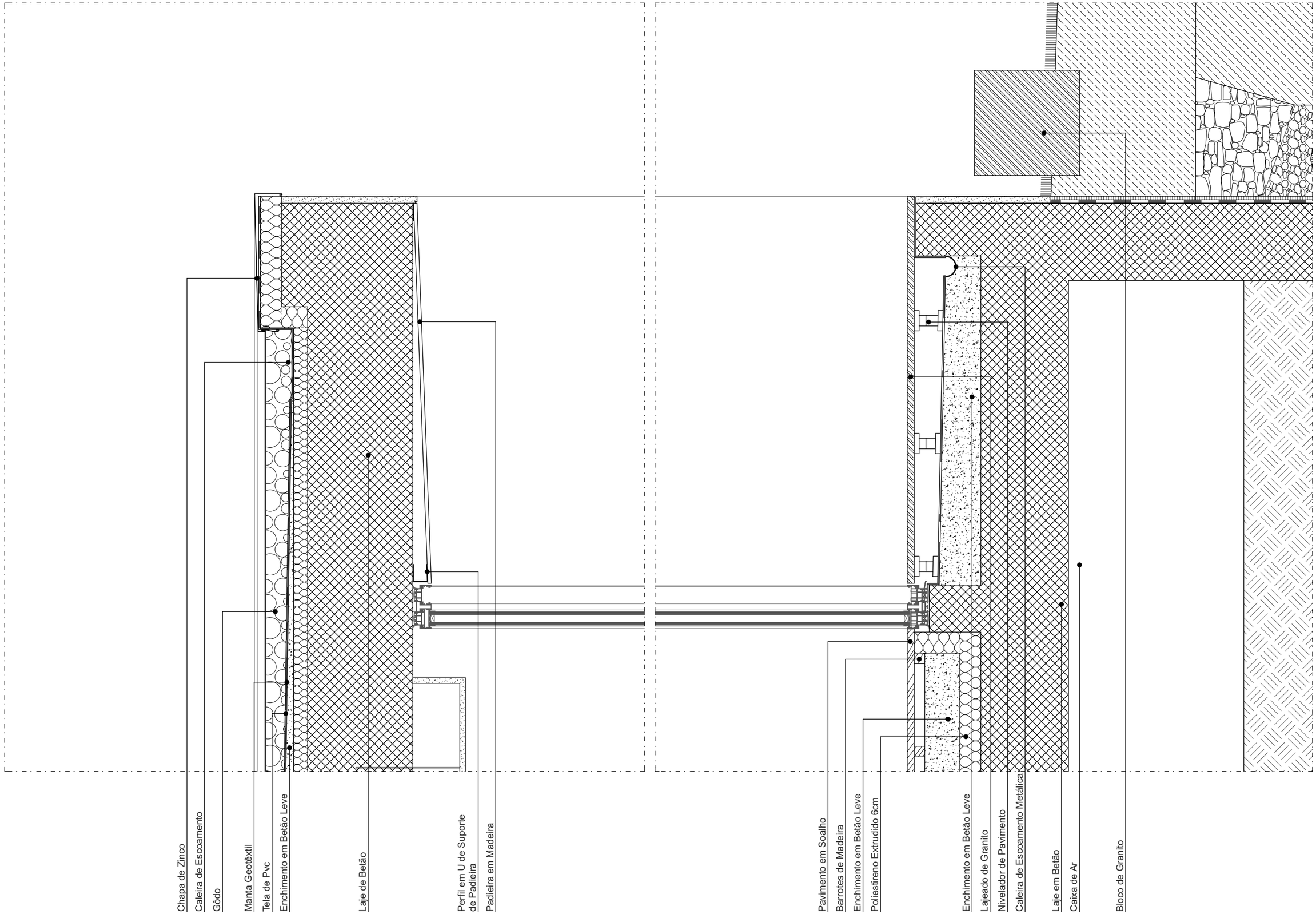
Raquel Barreira

Desenho Nº:
12/17

Projeto de Arquitetura

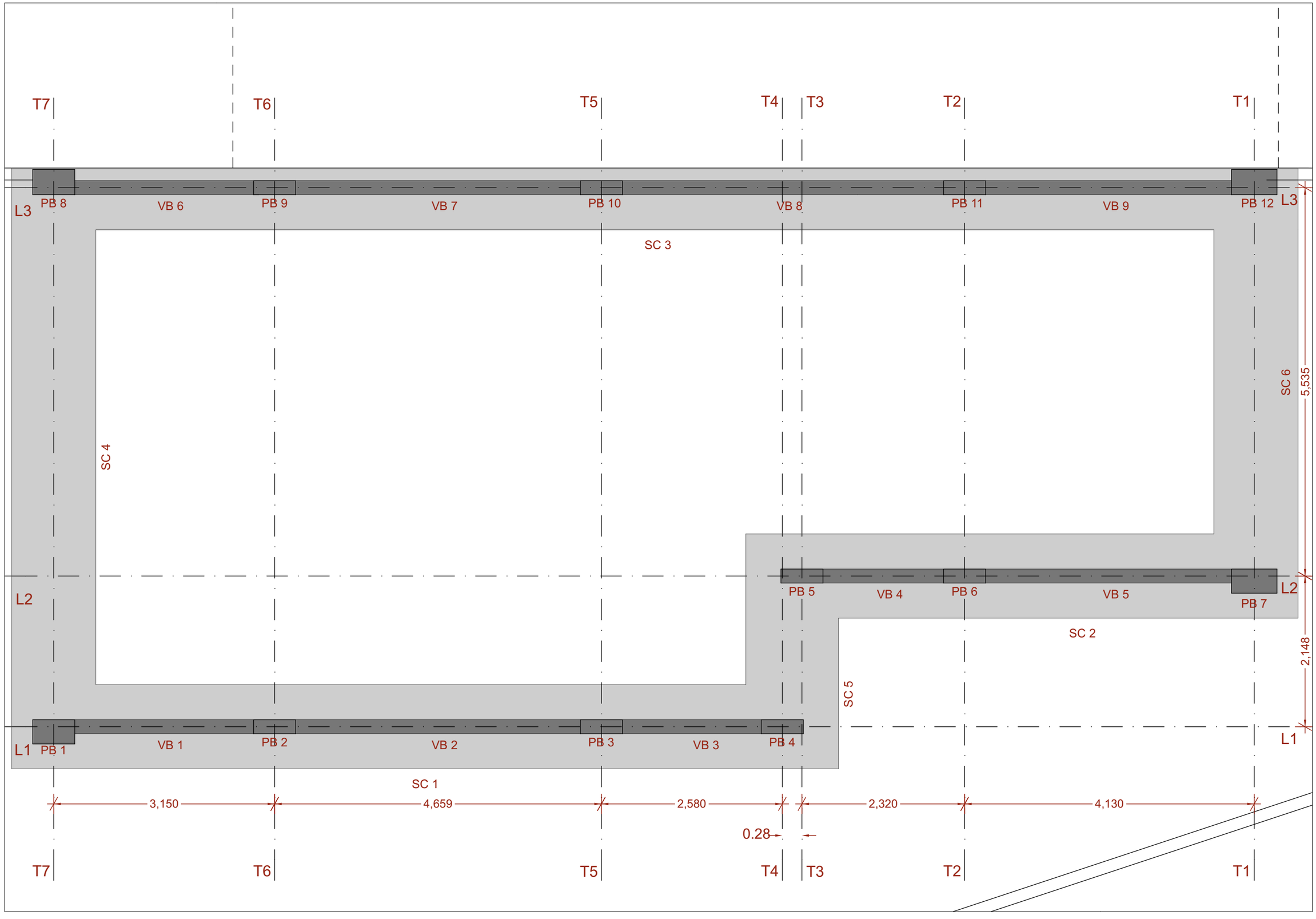
Data:
Setembro 2015

Designação:	Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Pormenores Construtivos **P03**, **P04** e **P05**	Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	12/17
Escala: 1:10	**Projeto de Arquitetura**	Data: Setembro 2015	



Legenda:	Designação: Pormenores Construtivos **P06** e **P07**	Orientação:	
	Escala: 1:10		
Nome da Obra / Localização: Casa Barros, Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	Desenho Nº: 13/17	
Projeto de Arquitetura	Data: Setembro 2015		

Designação:	Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Pormenores Construtivos **P06** e **P07**	Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	13/17
Escala: 1:10	**Projeto de Arquitetura**	Data: Setembro 2015	



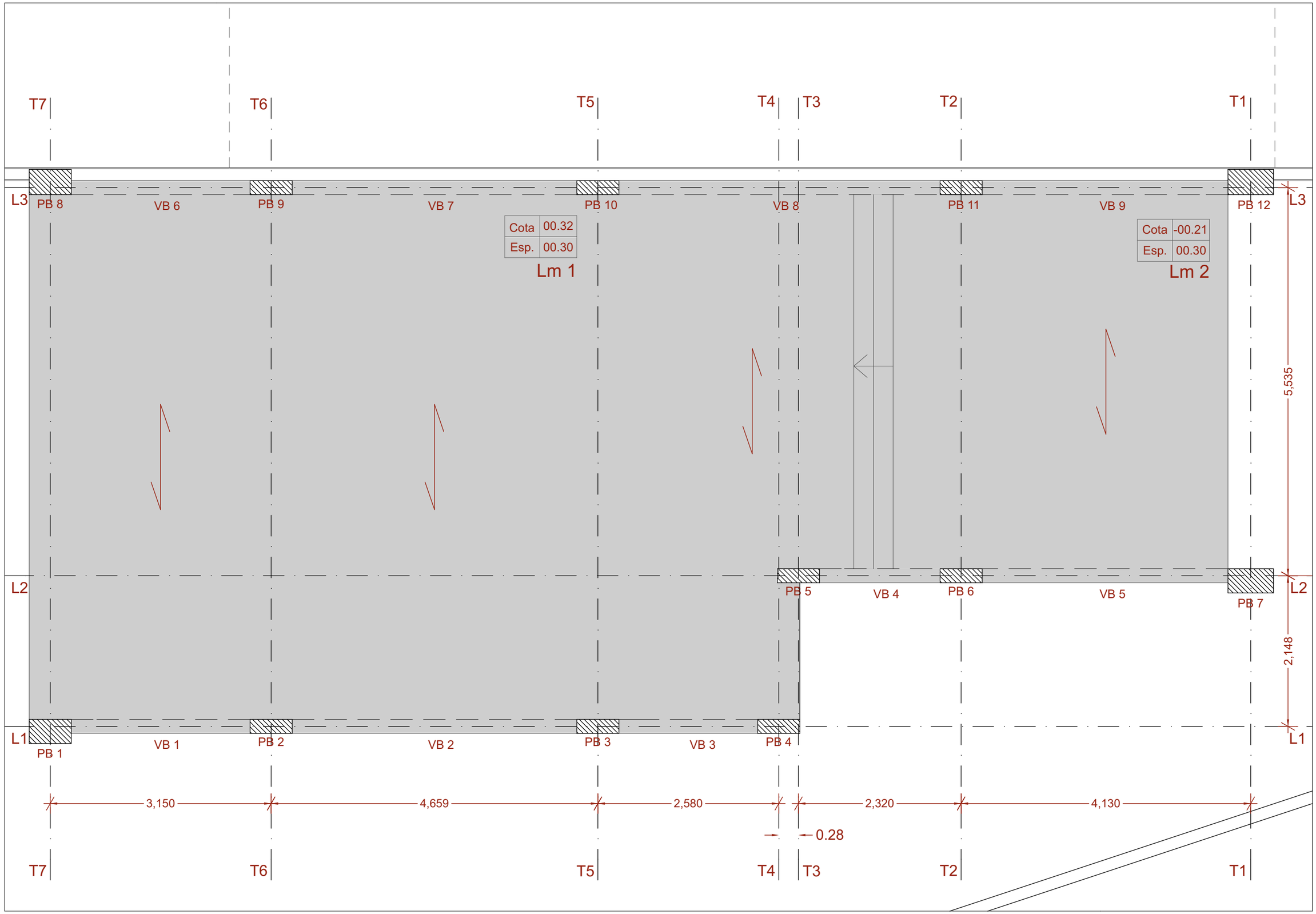
Legenda:

T Eixos Estruturais Transversais
L Eixos Estruturais Longitudinais
PB Pilares de Betão
VB Viga de Betão
SC Sapata Contínua

Designação: Planta de Fundação	Orientação:	Nome da Obra / Localização: Casa Barros, Argivai - Póvoa de Varzim
Escala: 1:50		Raquel Barreira
Projeto de Estrutura		Data: Setembro 2015

Desenho Nº: 14/17

Designação:	Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Planta de Fundação	Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	14/17
Escala: 1:50	**Projeto de Estrutura**	Data: Setembro 2015	

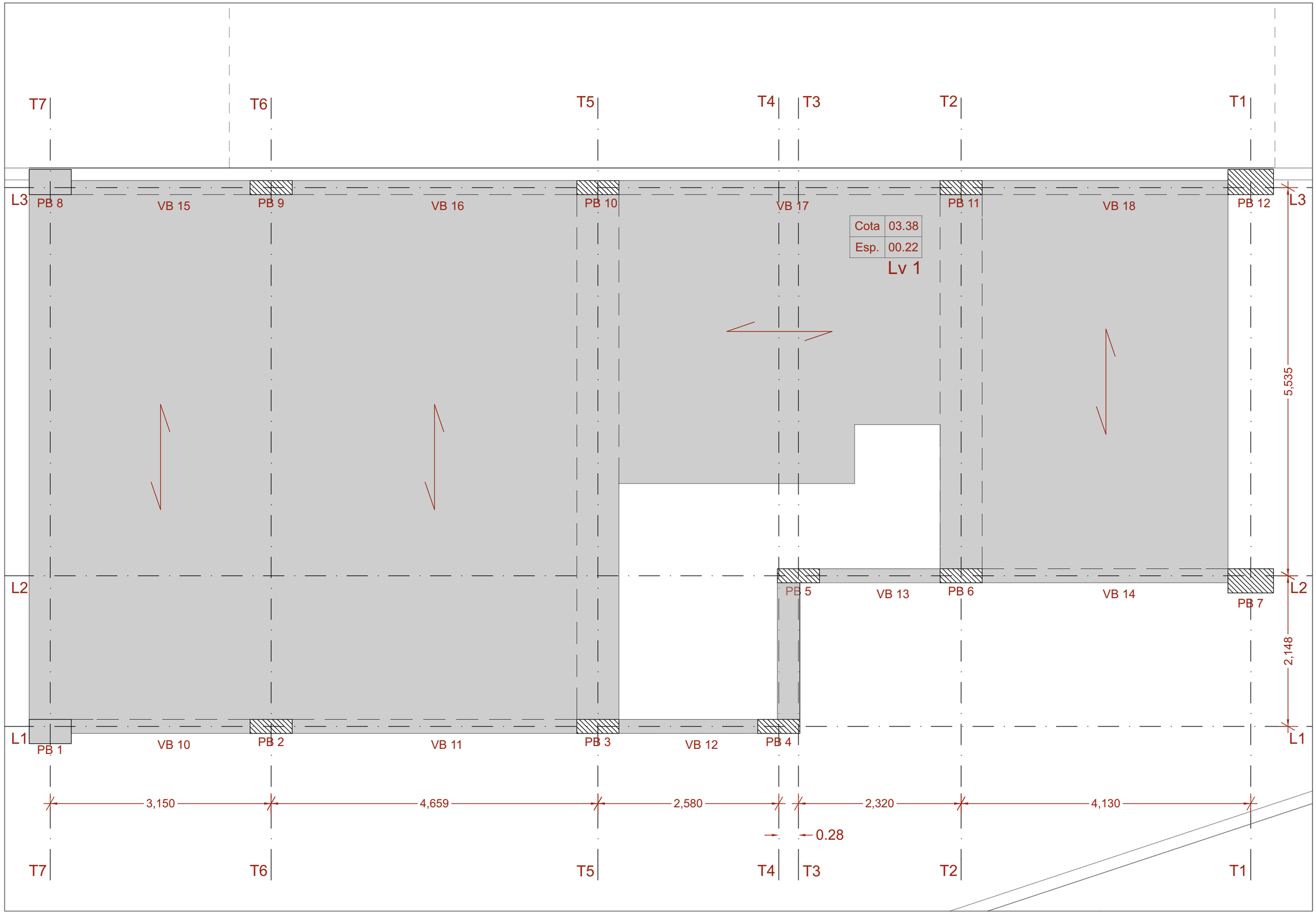


Legenda:

T Eixos Estruturais Transversais
L Eixos Estruturais Longitudinais
PB Pilares de Betão
VB Viga de Betão
Lm Laje maciça

Designação: Planta do Piso Térreo	Orientação:	Nome da Obra / Localização: Casa Barros, Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	Desenho Nº: 15/17
Escala: 1:50		**Projeto de Estrutura**	Data: Setembro 2015	

Designação:	Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Planta de Piso Térreo	Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	15/17
Escala: 1:50	**Projeto de Estrutura**	Data: Setembro 2015	



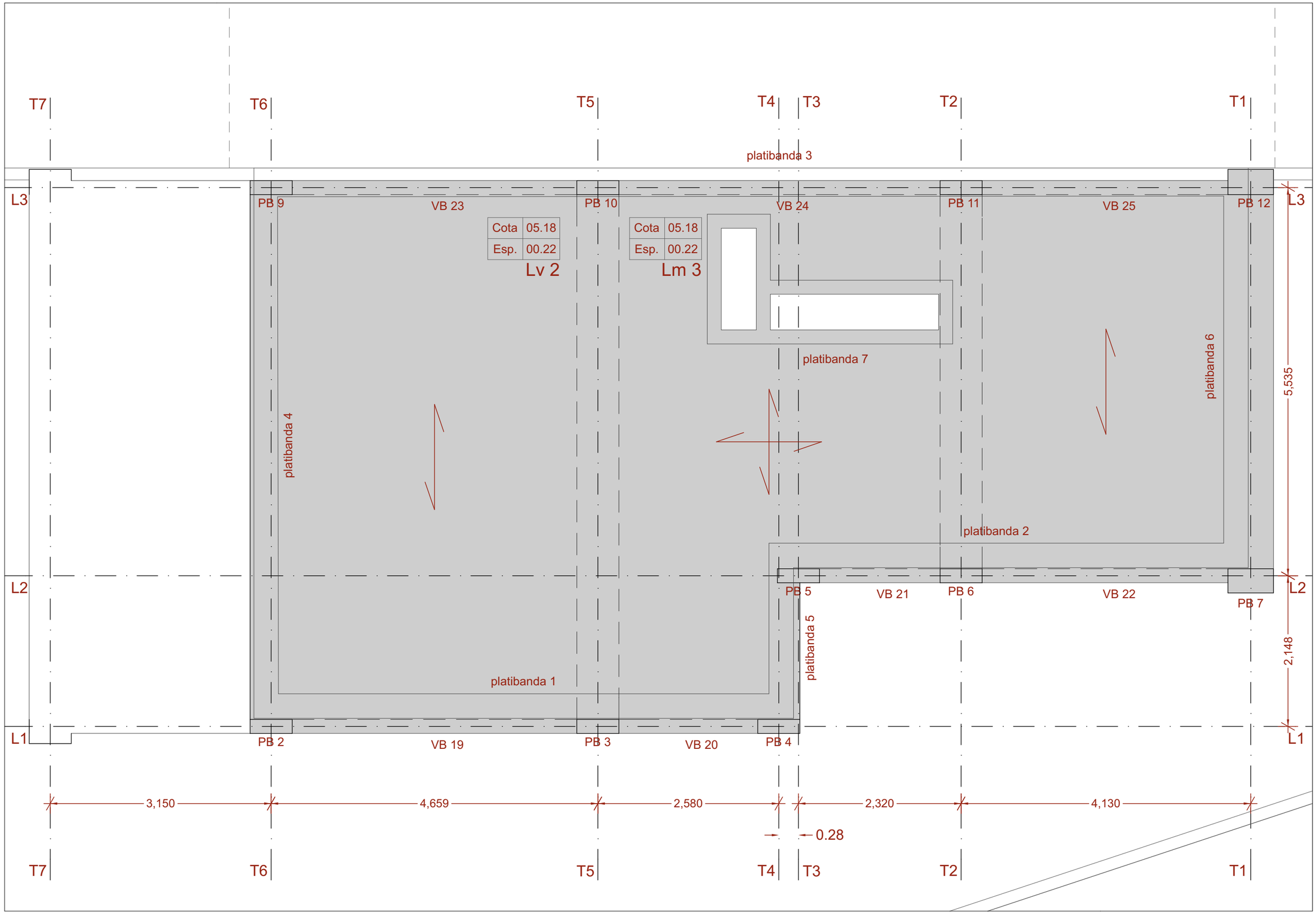
Legenda:

T Eixos Estruturais Transversais
L Eixos Estruturais Longitudinais
PB Pilares de Betão
VB Viga de Betão
Lv Laje Aligeirada de Vigotas

Designação: Planta do Primeiro Piso	Orientação:
Escala: 1:50	

Nome da Obra / Localização: Casa Barros, Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	Desenho Nº: 16/17
Projeto de Estrutura	Data: Setembro 2015	

Designação:	Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Planta do Primeiro Piso	Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	16/17
Escala: 1:50	**Projeto de Estrutura**	Data: Setembro 2015	



Legenda:

T Eixos Estruturais Transversais	**VB** Viga de Betão
L Eixos Estruturais Longitudinais	**Lv** Laje Aligeirada de Vigotas
PB Pilares de Betão	**Lm** Laje Maciça

Designação: Planta de Coberturas	Orientação:
Escala: 1:50	

Nome da Obra / Localização: Casa Barros, Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	Desenho Nº: 17/17
Projeto de Estrutura	Data: Setembro 2015	

Designação:	Nome da Obra / Localização:		Desenho Nº:
Planta de Coberturas	Casa Barros Argivai - Póvoa de Varzim	Raquel Barreira	17/17
Escala: 1:50	**Projeto de Estrutura**	Data: Setembro 2015	

Autorizo a livre reprodução e divulgação, total ou parcial, deste trabalho,
desde que, para fins académicos.

Raquel Marques Barreira

FAUP, 30 de Setembro de 2015.